

**DAVID  
NICHOLLS**

autor de **UM DIA**



**RESPOSTA  
CERTA**

**“Absolutamente encantador.  
Uma história adorável;  
esquisita e engraçada  
como uma fotografia  
dos tempos de escola.”**

PEOPLE

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*







**"NICHOLLS DELINEIA TODA UMA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA. MAS TAMBÉM FALA A SÉRIO, POIS O ADOLESCENTE SEM PAI SUBINDO NA VIDA, INDEFESO E FORA DO SEU AMBIENTE É REPRESENTADO DE MANEIRA EMOCIONANTE."**

GUARDIAN

**"UM RETRATO HILÁRIO E SENTIMENTAL DO ESPÍRITO RETRÔ DOS ANOS 1980".**

WATERSTONE'S  
QUARTERLY

**"BRIAN EVOCA UM DOS HERÓIS LITERÁRIOS DAQUELA ÉPOCA: ADRIAN MOLE.**

**UM LIVRO ÓTIMO E ENGRAÇADO."**

HEAT

**"RESPOSTA CERTA É UMA LEITURA TREMENDAMENTE ENGRAÇADA."**

DAILY MAIL

**"UM LIVRO MUITO DIVERTIDO."**

IMAGE

**"MUITO BEM ESCRITO, RESPOSTA CERTA É TÃO VERDADEIRO, QUE HÁ MUITO COM QUE SE IDENTIFICAR.**

**É UM LIVRO ADORÁVEL SOBRE A ÉPOCA EM QUE ÉRAMOS JOVENS O BASTANTE PARA PENSAR QUE QUALQUER COISA PODERIA ACONTECER, ANTES DE TERMOS IDADE PARA PERCEBER QUE NÃO ACONTECERIA".**

WORD

**"PASSE POR NICK HORNBY: AÍ ESTÁ DAVID NICHOLLS. UMA VIAGEM ENVOLVENTE PELA LITERATURA POPULAR DE BOA QUALIDADE."**

IRISH INDEPENDENT



**"UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA  
QUE VAI FAZER VOCÊ RIR ALTÓ."**

HERALD

**"É TÃO  
ENGRAÇADO  
QUE CHEGA  
A DOER."** SHE

**"UM ROMANCE  
HILARIANTE  
VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR  
PARAR DE LER."** OK!

**"O CENÁRIO DOS ANOS  
1980 RECRIADO POR  
DAVID NICHOLLS É  
ENVOLVENTE E MUITO BOM,  
ÁGIL E EMOCIONANTE."**

TIME OUT

**"UM LIVRO ALTAMENTE  
RECOMENDÁVEL.  
ACREDITE, VOCÊ VAI  
ADORAR."** ARENA

**"UM LIVRO  
MARAVILHOSO.**

NICHOLLS RECRIA TODOS  
OS MOMENTOS DE  
CONSTRANGIMENTO E  
BAJULAÇÃO QUE OS  
ESTUDANTES AGUENTAM  
DURANTE A VIDA  
UNIVERSITÁRIA – AS FESTAS  
MALUCAS, AS TENTATIVAS DE  
AMIZADE E OS INTERLÚDIOS  
ROMÂNTICOS – COM  
PERSONAGENS ADORÁVEIS.  
**É UMA VIAGEM NO  
TEMPO E NA MEMÓRIA  
PARA QUALQUER ESTUDANTE,  
COM MAIS DO QUE UM TOQUE  
DE MELANCOLIA."**

HELLO!

**"UMA COMÉDIA REPLETA  
DE VERGONHA ALHEIA E  
OBSERVAÇÕES INTELIGENTES.  
UM LIVRO QUE EMOCIONA E  
FAZ RIR AO MESMO TEMPO.**

**FABULOSO."**

COMPANY





*David Nicholls*

# Resposta certa

Tradução de Claudio Carina





Copyright © 2003 Hartleigh Ltd.

TÍTULO ORIGINAL  
Starter for Ten

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Editoriarte

PREPARAÇÃO  
Aline Canejo

REVISÃO  
Cristhiane Ruiz

REVISÃO DE EPUB  
Leticia Féres

GERAÇÃO DE EPUB  
Intrinseca

E-ISBN  
978-85-8057-203-2

Edição digital: 2012

*Todos os direitos reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 — Gávea  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



Para Ann e Alan Nicholls.  
E para Hannah, é claro.

## Primeira Rodada

“Ela conhecia muito bem o tipo — as vagas aspirações, o transtorno mental, a familiaridade com as capas dos livros...”

E. M. Forster, *Howards end*

PERGUNTA: Enteadado de Robert Dudley e outrora favorito de Elizabeth I, que nobre planejou e liderou uma revolta malsucedida contra a rainha, sendo em seguida executado em 1601?

RESPOSTA: Essex.

Todos os jovens se preocupam com as coisas; é parte natural e inevitável de crescer. E, aos 16 anos, minha maior preocupação na vida era a de nunca mais alcançar nada tão bom, tão puro, tão nobre ou verdadeiro quanto o resultado do meu exame de admissão ao ensino médio.

É claro que, na época, achei que não fosse nada demais. Não emoldurei o certificado nem nada tão esquisito. Nem vou entrar no mérito das notas, porque senão pareceria muito competitivo, mas definitivamente gostei delas; isto é, das qualificações. Dezesesseis anos, e a primeira vez que me senti qualificado para alguma coisa.

Claro que isso foi há muito, muito tempo. Agora, tenho 18 anos e gosto de pensar que estou bem mais sábio e indiferente em relação a essas coisas. Por isso, comparativamente, não liguei muito para o resultado dos meus exames para a faculdade. Além do mais, acreditar que se pode, de algum modo, avaliar a inteligência com um sistema ridículo e antiquado de prova escrita é obviamente uma ilusão. Dito isso, tive as melhores notas da Langley Street Comprehensive School em 1985. As melhores em 15 anos na verdade: três As e um B, somando 19 pontos — pronto, falei — mas, sério, não acho que isso seja particularmente relevante, só mencionei de passagem. E, de qualquer maneira, comparando com outras qualidades, como coragem (fisicamente falando) ou popularidade, beleza, pele boa ou uma vida sexual ativa, saber um monte de *coisas* acaba não sendo tão importante assim.

Mas, como meu pai costumava dizer, o crucial da educação são as oportunidades que ela traz, as portas que abre. Porque, sem isso, o conhecimento em si é um beco sem saída, especialmente na minha atual posição, numa quarta-feira à tarde de um fim de setembro, numa fábrica de torradeiras.

Passei as férias trabalhando no setor de expedição da Ashworth Electricals, o que significa que sou responsável por colocar as torradeiras nas caixas antes de elas serem mandadas aos varejistas. É claro que não existem muitas maneiras diferentes de se colocar uma torradeira numa caixa, por isso esses dois meses têm sido meio chatos, mas, olhando pelo lado positivo, recebo uma libra e 85 pence por hora, o que não é tão ruim, mais quantas torradas conseguir comer. Como é meu último dia aqui, fiquei de olho em qualquer sinal de um possível cartão de despedida sendo passado disfarçadamente entre meus colegas, assim como da vaquinha para o presente de despedida, esperando para descobrir a que pub iríamos para nossos últimos drinques juntos, mas já são 18h15. Então, posso deduzir que todo mundo já foi para casa.

O que é bom, porque, de qualquer modo, tinha outros planos. Então, recolho as minhas coisas, pego algumas canetas esferográficas e um rolo de fita adesiva transparente no armário do escritório e saio rumo ao pier, para encontrar Spencer e Tone.

\* \* \*

Com 2.360 jardas, ou 2,158 quilômetros, o Southend é, oficialmente, o maior pier do mundo. Talvez seja grande *demais*, para ser honesto, principalmente quando você está carregando muita cerveja. Trouxemos doze latas grandes de Skol, almôndegas de porco agridoce, um arroz frito especial e uma porção de batatas fritas com molho curry — sabores do mundo todo —, mas, até chegarmos ao fim do pier, as cervejas já estão quentes e as marmitas, frias. Como é uma comemoração especial, Tone também teve de carregar o seu “som arrasa-quarteirão”, que é do tamanho de um pequeno guarda-roupa, mas, e, é preciso que se diga, nunca abalará quarteirão nenhum nessa cidade. No momento, está tocando uma fita gravada por Tone chamada *The Best Of The Zep*, e nos sentamos num banco no final do pier enquanto assistimos ao sol se pôr majestosamente sobre a refinaria de petróleo.

— Você não vai virar um babaca, vai? — pergunta Tone, abrindo uma lata de cerveja.

— Como assim?

— Ele quer dizer que você não vai dar uma de *universitariozinho* para cima da gente — explica Spencer.

— Bom, eu sou universitário. Quer dizer, vou ser. Então...

— Não... O que estou dizendo é que você não vai virar um babaca que só olha para o próprio rabo e voltar para casa no Natal vestindo beca, falando latim e discutindo sobre “temáticas”, “problemáticas” e essas coisas...

— É, Tone. É *exatamente* o que vou fazer.

— Não faça. Porque você já é babaca demais e não precisa ficar mais babaca ainda.

Tone tem o costume de me chamar de babaca ou de veadinho. O truque é fazer uma espécie de ajuste linguístico e tentar pensar nisso como termos afetuosos, do mesmo jeito que os casais falam “querido” e “meu bem”. Ele acaba de conseguir um emprego num depósito em Currys e está começando a desenvolver um interessante gosto por roubar aparelhos estéreos portáteis, como o que estamos ouvindo agora. Também é dele essa fita do Led Zeppelin. Tone gosta de falar que é metaleiro, o que soa melhor do que roqueiro ou fã de heavy metal. Também se veste como um metaleiro: calça jeans escura e um cabelo longo e lustroso jogado para trás feito um viking afeminado. Na verdade, o cabelo de Tone é a *única* coisa afeminada nele. Afinal, estamos falando de um cara ultravioleto. O ponto alto de uma noite bem-sucedida com Tone é chegar em casa sem ter a cabeça enfiada no vaso com alguém dando descarga.

Agora está tocando “Stairway to Heaven”.

— Tone, a gente precisa mesmo ouvir essa porra de baboseira hippie? —



pergunta Spencer.

— Isso é O Zep, Spence.

— Eu sei que é O Zep, Tone. É por isso que eu quero que você desligue essa merda.

— Mas O Zep é o máximo.

— Por quê? Só porque você acha?

— Não, porque eles foram uma banda muito importante e influente.

— Eles estão falando de *fadas*, Tony. É constrangedor...

— Não são fadas...

— Elfos, então — intervenho.

— Não são apenas fadas e elfos. É *Tolkien*, é literatura... — Tone adora essas coisas: livros com mapas na página de abertura e capas com mulheres grandes e assustadoras usando lingerie e correntes, empunhando espadas enormes, o tipo de mulher com quem ele se casaria num mundo ideal. O que, em Southend, é mais possível do que se imagina.

— Qual é a diferença entre uma fada e um elfo afinal? — pergunta Spencer.

— Sei lá. Pergunta pro Jackson. Ele que é o fodão.

— Eu não sei, Tone — respondo.

O solo de guitarra começa, e Spencer se contorce.

— Isso termina alguma hora ou só continua, continua, continua e continua...?

— São 7 minutos e 32 segundos de pura genialidade.

— Pura tortura, isso sim — digo. — Por que é sempre você quem escolhe a música, afinal?

— Porque o som é meu...

— Que você *afanou*. Tecnicamente, ainda pertence ao Currys.

— É, mas eu compro as pilhas...

— Não, você *afana* as pilhas...

— Não essas. Essas eu comprei.

— Quanto custou a pilha, então?

— Custou uma libra e 98 pence.

— Então, se der a você 0,66 pence a gente pode ouvir alguma coisa decente?

— Tipo o quê? Kate Bush? Tudo bem, Jackson, vamos ouvir *Kate Bush* então. Vamos todos nos divertir muito ouvindo *Kate Bush*, nos divertir *muito, muito* mesmo, *dançando* e *cantando junto* com *Kate Bush*... — Enquanto Tone e eu discutimos, Spencer simplesmente se debruça sobre o som, ejeta *The Best Of The Zep* e joga a fita longe, no mar.

Tone grita “Ei!”, atira a lata de cerveja nele e os dois saem correndo pelo pier. É sempre melhor não se envolver muito nessas brigas. Tone tende a ficar meio fora de controle, possuído pelo espírito de Odin ou sei lá o que, e, se me envolve, acabo com o Spencer sentado nos meus braços com Tone peidando na minha cara. Por isso, prefiro ficar sentado, quieto, bebendo minha cerveja e vendo Tone tentar passar as pernas de Spencer por cima do guarda-corpo do pier.

Mesmo sendo setembro, já se pode sentir que o ar da noite começa a ficar úmido e frio, uma sensação de fim de verão, e fico feliz por estar vestindo meu casaco do exército. Sempre odiei o verão; o jeito como o sol brilha na tela da TV durante a tarde, a insistente pressão para se usar short e camiseta. Odeio short e

camiseta. Se me sentasse do lado de fora de uma farmácia usando short e camiseta, garanto que alguma velhinha tentaria me dar uma moeda.

Não... Estou mesmo ansioso é pelo outono, sair chutando folhas a caminho da aula, conversar animadamente sobre poetas metafísicos com alguma garota chamada Emily, Katherine ou François, algo assim, de meias-falças de lã e cabelinho chanel, e aí voltar para o quatinho dela no sótão e fazer amor na frente da lareira elétrica. Depois, vamos ler T. S. Eliot em voz alta e beber vinho do Porto antigo e de qualidade em tacinhas de vidro, enquanto ouvimos Miles Davis. Pelo menos, é assim que imagino que vai ser a experiência universitária. Gosto da palavra *experiência*. Soa como andar de montanha-russa.

A briga terminou. Tone está gastando o excesso de sua agressividade jogando as almôndegas de porco agridoce nas gaivotas. Spencer volta colocando a camisa para dentro da calça, senta ao meu lado e abre outra lata de cerveja. Realmente, Spencer leva jeito com a lata de cerveja: parece até que ele está tomando uma taça de martini.

Spencer é a pessoa de quem mais vou sentir falta. Ele não vai fazer faculdade, apesar de ser a pessoa mais inteligente que já conheci, assim como a mais bonita, a mais centrada e a mais maneira. Nunca diria isso a ele, claro, pois soaria meio assustador, mas nem é preciso; está na cara que ele sabe disso. Poderia ir para a faculdade se quisesse mesmo, mas fez merda nos exames, não de propósito, claro, mas todo mundo viu o que ele fez. Estava sentado na carteira ao lado da minha na prova de inglês, e dava para ver pelos movimentos da caneta que ele não estava escrevendo; estava *desenhando*. Na questão sobre Shakespeare, ele desenhou *As alegres comadres de Windsor*, e, na de poesia, uma ilustração que intitulou “A experiência de Wilfred Owen nos horrores das trincheiras em primeira mão”. Fiquei tentando fazer com que se virasse para mim, para lançar um olhar amigável de “qual é, cara?”, mas ele manteve a cabeça abaixada, desenhando, e, depois de uma hora, levantou e saiu, piscando para mim, e não foi uma daquelas piscadelas convencidas. Foi com os olhos embargados e vermelhos, como se fosse um soldado raso indo ao encontro do batalhão de fuzilamento.

Depois disso, simplesmente deixou de fazer as provas. Pelas costas dele, o termo “colapso nervoso” foi mencionado algumas vezes, mas Spencer é maneiro demais para ter um colapso nervoso. Mesmo se tivesse um, ele faria isso parecer muito maneiro. Na minha opinião, esse jeito Jack Kerouac de garoto torturado é aceitável até certo ponto, mas não se for para interferir nas suas notas.

— Então, o que você vai fazer, Spence?

Ele estreita os olhos e olha para mim.

— O que você quer dizer com *fazer*?

— Assim, tipo um emprego.

— Eu tenho um emprego. — Spencer está no seguro-desemprego, mas também ganha alguns trocados por fora trabalhando num posto de gasolina 24 horas na A127.

— Eu sei que você tem um emprego. Mas no futuro...

Spencer olha para o horizonte do estuário e começo a me arrepender de ter puxado o assunto.

— O seu problema, meu caro amigo Brian, é que você subestima os prazeres da vida em um posto de gasolina 24 horas. Posso comer quantos doces quiser. Ler guias rodoviários. Inalar fumaças interessantes. Copos de vinho de graça... — Ele toma um grande gole de cerveja e procura um jeito de mudar de assunto. Enfia a mão no bolso da jaqueta Harrington, tira uma fita cassete com uma etiqueta escrita à mão e diz — Fiz para você. Para tocar na frente dos seus novos amigos universitários e fingir que tem bom gosto.

Eu pego a fita e, na lateral, está escrito em letras maiúsculas cuidadosamente desenhadas em 3D: “Compilação para a faculdade do Bri”. Spencer é um artista brilhante.

— Sensacional, Spencer. Valeu, cara...

— Tudo bem, Jackson, é só uma fita de 90 minutos do que está no mercado. Não precisa chorar por causa disso. — Ele fala assim, mas nós dois sabemos que uma fita de 1 hora e 30 minutos como essa representa pelo menos 3 horas de trabalho, mais ainda se você escrever uma etiqueta. — Põe para tocar, tá? Antes que aquele imbecil volte.

Eu coloco a fita, aperto o play e é o Curtis Mayfield cantando “Move On Up”. Spencer era moderno, mas resolveu mudar para o soul de raiz: Al Green, Gil Scott-Heron, esse tipo de coisa. Spencer é tão maneiro que até gosta de jazz. Não só Sade e The Style Council, mas jazz propriamente dito, do tipo chato e irritante. A gente se senta e escuta por um tempo. Tone está tentando tirar dinheiro dos telescópios com um canivete que comprou numa excursão da escola a Calais, enquanto eu e Spencer assistimos à cena como pais indulgentes de uma criança com sérios problemas de comportamento.

— E aí, você vai voltar nos fins de semana? — pergunta Spencer.

— Não sei. Espero que sim. Mas não todos.

— Não desaparece, tá? Senão, vou ficar preso aqui sozinho com o meu Conan, o Bárbaro... — e Spencer indica Tone com a cabeça, que, agora, está dando voadoras e chutando o telescópio.

— A gente não devia fazer um brinde ou algo assim? — pergunto.

Spencer franze os lábios.

— Um *brinde*? A quê?

— Ah... ao futuro ou algo do tipo?

Spencer suspira, bate a latinha dele na minha.

— Ao futuro! Vamos torcer para que a sua pele melhore.

— Vai se danar, Spencer — digo.

— Vai se danar, Brian — retruca ele, mas dando risada.

Quando chegamos nas últimas latas de cerveja, já estamos para lá de bêbados e deitamos de barriga para cima, sem dizer nada, só ouvindo o mar e Otis Redding cantando “Try a Little Tenderness”, e, nessa noite clara de fim de verão, olhando para as estrelas, com os meus melhores amigos ao lado, sinto como se a vida real estivesse afinal começando e que absolutamente tudo é possível.

Quero ouvir gravações de sonatas de piano e saber quem está tocando. Quero ir a concertos de música clássica e saber quando é o momento certo de aplaudir. Quero conseguir entender jazz moderno sem achar que está tudo errado. Quero

saber o que é, exatamente, o Velvet Underground. Quero estar totalmente familiarizado com o Mundo das Ideias. Quero entender as complexidades da economia e o que as pessoas veem no Bob Dylan. Quero ter ideais políticos radicais, porém humanitários e consistentes, e quero me envolver em debates calorosos, mas racionais, em volta de uma mesa de madeira de cozinha dizendo coisas como “Defina seus termos!” e “Sua premissa é evidentemente enganosa!” e, de repente, perceber que o sol está nascendo e que ficamos conversando a noite toda. Quero usar palavras como “epônimo” e “solipsismo” e “utilitário” com segurança. Quero saber apreciar bons vinhos, licores exóticos e puros maltes de qualidade, e aprender a beber essas coisas sem me transformar num completo imbecil; comer comidas estranhas e exóticas, ovos de faisão e lagosta ao termidor, coisas que mal soam comestíveis ou que nem consigo pronunciar. Quero fazer amor com mulheres lindas, sofisticadas e intimidadoras, durante o dia, ou de luz acesa, ou mesmo sóbrio, e sem medo. E quero ser fluente em muitos idiomas, talvez até em uma ou duas línguas mortas, estar sempre com um caderno com capa de couro em que vou esboçar observações e pensamentos incisivos, às vezes a estrofe de um verso. Mais do que tudo, quero ler livros. Livros grossos como tijolos, livros de capas de couro de papel fininho e aquelas fitas roxas para marcar onde você parou; livros de coletâneas de versos baratos, empoeirados e de segunda mão, livros importados caríssimos com ensaios incompreensíveis de universidades estrangeiras.

Em algum momento, gostaria de ter uma ideia original. Gostaria de ser desejado, ou talvez até amado, mas vou esperar para ver. E, quanto a um emprego, ainda não sei bem o que quero, mas que seja algo que eu não odeie ou me deixe doente, e isso significa não precisar me preocupar com dinheiro o tempo todo. E são todas essas coisas que uma formação universitária vai me proporcionar.

Terminamos as cervejas e as coisas saem do controle. Tone joga meus sapatos no mar e tenho que voltar para casa só de meias.

PERGUNTA: Inspirado em um conto de Hans Christian Andersen, em qual filme de Powell e Pressburger, de 1948, Moira Shearer dança até morrer na frente de uma locomotiva a vapor?

RESPOSTA: *Os sapatinhos vermelhos*.

A casa número 16 da Archer Road, como todas as outras casas da Archer Road, é uma *maisonette*, o diminutivo do substantivo (feminino) francês *maison*, que literalmente significa “casinha”. Moro aqui com minha mãe e, se você estiver interessado em condições de moradia desconfortáveis, não há nada pior que um homem de 18 anos morando numa *maisonette* com uma viúva de 41. Esta manhã é um exemplo perfeito. Estou deitado debaixo do edredom às 8h30, ouvindo o “The Breakfast Show” e encarando os aeromodelos pendurados no teto. Sei que já deveria ter tirado tudo isso daqui, mas, em algum momento, há alguns anos, eles deixaram de ser meigos e infantis e passaram a ser divertidos e cafonas. Por isso, deixei.

Minha mãe entra. Depois, bate na porta.

— Bom dia, dorminhoco. Grande dia hoje!

— Você nunca bate na porta, mãe?!

— Eu sempre bato!

— Não! Você entra e *depois* bate na porta. Isso não é bater...

— E daí? Você não está fazendo *nada demais*, está? — ela olha de esguelha.

— Não, mas...

— Não vai dizer que está com uma garota aí — e puxa a ponta do edredom.

— Vamos, querida, não tenha vergonha. Vamos conversar sobre isso. Vamos lá! Pode sair... Seja lá quem for...

Puxo o edredom de volta e cubro a cabeça.

— Vou descer num minuto...

— Está um cheiro ruim aqui, um cheiro *ruim* mesmo, sabia?

— Não estou ouvindo, mãe...

— Está com cheiro de garotos. O que os garotos *fazem* para cheirar desse jeito?

— Ainda bem que estou indo embora, não é?

— A que horas parte o seu trem?

— Às 12h15.

— E você ainda está na cama? Tome! Um presente de despedida... — e joga uma sacola em cima do edredom. Eu abro e, dentro, há um tubo de plástico transparente, daqueles que vêm com bolas de tênis, mas esse tem três cuecas de algodão dobradas bem juntinhas, uma vermelha, uma branca e uma preta, as cores da bandeira nazista.

— Mãe, não precisava...

— Ah, não é nada demais.

— Não, não precisava mesmo.

— Não banque o esperto, mocinho. Saia logo dessa cama. Você tem muito que empacotar. E, por favor, abra a janela.

Quando ela sai, joga as cuecas do tubo de plástico em cima do edredom, avaliando o peso da solenidade da ocasião. Pois, na verdade, essas vão ser “as últimas cuecas que minha mãe me deu”. A branca é bacana, e imagino que a preta vai durar muito, mas e a *vermelha*? É para ser provocante ou algo assim? Para mim, cuecas vermelhas são cuecas que dizem “pare” e “perigo”.

Mas, numa clara demonstração de espírito de aventura, saio da cama e visto a cueca vermelha. E se elas forem como em *Os sapatinhos vermelhos* e eu nunca mais puder tirar? Espero que não, pois, quando vejo o efeito no espelho do guarda-roupa, parece que levei um tiro na virilha. Visto a mesma calça do dia anterior e deçoço para tomar café com os dentes ásperos, a boca com gosto de cabo de guarda-chuva e ainda meio tonto das Skol da noite passada. Depois, vou tomar banho, empacotar as coisas e ir. Não consigo acreditar que estou mesmo indo embora. Não acredito que estou tendo *permissão* para isso.

Mas é claro que o primeiro grande desafio será arrumar as malas, sair de casa e entrar no trem sem minha mãe dizer “Seu pai estaria orgulhoso de você”.

\* \* \*

*É uma noite de terça-feira de julho, ainda está claro lá fora e a cortina está semifechada para assistirmos melhor à TV. Estou de pijama e roupão depois de um banho, cheirando levemente a Dettol e me concentrando com afinco numa reprodução Airfix em escala 1/72 do bombardeiro Lancaster numa bandeja de chá à minha frente. Meu pai acaba de chegar do trabalho e está bebendo uma lata de cerveja preta e a fumaça do cigarro dele paira nos raios de sol do entardecer.*

— Sua primeira pergunta: *Qual foi o último soberano britânico a presenciar um combate militar ativo?*

— George V — diz papai.

— George III — responde Wheeler, de Jesus College, Cambridge.

— Correto. Sua rodada de bônus começa com uma pergunta sobre geologia.

— Você sabe alguma coisa de geologia, Bri?

— Um pouco — comento, com ousadia.

— De aparência cristalina ou vítrea, qual das três principais classes de rocha é formada pelo resfriamento e pela solidificação de matéria terrestre derretida...?

Eu sei essa! Tenho certeza de que sei.

— Vulcânica! — exclamo.

— Ígnea — diz Armstrong, de Jesus, Cambridge.

— Correto.

— Quase — comento meu pai.

— Pedra ígnea contendo grandes cristais visíveis chamados fenocristais possui que textura?

Arrisque um palpite.

— Granular — tento.

*Johnson, de Jesus, Cambridge diz:*

— *Porfírica?*

— *Correto.*

— *Quase — comenta meu pai.*

— *Em O amante de Porfíria, o protagonista estrangula sua amada com a trança dos cabelos dela... — Espera aí, essa eu sei... — Esse é um poema narrativo de qual poeta vitoriano?*

*Robert Browning. Vimos isso na aula de inglês na semana passada. É Browning! Eu sei que é!*

— *Robert Browning! — respondo, esforçando-me para não gritar:*

— *Robert Browning? — diz Armstrong, de Jesus, Cambridge.*

— *Correto! — e a plateia aplaude Armstrong, de Jesus, Cambridge, mas sabemos que os aplausos são, na verdade, para mim.*

— *Nossa, Bri! Como você sabia isso? — pergunta meu pai.*

— *Eu simplesmente sabia — respondo.*

*Quero me virar e olhar seu rosto para ver se está sorrindo. Meu pai não sorri muito, pelo menos não quando chega do trabalho, mas não quero parecer convencido e continuo sentado, imóvel, vendo seu reflexo nos raios de sol na tela da TV. Ele dá uma tragada, depois pausa de leve a mão que segura o cigarro no alto da minha cabeça, como um cardeal, alisa meu cabelo com os dedos longos amarelados e diz:*

— *Se não tomar cuidado, um dia você vai estar lá — e eu sorrio para mim mesmo e me sinto esperto e inteligente e seguro sobre alguma coisa, para variar.*

*Claro que daí eu fico convencido e tento responder a todas as perguntas e erro todas, mas não importa, porque, pela primeira vez, acertei uma e sei que, um dia, vou acertar de novo.*

\* \* \*

Acho que é justo dizer que nunca fui escravo dos caprichos volúveis da moda. Não que eu seja *antimoda*, mas é que, de todos os grandes movimentos juvenis que presenciei até agora, nunca me encaixei em nenhum. No fim das contas, a dura realidade é que, quando você é fã da Kate Bush, de Charles Dickens, de palavras cruzadas, de David Attenborough e do programa *Desafio Universitário*, não há muita coisa por aí em termos de movimentos juvenis.

O que não quer dizer que eu não tenha tentado. Durante um tempo, ficava acordado na cama pensando se poderia ser gótico, mas acho que foi só uma fase. Além do mais, ser um homem gótico implica basicamente se vestir como um vampiro aristocrata, e se tem uma coisa de que nunca vou convencer as pessoas é que sou um vampiro aristocrata. Não tenho maçãs do rosto para isso. Outra coisa é que ser gótico significa ter de escutar a música deles, o que é impensável.

Então, esse foi, mais ou menos, todo o meu contato com cultura jovem. Digamos que meu estilo possa ser descrito como casual clássico. Prefiro calças de algodão com pregas a jeans, e jeans escuros a claros. O casaco tem de ser pesado, longo e usado com a gola levantada, cachecóis devem ser levemente

franjados, preto ou vinho, e são essenciais desde o início de setembro até o fim de maio. Os sapatos precisam ter sola fina e não podem ser pontudos demais, e (isso é muito importante) apenas sapatos pretos ou marrons podem ser usados com jeans.

Mas também não tenho medo de experimentar, em especial agora que estou tendo uma oportunidade de me reinventar. Então, com a velha mala dos meus pais aberta em cima da cama, passo pelas coisas novas que comprei e estive guardando para esse dia especial. Primeiro, minha nova jaqueta, uma coisa incrivelmente densa, preta e pesada que é mais ou menos como vestir um jumento. Estou muito contente com ela, uma mistura de arte e mão de obra grosseira, tipo “chega de Shelley, vou sair para asfaltar alguma coisa”.

Depois, tem cinco camisas de vovô, com cores variando entre o branco e o azul, que comprei por uma libra e 99 pence cada uma num passeio com Spencer e Tone em Carnaby Street. Spencer odiou, mas acho que elas são ótimas, em especial combinadas com um colete preto que comprei de segunda mão por três paus na Help the Aged. Precisei esconder o colete da minha mãe. Não porque ela tenha algo contra idosos, mas por achar que qualquer coisa de segunda mão é ordinária e que quem as usa está a um passo de catar comida do chão. Meu objetivo com essa combinação de colete/camisa de vovô/óculos redondos é o visual de um jovem oficial do exército traumatizado, com uma certa gagueira e um caderno cheio de poesias trazido das brutalidades do front. Ele continua cumprindo seu dever patriótico trabalhando numa fazenda em um remoto vilarejo de Gloucestershire, onde é tratado com desconfiança pelos locais, mas amado a distância e em segredo pela bela filha do vigário, ávida leitora, sufragista que curte pacifismo, vegetarianismo e bissexualidade. Realmente, é um belo colete. Além do mais, não é de *segunda mão*, é *vintage*.

Tem também o paletó de veludo cotelê marrom do meu pai. Estendo na cama e cruzo com cuidado os braços em cima do peito. Vejo uma leve mancha de chá na frente, de alguns anos atrás, quando cometi o erro de ir com ele a um baile da escola. Sei que isso pode ser considerado um pouco mórbido, mas achei que poderia ser um gesto legal, uma espécie de homenagem. Mas acho que deveria ter falado com minha mãe antes, pois, quando ela me viu de pé na frente do espelho com o paletó do meu pai, deu um berro e jogou a caneca de chá em mim. Quando enfim percebeu que era só eu, começou a chorar e ficou meia hora deitada na cama se debulhando em lágrimas, o que é um *grande* estímulo antes de uma festa. Daí, quando se acalmou e, afinal, cheguei ao baile, tive a seguinte conversa com Janet Parks, o “amor da minha vida” daquela semana:

EU:

Vamos  
dançar,



Janet?

JANET Legal seu  
PARKS: paletó, Bri.  
EU: Obrigado!  
JANET Onde você  
PARKS: comprou?  
EU: É do meu  
pai!  
JANET Mas o seu  
PARKS: pai não...  
*morreu?*  
EU: Morreu.  
Então você  
JANET está usando  
PARKS: o paletó do  
seu pai  
morto?  
Exatamente

EU:

Então, e  
aquela  
dança?

E, a essa altura, Janet coloca a mão na frente da boca, afasta-se e começa a apontar e a cochichar no canto com Michelle Thomas e Sam Dobson, pouco antes de ir embora com Spencer Lewis. Não que eu guarde mágoa nem nada. Além do mais, na faculdade essa história não vai importar. Ninguém vai saber de nada disso a não ser eu. Na faculdade, vai ser apenas um paletó de veludo cotelê. Acabo de dobrar e guardo na mala.

Minha mãe entra, depois bate, e eu fecho a mala depressa. Ela já está bastante chorosa. Não precisa ver o paletó do meu pai para começar a chorar de novo. Afinal, ela tirou a manhã de folga no trabalho exatamente para chorar.

— Quase pronto, então?

— Quase.

— Quer levar uma frigideira?

— Não, mãe, eu me viro sem frigideira.

— Mas o que você vai comer?

— Eu como outras coisas além de batata frita, mãe!

— Não, não come.

— Bem, talvez comece a comer. Além do mais, existem batatas de forno. — Eu me viro e vejo que ela está quase sorrindo.

— É melhor você ir, não?

O trem ainda vai demorar um século, mas minha mãe acha que pegar um trem é um pouco como um voo internacional, que você precisa chegar quatro horas antes da partida. Não que a gente já tenha estado num avião ou coisa assim, mas é um milagre que ela não tenha me obrigado a tomar vacinas.

— Vou sair daqui a meia hora — digo, e se faz silêncio.

Minha mãe tenta dizer alguma coisa, mas não consegue emitir as palavras, o que deve ter algo a ver com meu pai estar orgulhoso ou algo assim, porém ela decide deixar para mais tarde, dá meia-volta e sai do quarto. Sento na mala para poder fechar e depois deito na cama e olho ao redor do meu quarto pela última vez. É o tipo do momento em que, se eu fumasse, estaria fumando.

Não consigo acreditar que isso está mesmo acontecendo. É a independência da maioridade, é o que eu sinto. Não deveria haver algum tipo de ritual? Em certas tribos africanas remotas, haveria um incrível rito de quatro dias de cerimônias de passagem envolvendo tatuagens e potentes drogas alucinógenas extraídas de sapos e anciãos espalhando sangue de macaco no meu corpo, mas

aqui os ritos de passagem se resumem a três cuecas novas e a jogar o edredom num saco de lixo.

Quando chego ao andar de baixo, vejo que minha mãe fez um pacote para mim: duas caixas de papelão grandes com quase todo o conteúdo da casa. Claro que a frigideira está lá, astutamente escondida embaixo de um aparelho de jantar completo, assim como a torradeira que afanei da Ashworth Electricals, uma chaleira, um exemplar de *Receitas maravilhosas com carne moída* e uma cesta com seis pães de sal e um saco de pão de forma. Tem até um ralador de queijo, e ela sabe que eu não como queijo.

— Não posso levar tudo isso, mãe — contesto, e daí os simbólicos e tocantes últimos momentos da minha vida na casa da minha infância são desperdiçados discutindo com minha mãe se vou precisar ou não de um batedor de ovos — sim, claro que vai ter uma grelha para fazer torradas, sim, preciso do som *e* dos alto-falantes. Quando, enfim, terminam as negociações, reduzimos tudo à minha mala, a uma mochila com meu som e os livros, a dois sacos de lixo cheios de edredons e travesseiro e, por conta da insistência da minha mãe, a vários panos de prato.

Enfim, chega o momento. Insisto bastante para minha mãe não me levar à estação de trem, porque, por alguma razão, a coisa toda parece mais simbólica e intensa sem ela. Fico de pé na porta, enquanto ela pega a bolsa e, com toda a solenidade, enfia uma nota de 10 libras na minha mão, bem dobradinha, como se fosse um rubi.

— Mãe...

— Vamos... Pegue...

— Vou ficar bem, sério...

— Vai, mas se cuida...

— Pode deixar...

— Tente comer frutas de vez em quando...

— Vou tentar...

— E... — Chegou o momento. Ela engole em seco e diz — Você sabe que seu pai estaria orgulhoso de você, não sabe? — Dou um beijo rápido em seus lábios secos e franzidos e saio correndo para a estação de trem, com piques curtos e da melhor maneira possível.

\* \* \*

Na viagem de trem, coloco os fones de ouvido e ouço uma fita, especialmente preparada, das minhas músicas favoritas de todos os tempos da Kate Bush. É uma coletânea muito boa, mas, como não temos um som de qualidade em casa, é comum ouvir minha mãe gritar no andar de baixo que as costelas estão prontas no meio de “The Man With The Child In His Eyes”.

Com uma postura solene, abro minha edição novinha em folha de *A rainha das fadas*, de Spenser, que vamos ler no primeiro semestre. Gosto de pensar que sou um bom leitor, com a cabeça aberta e tudo mais, mas isso me parece meio besteira. Por isso, deixo *A rainha das fadas* de lado após as primeiras 18 linhas e

prefiro me concentrar na Kate Bush, no interior da Inglaterra que passa pela janela, e em parecer pensativo, enigmático e interessante. Tenho uma janela grande, quatro lugares e uma mesa só para mim, uma lata de Coca-Cola e um chocolate Twix, e a única coisa que poderia melhorar ainda mais minha vida seria uma mulher atraente entrando, sentando-se à minha frente e dizendo alguma coisa como...

— Com licença, mas notei que está lendo *A rainha das fadas*. Por acaso, está indo estudar literatura na faculdade?

— Sim, sim, estou! — eu responderia.

— Que maravilha! Tudo bem se eu me sentar ao seu lado? Meu nome é Emily, a propósito. Responda-me uma coisa: você conhece o trabalho da Kate Bush...?

E minha conversa é tão sofisticada, urbana e espirituosa que, quando o trem para na estação, rola uma energia sexual tão grande entre nós que Emily está debruçada na mesa, mordendo os lábios carnudos com uma certa timidez e dizendo:

— Olha, Brian, a gente mal se conhece, e eu nunca disse isso a ninguém, mas será que a gente não poderia ir... a um hotel ou coisa assim? É que acho que não vou resistir muito mais — e eu concordo com um sorriso *blasé*, como quem diz “por que será que isso sempre acontece quando eu pego um trem?”, pego na mão dela e a conduzo ao hotel mais próximo...

Mas... espere um minuto! Para começar, o que vou fazer com a minha bagagem? Não dá para chegar num hotel carregando dois sacos de lixo, dá? E tem também o custo. O dinheiro que ganhei trabalhando no verão já foi gasto com moradia e o cheque da bolsa-auxílio só chega na semana que vem, e, mesmo sem nunca ter ficado num hotel, eu sei que não vai ser barato, quarenta, cinquenta pratos talvez. E, vamos encarar, a coisa toda vai durar o quê? Dez minutos, se eu tiver sorte; quinze no máximo, e não quero chegar no momento crítico do êxtase sexual preocupado com dinheiro. Acho que Emily *poderia* sugerir de a gente dividir meio a meio o valor do quarto, mas eu teria de recusar, senão ela vai achar que sou um pobretão. E, mesmo que insista e eu concorde, ela ainda teria que me dar o dinheiro e, seja antes ou depois de a gente fazer amor, isso vai tirar um pouco da melancolia, do anseio agriço do encontro. Será que ela vai pensar que sou esquisito por querer ficar depois e aproveitar ao máximo as ofertas do hotel? “Querida Emily, fazer amor com você foi, ao mesmo tempo, lindo e estranhamente pungente. Será que agora pode me ajudar a pôr as toalhas na mochila?” Além disso, será que é uma boa ideia ir direto para a cama com uma pessoa que vai estudar comigo? E se a tensão sexual entre nós prejudicar nosso desempenho acadêmico? Na verdade, no final das contas, talvez não seja uma boa ideia. Talvez seja melhor esperar até conhecer Emily um pouco melhor antes de me envolver numa relação.

Quando o trem chega ao destino, realmente me sinto aliviado por Emily ser apenas fruto da minha imaginação.

Arrasto meus sacos de lixo e a mala para fora da estação, que fica numa colina com vista para a cidade. É a segunda vez que venho aqui desde a minha entrevista. Tudo bem, não é Oxford ou Cambridge, mas é a terceira melhor

opção. O importante é que a cidade tem torres com *pináculos*. Daqueles que aparecem nos sonhos.

PERGUNTA: Que romance popular de Frances Hodgson Burnett, escrito em 1886 e dramatizado várias vezes desde então, inspirou a moda de jovens de cabelos longos e cacheados em ternos de veludo e colarinhos rendados?

RESPOSTA: *O pequeno lorde*.

Isto é o que coloquei na seção de “Hobbies e Interesses” do meu formulário do Departamento de Acomodações da Universidade: Leitura, Cinema, Música, Teatro, Natação, Badminton, Socializar!

Não é uma lista muito reveladora, claro. Nem muito verdadeira. “Leitura” é verdade, mas todo mundo menciona leitura. O mesmo com “Cinema” e “Música”. “Teatro” é mentira — eu *odeio* teatro. Na verdade, até já participei de umas peças, mas nunca frequentei muito teatro, a não ser uma encenação educacional sobre segurança na estrada que, mesmo apresentada com elegância, brio e empolgação, não me disse muito em termos de estética. Mas a gente tem de fingir que gosta de teatro; é a lei. “Natação” não é necessariamente verdade também. Eu *sei* nadar, só que igual a um animal se afogando. Mas achei que deveria colocar uma coisa um pouco esportiva. O mesmo com “Badminton”. Quando digo que me interesso por badminton, o que, na verdade, estou dizendo é que, se alguém apontasse uma arma para a minha cabeça e me forçasse a praticar um esporte, sob ameaça de morte, e se recusasse a aceitar palavras cruzadas como esporte, então escolheria badminton. Ou seja, não pode ser tão difícil assim, pode? “Socializar!” também é um eufemismo. “Solitário e Sexualmente Frustrado” seria mais exato, mas também mais estranho. A propósito, o ponto de exclamação no final de “Socializar!” foi para expressar uma maneira irreverente, despreocupada e casual de ver a vida.

Por isso, admito que não dei ao pessoal do Departamento de Acomodações muito com que se preocupar, mas nem isso explica a razão de terem me mandado para essa casa com Josh e Marcus.

Richmond House fica em um platô de tijolos vermelhos no topo de uma colina bem íngreme acima da cidade, muito bem localizada, a quilômetros da parada de ônibus mais próxima. Por isso, quando afinal consigo chegar lá, minha jaqueta está toda suada. A porta da frente está aberta e o corredor está abarrotado de caixas e bicicletas de corrida, dois remos, um bastão de críquete e enchimentos, equipamento de esqui, tanques de oxigênio e um traje de mergulho. Parece fruto de um assalto a uma loja de artigos esportivos. Largo minha mala perto da porta e, com uma crescente ansiedade, escalo as pilhas de material esportivo em busca dos meus novos colegas de quarto.

A cozinha é funcional, iluminada com luz fluorescente e cheira a água sanitária com levedo. Ao lado da pia, dois garotos, um louro enorme e um moreno atarracado, espinhento, com cara de rato, estão enchendo uma lata de

lixo de plástico de água com uma mangueirinha. O som está muito alto, tocando “She Sells Sanctuary” do The Cult e eu fico um tempo na porta dizendo “Oi!” e “Você aí!”, até o cara louro afinal se virar e me ver com os sacos de lixo.

— Oi! É o lixeiro!

Ele abaixa um pouco o som, curva-se como um labrador amigável e me dá um vigoroso aperto de mão, e percebo que é a primeira vez que aperto a mão de alguém da minha idade.

— Você deve ser o Brian — diz. — Eu sou Josh e esse é o Marcus!

Marcus é pequeno e cheio de espinhas, com as feições concentradas no meio do rosto atrás de óculos de aviador que aumentam ainda mais a impressão de que ele jamais conseguiria pilotar um avião. Ele me olha de cima a baixo com sua cara de rato, funga e volta a atenção para a lixeira de plástico. Mas Josh continua falando, sem esperar resposta, numa voz que parece saída de um cinejornal da Pathé News.

— Como você chegou? Transporte público? Onde estão os seus pais? Está se sentindo bem? Você está completamente encharcado de suor.

Josh usa uma bota de cano curto vinho, colete de veludo bege — isso é que é um colete de *veludo* —, camisa afogada roxa e um jeans preto tão justo que dá para ver a posição de cada testículo. O corte do cabelo é igual ao de Tone, o Viking Afeminado, o distintivo dos metaleiros de carteirinha, mas aqui complementado por um pretense bigode felpudo; um visual meio de fidalgo afetado que chega a dar a impressão de que ele esqueceu o florete.

— O que tem aí na lixeira? — pergunto.

— Cerveja caseira. A gente achou que era melhor começar a fermentação logo. Claro que você pode participar se quiser. A gente divide o custo por três...

— Certo...

— São 10 paus para entrar, pela levedura e o concentrado de lúpulo, os tubos, o barril e todo o resto, mas, daqui a três semanas, você vai estar curtindo a tradicional cerveja amarga de Yorkshire por apenas 6 pence a caneca!

— Que pechincha!

— Marcus e eu somos bons cervejeiros. Tocávamos uma destilaria ilegal nos alojamentos e até tivemos um bom lucro, para falar a verdade. Apesar de termos cegado acidentalmente uns garotos do turno integral!

— Vocês estudaram na mesma escola?

— Isso mesmo. Somos inseparáveis, não é, Marcus? — Marcus funga. — Em que escola você estudou?

— Ah, você nunca deve ter ouvido falar...

— Tenta.

— Langley Street?

Nada.

— Langley Street Comprehensive?

Nada.

— Southend? — sugiro. — Essex?

— Nada! Você estava certo, nunca ouvi falar! Quer que eu mostre o seu quarto?

Sigo Josh até o andar de cima, com Marcus morrinhando atrás, por um

corredor cinza decorado com instruções sobre como proceder em caso de incêndio. Passamos pelos quartos deles, cheios de caixas e malas, porém ainda espaçosos, e, no fim do corredor, Josh abre uma porta que, à primeira vista, parece de uma cela de prisão.

— Ta-dãã! Espero que não se incomode, mas escolhemos os quartos antes de você chegar.

— Ah... Certo...

— Disputamos no cara ou coroa. A gente queria começar a desempacotar, a nos acomodarmos, sabe.

— É claro! Certo! — Sinto que estão me passando a perna e decido nunca mais confiar em gente com colete de veludo. O truque agora é me afirmar sem parecer muito assertivo.

— Meio *pequeno*, não é? — comento.

— *Todos* são pequenos, Brian. E jogamos no cara ou coroa, de maneira limpa e justa.

— Como se joga cara ou coroa com três pessoas?

Silêncio. Josh franze a testa, mexendo a boca sem falar nada.

— Podemos jogar a moeda de novo, se você não confia na gente — Marcus funga, indignado.

— Não, não é isso, é que...

— Bem, então vamos deixar você se organizar. É um prazer tê-lo a bordo! — E os dois voltam cochichando para a cerveja caseira.

Parece que a minha cova já foi cavada. O quarto tem a atmosfera e o apelo da cena de um crime. Um solitário colchão sobre um estrado de metal, um conjugado de guarda-roupa e mesa de madeira compensada e duas pequenas prateleiras de fórmica que imitam madeira. O carpete é marrom-lama e parece ter sido tecido com pelos pubianos compactados. Uma janela suja em frente à mesa dá vista para as latas de lixo no andar de baixo, e um aviso emoldurado adverte que o uso de cola na parede é passível de pena de morte. Bem, eu queria um sótão, e ganhei um sótão. Melhor começar a arrumar, imagino.

A primeira coisa que faço é instalar o som e tocar *Never for Ever*, o triunfal terceiro álbum de Kate Bush. O resto das fitas são empilhadas ao lado do toca-discos, e acontece um pequeno debate interno sobre qual álbum deve ficar virado para o quarto; tento *Revolver*, dos Beatles, *Blue*, de Joni Mitchell, Diana Ross and the Supremes e Ella Fitzgerald antes de escolher o Concertos de Brandenburgo, de Bach, novinho, da gravadora Music For Pleasure, uma pechincha de 2,49 libras.

Depois, desempacoto os livros e tento diferentes formas de organizar nas prateleiras de fórmica: ordem alfabética por autor, alfabética por autor com subdivisões por assunto, gênero, nacionalidade, tamanho e, afinal, do modo mais eficiente, pela cor — pretos clássicos da Penguin numa ponta e um *dégradé* de cores até os brancos da Picador na outra, com 5 centímetros de verdes da Viragos que ainda não li, mas que, com certeza, vou ler, no centro do espectro. É óbvio que isso leva tempo, e, quando termino, já está escuro e instalo uma luminária na mesa.

Em seguida, decido transformar minha cama num futon. Na verdade, é uma



coisa que já quero fazer há algum tempo, mas minha mãe ria de mim quando eu tentava isso em casa, então vou tentar aqui. Agarro com determinação o colchão, que, misteriosamente, está tão úmido e manchado que dá até para plantar agrião nele, jogo-o no chão sem encostar no meu rosto, e, com alguma dificuldade, levanto o estrado de metal. Pesa uma tonelada, mas consigo escondê-lo atrás do armário. Claro que com isso perco alguns centímetros de espaço valioso no chão, mas o efeito final vale a pena. É uma atmosfera meio minimalista, contemplativa e oriental, só que um pouco sabotada pelas grossas listras azul-marinho, vermelhas e brancas do edredom da British Home Stores.

Dando continuidade ao minimalismo zen do futon, quero limitar a decoração a uma montagem de cartões-postais com minhas pinturas e fotos favoritas, uma espécie de manifesto pictórico de heróis e coisas que eu adoro na parede em cima do meu travesseiro. Deito no futon e pego a fita-crepe: *Madonna Litta*, de Henry Wallis; *Ofélia*, de Millais; *Madonna Litta*, de Da Vinci; *Noite estrelada*, de Van Gogh; um Edward Hopper; Marilyn Monroe, de saia de balé, olhando pesarosamente para a câmera; James Dean, num sobretudo longo em Nova York; Dustin Hoffman, em *Maratona da morte*; Woody Allen; uma foto do meu pai e da minha mãe dormindo em espreguiçadeiras no Butlins; Charles Dickens; Karl Marx; Che Guevara; Laurence Olivier, como Hamlet; Samuel Beckett; Anton Chekhov; eu de Jesus, na montagem da produção de *Godspell* no último ano da escola; Jack Kerouac; Richard Burton e Elizabeth Taylor, em *Quem tem medo de Virginia Woolf?*; e uma foto de Spencer, Tone e eu numa excursão da escola a Dover Castle. Spencer está numa pose discreta, cabeça inclinada para baixo e para o lado, com um ar descolado, entediado e inteligente. Tone, como de costume, está fazendo um gesto obsceno.

Por fim, ponho ao lado do travesseiro uma foto do meu pai, magro, porém atlético e vagamente ameaçador, como Pinkie em *Brighton Rock*, mas à beira-mar em Southend, com uma garrafa de cerveja e um cigarro entre os dedos longos. A figura de topete preto, rosto encovado, nariz longo e fino vestindo um elegante terno de três botões e gola estreita, que, mesmo sorrindo para a câmera, continua muito ameaçador. A foto foi tirada em 1962, quatro anos antes de eu nascer. Então, ele devia ter a mesma idade que tenho agora. Eu adoro essa foto, mas me incomoda pensar que, se me visse aos 19 anos no pier de Southend num sábado à noite, haveria uma boa chance de o meu pai de 19 anos querer me bater.

Alguém bate na porta e, instintivamente, escondo a fita-crepe nas costas. Imagino que seja Josh me pedindo um cigarro ou algo assim, mas é uma loura enorme com cabelo de viking e um bigode quase branco.

— Como está se virando? Tudo bem? — pergunta Josh vestido feito uma *drag queen*.

— Sim, tudo bem...

— Por que seu colchão está no chão?

— Ah, eu pensei em usar como um futon por um tempo.

— Um futon? Sério? — pergunta Josh, franzindo os lábios com batom como se fosse a coisa mais exótica que ouviu na vida, o que é muita hipocrisia vindo de um cara travestido. — Marcus, vem ver o futon do Jackson! — Marcus enfia a

cara no quarto com uma peruca preta de *nylon* cacheada, saia de hóquei e meias três quartos, funga e desaparece.

— Bom, a gente está de saída. Você quer ir...?

— Desculpe, ir aonde?

— Na Festa Biscates e Vigários, na Kenwood Manor. Vai ser divertida.

— Hum, bem, talvez. É que pensei em ficar lendo e...

— Ah, deixa de ser *nerd*...

— Eu nem tenho nada para usar...

— Você não tem uma camisa escura?

— Tenho.

— Então, é isso aí. É só pôr um cartão branco debaixo da gola e está pronto. Vejo você em cinco minutos. Ah, e não vai esquecer as dez pratas da cerveja caseira, tá? Aliás, *adorei* o que você fez com o quarto...

PERGUNTA: A energia de interação entre dois prótons está diretamente relacionada à separação entre eles. Quais são as forças entre os prótons quando a separação entre eles é, respectivamente, a) pequena e b) intermediária?

RESPOSTA: Repulsiva e atrativa.

Como sou um homem experiente e sofisticado, sei o valor de “forrar o estômago” antes de uma noite. Por isso, compro um saco de batata frita e umas salsichas para comer a caminho da festa. Começa a chover, mas como o máximo de batatas fritas que consigo antes que elas fiquem frias e molhadas. Marcus e Josh andam a passos largos na minha frente, confiantes em seus saltos altos, indiferentes aos olhares melancólicos das pessoas que passam por nós. Imagino que garotos vestidos como elegantes *drag queens* seja uma das inevitáveis infelicidades de se morar em uma cidade universitária. Logo, logo, será a semana dos calouros, e as folhas ficarão cor de bronze, as andorinhas voarão para o sul e o shopping vai ficar lotado de médicos em trajes de enfermeiras sensuais.

No caminho, Josh me bombardeia com perguntas.

— O que você vai cursar, Brian?

— Letras.

— Poesia, né? Eu vou fazer Economia Política e Marcus vai fazer Direito.

Você pratica algum esporte, Brian?

— Só palavras cruzadas.

— Palavras cruzadas não são um esporte — funge Marcus.

— Porque você não viu como eu joga! — replico, rápido como um relâmpago.

Mas ele não parece achar graça, porque faz uma careta e diz:

— Não importa como você joga. Não é um esporte.

— Não, eu sei. Só estava...

— Você curte futebol, críquete ou rúgbi? — pergunta Josh.

— Nada disso, para falar a verdade...

— Então, não é um tipo esportista?

— De jeito nenhum.

Não consigo deixar de me sentir como se estivesse sendo avaliado para entrar em um clube particular e sendo reprovado.

— Como é o seu squash? Estou precisando de um parceiro.

— Nada de squash. Badminton, às vezes.

— Badminton é jogo para *meninas* — diz Marcus, ajustando as tiras das sandálias.

— Você tirou um ano de férias?

— Não...

— Foi a algum lugar legal nesse verão?

— Não...

— O que os seus pais fazem?

— Bem, minha mãe trabalha como caixa na Woolworths. Meu pai vendia janelas de vidro isolante, mas já morreu.

Josh aperta meu braço e diz:

— Sinto muito, *mesmo* — mas não fica claro se está se referindo à morte do meu pai ou ao trabalho da minha mãe.

— E os seus pais?

— Ah, meu pai trabalha no Ministério de Relações Exteriores e minha mãe no Departamento de Transporte.

Meu Deus, ele é do Partido Conservador! Ou ao menos imagino que seja. Se os pais são conservadores, isso tende a ser coisa de família. Quanto ao Marcus, não me surpreenderia se soubesse que faz parte de alguma Juventude Nazista.

Finalmente, chegamos a Kenwood Manor. Estava fugindo das salas de convívio da faculdade, pois, na matrícula, me disseram que eram lugares chatos, caretas e cheios de cristãos. A realidade está entre um asilo de loucos e uma escola pública pequena — com longos corredores ecoando, assoalho de tacos de madeira, cheiro de roupa de baixo úmida secando no calor de um aquecedor e a sensação de que alguma coisa horrível está acontecendo em algum banheiro.

A remota batida de Dexys Midnight Runners nos leva por um grande corredor até um salão forrado de madeira com janelas altas e poucos alunos, mais ou menos sete partes de biscates e três partes de vigários, sendo que as biscates se dividiam mais ou menos em 50% de mulheres e 50% de homens. Não é uma visão bonita. Homens fortões e algumas mulheres de meias-calças “artisticamente” rasgadas e sutiãs com enchimento, apoiados nas paredes como, bem, biscates, com aristocratas vice-reitores eduardianos olhando com desprezo do alto de suas molduras.

— A propósito, Bri, você não teria aquelas dez pratas aí com você...? — insinua Josh, franzindo a testa. — Da cerveja caseira?

Claro que eu não posso gastar esse dinheiro, e são as dez pratas que minha mãe me deu, mas, no espírito de fazer novas amizades, entrego o dinheiro, e Josh e Marcus pulam fora como cachorros na praia, deixando-me sozinho para fazer mais uma dessas amizades que vão durar a vida toda. Decido que, de modo geral, nesse primeiro estágio da noite, é melhor dar uma de vigário, não de biscate.

A caminho do bar improvisado, numa mesa de armar, estão vendendo Red Stripe pelo preço bem razoável de 50 pence a lata. Estampo minha expressão “por favor, fale comigo”, com um sorriso ingênuo de boca fechada e tentativas de acenos de cabeça e olhares esperançosos. Um hippie magricela com o mesmo sorriso idiota e interiorano que eu e, surpreendentemente, com um aspecto ainda pior, está esperando para ser servido. Dá uma olhada ao redor e diz, com um forte sotaque de Brummie:

— Muito looooouco, não é?

— Insano! — respondo, e nós dois reviramos os olhos como quem diz “Tsc, essas crianças de hoje!”. O nome dele é Chris, e logo fico sabendo que ele

também vai cursar Letras.

— Sincronicidade! — exclama Chris, e começa a me contar tudo sobre as notas altas que tirou no exame de admissão, o conteúdo preciso do seu formulário da UCCA e a trama de cada livro que já leu em toda a vida antes de embarcar na descrição de seu verão viajando pela Índia, em *tempo real*, e passo pelos dias e noites que se seguem acenando com a cabeça enquanto tomo três latas de Red Stripe, imaginando se a pele dele é mesmo pior do que a minha, quando, de repente, percebo que ele está dizendo...

— ...e quer saber? Eu não usei papel higiênico nem uma vez enquanto estive lá.

— Sério?

— Nem uma. E acho que nunca mais vou usar. É muito mais fresco e muito melhor para o meio ambiente.

— Mas como você faz...?

— Ah, só a mão e um balde de água. Essa aqui! — e enfia a mão embaixo do meu nariz. — Vá por mim. É *muito* mais higiênico.

— Mas você não disse que teve muita disenteria?

— Bem, sim, mas isso é diferente. *Todo mundo* tem disenteria.

Decido não insistir na questão e digo:

— Ótimo! Tudo bem... — e lá vamos nós viajar de novo em bancos de madeira de ônibus caindo aos pedaços de Hyderabad a Bangalore, até que, em algum lugar nas Colinas de Erramala, a Red Stripe faz seu trabalho e percebo, com alegria, que minha bexiga está cheia e que, sinto muito, mas preciso ir ao banheiro.

— Não vá embora, eu já volto, fique bem *aqui* onde você está. — Quando me viro, ele agarra meu ombro, põe a mão esquerda bem na frente da minha cara e diz num tom evangelizador:

— Não se esqueça! Não precisa de papel higiênico! — Sorrio e sigo meu caminho.

Quando retorno, percebo, com alívio, que o cara *foi* embora, e resolvo sentar na beira do palco de madeira ao lado de uma garota elegante, que não está vestida nem de biscate nem de vigário, mas como um membro da Ala Juvenil da KGB, com um casaco preto pesado, meia-calça preta, camisa jeans curta e um quepe escuro estilo soviético empurrado para trás de um tufo de cabelos pretos e oleosos. Abro meu sorriso “será que posso sentar aqui” e ela me responde com um sorriso “sim, pode ir embora”, que é quase um pequeno espasmo, e vejo um lampejo de dentes brancos pequenos e pontudos, todos do mesmo tamanho, atrás de um incongruente borrão de batom vermelho. Eu deveria ir embora, mas a cerveja me deixou destemido e muito sociável e sento ao lado dela assim mesmo. Apesar da batida do baixo de “Two Tribes”, deixo para ouvir os músculos do rosto dela se contraindo.

Depois de um tempo, eu me viro e olho para ela. Está extraindo pequenas e nervosas baforadas de um cigarro de enrolar e olhando a pista de dança de maneira obstinada. Tenho duas alternativas: conversar ou ir embora. Talvez eu tente conversar.

— O mais irônico é que eu sou vigário *mesmo*.

Sem resposta.

— Não vejo tantas prostitutas assim desde o meu aniversário de 16 anos!

Sem resposta. Talvez ela não tenha me escutado. Ofereço um gole da minha lata de Red Stripe.

— Você é muito gentil. Mas eu vou passar... obrigada — pega a latinha ao lado e balança na minha frente. A voz combina direitinho com o rosto; dura e afiada, escocesa, sotaque de Glasgow, acho.

— Então, você veio de quê? — pergunto mais animado, apontando as roupas dela com a cabeça.

— Eu vim como uma pessoa normal — responde ela, sem sorrir.

— Você podia ter se esforçado um pouco! Era só colocar uma coleira de cachorro ou algo assim!

— Talvez. Só que eu sou judia — diz, tomando um gole de cerveja. — É engraçado, mas se fantasiar nunca chegou a pegar na comunidade judaica.

— Às vezes, queria ser judeu, sabe — digo.

Percebo que foi um estratagema muito ousado para um início de conversa, e nem sei bem por que disse isso. Em parte, é por achar importante ser honesto sobre questões raciais, de gênero e identidade, mas também porque já estou meio bêbado.

Ela estreita os olhos e olha para mim por um momento. Parece a cena de um filme de faroeste italiano. A garota dá uma tragada e, decidindo se vai ou não ficar ofendida, diz em voz baixa:

— É mesmo?

— Desculpe... Não estou sendo racista nem nada. Só quis dizer que muitos dos meus heróis são judeus. Só isso...

— Bem, fico feliz de o meu povo ter a sua aprovação. E quem são esses heróis?

— Ah, tipo Einstein, Freud, Marx...

— Karl ou Groucho?

— Os dois. Arthur Miller, Lenny Bruce, Woody Allen, Dustin Hoffman, Philip Roth...

— Jesus, claro...

— ...Stanley Kubrick, Freud, J. D. Salinger...

— Estritamente falando, Salinger não é judeu.

— É, sim.

— Vá por mim: não é.

— Tem certeza?

— Nós sabemos... temos um sexto sentido especial.

— Mas o nome é judeu.

— O pai era judeu, mas a mãe era católica. Então, tecnicamente, ele não é judeu. O judaísmo se transmite pela linhagem feminina.

— Eu não sabia disso.

— Bem, sua educação universitária está começando — e volta a encarar a pista de dança, agora lotada de biscates balançando no ritmo da música. É uma visão bem sombria, como um círculo do inferno recém-descoberto, e a garota observa com um desprezo convicto, como que esperando a explosão da bomba

que plantou. — Meu Deus, olha só essa gente — ela fala devagar, cansada, e “Two Tribes” dá lugar a “Relax” com Frankie cantando alguma coisa que eu não entendo. — Decido que a melhor atitude a tomar é adotar um cinismo cansado do mundo. Então, rio alto da situação e ela se vira para mim quase sorrindo. — Sabe qual é a grande conquista dos colégios internos ingleses? Gerações de garotos de cabelos escorridos que sabem direitinho como ajustar uma cinta-liga. É incrível como a maioria de vocês já chega na faculdade com roupas de mulher na mala.

Nós?

— Na verdade, estudei em colégio público — explico.

— OK, ponto para você. Sabe que você é a sexta pessoa a me dizer isso essa noite? Será algum tipo de cantada esquisita de esquerda? O que deve me impressionar mais? O nosso sistema de escolas estatais? Ou suas heroicas conquistas acadêmicas?

Se existe uma coisa que sei reconhecer é quando fui derrotado, então, pego minha latinha quase cheia e chacoalho no ar como se estivesse vazia.

— Vou até o bar. Você quer alguma coisa, hum...?

— Rebecca.

— ...Rebecca?

— Não, obrigada.

— OK. Bem... A gente se vê por aí. A propósito, meu nome é Brian.

— Boa noite, Brian.

— Tchau, Rebecca.

Estou a caminho do bar, quando vejo Chris, o hippie, esperando na fila com um saco enorme de salgadinhos embaixo do braço. Por isso, dou meia-volta e sigo pelo corredor decidido a dar um passeio.

Ando pelo corredor forrado de painéis de madeira, no qual a última leva de estudantes está se despedindo dos pais ao som de “Legend”, de Bob Marley. Uma garota debulha-se em lágrimas nos braços da mãe chorosa, enquanto o pai impaciente espera de pé e empertigado, um rolinho de cédulas apertado na mão. Um gótico magricela e constrangido, todo de preto e com um proeminente aparelho nos dentes, está quase expulsando os pais para poder dar continuidade ao importante projeto de mostrar às pessoas a criatura sombria e complexa que jaz por trás de todo aquele metal e plástico. Outros recém-chegados estão se apresentando aos vizinhos de alojamento, entregando pequenas biografias formais: curso, local de nascimento, notas nos exames, bandas favoritas, experiência mais traumática da infância. É meio que uma versão educada e de classe média daquela cena em filmes de guerra em que os novos recrutas chegam às barracas e mostram uns aos outros fotos das namoradas que deixaram em casa.

Paro diante do quadro de avisos do Grêmio Estudantil, tomo um gole de cerveja e lanço um olhar desinteressado — uma bateria à venda, convocações para boicotar o Banco Barclays, um aviso já ultrapassado de reunião do Partido Revolucionário Comunista em apoio aos mineiros, testes para *Os piratas de Penzance* e vejo que Self-Inflicted e Meet Your Feet vão tocar no Frog and Frigate na próxima terça.

E é aí que eu vejo algo.

No quadro de avisos, um pôster com uma fotocópia A4 em vermelho-vivo, anuncia:

*RESPONDA CORRETAMENTE!*

Você sabe a diferença entre Sófocles e Sócrates?  
Entre Ursa Menor e Lee Majors?  
Entre *carpe diem* e *habeas corpus*?

Tem coragem de enfrentar os veteranos?

Por que não participar da seleção para o *Desafio Universitário*?

Teste em um breve (e divertido!) exame escrito.  
Sexta-feira na hora do almoço, 13h em ponto,  
Grêmio Estudantil, Sala de Reunião nº 6.

Exige-se comprometimento. Nada de preguiçosos ou aventureiros.  
*Só as melhores cabeças devem se inscrever.*

Aí está. É isso aí. O Desafio.



PERGUNTA: Que artista negro americano, que se intitula “o homem que mais trabalhou no *show business*” e pioneiro da música funk, é conhecido como o Rei do Soul?

RESPOSTA: James Brown.

*O que mais me chamava a atenção eram os cabelos; longas e improváveis ondas de cabelos quebradiços como trigo ressecado; cortinas pendentes de franja sedosa; costeletas grossas como se saíssem de uma peça de teatro lembrando-se da hora do chá no domingo. Meu pai ficava lívido de raiva se visse alguém de cabelo comprido no Top of The Pops, mas quem conseguia chegar ao Desafio Universitário merecia o direito de ostentar os cortes de cabelo mais escabrosos. Era quase inevitável, como se cabelo maluco fosse uma válvula de escape para todo aquele incrível e incontrolável excesso de energia mental. Como um cientista louco, você não pode ser tão inteligente se não tiver os cabelos desgrenhados e se não for míope, nem ser capaz de tomar banho e se vestir sozinho.*

*E as roupas; a arcana tradição da velha Inglaterra de becas escarlates combinadas com excêntricas gravatas estampadas com teclas de piano, a infinidade de cachecóis feitos em casa, os coletes em estilo oriental. Claro que qualquer criança acha todo mundo velho na televisão e, em retrospecto, imagino que eles fossem jovens, tecnicamente, em anos terrestres, mas, se tinham mesmo 20 anos, pareciam prestes a fazer 62. Nada naqueles rostos sugeria juventude, vigor ou saúde. Eram todos pálidos, com aparência cansada, muito preocupados, como que lutando com o peso de toda aquela informação, como se pagassem um terrível tributo físico pela meia-vida do elemento radioativo trítio, pela origem do termo “*éminence grise*”, pelos vinte primeiros números perfeitos, pelo estilo das rimas de um soneto petrarquiano.*

*Claro que meu pai e eu raramente acertávamos uma resposta, mas essa não era bem a questão. Não era por causa do conhecimento geral, nem para nos sentirmos presunçosos e autoindulgentes a respeito de todas as coisas que sabíamos, era por que nos sentíamos humildes diante de todo aquele vasto universo de coisas da qual não fazíamos a menor ideia. A questão era nos sentirmos maravilhados, pois a impressão que meu pai e eu tínhamos era de que aquelas estranhas criaturas sabiam tudo. Faça qualquer pergunta: Qual é o peso do Sol? Por que estamos aqui? O universo é infinito? Qual é o segredo da verdadeira felicidade? E, mesmo que eles não soubessem a resposta de imediato, podiam debater entre si, em voz baixa e sussurrante, e surgir com alguma coisa que, mesmo não inteiramente correta, soava como um ótimo palpite.*

*Não importava que os competidores fossem claramente desajustados sociais, pouco higiênicos ou cheios de espinhas, virgens envelhecendo ou, em alguns casos, apenas muito esquisitos; o importante era que existia um lugar onde as pessoas realmente sabiam aquelas coisas, adoravam saber tudo aquilo,*

*envolviam-se com esse conhecimento de maneira apaixonada, achavam que era importante e que valia a pena, e, naquele dia, papai disse que, se eu me esforçasse o bastante, também poderia chegar até lá...*

\* \* \*

— Você acha que tem chance? — pergunta ela.

Quando me viro, juro que ela é tão linda que quase deixo cair a lata de cerveja.

— Você acha que tem chance?

Acho que eu nunca tinha chegado perto de uma coisa tão linda. Existe beleza nos livros, é claro, talvez em pinturas ou numa paisagem, como naquela viagem de campo a Purbeck Island do curso de geografia, mas, até agora, acho que não tinha vivenciado uma beleza *verdadeira*, não na vida real, em um ser humano quente e macio, uma coisa que você pode tocar, pelo menos em teoria. Ela é tão perfeita que chego a me encolher quando a vejo. Os músculos do meu peito se contraem e preciso lembrar de respirar. Soa como uma hipérbole ultrajante, eu sei, mas ela realmente parece uma jovem e loura Kate Bush.

— Você acha que tem chance? — pergunta.

— Hum? — retruco, afiado como uma tachinha.

— Você acha que consegue? — repete, indicando o cartaz com a cabeça.

Rápido, diga algo espirituoso.

— Hummm... — gracejo, e ela sorri condescendentemente, como uma enfermeira gentil sorrindo para o Homem-elefante.

— Então, a gente se vê lá amanhã? — diz, e vai embora. Está usando um vestido sofisticado, mas bem sóbrio, uma escolha  *muito*  melhor que o Estilo Biscate Francesa — uma blusa justa listrada em branco e preto, um cinto elástico preto, saia-lápis preta, meia-calça arrastão. Ou será uma meia arrastão 7/8? Meia-calça ou 7/8, meia-calça ou 7/8, meia-calça ou 7/8...?

Ando atrás dela pelo corredor mantendo uma distância decente, não ameaçadora, observando seu passo metronômico, como Marilyn Monroe saindo da cortina de vapor em *Quanto mais quente melhor* (meia-calça ou 7/8, meia-calça ou 7/8?), e, conforme ela vai passando pelas portas dos quartos, alguém coloca a cabeça para fora e diz oi, olá e como vai e você está ótima. Mas ela só está ali há oito horas, um dia no máximo. Como é que parece conhecer *todo mundo*?

Então, ela entra na festa, passa pela multidão de vigários boquiabertos em direção a um pequeno grupo de garotas na beira da pista de dança, garotas do tipo difícil, bonitas, estilosas, que andam em bando, sempre juntas. O DJ está tocando “Tainted Love” e a atmosfera no salão parece mais sombria, mais sexualmente predatória e decadente, e, se não chega a ser a República de Weimar de Berlim, poderia ser a produção de *Cabaret* dos alunos do último ano de Sussex. Permaneço na penumbra, observando. Tenho que ficar muito esperto se quiser fazer isso direito, e também vou precisar de mais cerveja. Compro a sexta lata. Ou será que é a sétima? Não tenho certeza. Não importa.

Volto correndo, com medo de ela já ter ido embora, mas ela continua lá na beira da pista de dança com sua gangue de quatro amigas, rindo e brincando como se já as conhecesse desde sempre e não só há poucas horas. Moldo meu rosto com uma expressão de tédio amargo e irônico e faço algumas excursões, passando por ela com um ar desinteressado, na esperança de que vá me notar, me puxar pelo cotovelo e dizer: “Conte *tudo* sobre você, criatura fascinante”. Ela não me nota; então, decido passar por ela de novo. Faço isso umas 14 ou 15 vezes, mas ela continua não me notando. Então escolho uma abordagem mais direta. Chego perto e fico parado atrás dela.

Fico parado atrás dela durante toda a versão estendida de doze polegadas de “Blue Monday”, do New Order. Afinal, uma de suas novas amigas, uma garota com o rosto triangular, lábios finos, olhos de gato e um cabelo curto louro descolorido me nota e, instintivamente, leva a mão à bolsa como se achasse que estou aqui para roubar a bolsa de alguém. Abro um sorriso tranquilizador e os olhos dela começam a se mover louca e rapidamente pelo grupo. Talvez chegue até a emitir um sinal de alerta estridente ou algo assim, pois o grupo se vira e olha para mim, e, de repente, a Kate Bush loura está lá, o rosto lindo a alguns centímetros do meu. Desta vez, vou ser mais esperto e dizer, de maneira lamentável:

— Ei!

Isso a deixa menos intrigada do que eu esperava, pois ela só diz “Oi” e começa a virar as costas para mim.

— A gente se conheceu? Agora há pouco? No corredor? — eu tagarelo.

O rosto dela continua inexpressivo. Apesar da quantidade de bebida que ingeri, sinto minha boca áspera e pegajosa, como se minha saliva tivesse sido engrossada com maiseña, mas passo a língua nos lábios e digo:

— Você me perguntou se eu achava que tinha chance? Para o *Desafio Universitário*?

— Ah, sim — ela responde e se vira outra vez, mas as amigas já se dispersaram ao perceber o clima entre a gente e, enfim, estamos a sós, como o destino decretou.

— A ironia é que eu *sou* um vigário de verdade! — digo.

— Como? — ela se aproxima e aproveito para colocar a mão perto de sua orelha e roçar sua encantadora cabeça:

— Eu sou um vigário de verdade! — grito.

— É?

— O quê?

— Um vigário?

— Não, eu não sou vigário.

— Pensei que você tinha dito que era vigário.

— Não, não sou...

— Então, o que você disse?

— Bem, sim, quer dizer, eu disse, sim, que era vigário, sim, mas eu, eu estava brincando!

— Ah. Desculpe, eu não entendi...

— Eu sou o Brian, aliás! — *Não entre em pânico...*

— Olá, Brian... — e ela começa a olhar em volta procurando as amigas.  
*Continue, continue...*

— Por quê? Pareço um vigário? — pergunto.

— Não sei. Um pouco, acho...

— Oh! Certo! Bem, *obrigado!* Obrigado *mesmo!* — Estou tentando uma falsa indignação, braços cruzados bem alto no peito, querendo fazer graça e começar um bate-papo leve e espirituoso. — Um vigário, hein? Bem,  *muito obrigado!* Nesse caso, você parece... uma... *biscate* de verdade!

— *Como?*

Ela não deve ter me ouvido direito, pois não está rindo. Então, levanto a voz.

— UMA BISCATE! Você parece uma prostituta! Uma prostituta de luxo, entendeu...?

Ela sorri para mim, um daqueles sorrisinhos sutis que transpiram desprezo e diz:

— Com licença, Gary, eu preciso *muito* ir ao banheiro...

— Tudo bem, a gente se vê por aí!

Mas ela já foi, deixando uma vaga sensação de que as coisas poderiam ter ido melhor. Talvez ela tenha se ofendido, mas eu estava usando a minha voz engraçada. Mas como que ela iria saber que é uma voz de troça se não está acostumada com a minha voz normal? Talvez agora ache que eu tenho uma voz engraçada? E quem é Gary? Fico parado, observando enquanto ela segue em direção aos toaletes, só que ela para na pista de dança, cochicha no ouvido de outra garota e as duas riem. Então, não precisava ir ao toaleta no fim das contas. O toaleta era só uma desculpa.

Aí ela começa a dançar. Está tocando “The Lovecats” do The Cure e, numa interpretação incisiva e espirituosa da letra da música, ela dança um pouco como uma gata, entediada, distante e flexível, jogando um braço por cima da cabeça como um... bem, como um rabo de gato! É a dançarina mais inacreditável do mundo! Agora, está com as duas mãos debaixo do queixo, como duas patinhas, e ela é a Lovecat, e é tão maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa e linda, e me inspira com um plano tão belo em sua simplicidade e tão engenhoso e infalível, que me pergunto por que não pensei nisso antes.

Dançar! Eu vou atrair a garota com uma dança contemporânea.

O disco muda para “Sex Machine”, do James Brown, e, por mim, tudo bem, porque estou muito *a fim* de ser uma máquina sexual, já que tocamos no assunto. Ponho a Red Stripe no chão com todo o cuidado e a lata é imediatamente chutada, mas eu não ligo, não importa. Não preciso dela para o que vou fazer. Faço alguns movimentos de aquecimento na beira da pista, cauteloso a princípio, mas contente por estar com meus sapatos escoceses e não com meu tênis Green Flash, pois as solas lisas escorregam bem no assoalho de madeira, dando-me uma sensação de ritmo sincopado, de membros soltos. Com todo o cuidado, como se estivesse numa pista de gelo me agarrando às paredes, tomo a direção da pista de dança, lentamente.

Ela está dançando no seu grupinho fechado de novo, uma daquelas impenetráveis formações de defesa da infantaria de Roma para rechazar os bárbaros. A garota com olhos de gato é a primeira a me avistar, emite seu

estridente sinal de alarme e a Kate Bush Loura desfaz a formação, vira-se e olha nos meus olhos, e aproveito a deixa, a música entra em mim e danço como nunca dancei antes.

Danço como se a minha vida dependesse disso, mordendo os lábios de maneira sedutora, tanto com uma intenção erótica quanto para ajudar na concentração, e olho nos olhos dela, desafiante, lançando um desafio para que ela busque outra direção. Mas é o que ela faz. Dou uma volta, retorno ao seu campo de visão e mando ver. Danço como se calçasse os Sapatinhos Vermelhos, e penso que talvez eu esteja certo, talvez seja por causa dessa cueca que minha mãe me deu, a Cueca Vermelha, mas seja lá o que for, estou dançando como James Brown. Tenho funk e soul e uma bolsa novinha em folha, sou o homem que mais trabalhou no *show business* e sou uma máquina feita especialmente para o sexo, deslizando e rodando em 360, 720 graus e uma vez até em 810 graus, o que me deixou virado para o lado errado e desorientado. Mas, tudo bem, porque James Brown está dizendo para sentir a batida, e eu sinto, seja lá que batida for, e, enquanto isso acontece, minha mão vai arrancar o cartão de papelão branco do meu pescoço, num gesto de desprezo pelas instituições religiosas, e o jogar no chão, no meio de um grupo de pessoas que formaram um círculo ao meu redor, aplaudindo, rindo e apontando com pasma admiração enquanto volteio e giro e toco o chão, meu casaco esvoaçando ao redor de mim. Meus óculos embaçaram um pouco e não consigo ver o rosto de Kate Bush entre eles. Só um relance daquela biscate judia de cabelos pretos, aquela tal de Rebecca, mas é tarde demais para parar de dançar, porque James Brown está pedindo para sacudir o meu ganha-pão, sacudir o meu ganha-pão, e preciso pensar um pouco porque não sei exatamente qual é o meu ganha-pão. Minha cabeça? Não, minha bunda, claro. Então, balanço a bunda da melhor maneira possível, ungiendo a multidão ao redor com suor, como um cachorro molhado, e, de repente, soam estridentes buzinas e a música acabou e eu.

Estou.

Esgotado.

Procuro o rosto dela em meio ao entusiasmo da multidão, mas ela com certeza foi embora. Sem problema. O importante é ter deixado uma boa impressão. Nossos caminhos vão se cruzar outra vez, amanhã, às 13h, no teste para o Desafio.

Agora, chega o momento das músicas lentas e românticas, como “Careless Whisper”, para dançar de rosto colado, mas todo mundo é muito maneiro ou está bêbado demais para dançar. Por isso, decido que está na hora de ir dormir. No caminho da saída pelo corredor, dou uma passada no banheiro. Minha camisa está colada de suor no corpo e aberta até o umbigo, o cabelo está emplastrado na testa e todo meu sangue subiu à cabeça, em especial para a minha acne, mas ainda assim acho que, no geral, minha aparência está muito boa. O recinto começa a girar e eu apoio a testa no espelho à minha frente para fazer ele parar enquanto faço xixi, e de um dos cubículos vem um cheiro de maconha e duas vozes baixas dando risadinhas. Nisso, soa a descarga e saem duas biscates, uma mulher com o rosto suado, arrumando o shortinho, e a outra é um jogador de rúgbi de ombros largos. Os dois estão com o rosto sujo de batom. Olham para

mim com um ar desafiador, provocando-me a dizer alguma coisa, mas estou cheio de júbilo e paixão e amor pela completa e alegre imprudência da juventude. Por isso, só dou um sorriso sonso para eles.

— A ironia é que eu *sou* vigário mesmo! — digo.

— Ah, vai se foder! — responde o cara.

PERGUNTA: O Livro IX de *O prelúdio* de Wordsworth contém a seguinte exortação: “Felicidade estava na alvorada de estar vivo...”?

RESPOSTA: “Porque ser jovem era o paraíso”.

Em termos de novas alvoradas, esta é tão deprimente quanto qualquer outra.

Nem é mais alvorada: são 10h26. Achei que, no meu primeiro dia aqui, acordaria cheio de saúde, sabedoria e vigor acadêmico, mas só sinto o mesmo de sempre: vergonha, nojo de mim mesmo, náusea e uma vaga sensação de que acordar não precisava ser sempre assim.

Também estou muito indignado, porque, com certeza, alguém entrou no meu quarto enquanto eu dormia e encheu minha boca de feltro e pisoteou a minha cabeça. Está muito difícil me mexer; então, permaneço deitado por um momento contando quantas noites consecutivas já fui para a cama bêbado e acabo com o número aproximado de 103. E teriam sido mais noites ainda, não fosse o último ataque de amidalite. Contemplo a ideia de que, talvez, eu seja alcoólatra. Tenho isso de vez em quando, a necessidade de me definir como uma coisa ou outra, e, em vários momentos da vida, já me perguntei se sou gótico, homossexual, judeu, católico ou maniaco-depressivo, se sou adotado ou tenho um buraco no coração, ou se tenho a habilidade de mover objetos com o poder da mente, e sempre, infelizmente, chego à conclusão de que não sou nenhuma das alternativas acima. O fato é que, na verdade, não sou *nada*. Nem mesmo um “órfão”, não no sentido estrito, mas “alcoólatra” parece mais plausível até agora. Que outro nome se dá a alguém que vai para a cama bêbado todas as noites? Ainda assim, talvez alcoolismo não fosse a pior coisa do mundo; pelo menos, metade das pessoas nos cartões-postais na parede ao meu lado é alcoólatra. O segredo, suponho, é ser alcoólatra sem deixar isso afetar seu comportamento ou seu desempenho acadêmico.

Ou, talvez, tenha lido romances demais. Nos romances, os alcoólatras são sempre atraentes e engraçados, encantadores e complexos, como Sebastian Flyte ou Abe North em *Suave é a noite*, e bebem por causa de uma profunda e insaciável tristeza da alma, ou devido ao terrível legado da Primeira Guerra Mundial, enquanto eu só fico bêbado porque tenho sede, e o gosto da cerveja me agrada, e porque sou um imbecil que não sabe quando parar. Afinal, não dá para pôr a culpa nas Ilhas Falklands.

E, com certeza, cheiro como um alcoólatra. Em menos de 24 horas, o novo quarto já começou a feder. É o cheiro de “garotos” da minha mãe — quente e salgado, um pouco como a parte interna da pulseira de um relógio de pulso. De onde vem esse cheiro? Será que eu sempre o carrego por aí comigo? Eu me sento na cama e encontro a camisa da noite passada no chão ao meu lado, ainda encharcada de suor. Até minha jaqueta está úmida. Um rápido lampejo de lembranças reprimidas vem à tona... Alguma coisa envolvendo... dançar? Eu me

deito de novo e cubro a cabeça com o edredom.

No fim, é o futon que me força a levantar. Parece ter ficado mais compacto durante a noite e sinto o chão duro e frio na minha coluna, mais ou menos como estar deitado numa toalha úmida que ficou dentro de um saco plástico por uma semana. Sento-me na beirada, com os joelhos embaixo do queixo e procuro minha carteira nos bolsos. Está lá, mas é preocupante que só tenha 5,18 libras em trocados. Isso tem que durar até segunda, três dias. Quantas cervejas tomei ontem à noite? E, oh Deus, de novo as lembranças reprimidas, borbulhando na superfície como um peido na banheira. Dançar. Eu me lembro de ter dançado no meio de algumas pessoas. Mas isso não pode estar certo, pois eu danço como uma pessoa tendo um ataque epilético, e os outros estavam sorrindo e aplaudindo e me incentivando.

E, então, compreendo, com terrível clareza, que *os aplausos eram irônicos*.

\* \* \*

O prédio do Grêmio Estudantil é um trambolho feio e ostentoso de camadas de concreto, fincado no meio de um organizado conjunto de casas geminadas georgianas, como um dente careado. Nesta manhã, não para de entrar e sair gente pelas portas de vaivém, pessoas sozinhas ou em grupinhos fechados com os melhores amigos de outrora, pois hoje é o último dia da Semana dos Calouros, e não tem aula até segunda. Por isso, é a nossa oportunidade para integrar uma Sociedade.

Eu me inscrevo na Sociedade Francesa, na Sociedade de Cinema, na Sociedade de Literatura, na Sociedade de Poesia e na equipe de redação das três revistas estudantis. A literária *Scribbler*, a irreverente e lasciva *Tattle* e a sisuda militante de esquerda *By Lines*. Entro para a Sociedade da Câmara Escura (“Junte-se a nós e veja o que aparece!”), mesmo sem ter uma câmera fotográfica, e pensei em me inscrever na Sociedade Feminista, mas, na fila de inscrição, sou fulminado pelo olhar afrontoso de uma menina que parece a Gertrude Stein e começo a achar que entrar para a Sociedade Feminista seja um pouco demais. Já cometi esse erro uma vez numa viagem da escola ao Victoria and Albert Museum, quando segui uma placa dizendo “Mulheres”, pensando que era uma exposição das mudanças dos papéis da mulher na sociedade e acabei indo parar na fila do banheiro feminino. Enfim, resolvo desistir da Sociedade Feminista, pois, mesmo sendo um grande adepto do movimento de libertação das mulheres, não estou inteiramente certo de que não seria apenas um modo de conhecer garotas.

Passo depressa pelos suéteres caretas em tons pastel da Sociedade de Badminton, antes que alguém perceba meu blefe. Depois disso, aceno para Josh, rodeado de companheiros na fila da Sociedade dos Sarados da Alta Classe, ou seja lá o que for. É alguma coisa a ver com esquiar, beber, assediar mulheres e ter pontos de vista de extrema-direita.

Resolvo também não entrar para a Sociedade de Teatro. Assim como a Sociedade Feminista, é uma ótima maneira de conhecer garotas, mas a parte



ruim é que, em geral, é só uma artimanha para fazer a gente participar de uma peça. Nesse semestre, a Sociedade de Teatro vai produzir *Charley's Aunt*, *Antígona*, de Sófocles, e *Equus*, e sei que seria escalado como integrante do coro grego, vestido com lençóis de cama esfarrapados e máscaras de papel machê com todo mundo gritando ao mesmo tempo. Ou então seria um daqueles pobres coitados de *Equus* que passam a noite inteira usando malhas e cabeças de cavalo feitas de cabides. Bem, Sociedade de Teatro, obrigado, mas não. Além do mais, fiquem sabendo que, no meu último ano na escola, interpretei Jesus em *Godspell* e, depois que você é chicoteado e crucificado na frente da escola toda, não há muito mais aonde ir em termos de atuação. Tone e Spencer riram o tempo inteiro, claro, e gritaram “Mais! Mais!” durante as 40 chibatadas, mas todo mundo falou que foi uma interpretação comovente.

Quando penso já ter visto todas as Sociedades possíveis, vou atrás da misteriosa garota de ontem à noite, mas só Deus sabe o que vou fazer se a encontrar. Certamente, não dançar. Dou duas voltas no salão de esportes, sem sinal dela. Então, subo um andar até o local onde acontece o aquecimento para o Desafio, para confirmar a sala e a hora. E lá está o cartaz na porta: *Responda corretamente! Só as melhores cabeças devem se inscrever.* “Você acha que tem chance?”, perguntou ela ontem. “Talvez a gente se veja lá?”, reafirmou. Será que estava falando sério? E, se estava, onde ela está? Como estou uma hora adiantado, decido voltar ao salão de esportes para dar uma outra olhada ao redor.

Descendo as escadas, passo pela garota judia de cabelos pretos da noite passada; acho que é Jessica, não? Está no meio de um bando de homens magros e pálidos em jaquetas Harrington e jeans pretos justos distribuindo panfletos do Partido Socialista dos Trabalhadores e todos parecendo muito zangados. Por isso, eu me aproximo num espírito de solidariedade e digo:

— Saudações, camarada!

— Bom dia, pé de valsa — resmunga ela, sem achar graça no meu punho fechado, com toda a razão, pois não é nada engraçado. Volta a distribuir os folhetos. — Acho que a Sociedade de Dança está por ali em algum lugar.

— Oh, Deus, foi tão ruim assim?

— Vamos dizer que eu fui a favor de pôr um lápis entre os seus dentes para você não morder a língua e perder um pedaço dela.

Dou uma risada depreciativa e balanço a cabeça como que dizendo “estou bravo comigo mesmo”, mas ela não sorri e eu continuo:

— Quer saber, a vida me ensinou duas coisas: a *primeira* é a não dançar quando se está bêbado!!! — ... silêncio... — Aliás, será que eu posso pegar um panfleto?

Ela me lança um olhar enigmático, intrigada pela minha profundidade velada.

— Tem certeza de que não seria um desperdício de papel?

— De jeito nenhum.

— Então, você já é membro de algum partido político?

— Ah, eu estou na Campanha de Desarmamento Nuclear.

— Isso não é um partido político.

— Então você acha que políticas de defesa não são um problema político? —

retruco, gostando de como aquilo soa.

— Política é economia, pura e simples. Grupos de pressão focados numa só questão, como o CDN ou o Greenpeace, têm um papel válido e importante a desempenhar, mas dizer que baleias são grandes e legais ou que um holocausto nuclear é asqueroso não são posicionamentos políticos; é uma obviedade. Além do mais, num verdadeiro estado socialista, os militares perderiam automaticamente o direito de...

— Como acontece na Rússia? — interrompo.

*Ahá!*

— A Rússia não é socialista, na verdade.

*Oh...*

— Ou Cuba? — insisto.

*Touché!*

— Sim, se você preferir. Como em Cuba.

*Hum...*

— Ah, então Cuba não tem um exército? — insinuo.

*Boa recuperação.*

— Na verdade, em termos de Produto Interno Bruto, não. Cuba gasta 6% dos impostos em defesa, comparados aos 40% dos Estados Unidos. — Ela só pode estar inventando tudo isso. Nem Fidel Castro sabe essas coisas. — Se não estivesse sob constante ameaça norte-americana, Cuba não precisaria gastar nem esses 6%. Ou será que você perde noites de sono preocupado com uma invasão de Cuba?

Desconfiar que ela está inventando esses dados seria coisa infantil, então só digo:

— E aí, ganho um folheto ou não? — Relutante, ela me entrega um panfleto.

— Se for radical demais para você, o Partido Trabalhista é logo ali. Ou você pode fazer o serviço completo e se filiar aos Conservadores.

Ela diz isso como se fosse um bofetão. Eu levo um tempo para absorver e, enquanto penso no que dizer, a garota vira as costas e continua a distribuir panfletos. Tenho vontade de puxá-la pelo ombro e dizer: “*Não vire as costas para mim, sua vaquinha melindrosa, hipócrita e intolerante, porque o trabalho do meu pai acabou com a vida dele, mais ou menos, então não venha me dar aulas sobre Cuba, porque meu dedo mindinho tem mais noção dessa merda de injustiça social do que você e toda a sua gangue de burgueses estudantes de arte complacentes, convencidos e presunçosos juntos.*” Quase digo mesmo, mas o que eu resolvo falar é:

— Você não acha o nome do seu partido meio pretensioso?

Ela se vira bem devagar, aperta os olhos e diz:

— Escute aqui. Se você quiser se comprometer com ardor em se opor ao que a Thatcher está fazendo com o país, junte-se a nós. Mas, se só estiver interessado em fazer piadinhas de nível escolar e comentários banais, acho que podemos nos virar muito bem sem você, muito obrigada.

Ela está certa, claro. Por que parece que estou sempre sendo irônico e nunca consigo ser convincente quando falo de política? Não me *sinto* irônico a esse respeito. Gostaria de expressar isso numa conversa adulta e inteligente, mas

surgiu uma discussão entre um garoto magricela de jeans preto e alguém da Classe de Guerra. Por isso, penso melhor e sigo meu caminho.

PERGUNTA: Criada pelo psicólogo alemão William Stern, qual foi a controversa mensuração definida como a proporção entre a idade mental de uma pessoa e sua idade física, multiplicada por 100?

RESPOSTA: Q1.

Volto ao andar de cima, para a Sala de Reuniões nº 6, e um homem alto e bonito está dispondo mesas e cadeiras para o teste, mais ou menos umas 30, com um ar de oficialidade burocrática. É bem mais velho que eu, 21 ou 22 anos, alto e vestindo um moletom vinho da universidade, bronzeado, de uma beleza suave e cabelo curto muito bem penteado, louro-avermelhado, o tipo de cabelo que parece ter sido moldado em um bloco de plástico. Fico observando-o por um tempo pela porta de vidro. Ele parece um astronauta, se a Grã-Bretanha tivesse astronautas, ou um boneco de ação nada ameaçador. O que me intriga é que acho que eu me lembro dele de algum lugar...

Ele percebe que estou ali e enfio a cabeça pela fresta da porta e pergunto educadamente:

— Com licença, esta é a sala para o *Desafio Univer...?*

— Essa é sua primeira pergunta... Você não leu a placa?

— Li.

— E o que diz?

— Sala de Reuniões nº 6, 13h.

— Que horas são?

— 12h45.

— Então, presumo que isso responda à sua pergunta.

— Suponho que sim.

Sento-me do lado de fora da porta e começo a me aquecer, repassando algumas informações na cabeça: os reis e rainhas da Inglaterra, a tabela periódica, os presidentes americanos, as leis da termodinâmica, os planetas do sistema solar, por via das dúvidas; técnica básica de exame. Verifico se tenho lápis e caneta, um lenço, uma caixinha de Tic Tac e fico esperando os outros concorrentes. Depois de dez minutos, ainda sou o único ali, e fico olhando o cara sentado na mesa do professor separando e grampeando os questionários com toda a solenidade. Imagino que seja alguém muito importante no comitê do *Desafio Universitário* e está inebriado pelo poder que tudo isso emana, mas tenho de me ater ao lado bom dele; então, exatamente às 12h58, nem um minuto mais cedo, eu me levanto e entro na sala.

— Tudo bem agora?

— Tudo bem. Pode entrar. Quantos mais estão aí fora com você? — pergunta sem erguer os olhos.

— Hã... Ninguém?

— Mesmo? — Ele olha atrás de mim, pois é claro que eu não sou confiável.

— Ah, que merda! Estamos de novo em 1983. — Estala a língua em tom de reprovação e suspira, senta-se na beirada da mesa e pega uma prancheta, depois me avalia de cima a baixo, examina meu rosto e se decide por um ponto a 30cm de mim, que ele parece preferir. Solta outro suspiro de pesar.

— Oh, bem, eu sou Patrick. Qual é o seu nome?

— Brian Jackson.

— Ano?

— Primeiro ano! Cheguei ontem!

Suspiro e estalido de língua.

— Especialista em que disciplina?

— Você quer dizer que curso eu vou fazer?

— Se você prefere...

— Literatura inglesa.

— Meu Deus, mais um! Bem, ao menos você não vai desperdiçar completamente três anos da sua vida.

— Desculpe, eu...

— O que aconteceu com os matemáticos? Gostaria de saber. E com os bioquímicos? Os engenheiros mecânicos? Não me surpreende que a economia esteja indo pro buraco. Todo mundo sabe o que é uma metáfora, mas ninguém sabe construir uma usina de energia.

Eu dou risada, achando que ele está brincando, mas ele não está.

— Tenho notas altas em ciências — replico, na defensiva.

— É mesmo? Em quê?

— Física e química.

— Bem, então é isso! Um Homem do Renascimento! Qual é a Terceira Lei de Newton?

Ah, meu amigo, você vai ter que fazer muito melhor do que isso...

— A cada ação corresponde uma reação — enuncio.

A reação de Patrick também corresponde à ação, um breve e ressentido arqueio de sobrancelha antes de voltar à prancheta.

— Escola?

— Perdão?

— Eu disse “escola?”. Prédio grande, feito de tijolos, com professores dentro...

— Eu entendi a pergunta, só estava pensando no motivo de você querer saber...

— Tudo bem, Trotsky, você já disse a que veio. Tem uma caneta? Ótimo. Aqui está o seu questionário. Volto a falar com você num minuto. — Enquanto ocupo uma cadeira quase no fundo, duas outras pessoas entram na sala. — Ah, chegou a cavalaria! — comenta Patrick

A primeira colega de equipe em potencial, uma garota chinesa, causa um pouco de confusão, porque parece carregar um urso-panda nas costas. Mas uma observação mais próxima revela que não é um urso-panda de verdade: é uma mochila com um design muito engenhoso! Mostra um senso de humor excêntrico, suponho, mas não vai aumentar suas chances em um sério e avançado teste de conhecimentos gerais. De qualquer modo, na sua conversa

com Patrick, fico sabendo que o nome dela é Lucy Chang, que está no segundo ano do curso de medicina e que, talvez, leve vantagem sobre mim nas perguntas de ciência. Seu inglês parece bem fluente, apesar de falar incrivelmente baixo e com um leve sotaque americano. O que dizem as regras sobre outras nacionalidades?

O próximo concorrente é um cara grande, que fala alto, de Manchester, vestindo uniforme do exército verde-oliva, coturnos e uma mochilinha azul da RAF na cintura com uma incoerente insígnia da CDN desenhada com tinta impermeável. Patrick conduz a entrevista com uma civilidade ressentida, de suboficial para cabo, e ficamos sabendo que o nome dele é Colin Pagett, de Rochdale, aluno do terceiro ano de política. Ele olha ao redor da sala, acena com a cabeça e esperamos em silêncio remexendo nossas canetas, sentados o mais distante possível uns dos outros dentro do permitido pelas leis da geometria, esperando 10, 15 minutos, até se tornar absolutamente claro que ninguém mais iria aparecer. Onde ela está? Ela disse que viria. Será que aconteceu alguma coisa?

Enfim, o Astronauta Patrick suspira, fica de pé atrás da mesa e anuncia:

— Certo, então vamos começar? Meu nome é Patrick Watts, de Aston-Under-Lyme. Estou cursando economia e sou o capitão da equipe deste ano do *Desafio Universitário* — ...espere aí, quem...? — Quem costuma assistir ao programa talvez me reconheça do torneio do ano passado.

É isso! É daí que eu o conheço. Lembro-me de ter assistido ao episódio com a maior atenção porque estava preenchendo meu formulário da UCCA e queria saber qual era o padrão. Lembro-me de ter considerado, na época, que era uma equipe muito ruim, e sem dúvida esse Patrick ainda mantém cicatrizes emocionais, pois olha para o chão com uma expressão envergonhada à menção do episódio.

— Realmente não foi uma performance impecável. — Se me lembro bem, eles foram eliminados na primeira rodada, contra oponentes fracos também. — Mas estamos muito esperançosos quanto às nossas chances esse ano, em especial com tanto... material bruto... e promissor.

Os três olham ao redor da sala, uns para os outros e para as fileiras de carteiras vazias.

— Bem, sem mais delongas. Vamos começar o teste. É uma prova escrita, com 40 questões. Abrange diversas áreas de conhecimento, semelhantes àquelas que vamos enfrentar no programa. No ano passado, estávamos particularmente fracos na área de ciências — ele olha para mim —, e quero garantir que não vamos nos focar só em artes dessa vez..

— E vai ser um time de quatro pessoas, né? — pergunta o cara de Manchester.

— Exatamente.

— Bem, se esse é o caso... *nós* somos o time.

— Bem, sim, mas precisamos garantir que estamos de acordo com o padrão apropriado.

Mas Colin não deixa barato.

— Por quê?

— Porque, se não for assim, vamos perder de novo...

— E...?

— Bem, se perdermos de novo... Se perdermos de novo... — e a boca de Patrick se mexe sem emitir palavras, abrindo e fechando como a de um peixe morrendo.

É a mesma expressão que ele fez em rede nacional no ano passado, quando errou as respostas de perguntas perfeitamente simples sobre os lagos do Leste Africano: o mesmo olhar assombrado, com todos os presentes na plateia sabendo a resposta e tentando soprar: “Lago Tanganica, Tanganica, seu idiota.”

Nesse momento, um barulho na porta chama sua atenção — um grupo de garotas sorridentes imprensadas contra o vidro, uma explosão de risadas abafadas, uma refrega e ela é jogada para dentro da sala por alguém que não deu para ver e fica parada, rindo sem jeito, tentando se recompor, olhando para nós quatro ao redor.

Juro que, por um momento, achei que todo mundo ia se levantar.

— Ops! Desculpe, pessoal!

Ela fala um pouco enrolado e parece meio desequilibrada. Será que bebeu antes de vir fazer a prova?

— Desculpem... Estou muito atrasada?

Patrick passa a mão pelos cabelos de astronauta, umedece os lábios e diz

— De modo algum. Bem-vinda a bordo... Hã...?

— Alice. Alice Harbinson.

Alice. Alice. Claro que ela é uma Alice. Que outro nome poderia ter?

— Tudo bem, Alice. Por favor, sente-se... — Ela olha ao redor e sorri para mim, anda em minha direção e se senta na carteira bem atrás da minha.

\* \* \*

As primeiras questões são bem fáceis, geometria básica e algumas coisas sobre os Plantageneta, só para aquecer a gente, mas está difícil me concentrar, porque Alice fica fazendo barulhos de congestão nasal atrás do meu ombro. Olho para trás e ela está debruçada sobre o questionário, o rosto vermelho, estremeecendo de risadas reprimidas. Volto para a minha prova.

Questão 4. Como era conhecida a antiga Istambul, *antes* de ser chamada Constantinopla?

Fácil. Bizâncio.

Questão 5. Hélio, neônio, argônio e xenônio são quatro dos chamados “gases nobres”. Quais são os outros dois?

Não faço ideia. Criptônio e hidrogênio, talvez? Criptônio e hidrogênio.

Questão 6. Qual é a composição exata do aroma que emana de Alice Harbinson, e por que é tão maravilhoso?

Alguma coisa cara, floral, mas leve. Será que é Chanel nº 5? Misturado com uma pitada de sabonete de peras e cigarro Silk Cut, cerveja...

Chega. Concentre-se.

Questão 6. Qual distrito Margaret Thatcher representa no Parlamento?

Fácil. Essa eu sei, mas aí vêm aqueles barulhos de novo. Olho para trás e, dessa vez, nossos olhares se encontram. Ela faz uma careta, mexe os lábios num “desculpe” sem som e veda os lábios com um pequeno zíper imaginário. Dou um sorriso contido com um lado do rosto, como quem diz “ei, por mim tudo bem, eu também não estou levando isso a sério”, e volto ao meu teste. Preciso me concentrar. Coloco um Tic Tac na boca e pressiono os dedos na testa. Concentre-se, concentre-se.

Questão 7. Como pode ser definida a cor dos lábios de Alice Harbinson...?

Não tenho certeza; não consigo ver. Algo como um soneto de Shakespeare. Matiz de damasco ou coral ou coisa assim? Talvez eu possa dar outra olhada. Não. Não faça isso. Não olhe. Concentre-se. Cabeça baixa.

As questões 8, 9 e 10 são fáceis, mas aí vem uma série de perguntas ridiculamente difíceis de matemática e física e eu começo a me atrapalhar um pouco. Pulo duas ou três que, simplesmente, não consigo entender, mas tenho um palpite em uma sobre mitocôndrias.

— Psii...

Questão 15. A energia liberada pela oxidação dos produtos do metabolismo citoplasmático é convertida em trifosfato de adenosina...

— Psssssssiu...

Alice está debruçada na carteira com os olhos arregalados, tentando me passar alguma coisa na mão fechada. Verifico se Patrick não está olhando, estico a mão para trás e sinto um pedacinho de papel pressionado na minha mão como uma trouxinha. Patrick ergue os olhos e logo transformo o movimento numa espreguiçada, os braços acima da cabeça e, quando a barra está limpa, desdobro o bilhete. O texto diz: “*Sua beleza estranha e desnaturada me intriga. Quanto tempo vou ter de esperar para sentir os seus lábios nos meus...?*”

Ou, mais precisamente: “*Ei, nerd! Me ajude! Sou muito BURRA e estou BÊBADA. Por favor, me salve de uma humilhação TOTAL. Quais são as respostas da 6, 11, 18 e 22? E a 4 é Bizâncio, certo? Desde já, agradeço, colega. Ass.: A lesada atrás de você. P.S.: Se me dedurar para o professor, eu te mato.*”

Ela está pedindo para eu dividir o meu conhecimento geral com ela, e, se isso não é uma cantada, não sei o que é. Claro que colar numa prova é terrível, e, se fosse qualquer outra pessoa, não me envolveria, mas se trata de uma circunstância excepcional e, por isso, confiro as questões, viro o papel e escrevo no verso: “*Nº 6 é Flichley; na 11, talvez seja As pedras de Veneza, de Ruskin; na 18, talvez seja O gato de Schrödinger; e a 22 eu também não sei. Diaghilev? E, sim, a 4 é Bizâncio.*”

Leio e releio várias vezes. Um tanto seco em termos de carta de amor. Gostaria de dizer algo mais tentador e provocante sem ter que escrever só “você é linda”. Então, penso um minuto, respiro fundo e escrevo: “*A propósito, você fica me devendo uma! Um café depois? Boa sorte. Nerd*” — e, antes que me arrependa, eu me viro na cadeira e ponho na mesa dela.

Questão 23. Baleias da subordem misticeta desenvolveram estruturas especializadas para alimentação chamadas...?

Barbatanas.

Questão 24. Qual estilo de verso francês, utilizado por Corneille e Racine,



consiste em uma linha de doze sílabas, com grande enfoque na sexta e na última sílabas?

Alexandrino.

Questão 25. Aumento dos batimentos cardíacos, suor frio e sensação de intensa euforia costumam ser sintomas de que condição emocional?

Sem essa, abaixe a cabeça, concentre-se. É o Desafio, lembra?

Questão 25. Quantos vértices tem um dodecaedro?

Bem, dode é 12. Então, são 12 faces, o que significa 12 vezes quatro se separar todas, o que dá 48, mas aí tem que tirar o número de cantos compartilhados que seriam o quê? 24? Por que 24? Porque cada vértice é uma junção de três faces planas? São 16 vezes três igual a 48. Dezesesseis vértices? Não existe uma fórmula para isso? E se eu desenhasse?

Estou tentando desenhar um dodecaedro desconstruído quando uma bolinha de papel é arremessada por cima da minha cabeça e quica na carteira. Consigo pegar antes que role pela beirada, abro o bilhete e leio: “*Tudo bem. Mas você tem de prometer que não vai dançar.*”

Sorrio comigo mesmo, tento parecer indiferente e não me viro para ela, pois, afinal, sou desse jeito, um cara maneiro, e volto a desconstruir o meu dodecaedro.

PERGUNTA: Se incandescência é a luz emitida por um material quente, qual é o termo para a luz emitida por um material relativamente frio?

RESPOSTA: Luminescência.

— Achei que você não ia me reconhecer sem o colarinho de padre!

— O quê? Ah, não. Já não tinha reconhecido antes... — ela responde.

— Então... Alice!

— Isso mesmo.

— Como no País das Maravilhas?

— Uh-hum — confirma ela, olhando para a saída.

Estamos numa mesinha de mármore no Le Paris Match, um café que se esforça muito para ser francês. Cadeiras de madeira e “autênticos” cinzeiros Ricard, pôsteres com reproduções de quadros de Toulouse-Lautrec e *croque monsieur* no menu em lugar de misto-quente. Está cheio de estudantes de camisas polo pretas e calças jeans 501 envolvidos em intensas conversas por cima de *pommes frites* e balançando os cigarros como se fossem Gitane e não Silk Cut. Não conheço a França, mas será que é assim mesmo?

— E foi por causa de *Alice no País das Maravilhas* que você ganhou esse nome?

— É o que me disseram. — Pausa. — E você? Por que seu nome é Gary?

Paro por um momento, penso em inventar uma observação interessante e divertida sobre a razão de meu nome ser Gary, mas decido que é mais fácil dizer a verdade.

— Na verdade, meu nome é Brian.

— É claro. Desculpe... Quis dizer Brian.

— Não sei. Acho que não tem nenhum Brian na literatura. Nem Gary, pensando bem. Aliás, não tem um Gary em *Os irmãos Karamázov*? Gary, Keith e...

— ...e Brian! Brian Karamázov! — completa ela, rindo, e eu também dou risada.

Na verdade, hoje está sendo um grande dia para mim, não só por estar aqui com Alice Harbinson, rindo do meu próprio nome, como também por estar tomando meu primeiro *cappuccino*. Eles tomam *cappuccino* na França? De qualquer modo, não é ruim; um pouco como o café com leite que eles fazem no pier de Southend por 35 pence, sem os pequenos glóbulos amargos de café instantâneo não dissolvidos na superfície, que aqui é uma espuma almiscarada cheia de canela. Falha minha. Exagerei um pouco achando que era chocolate em pó; por isso, o aroma lembra um pouco uma axila quente e úmida. Mas espero que o *cappuccino* seja um pouco como sexo e que, talvez, goste mais da segunda vez. Mas, a 85 pence cada um, não sei se vai haver uma segunda vez. Um pouco

como sexo.

Outra vez. Sexo e dinheiro. Pare de pensar em sexo e dinheiro. Principalmente em dinheiro. É horrível estar aqui com essa mulher incrível e só conseguir pensar no preço da xícara de café. E em sexo.

— Estou morrendo de fome — diz ela. — Vamos fazer um lanche? Uma batata frita ou algo assim?

— Perfeito! — concordo e consulto o cardápio. Pagar 1,25 libra por uma travessinha de batata frita? — ...Na verdade, não estou com muita fome, mas pode pedir.

Ela acena para o garçom, um magricela com topete de Jim Morrissey e, pelo jeito, também estudante, e ele vem e cumprimenta Alice com um sincero e amigável “E aí?!” por cima da minha cabeça.

— Olá! Como estamos hoje?

— Tudo bem. Mas eu preferia não estar aqui. Turno dobrado.

— Oh, Deus. Coitado de você! — diz ela, tocando o braço dele em solidariedade.

— E você, tudo bem? — pergunta o garçom.

— Tudo bem, obrigada.

— Você está muito bonita, se me permite.

— Ah, puxa! — diz Alice cobrindo o rosto com as mãos.

*Zut alors.*

— Então, o que vai querer? — pergunta ele, afinal, lembrando a razão de estar ali.

— Pode ser uma porção de *pommes frites*?

— *Absolument!* — confirma o garçom, e meio que corre até a cozinha para preparar as preciosas batatas fritas folheadas a ouro.

— De onde vocês se conhecem? — pergunto, quando ele se afasta.

— Quem? O garçom? A gente não se conhece.

— Oh!

Paíra um silêncio. Tomo um pouco do meu café e limpo o pó de canela do nariz com as costas da mão.

— Então... Achei que você não ia me reconhecer sem o colarinho de padre!

— Você já disse isso.

— É mesmo? Eu faço isso às vezes. Fico confuso sobre o que disse ou não disse, ou me pego falando em voz alta coisas que só queria dizer na minha cabeça, se é que você me entende...

— Entendo *perfeitamente* — diz ela, segurando meu braço — *Sempre* fico confusa e digo coisas sem pensar... — Até que ela está tentando ser legal, estabelecendo uma coisa em comum entre nós, mas eu não acredito nisso nem por um segundo. — Juro que não sei o que estou fazendo na metade do tempo...

— Eu também. Como a dança de ontem à noite...

— Ah, sim... — diz ela, franzindo os lábios — A dança...

— É, me desculpe... Eu estava um pouco bêbado, para falar a verdade.

— Não, você estava ótimo. Você dança bem!

— Até parece! — comentário. — Sabe, me admira ninguém ter tentado pôr um lápis na minha boca!

Ela me lança um olhar de dúvida.

— Por quê?

— Bem... para eu não morder a língua e arrancar um pedaço dela? — Ainda nada. — Sabe... Como um... ataque epiléptico!

Mas ela não diz nada, só toma um pouco mais de café. Oh, meu Deus, talvez eu a tenha ofendido. Talvez ela conheça um epiléptico. Talvez haja epilepsia na família dela! Talvez *ela* seja epiléptica...

— Você não está com calor com essa jaqueta? — pergunta ela, e o garçom chega com as requintadas batatas fritas, mais ou menos umas seis, arranjadas artisticamente num grande suporte para ovo cozido, depois fica rondando, sorrindo, cheio de si, tentando puxar papo, mas eu continuo falando.

— Sabe, se a vida me ensinou duas coisas até agora, uma delas é jamais dançar bêbado.

— E a segunda?

— Nunca tentar usar leite num sifão.

Ela ri. O garçom se retira reconhecendo a derrota. Continuo a conversa.

— ...Não sei o que eu estava fazendo. Pensei em preparar uma incrível bebida leitosa batida, mas já existe leite batido... — (pausa, um gole) — ...É iogurte!

Às vezes, acho que seria capaz de vomitar de propósito, sério.

Depois, a gente conversa um pouco mais e ela come as batatas fritas, mergulhando-as numa poça de ketchup, e tudo fica meio parecido com as tardes naquele café de *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*, de T. S. Eliot, só que a comida é mais cara. “*Arrisco-me a experimentar um pêssego? Não a esses preços...*”. Descubro mais coisas sobre ela. É filha única, como eu — algo a ver com as trompas uterinas da mãe, ela acha, mas não tem certeza. Não se importa de ser filha única, o que significa que sempre foi uma ávida leitora e estudou num internato, o que, politicamente, não é muito *correto*, ela sabe, mas, mesmo assim, gostou e foi representante de turma. É muito ligada ao pai, que faz documentários de arte para a BBC e a deixa estagiar lá nas férias, e já encontrou Melvyn Bragg em muitas, muitas ocasiões, e parece que ele é muito engraçado na vida real e bem *sexy*. Também gosta da mãe, claro, mas as duas discutem muito, talvez por serem tão parecidas, e a mãe trabalha meio expediente na Tree Top, uma organização beneficente que constrói casas em árvores para crianças carentes.

— Mas elas não ficariam melhor morando com os pais? — pergunto.

— Como?

— Bem... Crianças morando em árvores sozinhas... Isso *deve* ser perigoso, não?

— Não, não... Elas não *moram* nas casas das árvores. É só uma atividade de férias de verão.

— Ah, tá. Entendi...

— A maioria dessas crianças de lares carentes só tem um dos pais e nunca passou férias com a família na vida! — Meu Deus, ela está falando de *mim*! — É uma coisa fantástica. Você poderia participar no próximo verão, se não tiver nada para fazer.

Concordo com a cabeça, entusiasmado, mas não sei bem se ela está me convidando para umas férias ou para um trabalho voluntário.

Então Alice me conta suas férias de verão. Foram passadas em parte com as crianças carentes e agitadas nas casas das árvores. O resto do tempo foi dividido entre as casas em Londres, Suffolk e Dordogne e, depois, na apresentação com o grupo de teatro da escola no Festival de Edimburgo.

— Que peça vocês montaram?

— *A alma boa de Setsuan*, de Bertold Brecht. — Sim, está claro o papel que ela representou, não? É uma bela oportunidade para usar a palavra “epônimo”.

— E quem interpretou o epônimo...?

— Ah, fui eu — responde.

Sim, sim, claro que foi você.

— E como foi?

— Como assim?

— Foi bem?

— Ah, acho que não. Embora o *The Scotsman* tenha achado que sim. Você conhece alguma coisa da peça?

— Ah, sim, conheço muito bem — minto. — Na verdade, montamos *O círculo de giz caucasiano*, do Brecht, na minha escola no ano passado — faço uma pausa, beberico o *cappuccino*. — Eu era o giz.

Meu Deus! Acho que eu vou vomitar!

Mas ela dá risada e começa a falar dos desafios de interpretar o personagem central de Brecht e aproveitou a oportunidade para observar Alice sóbrio e sem os óculos suados pela primeira vez, e ela é mesmo linda. Com certeza, é a primeira mulher realmente linda que já vi, sem contar arte renascentista e televisão. Na minha escola, as pessoas diziam que Liza Chambers era linda, mas, na verdade, queriam dizer que era “tesuda”, mas Alice é linda de verdade, com uma tez aveludada que parece não ter poros e reluzindo com uma luminescência orgânica embaixo da pele. Ou será que estou querendo dizer “fosforescente”? Ou “fluorescente”? Qual é a diferença? Vou pesquisar depois. Não importa... Parece que ela está sem maquiagem nenhuma, ou, o mais provável, com uma maquiagem discreta que parece não existir, a não ser talvez nos olhos, pois ninguém tem cílios assim na vida real, tem? E os olhos... castanho não é bem a palavra, está mais para pardo e opaco, não consigo pensar numa cor melhor, mas são saudáveis e brilhantes, e tão grandes que dá para ver toda a íris, salpicada de verde. A boca é carnuda, cor de morango, como a da Tess Derbyfield. Só que uma Tess feliz e equilibrada, que, graças a Deus, descobriu que, afinal, é, de fato, uma D’Urberville. E o melhor de tudo é uma pequena cicatriz branca no lábio inferior, que imagino que tenha adquirido em algum angustiante incidente de infância, enquanto colhia frutas silvestres. O cabelo é cor de mel e levemente cacheado, puxado para trás num estilo que pode ser definido como “pré-rafaelita”. Ela parece saída do... qual é mesmo o termo de T. S. Eliot? Quattrocento. Ou será de Yeats? E se refere ao século XIV ou XV? Vou pesquisar isso também quando voltar. Lembrete mental: pesquisar “Quattrocento”, “damasco”, “pardo”, “luminescente”, “fosforescente” e “fluorescente”.

Agora, ela está comentando a festa do dia anterior, como foi terrível, dos

homens execráveis que conheceu, homens sem estilo, sem pescoço, uns grosseiros que só entendem de rúgbi. Inclina-se para a frente enquanto fala, as pernas longas enlaçadas na cadeira, toca meu antebraço para enfatizar um argumento, olha nos meus olhos como que me desafiando a olhar para outro lugar, e também tem a mania de mexer nos brincos de bolinha de prata enquanto fala, o que indica uma atração subconsciente por mim, ou pode ser que o furo esteja inflamado. De minha parte, estou ensaiando algumas novas posturas e expressões faciais, sendo que uma envolve me inclinar para a frente e apoiar a mão no queixo com os dedos abertos perto da boca e esfregar o queixo com um ar de sabedoria. Isso serve a vários propósitos: 1) parecer perdido em pensamentos profundos; 2) é sensual; e 3) cobre minhas piores espinhas, os aglomerados vermelhos nos cantos da boca que dão a impressão que estou babando sopa.

Ela pede outro *cappuccino*. Será que vou ter que pagar esse também? Não importa. A fita Stephane Grappelli/Django Reinhardt não para de tocar ao fundo, zumbindo ao longe como uma mosca varejeira na janela, e me sinto muito feliz só em estar ali e ouvir. Se ela tem algum defeito, e é óbvio que é uma coisa menor, é não parecer interessada em outras pessoas, ou, pelo menos, em mim. Ela não sabe de onde eu sou, não me pergunta sobre minha mãe ou meu pai, não sabe meu sobrenome... Nem sei se não continua achando que me chamo Gary. Na verdade, desde que chegamos, ela só me fez duas perguntas: “Você não está com calor com essa jaqueta?” e “Você sabe que isso é *canela*, não sabe?”.

De repente, ela diz, como se tivesse lido meus pensamentos:

— Desculpe, acho que estou falando demais. Você não se incomoda, não é?

— De jeito nenhum.

E é verdade, não me incomodo, gosto de estar ali com ela e saber que outras pessoas estão nos vendo juntos. Agora, está contando sobre uma trupe de circo búlgara incrível que viu no Festival de Edimburgo, o que parece ser uma boa hora para me dispersar e calcular a conta. Três *cappuccinos* de 85 pence, o que dá 2,55 libras, mais a batata frita, desculpe, *pommes frites*, 1,25 libra, o que corresponde a 18 pence por *pomme frite*... e então, são 25 pence mais 55 pence, que dá 80 pence, 3,80 libras, mais a gorjeta do garoto-sorriso ali, 30 pence, não: 40. Então, dá 4,22 libras, e eu tenho 5,18 libras no bolso, o que significa que vou ficar com 98 pence para viver até segunda, quando vou pegar o cheque da minha bolsa-auxílio. Deus, como ela é bonita! E se ela se oferecer para dividir a conta? Será que devo aceitar? Gostaria que ela soubesse que acredito firmemente na igualdade entre os sexos, mas não quero que pense que sou pobre ou, pior ainda, pão-duro. Mas, ainda que a gente rache a conta, vou ficar só com 3 libras. Precisarei pedir para Josh me emprestar as 10 libras da minha mãe até segunda, e isso quer dizer que eu vou ter que virar capacho dele até o recesso do Natal, limpar seu equipamento de críquete e tostar seus bolinhos ou algo assim. Espera aí! Ela está me fazendo uma pergunta.

— Você quer outro *cappuccino*?

NÃO!

— Acho que não — respondo. — Aliás, acho melhor a gente voltar... dar uma olhada nos resultados. Vou pedir a conta... — Olho em volta em busca do

garçom.

— Deixa eu contribuir um pouco — ela finge que vai pegar a bolsa.

— Não, você é minha convidada...

— Tem certeza?

— Absoluta, absoluta — confirmo, conto 4,20 libras, deixo na mesa de mármore e me sinto muito elegante.

\* \* \*

Quando saímos do Le Paris Match, percebo que está escurecendo, que estamos conversando há horas e eu nem fazia ideia. Por um tempo, até me esqueci do Desafio. Mas, agora me lembrei, e preciso me conter para não sair correndo, pois Alice prefere andar devagar. Então, voltamos ao Grêmio Estudantil na luz noturna do outono e ela pergunta:

— E, então, quem pôs você nessa história?

— Que história? No Desafio?

— É assim que você chama? O Desafio?

— Não é assim que todo mundo chama? Ah, eu achei que poderia ser divertido — minto descaradamente. — E, como lá em casa somos só eu e minha mãe, não dava para participar do *Pergunte à família...* — Achei que ela poderia mostrar algum interesse, mas ela só diz:

— As garotas do meu andar me puseram nessa história como uma espécie de trote. E, depois de duas cervejas antes do almoço, pareceu uma boa ideia. E também quero ser atriz, fazer alguma coisa na TV, como apresentadora ou algo assim, e achei que podia ser uma boa experiência na frente das câmeras, mas já não sei mais. Não chega a ser um trampolim para o firmamento em Hollywood, não é? *Desafio Universitário*. Honestamente, eu estou torcendo para não entrar e esquecer essa história doida.

Cuidado aonde pisa, Alice Harbinson, você está atropelando os meus sonhos.

— Você já pensou em seguir carreira de ator? — pergunta.

— Quem, eu? Não, eu seria terrível... — Em seguida, só para experimentar, insinuo. — Além do mais, acho que precisaria ser mais bonito para ser ator.

— Não, isso não é verdade! Tem um monte de atores que não são bonitos...

Essa eu mereci, acho.

Conforme nos aproximamos do quadro de avisos da Sala de Reunião nº 6, sinto como se estivesse indo consultar o resultado do meu exame de admissão de novo. A mesma confiança calada misturada com a medida certa de ansiedade, a noção do quanto é importante controlar a expressão facial para não parecer muito cheio de si, muito convencido. É apenas sorrir e menear a cabeça como quem já sabia e ir embora.

Chegando perto do quadro de aviso, vejo o panda da Lucy Chang espiando o resultado por cima de seu ombro, e alguma coisa na inclinação de sua cabeça me diz que ela não teve boas notícias. Dá meia-volta e se afasta, lançando-me um sorriso meigo e desapontado. Parece que Lucy não vai estar com a gente nos estúdios de Granada, o que é uma pena, pois ela parecia legal. Sorrio com

solidariedade enquanto ela vai embora e me aproximo do quadro de avisos.

Olho para o quadro.

Pisco e olho outra vez.

### SELEÇÃO PARA O *DESAFIO UNIVERSITÁRIO*

Os resultados da seleção para o *Desafio Universitário* de 1985 são os seguintes:

Lucy Chang — 89%

Colin Pagett — 72%

Alice Harbinson — 53%

Brian Jackson — 51% \*

Portanto, a equipe deste ano será composta por Patrick Watts, Lucy, Alice e Colin. Nosso primeiro ensaio será na próxima terça-feira.

Parabéns a todos os que se classificaram!

Patrick Watts.

\*(Em caso de uma emergência absoluta ou de doença com risco de morte, Brian Jackson é o nosso primeiro reserva.)

— Meu Deus! Eu não acredito que estou na equipe! — esganiça Alice, pulando e apertando a minha mão.

— Parabéns! — Consigo encontrar um sorriso e prego no rosto.

— Ei, você é que estaria no time se não tivesse me passado aquelas respostas! — esganiça. Sim, Alice, eu já tinha pensado nisso.

— O que a gente faz agora? Vamos encher a cara em algum bar? — propõe ela. Mas eu estou sem dinheiro e, de repente, não tenho mais vontade de fazer nada disso.

Não estou na equipe, tenho 98 pence no bolso e estou perdidamente apaixonado.

Perdidamente, não. Inutilmente.



## Segunda Rodada

— Ele chama os criados de valetes, esse garoto — disse Estella com desdém antes de acabarmos o primeiro jogo.

Charles Dickens, *Grandes esperanças*

PERGUNTA: George, Anne, Julian, Timmy e Dick são mais conhecidos como...?

RESPOSTA: The Famous Five.

Há três coisas que sempre esperei que fossem acontecer na universidade — a primeira era perder minha virgindade, a segunda era ser chamado para virar espião, a terceira era participar do *Desafio Universitário*. A primeira delas, a virgindade, voou pela janela duas semanas antes de eu sair de Southend, graças a um amasso bêbado e relutante apoiado numa caçamba de lixo nos fundos do Littlewoods, cortesia de Karen Armstrong. Não há muito a ser dito sobre a experiência, na verdade. A terra não tremeu, mas a caçamba de lixo sim. Depois, houve um debate se havíamos “feito certo”, o que dá uma ideia da incrível habilidade e da engenhosa destreza da minha técnica de fazer amor. Voltando para casa naquela memorável noite de verão, enquanto aproveitávamos o resto de uma garrafa morna de Merrydown pós-coito, Karen repetiu várias e várias vezes: “Não conte para ninguém, não conte para ninguém, não conte para ninguém”, como se tivéssemos feito algo realmente, verdadeiramente horrível. O que, de certo modo, acho que nós tínhamos.

Quanto à proposta de me tornar um espião do Governo de Sua Majestade, bem, mesmo deixando de lado minhas reservas ideológicas, tenho certeza de que línguas são importantes para uma carreira em espionagem, e eu só estudei francês para os exames finais. Minhas notas foram ótimas, mas, ainda assim, em termos de espionagem de verdade, isso com certeza limita minha atuação, digamos, a uma escola primária francesa, ou quem sabe, forçando a barra, a uma *boulangerie*. *Cobra Vermelha, aqui é Andorinha Negra. Já tenho os detalhes sobre os horários do ônibus escolar...*

O que me deixa com o Desafio, e agora eu consegui estragar isso também. Hoje à noite vai ser a primeira reunião, e precisei usar todo o meu poder de persuasão para conseguir ser convidado. Patrick se recusou a retornar minhas ligações e, quando afinal consegui falar com ele, a resposta que obtive foi que não era necessário que o reserva comparecesse, pois ele tinha certeza de que ninguém seria atropelado. Mas continuei insistindo e insistindo até ele ceder, porque, se eu não estiver lá, não terei chance de ver Alice, a menos que comece a espionar seu alojamento na faculdade.

E não pense que não cogitei isso também. Nos seis dias desde que nos encontramos, não a vi nem uma vez. E estive procurando. Toda vez que vou à biblioteca, eu me vejo fazendo um circuito por todas as mesas ou vagando de maneira suspeita pela seção de Artes Cênicas. Quando vou ao bar com Marcus e Josh, e estou sendo apresentado sem muito entusiasmo para algum novo James ou Hugo ou Jeremy, fico olhando para a porta por cima dos ombros deles para o caso de ela entrar. Nos intervalos das aulas, estou sempre atento, mas não vejo

signal dela, o que sugere que está tendo uma experiência universitária muito diferente da minha. Ou será que ela está saindo com outra pessoa? Talvez já tenha se apaixonado por algum belo canalha com maçãs do rosto proeminentes, um poeta nicaraguense no exílio, um escultor ou coisa assim, e passou essa última semana na cama, bebendo vinhos caros e lendo poesia em voz alta. Não pense nisso! Toque a campainha de novo.

Fico me perguntando se Patrick me deu o endereço errado de propósito, e estou a ponto de ir embora quando escuto alguém trocando escada abaixo.

— Oi! — digo com um sorriso brilhante, quando ele abre a porta.

— Olá, Brian — resmunga ele, dirigindo-se àquele ponto à direita da minha cabeça que ele parece preferir e eu o sigo pela escada até o seu apartamento.

— Então, todo mundo vem hoje à noite? — pergunto inocentemente.

— Acho que sim.

— Você falou com todo mundo?

— Uh-hum.

— Então você falou com Alice?

Ele para na escada, vira e olha para trás.

— Por quê?

— Só curiosidade.

— Não se preocupe. Alice vai estar aqui.

Ele está com seu moletom oficial da universidade de novo, o que me deixa um pouco confuso. Quer dizer, eu meio que entenderia melhor se fosse de Yale ou de Harvard ou coisa assim, pois aí seria uma escolha de estilo. Mas por que anunciar que você está numa universidade para outras pessoas que também estão nessa universidade? Será que tem medo que os outros pensem que ele só está fingindo?

Entramos no apartamento, que é pequeno e simples, lembrando um apartamento-modelo decorado de um lançamento imobiliário. Cheira a cebola e carne moída.

— Eu trouxe um vinho! — digo.

— Eu não bebo — responde ele.

— Ah, tá...

— Imagino que você vai querer um saca-rolhas. Acho que tem um em algum lugar. Você quer chá, ou vai começar direto com o seu álcool?

— Oh, álcool, por favor!

— Tudo bem. Vai entrando. Volto num minuto. Você não *fuma*, não é?

— Não.

— Porque é estritamente não fumante...

— Tudo bem, mas eu não fumo...

— OK. Bem, é por ali. Não toque em nada! — Por estar no terceiro ano e, obviamente, ter pais com dinheiro, Patrick parece ter organizado sua vida de uma maneira semiadulta: uma boa mobília, não funcional, que deve ser *dele*, televisão, vídeo, uma sala de estar que não tem uma cama, nem um fogão, nem um chuveiro. Na verdade, ele mal parece um estudante. Tudo está no lugar certo e tudo tem seu lugar, como se fosse a casa de um monge ou de um *serial killer* metucioso. Enquanto ele está procurando pelo saca-rolhas, dou uma olhada na

sala de estar. Na parede atrás da mesa, está a única decoração do apartamento, o pôster de uma praia com uma série de pegadas desaparecendo no pôr do sol e aquele poema inspirador sobre como Jesus está sempre ao seu lado. Mas é justo ressaltar que, se Jesus estivesse ao lado dele no estúdio de TV no ano passado, talvez ele tivesse conseguido mais do que 65 pontos.

A campanha toca e ouço Patrick se precipitando escada abaixo, e aproveito a oportunidade para examinar as prateleiras: quase só livros de economia, organizados em ordem alfabética, e uma versão da Bíblia Boas Novas. Na prateleira dos vídeos, *Monty Python e o Santo Graal* e *Os irmãos cara de pau* revelam o lado descontraído de Patrick Watts.

Mas, ao lado deles, há uma série de mais ou menos 20 fitas de VHS idênticas, uma prateleira de vídeos caseiros com etiquetas brancas muito bem escritas nas lombadas impecáveis. Chego mais perto para ver melhor e deixo escapar um soluço involuntário. Nas etiquetas, está escrito:

03/03/1984 — Newcastle *versus* Sussex  
10/03/1984 — Durham *versus* Leicester  
17/03/1984 — King's, Cambridge *versus* Dundee  
23/03/1984 — Sidney Sussex *versus* Exeter  
30/03/1984 — UMIST *versus* Liverpool  
06/04/1984 — Birmingham *versus* UCL

...e por aí vai: Keele *versus* Sussex, Manchester *versus* Sheffield, Open *versus* Edimburgo. Em cima das fitas vejo um porta-retratos com a frente virada para baixo. A essa altura, estou me sentindo como a personagem de *Psicose*, mas pego o porta-retratos e, sim, é mesmo uma foto de Patrick apertando a mão de Bamber Gascoigne, e percebo, com um súbito espasmo de horror, que estou no santuário de Patrick, que *entrei às cegas no covil de um louco...*

— Procurando alguma coisa, Brian?

Eu me viro já procurando uma arma. Patrick está em pé na porta, com Lucy Chang espiando por cima do seu ombro e a mochila de panda de Lucy Chang espiando por cima do ombro dela.

— Só vendo sua foto!

— Tudo bem, mas você poderia pôr de volta exatamente onde estava?

— Sim, sim, é claro...

— Lucy... Chá?

— Sim, sim, obrigada.

Patrick me lança um olhar de “não toque em nada” e volta para a cozinha. Lucy se senta na cadeira de encosto duro na mesa de Patrick, mas bem na pontinha, para não esmagar o panda. Ficamos em silêncio e sorrimos um para o outro e, sem nenhum motivo aparente, ela dá alguns risinhos nervosos. Lucy é muito pequena e arrumadinha. Usa uma blusa branca muito limpa e bem passada, abotoada até o último botão. Não que isso seja importante, mas ela é bem atraente também, apesar de sua testa dar a impressão de que o cabelo está tentando encontrar as sobrancelhas, como uma peruca que escorregou para a

frente.

Tento pensar em alguma coisa para dizer. Penso em dizer que o *Guinness: o livro dos records* diz que Chang é oficialmente o nome mais comum do mundo, mas imagino que ela já saiba disso, então eu digo:

— Ei, parabéns pela bela pontuação! Oitenta e nove pontos!

— Ah, obrigada. E parabéns a você, parabéns por...

— ...perder?

— Bem... Sim, acho que sim! — e ri mais uma vez, num tom alto e agudo. —

Parabéns por perder!

Também dou risada, por educação, e digo:

— Não tem importância. Erre outra vez, erre melhor!

— Samuel Beckett, certo?

— Exatamente — digo, pego de surpresa. — O que você está cursando mesmo?

— Ah, estou no segundo ano de medicina — responde, e eu penso: Meu Deus, ela é um gênio. Observo fascinado, enquanto ela luta para se desvencilhar de sua inovadora mochila.

— Gostei do panda — comento.

— Oh... Obrigada!

— Um pequinês, olhando por cima dos seus ombros! Ou eu deveria dizer *beijinês* olhando por cima dos seus ombros!

Ela olha para mim sem compreender, então eu tento esclarecer.

— Você trouxe esse ursinho da sua casa?

— Como?

— Você trouxe o ursinho da *sua casa*?

Ela parece confusa.

— Você quer dizer do meu alojamento?

Tenho a sensação de estar caindo.

— Não, do seu, assim... do seu *lugar de origem*.

— Ah, você quer dizer da China! Por ser um *panda*, certo? Bem, na verdade, eu sou de Minneapolis. Então, não...

— Sim, mas, *originalmente*, você é da...

— Minneapolis...

— Mas seus *pais*, eles são da...

— Minneapolis...

— Mas os pais *deles* são da...

— Minneapolis...

— É claro, Minneapolis. — Ela sorri para mim com uma delicadeza perfeita e sincera, apesar de eu ser claramente um merda racista e ignorante. — O lugar onde o Prince nasceu! — observo, em pânico.

— Exatamente! Onde o Prince nasceu — concorda ela. — Apesar de eu nunca ter conhecido o sujeito.

— Oh! — digo, e tento de novo. — Você já assistiu a *Purple Rain*?

— Não — responde a garota. — Você... Já... Assistiu... *A Purple Rain*?

— Já. Duas vezes — respondo.

— Você gostou? — pergunta ela.

- Não muito — respondo.  
— E, ainda assim, assistiu duas vezes!  
— É... — concordo, e acrescento com humor num bom sotaque americano:  
— Vai entender!

Então, graças a Deus, alguém abre a porta e entra o Grande Colin Pagett, carregando quatro garrafas de Newcy Brown e um balde de papelão do Kentucky Fried Chicken. Patrick o recepciona como um mordomo receberia um limpador de chaminés, e, no constrangedor silêncio que se segue, aproveito o tempo para ruminar sobre a complexa arte da conversação. Claro que, num mundo perfeito, gostaria de acordar de manhã com alguém me entregando uma transcrição de tudo o que vou dizer durante o dia, para fazer uma revisão e reescrever meus diálogos, cortar as observações tolas e as piadas vulgares e idiotas. Mas claro que isso não é praticável, e a outra opção, de nunca mais falar nada, também não funciona.

Então, talvez seja melhor pensar numa conversa como atravessar uma rua: antes de abrir a boca, dar um tempo, olhar para os dois lados e considerar com cuidado o que estou prestes a falar. Se isso quer dizer que a minha conversa ficaria um pouco lenta e forçada, como uma ligação telefônica transatlântica, se significa passar um pouco mais de tempo parado no meio-fio da conversa metafórica, olhando para a esquerda e para a direita, que seja, porque está claro que não posso continuar tropeçando a esmo no trânsito. Não posso continuar sendo atropelado desse jeito.

Ainda bem que agora ninguém precisa conversar, pois, enquanto esperamos Alice chegar, Patrick põe uma de suas preciosas fitas de vídeo — a grande etapa final do ano passado, e assistimos de novo à equipe de Dundee vencer, enquanto Patrick balbuciava as respostas e Colin comia seu balde de frango e, por 15 minutos, esses foram os únicos sons: Colin chupando uma coxa de galinha e Patrick resmungando no braço do sofá.

— ...Kafka... Nitrogênio... Mil novecentos e cinquenta e seis... O duodeno... Pergunta capciosa, nenhuma das opções... C.P.E. Bach...

De vez em quando, arrisco uma resposta, ou Colin, com a boca cheia de carne branca.

— Ravel, *O inferno*, de Dante, Rosa Luxemburgo, *Veni, vidi, vici*.

Mas Patrick, nitidamente, está marcando território, mostrando quem manda, porque sua voz vai ficando cada vez mais alta...

— ...THE MOODY BLUES ...GOYA ...TIFOIDE. MARY... SÃO TODOS NÚMEROS PRIMOS...

...E, apesar de adorar o programa, não consigo deixar de pensar que talvez ele esteja indo um pouco longe demais...

— ...RENO, RÓDANO, DANÚBIO... MITOCÔNDRIA... PÊNDULO DE FOUCAULT...

...Será que ele aprendeu por repetição? É para achar que ele nunca assistiu àquilo antes, ou é para acreditar que ele sabe mesmo todas aquelas coisas? E o que Lucy Chang acha de tudo isso? Olho de esguelha para o lado e ela está com os olhos fechados. Imagino que talvez esteja chateada, ou envergonhada, com razão, mas, então, noto um leve tremor nos seus ombros e percebo que *ela está*

*fazendo força para não rir...*

— ...ODE A UMA URNA GREGA... BO DIDDLEY... O MASSACRE DA NOITE DE SÃO BARTOLOMEU... A PONTE AÉREA DE BERLIM...

...E, justamente quando parecia que ela ia explodir, a campainha toca no andar de baixo e Patrick desce, deixando nós três olhando para a televisão. No fim, é Colin quem fala primeiro, numa voz baixa e conspiradora.

— Esse cara é completamente pirado ou é só impressão minha?

\* \* \*

Com a chegada de Alice, a atmosfera fica bem mais leve. Ela chega sem fôlego e enrolada num cachecol, casaco e luvas de camurça de esquiar e olha em volta da sala, sorrindo e cumprimentando todo mundo.

— Oi, Bri! — ela diz com entusiasmo, e me dá uma piscadela provocante.

Patrick fica rodeando, importuno, passando a mão naquele cabelo de plástico bege, oferecendo seu lugar e servindo uma taça do Cabernet Sauvignon búlgaro que *eu* trouxe com um enorme custo pessoal como se fosse dele. Quando Alice pergunta:

— Você se importa se eu fumar?

Ele responde:

— Claro que não!

Como se, de repente, isso fosse uma ótima ideia. Por que ele não pensou nisso antes? Olha ao redor procurando alguma coisa para usar como cinzeiro e localiza um pequeno porta-clipe, que esvazia na mesa com um desapego selvagem e anárquico.

Alice se espreme ao meu lado no sofá, o quadril bem junto ao meu. Patrick limpa a garganta e se dirige à equipe.

— Então, aqui estamos nós! “O Quarteto Fantástico!” E acho que temos algo especial esse ano...

Espere um segundo — *Quarteto Fantástico*?

— Só para explicar como as coisas funcionam...

Conto as pessoas na sala; um, dois, três...

— ...o primeiro estágio é nos classificarmos para a competição televisionada...

Por que não dizer “Famous Five”? Não custava nada ele ter dito “Famous Five”.

— Isso é daqui a duas semanas e é informal, mas bem difícil. Por isso, vamos precisar de todo nosso conhecimento para ir ao ar. Até lá, proponho que nós quatro nos encontremos aqui toda semana, nessa mesma hora, para repassar algumas questões que vou preparar. Talvez assistir a uma ou duas fitas, só para manter a concentração...

Espere um segundo — por que eu não posso vir? Se eu não vier, não vou poder ver Alice. Levanto a mão para fazer uma pergunta, mas Patrick está pondo uma fita no vídeo e não vê; eu limpo garganta e digo:

— Hã... Patrick..?

— Brian?

— Então, não preciso vir?

— Acho que não...

— De jeito nenhum...?

— Não...

— E você não acha que é uma boa ideia...?

— Bem, só vamos precisar de você em caso de emergência. Acho que é melhor nós quatro nos acostumarmos uns com os outros como uma equipe, já que, como você sabe, *nós somos* a equipe.

— Então vocês não precisam de mim?

— Não.

— Nem mesmo, sei lá, para fazer observações...?

— Não, Brian, não... — e aperta botão *play* no vídeo. — Muito bem. Esse é Leeds *versus* Birkbeck, nas quartas de final de dois anos atrás. Um belo confronto... — ele se senta outra vez no sofá, com Alice espremida entre nós dois, o quadril bem junto ao meu, enquanto eu tento bolar um plano para assassinar Patrick Watts.



PERGUNTA: Qual é o significado do lema, em latim, que acompanha o leão rugindo no começo dos filmes da Metro-Goldwyn-Mayer?

RESPOSTA: *Ars Gratia Artis* — Arte pela arte.

— Bem, pessoalmente, tenho que dizer que simplesmente *odeio* isso. Quer dizer, a ideia de que seja um grande poema lírico de *amor* é bobagem. É só o poema de um cara gostosão, imbecil e sexualmente frustrado tentando ir para a cama com a amante e insistindo sobre uma carruagem alada do tempo e não aceitando “não” como resposta. Não há nada de lírico ou romântico, e tampouco nada de *erótico* nesse poema. Pelo menos, não para uma mulher — discursa Erin, a amiga de Alice, a garota com olhos de gato e cabelo curto louro e oxigenado. — Na verdade, se um cara me mandasse esse poema ou o recitasse para mim eu chamaria a polícia. Não me espanta que a tal amada seja tão evasiva. O poeta é um misógino total.

— Você acha que Andrew Marvell é misógino? — pergunta o professor Morrison, recostando-se em sua cadeira, os longos dedos da mão entrelaçados em cima da sua barriga.

— Basicamente, sim. Pelo menos, nesse poema, com certeza.

— Então, a voz do poeta e a voz do poema são uma só?

— Porque não deveriam ser? Nada sugere qualquer tipo de dispositivo de distanciamento...

— O que você acha, Brian?

Para ser sincero, estou, na verdade, pensando em Alice. Então, paro por um segundo e esfrego minhas orelhas para ganhar tempo, como se minhas faculdades críticas estivessem por alguma razão nos meus lóbulos e eu precisasse aquecê-los. É só a minha terceira aula, e fui pego na última por fingir ter lido *Mansfield Park* quando, na verdade, só assisti à metade do primeiro episódio na TV. Então, é melhor me sair melhor agora. Do meu arsenal, seleciono o termo “contexto histórico”.

— Acho que é mais complicado que isso, em especial se considerarmos o poema no seu contexto histórico...

Erin estala a língua e suspira, como tende a fazer sempre que abro a boca nas aulas. Erin claramente me odeia, mas não sei o motivo, porque estou sempre sorrindo para ela. A não ser que seja esse o motivo. Bem, concentre-se.

— Para começar existe um forte elemento humorístico aqui. O uso da retórica é consciente e, nesse sentido, é um pouco como o soneto 130 de Shakespeare: “Não tem olhos solares, meu amor”... (muito bom)... Só que aqui a retórica do poeta o faz passar por bobo. O desespero, os extremos a que chega para persuadir a amante a sucumbir faz dele uma figura essencialmente *cômica*. É a comédia da frustração sexual e da humilhação romântica. É, na verdade, o epônimo “amada evasiva”, o objeto de sua não requerida paixão, que tem todo o

poder no caso...

— Bem, isso foi um monte de bobagens reacionárias e chauvinistas — vocífera Erin, que ficou se remexendo na cadeira o tempo todo, fazendo o assento de vinil ranger de indignação. — A amada evasiva não tem *poder*, e também não tem nenhuma *personalidade*, é só uma cifra, um branco, definida apenas por sua beleza e sua relutância em dar para o poeta. E o tom claramente não é cômico, nem lírico, é intimidador, manipulador e opressivo.

Então, Chris, o hippie de mãos sujas, começa a falar e decido deixar Erin usá-lo como seu esparro em meu lugar por enquanto. O professor Morrison me dá um olhar paternal, informando-me que estava concordando comigo o tempo todo. Gosto do professor Morrison. Tenho medo dele também, o que, provavelmente, é a combinação certa para um acadêmico. Ele é meio parecido com David Attenborough, o que também deve ser uma boa coisa num acadêmico. Usa muito veludo cotelê, gravatas tricotadas, é magro feito um palito, tirando a pancinha, que parece uma almofada amarrada debaixo da camisa suja. E sabe ouvir com atenção quando você está falando, a cabeça meio inclinada, com os dedos longos nos lábios, exatamente como os intelectuais na TV.

Enquanto Erin esfola Chris vivo, e o professor Morrison assiste, divago um pouco e olho pela janela para o jardim e volto a pensar em Alice, de novo.

\* \* \*

Voltando da aula pela rua principal, vejo a tal Rebecca e os malditos ativistas raivosos com quem ela sempre anda. Estão enfiando panfletos nas mãos de consumidores indiferentes e, por um momento, penso em atravessar a rua. Para ser honesto, estou um pouco na defensiva com ela, em especial depois da nossa última conversa, mas fiz uma promessa a mim mesmo de fazer o maior número possível de novos amigos na faculdade, mesmo que eles deem todas as indicações de não gostarem de mim tanto assim.

— E aí? — interpele.

— E aí, Rainha da Dança?! Como vai? — responde ela, entregando-me um folheto pedindo para boicotar o Barclays.

— Na verdade, o dinheiro da minha bolsa está em outra gentil e humanitária organização bancária multinacional! — digo, com um brilho incisivo, irônico e satírico no olhar, mas ela não está prestando atenção e já voltou a distribuir panfletos, gritando:

— Lute contra o *apartheid*! Apoie o boicote. Não compre produtos sul-africanos! Diga não ao *apartheid*!... — Começo a me sentir um pouco boicotado também, e já estou me afastando quando ela diz, numa voz um pouco mais suave: — E aí, está se adaptando bem?

— Ah, tudo bem. Estou morando com dois Ruperts malditos, mas, fora isso, não é tão ruim... — Dei um ar de guerra de classes para agradar, mas acho que ela não entendeu, pois me olha confusa.

— Os dois se chamam Rupert?

— Não, eles se chamam Marcus e Josh.

— E quem são os Ruperts?

— Ah... Você sabe... Rupert — mas o comentário começou a perder a graça, e me pergunto se não seria melhor me oferecer para ajudar a distribuir os panfletos. Afinal, é uma causa em que acredito, e sigo uma política estrita de não comer frutas sul-africanas, quase tão estrita quanto minha política de não comer frutas. Mas, agora, Rebecca está dobrando os panfletos que sobraram para deixar com os colegas.

— Tudo bem... Estou terminando por hoje. A gente se vê mais tarde, Toby. Até mais, Rupert... — E, de repente, estou caminhando ao lado dela, sem saber muito bem de quem foi a ideia. — Então, para onde vamos agora? — ela pergunta, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de vinil preto.

— Na verdade, estava a caminho da Galeria de Arte.

— *Galeria de Arte*? — pergunta, intrigada.

— Sim, pensei em, sei lá, dar uma conferida...

Ela torce o nariz:

— Tudo bem. Vamos “dar uma conferida”! — e continuo andando atrás dela.

\* \* \*

Ah, o velho truque de “dar uma conferida na galeria de arte”. Faz tempo que estou querendo tentar esse truque, pois, em Southend, não seria possível, mas ali a galeria é apropriada; atmosfera de biblioteca, bancos de mármore, seguranças cochilando em cadeiras desconfortáveis. Meu plano era trazer Alice, mas é bom fazer antes um teste com outra pessoa, para ensaiar as minhas reações espontâneas.

Admito que minha atitude em relação às artes visuais pode ser bem superficial; por exemplo, muitas vezes o que mais me ocorre é que alguém na pintura parece, mais ou menos, com alguém da TV. Existe também uma certa etiqueta em galerias de arte que preciso entender — quanto tempo ficar de pé na frente de cada quadro, que ruídos emitir, esse tipo de coisa —, mas Rebecca e eu logo entramos num ritmo bom e confortável; não tão rápido a ponto de parecer superficial, não tão lento a ponto de ser entediante.

Estamos dando uma conferida na sala do Século XVIII, parados em frente a uma pintura não particularmente extraordinária de alguém de quem nunca ouvi falar, um Lorde Gainsboroughesque e uma Lady embaixo de uma árvore.

— A perspectiva é interessante — comento, mas falar que os objetos ficam menores quanto mais longe estão me pareceu um pouco básico. Por isso, resolvo fazer uma abordagem mais marxista e sociopolítica.

— Olhe só as expressões deles! Parecem bem satisfeitos com o que têm!

— Se você diz... — responde Rebecca, sem entusiasmo.

— Então, você não é uma amante das artes?

— Claro que sou. Mas não acho que só porque uma coisa foi posta numa grande moldura eu sou obssante a ficar parada na frente dela por horas esfregando o queixo. Quer dizer, olhe essas coisas... — Mãos ainda enfiadas nos

bolsos do casaco, ela gesticula em volta da sala com as asas de morcego de seu casaco — ...Retratos de ricos ociosos inspecionando seus ganhos ilegítimos, imagens enganosas de trabalho rural massacrante, pinturas de porcos limpos e imaculados. Olhe só essa monstruosidade — gesticulando em direção ao nu de uma gorducha de pele macia e rosada recostada numa cadeira reclinável — ...Pornô leve para um mercado de escravos. Onde estão os pelos pubianos, pelo amor de Deus?! Alguma vez na vida você já viu uma mulher nua que fosse *assim*? — Penso em revelar que nunca vi uma mulher nua, mas não quero estragar minhas credenciais artísticas e fico quieto. — Quer dizer, a *quem* se destina isso, na verdade?

— Então, você acha que a arte não tem valor intrínseco?

— Não. Só acho que esses valores intrínsecos não existem só porque alguém, em algum lugar, decidiu chamar de “arte”. Como essas coisas... É o tipo de porcarias que se vê nas paredes de um Clube Conservador provinciano...

— Então, imagino que você queimaria tudo isso se houvesse uma revolução...

— Ah, você tem um belo hábito de reduzir as pessoas a estereótipos...

Sigo-a por uma sala cheia de natureza-morta e resolvo desviar a conversa da política: — Qual é o plural de “natureza-morta”? É “naturezas-mortas” ou continua “natureza-morta” mesmo? — Achei que estava fazendo uma afirmação sofisticada, mas ela não morde a isca.

— Então, qual é a sua posição política? — pergunta.

— Bem, acho que sou meio de esquerda, liberal e humanista.

— Em outras palavras, não é nada...

— Bem, eu não diria isso...

— O que você está cursando mesmo?

— Lit. Ing.

— O que é *Liting*?

— Literatura inglesa.

— É assim que chamam hoje em dia? E o que o atraiu para *Liting*, além do fato de que você ser um tremendo enrolão?

Decido ignorar o último comentário e ir direto ao meu número.

— Bem, não tinha muita certeza sobre o que fazer. Eu tinha uma boa base de qualificações para escolher e pensei em história, ou arte, ou talvez em uma ciência. Mas o bom da literatura é o fato de abranger todas as outras disciplinas... História, filosofia, política, política sexual, sociologia, psicologia, linguística, ciência. Literatura é a resposta organizada do homem ou da mulher ao mundo ao redor. Então, de certo modo, é natural que essa resposta deveria conter toda uma... — vamos arriscar — ...*panóplia* de conceitos intelectuais, ideias, questões...

Et cetera, et cetera, et cetera. Para ser sincero, não é a primeira vez que digo essas coisas. Na verdade, usei esse número em todas as minhas entrevistas de universidades, e mesmo não sendo exatamente um “Lutaremos nas praias...” de Churchill, em geral funciona muito bem com acadêmicos, especialmente se acompanhado, como aqui, de muitas despenteadas de cabelo e gestos enfáticos. Levo o discurso ao seu clímax devastador — ...Assim como o epônimo Hamlet diz para Polônio no Segundo Ato, Cena Dois, que, afinal, é tudo uma questão de

“palavras, palavras, palavras”, o que chamamos “literatura” é apenas o veículo para o que poderia ser mais bem descrito como o Estudo de... Tudo.

Rebecca ouve aquilo, balança a cabeça.

— Bem, com certeza esse foi o maior monte de bobagens que ouvi nos últimos tempos — comenta, começando a ir embora.

— Você acha mesmo? — pergunto, trotando atrás dela.

— Por que não dizer simplesmente que você quer sentar a bunda em algum lugar e ficar lendo durante três anos? Pelo menos, seria mais honesto. Literatura não pode ensinar “*tudo*”, e, mesmo se ensinasse, seria inútil, superficial e pouco prática. Quer dizer, qualquer um que ache que pode aprender alguma coisa prática sobre política, psicologia ou ciência folheando *Sob o bosque de leite* está falando besteira. Já imaginei alguém dizendo para você: “Olha, senhor, seja lá qual for o seu nome”, eu vou remover o seu baço e, bem, eu não estudei medicina, mas não se preocupe, porque eu gostei muito de *Os documentos póstumos do Club Pickwick...*”?

— Bem, medicina é um caso especial.

— E política não é? Ou história? Ou direito? Por que não? Porque são mais fáceis? Não merecem uma análise mais rigorosa?

— Então, você não acha que romances, poesias e peças de teatro contribuem para a qualidade e a riqueza da vida?

— Eu não disse isso, disse? Claro que contribuem, mas qualquer música pop de três minutos também, mas ninguém precisa estudar isso durante *três* anos.

Tenho certeza de que Alexander Pope disse alguma coisa pertinente que iria me ajudar aqui, mas não consigo me lembrar; e considero usar a palavra “utilitarismo”, mas não sei bem como. Então, eu digo:

— O fato de algo não ser *prático* não quer dizer que não é *útil*.

Rebecca torce o nariz e percebo que estou pisando em terreno minado, semanticamente falando. Por isso, decido tomar um rumo diferente e parto para a ofensiva.

— E o que *você* está cursando, que é tão *útil*? — pergunto.

— Direito. Segundo ano.

— Direito! Bem... Suponho que direito seja bem útil.

— Espero que sim.

Direito faz sentido. Se eu estivesse num tribunal, definitivamente não iria querer discutir com Rebecca Epstein. Ela iria me ameaçar com seu sotaque de Glasgow, me jogar na cara coisas como “defina seus termos!” e “seu argumento é especioso!” Na verdade, também não quero discutir com ela agora. Por isso, paro de falar e nós caminhamos em silêncio pelo museu, com suas urnas de vidro cheias de fósseis, e moedas romanas e antigos implementos agrícolas. Imagino que esse seja meu primeiro gostinho das brigas animadas e intelectuais da vida acadêmica. Tenho minhas discussões com Erin nas aulas, claro, mas aquilo é mais como um cabo de guerra. Só uma questão de quanto a gente consegue aguentar. Com Rebecca, é como se eu estivesse tomado uma facada no olho. Mas é a minha terceira semana, e tenho certeza de que vou melhorar. Sei que, no fundo, sou capaz de aparecer com uma resposta eloquente e incisiva, mesmo que demore uns três ou quatro dias. Enquanto isso, tento mudar de

assunto.

— E o que você quer fazer depois? — pergunto.

— Não sei. A gente podia tomar alguma coisa, se você quiser...

— Não... Digo depois da faculdade, quando se formar...

— Quando me formar? Não sei. Algo que faça diferença na vida das pessoas. Não sei se quero entrar numa de ser advogada, mas eu me interesso pelas leis de imigração. O Departamento de Orientação dos Cidadãos faz um bom trabalho. Talvez eu mude para a política ou o jornalismo ou coisa assim, para desbancar esses malditos conservadores. E você?

— Ah, ensinar ou virar acadêmico, talvez. Quem sabe escrever alguma coisa.

— O que você escreve?

— Ah, nada ainda. — Resolvo arriscar um pouco e acrescento: — Só alguns poemas.

— Ah, então é isso! Você é um poeta e eu nem sabia disso. — Dá uma parada e olha para o relógio. — Bom, é melhor eu voltar.

— Onde você mora?

— Kenwood Manor, onde aconteceu aquela festa horrível.

— Ah, no mesmo lugar que a minha amiga Alice?

— A linda e loura Alice?

— Ela é bonita? Não tinha percebido. — Estou experimentando um tipo de humor sarcástico, pós-feminista, mas Rebecca estala a língua em desaprovação, franze a testa e pergunta:

— Como vocês se conheceram?

— Ah, nós estamos no time do *Desafio Universitário*... — explico, dando de ombros de maneira casual. A gargalhada de Rebecca ecoa nas paredes de pedra do museu.

— Você tá brincando!

— O que tem de engraçado nisso?

— Nada, nada mesmo. Desculpe, eu não tinha ideia de que estava falando com uma personalidade da TV. Só isso. E o que você está tentando provar?

— O que você quer dizer?

— Bem, para participar de um negócio desses, você deve ter algo a provar.

— Eu não tenho nada a provar! É só uma diversão. De qualquer modo, ainda não estamos classificados pro torneio da TV. A seleção começa na semana que vem.

— Torneio, é? Parece uma coisa máscula. Como se precisasse usar uma roupa de proteção ou coisa assim. E que posição você joga? Centroavante? No gol...?

— Na verdade, eu sou o primeiro reserva.

— Ah, então tecnicamente você *não* está no time.

— Não. Não, acho que não.

— Bem, se quiser que eu quebre o dedinho de alguém, é só falar... — Estamos parados nos degraus da galeria, e já começou a escurecer. — Foi bom falar com você... Desculpe... Esqueci de novo o seu nome.

— Brian. Brian Jackson. Acompanho você até em casa?

— Conheço o caminho. Eu moro lá, lembra? A gente se vê por aí, Jackson — e ao descer os degraus, de repente para e se vira. — Jackson? É claro que você pode estudar o que quiser. A avaliação crítica e o estudo da literatura, ou de qualquer manifestação artística, são coisas muito importantes para uma sociedade decente. Por que você acha que os livros são as primeiras coisas que os fascistas queimam? Você precisa aprender a se defender melhor — e sai trotando pelos degraus para desaparecer na noite.

PERGUNTA: Que palavra, de origem alemã, define o prazer obtido com a desgraça dos outros?

RESPOSTA: *Shadenfreude*.

Hoje, finalmente, tirei a sorte grande pela primeira vez. O Grande Colin Pagett contraiu hepatite.

Fico sabendo no meio de uma aula sobre as *Baladas líricas*, de Coleridge e Wordsworth. O professor Oliver está falando já há algum tempo, e estou tentando me concentrar, na verdade, preciso me concentrar, mas, na minha cabeça, uma balada lírica é algo como Kate Bush cantando “The Man With The Child In His Eyes”, e esse é o meu problema central com os românticos, eles não são tão *românticos* assim. Você imagina que vai ser um monte de poemas de amor que se pode plagiar em cartões do dia dos namorados, mas, de modo geral, é tudo sobre lagos, urnas e coletores de sanguessugas.

Pelo que consegui entender do discurso do professor Oliver, as principais preocupações da mente romântica eram: 1) Natureza; 2) Relação do homem com a natureza; 3) Verdade; e 4) Beleza. Enquanto isso, eu tendo mais para poesias que exploram os temas: a) Meu Deus, você é muito legal; b) Eu tenho uma queda por você, *por favor*, vamos sair juntos; c) Sair com você é muito, muito legal; e d) *Por que* você não quer mais sair comigo? É a sensibilidade e o tratamento profundo desses temas que fazem de Shakespeare e Donne os poetas mais impactantes e líricos do cânone inglês. Fico imaginando intitular minha próxima e esclarecedora redação de “Em busca de uma definição de ‘romântico’: um estudo comparativo do ‘lírico’ em Coleridge e Donne”, ou algo assim quando, bem nesse momento, vejo o rosto de Alice Harbinson surgir na porta da sala de aula.

Todo mundo levanta a cabeça, é claro, mas ela está apontando o dedo para mim, mexendo a boca para dizer alguma coisa. Aponto para mim mesmo e ela concorda com a cabeça com um ar grave, depois se abaixa, rabisca alguma coisa num bloco de papel A4 e o pressiona contra o vidro.

Está escrito: “Brian, preciso de você — *Urgente*”.

Para fazer sexo?, eu me pergunto. Não deve ser, mas ainda assim não tenho opção a não ser ir. Então recolho meus livros e pastas o mais discretamente possível e ando em direção à porta meio agachado. O professor Oliver, aliás a classe toda, olha para mim.

— Desculpe, consulta médica — digo, levando a mão ao peito como que enfatizando que posso cair morto a qualquer momento. O professor Oliver não dá muita importância e volta às suas Baladas líricas, e eu saio de fininho para encontrar Alice no corredor com o rosto vermelho, suada, sem fôlego e maravilhosa.

— Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe... — diz ela, arquejante.



— Tudo bem, o que aconteceu?  
— Nós precisamos de você! Na rodada de classificação, agora à tarde.  
— Sério? Mas o Patrick disse para não...  
— Colin não vai poder ir. Ele está com hepatite.  
— Você está brincando! — Claro que eu não dou um soco no ar ou coisa assim, porque gosto do Colin e realmente fico preocupado com ele, de verdade. Então, faço uma expressão apreensiva e pergunto: — Ele está bem?  
— Tudo bem. Não é grave. É hepatite A ou coisa assim. Ele está amarelo fosforescente, mas vai ficar bem, completamente curado. Mas isso quer dizer que você está no time! A partir de agora! — Fazemos uma pequena dança da vitória, nada indecente, e saímos correndo para o Grêmio Estudantil.

\* \* \*

Há momentos em que as conquistas humanas parecem ampliar nossa concepção do que é humanamente possível, como as esculturas de Bernini e Michelangelo, as tragédias de Shakespeare ou os quartetos de cordas de Beethoven, por exemplo. Nesta tarde, no bar dos estudantes vazio, por alguma razão que desafia a lógica — destino, sorte, a mão invisível de Deus, um estado de graça —, eu sei praticamente *tudo*.

— Se a adenina se parecia com a timina, a citosina se parecia com...?  
Eu sei.  
— Guanina.  
— Qual é o nome completo da organização que concede o Oscar?  
Eu sei.  
— Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.  
— Resposta certa. O avinhado, o bicudo, o papa-capim e o canário-da-terra comum são variedades da família Silvídea e mais conhecidos como...?  
Eu sei.  
— Pássaros canoros?  
— Resposta certa. Qual é a cantora canadense de música folk cujo verdadeiro nome é Roberta Joan Anderson?  
Eu sei.  
— Joni Mitchell.  
— Resposta certa.

O pessoal do *Desafio Universitário* mandou para cá um pesquisador chamado Julian, um garoto legal de fala suave, 20 e poucos anos, usando um suéter de gola V e gravata; uma espécie de dublê de Bamber Gascoigne. É um teste comum, com 40 perguntas em 15 minutos, sem árbitros, com direito a consulta, para avaliar se estamos aptos para o torneio televisivo. E nós estamos. Ah, e como estamos! Aliás, eu diria que estamos arrasando.

— Que figura do século XII, rainha consorte da França e da Inglaterra, foi a inspiração para muitos poemas de Bernard de Ventadour, o poeta trovador?  
— Eleanor de Aquitaine — respondo.  
— Espera, espera... Será que podemos consultar o *capitão*, por favor? —

sussurra Patrick, com indignação. — Brian, como você sabe disso?

Na verdade, eu sei porque Katharine Hepburn fez esse papel num filme duvidoso que sempre passa na TV nas tardes de domingo, mas não conto isso para ele. Só faço que sim com a cabeça e respondo com os olhos arregalados e um ar de sabedoria:

— Sei lá... eu sei.

Como se o absoluto e incrível poder de conquistar o mundo do meu conhecimento geral fosse um enigma até para mim. Cético, Patrick olha para Lucy Chang em busca de uma confirmação, mas ela dá de ombros, e ele diz:

— Eleanor de Aquitaine?

— Resposta certa — confirma Julian.

Sinto um apertãozinho no braço e dou uma olhada à direita. Alice está sorrindo para mim com os olhos arregalados em franca reverência. É a minha nona resposta certa *seguida*, e me sinto como Jesse Owens deve ter se sentido nas Olimpíadas de Berlim de 1936. Os outros não estão tendo chance nenhuma, nem mesmo Lucy Chang e, de repente, parece que a hepatite de Colin Pagett foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para todo mundo, menos para Colin Pagett, claro, porque parece que eu sei tudo sobre tudo.

— Que demarcação de latitude foi escolhido na Conferência de Postdam de 1945 como uma demarcação aproximada entre as Coreias do Norte e do Sul?

Essa, na verdade, não sei, mas tudo bem, porque temos Lucy Chang.

— Paralelo 38?

— Resposta certa.

E assim por diante: Andaluzia — resposta certa; 1254 — resposta certa; carbonato de cálcio — resposta certa; Ford Madox Ford — resposta certa. Claro que, se isso estivesse acontecendo na televisão, o país inteiro estaria fascinado, os garfos carregados de torta paralisados entre o prato e a boca numa reverência ofegante. Mas não é o caso. Estamos num bar de estudantes vazio que cheira a cigarro e cerveja às 15h de uma terça-feira úmida de novembro e não tem ninguém assistindo, nem mesmo o pessoal da limpeza, sendo que um deles acabou de ligar o aspirador de pó no carpete do bar.

— Hã? Será que dava para...? — murmura Julian.

Patrick se levanta e dá um brado de indignação.

— Com licença! **NÓS ESTAMOS TENTANDO FAZER UM TESTE, E É COM TEMPO MARCADO!**

— Em alguma hora, tenho de fazer isso! — responde o rapaz da limpeza, continuando a aspirar o pó.

— ESTE HOMEM... — declama Patrick, apontando para Julian como um profeta do Antigo Testamento — ...É UM REPRESENTANTE DO GABINETE DO *DESAFIO UNIVERSITÁRIO DE MANCHESTER!* — Por algum motivo, isso parece fechar a questão, pois o rapaz da limpeza desliga o aspirador, resmunga alguma coisa e volta a esvaziar os cinzeiros.

De volta ao teste. Tenho medo que o feitiço tenha se quebrado, e que eles neguem nossa inscrição, mas nem precisava me preocupar, pois a pergunta seguinte é sobre o barco funerário anglo-saxão descoberto em Suffolk em 1939, que proporcionou uma grande compreensão dos antigos ritos funerários.

Eu sei.

— Sutton Hoo — respondo.

— Resposta certa.

— Teste Rorschach — respondo.

— Resposta certa.

— Epitélio... — responde Lucy.

— Resposta certa.

— Uganda? — responde Patrick

— Não, acho que é Zaire... — comentário. Patrick me olha com uma carranca por questionar sua autoridade, vira-se para Julian e fala com firmeza:

— Uganda.

— Não, é Zaire... — diz Julian, lançando-me um sorriso de consolo. Acho que percebo um pequeno espasmo no canto do olho do Patrick, mas sou maduro demais para me gabar disso, pois, afinal, o que conta não são as mesquinhas pontuações individuais, Patrick, mas sim o trabalho de equipe, seu cabeçudo...

— O pardal doméstico — respondo.

— Resposta certa.

— A é congruente com B no módulo de M? — sussurra Lucy.

— Resposta certa.

— As Leis do Milho — grita Patrick

— Resposta certa.

— *The Woodlanders*, de Thomas Hardy — arrisco.

— Resposta certa.

— Buster Keaton — tenta Alice.

— Não, acho que é Harold Lloyd — corrijo, delicado porém firme.

— OK, Harold Lloyd? — diz Alice.

— Resposta certa. Qual engenheiro aeronáutico morreu em 1937, alguns anos antes de seu projeto mais famoso dominar os céus durante a Batalha da...?

— R. J. Mitchell — respondo.

— *O quê?* — replica Patrick

— R. J. Mitchell, o projetista do Spitfire. — Lembro-me do nome de uma sinopse na caixa do kit clássico em escala 1:12 da Airfix e sei que estou certo. É R. J. Mitchell. Tenho certeza. Mas Patrick está me olhando fixo, e franzindo a testa como se estivesse desejando que eu esteja errado com todas as suas forças. — R. J. Mitchell, vai por mim.

— R. J. Mitchell? — diz, relutante.

— Resposta certa — confirma Julian, que agora não consegue mais deixar de sorrir.

Patrick olha para mim com os olhos semicerrados, mas Lucy me dá o sinal de positivo com os polegares e Alice... Bem, Alice escorrega a mão por trás das minhas costas e para na base da coluna, exatamente onde a minha camisa de vovô saiu da minha calça jeans.

— Muito bem! A última pergunta: isolado em 1735 pelo químico sueco Georg Brandt, que metal do Grupo VIII da tabela periódica é usado na produção de ligas metálicas magnéticas resistentes ao calor?

Para ser sincero, meus conhecimentos de tabela periódica estão meio

enferrujados, e eu não faço ideia de qual é a resposta, mas tudo bem, pois mais uma vez Lucy Chang sabe.

— Cobalto — responde.

— Resposta certa.

Acabou, e nós caímos para a frente dando tapas nas costas uns dos outros, e, quando Alice me abraça, percebo pela área úmida nas minhas costas que estou suando como um cavalo de corrida.

Mas Julian está pigarreando e dizendo:

— Bem, a pontuação final é 39 de possíveis 40, uma pontuação realmente esplêndida. Por isso, tenho o prazer de comunicar que vocês vão estar na competição do *Desafio Universitário* desse ano!

É a multidão, se houvesse uma multidão, teria ido à loucura.

\* \* \*

Fora do prédio do Grêmio Estudantil, todos nós apertamos a mão do simpático Julian, desejamos uma boa viagem de volta a Manchester. Vamos nos ver no dia 15 de fevereiro, lembranças ao Bamber, ha-ha-ha, e ficamos ali sob a luz do sol do fim de tarde, sem saber o que fazer.

— Então, que tal uma cerveja para comemorar? — proponho entusiasmado, para prolongar a glória.

— O quê? Às 16h? — observa Patrick, indignado, como se eu tivesse convidado todo mundo para uma orgia com heroína na minha casa.

— Não posso, desculpe. Tenho prova amanhã — diz Lucy.

— É melhor eu também não ir — diz Alice, e há um pequeno intervalo, enquanto todos nos perguntamos se ela vai dar alguma desculpa.

Ela não fala mais nada, e eu digo:

— Bom, estou indo na mesma direção. Então, acompanho você.

Começamos a andar enquanto tento pensar em alguma explicação plausível para estar indo na direção errada.

— Ei, parabéns! — diz Alice, no caminho pelo parque que leva ao seu alojamento. — Você foi *incrível*.

— Ah, obrigado. Você também.

— Ah, sem essa. Eu sou peso morto nesse time. Só me classifiquei porque você me deu as respostas.

— Não, isso não é verdade — observo, mesmo concordando.

— Mas como você sabe todas essas coisas?

— Uma juventude desperdiçada! — respondo, mas ela não entende. Então continuo: — Vamos dizer que eu tenho a capacidade de me lembrar de conhecimento inútil. Só isso.

— Você acha que isso existe? Conhecimento *inútil*?

— Bem, às vezes, queria não ter aprendido a fazer crochê — digo, e Alice ri. Com certeza, ela acha que estou brincando, o que pode ser melhor. — E letras de canções pop, às vezes, também acho que não precisaria saber tantas...

— “*Give me spots on my apples but give me the birds and the bees...*”?

Eu sei.

— “Big Yellow Taxi”, de Joni Mitchell — respondo.

— “From Ibiza to the Norfolk Broads...”

Eu sei.

— “Life on Mars”, David Bowie — respondo.

— Tudo bem. Então, vamos a algo mais recente. “*She’s got cheek-bones like geometry and eyes like sin/and she’s sexually enlightened by Cosmopolitan...*”

Claro que eu sei a resposta, mas faço uma pequena e envolvente pantomima de não saber antes de responder:

— “Perfect skin”, Lloyd Cole and the Commotions?

— Puxa, você é bom meeeeeeesmo — reconhece ela. Depois, pega o meu braço e saímos andando pelo parque enquanto o sol se põe.

— OK, agora é minha vez. Faça o pior que puder...

Penso por um momento, respiro fundo e digo:

— “*I saw two shooting stars last night/I wished on them but they were only satellites/It’s wrong to wish on space hardware/I wish, I wish, I wish you’d care.*”

E vejo que consegui me safar. Que, ao menos, ela não vomita em mim bem ali. Sim, sei que eu deveria me envergonhar de mim mesmo, e estou com vergonha, mesmo. Mas ela parece levar na inocência, pensa por um momento e diz:

— Billy Bragg, “A New England”.

— Na mosca — confirmo.

— É linda, não é?

— Eu acho — e continuamos andando pela alameda arborizada, as lâmpadas dos postes piscando à medida que passamos por elas, tal como a pista de dança iluminada do vídeo *Billie Jean*. Mas acho que o que mais nos parecemos, neste momento, é com a foto em preto e branco da capa de uma compilação exclusiva da Ronco de quatro discos chamada *The Greatest Love Songs Ever* anunciada na televisão. Na nossa frente, há uma pilha de folhas recém-caídas, todas castanho-avermelhadas, ocre e douradas, e eu a conduzo na direção da pilha dizendo:

— Ei, vamos chutar umas folhas!

— É melhor não. Às vezes, tem cocô de cachorro nelas — diz ela.

E tenho que admitir que pode estar certa.

\* \* \*

Pouco depois, voltamos para Kenwood Manor. Ela andou de braço dado comigo o caminho inteiro, o que deve significar alguma coisa; então, me sentindo encorajado, proponho:

— O que você vai fazer terça-feira que vem?

Apenas um olhar altamente experiente como o meu veria o breve momento de pânico que passou pelo semblante de Alice Harbinson, mas estava lá, sim, mesmo que apenas por um momento antes de ela vestir o rosto com uma expressão pensativa e tocar o queixo com o dedo.

— Terça-feira... que vem? Deixa eu pensar... — responde.

Rápido, Alice, pense numa desculpa, rápido garota, vamos, vamos, vamos...

— É que é o meu aniversário de 19 anos, sabe — explico. O grande Um Ponto Nove!... — Faço uma pausa para ela cair na minha armadilha.

— E você vai dar uma festa! Bem, *eu adoraria* ir...

— Não uma festa. Ainda não conheço tanta gente assim para dar uma festa. Mas, talvez, a gente pudesse sair para... jantar ou coisa assim?

— Só eu e você? — Ela sorri.

Minha expressão estampa um sorriso fixo.

— Só eu e você...

— OK — diz ela, como se fossem duas palavras. — O. Quei. Por que não? Sim! Seria ótimo! Vai ser divertido!

E vai ser ótimo. Ótimo e Divertido. Estou determinado a fazer com que seja tanto Ótimo quanto Divertido.

PERGUNTA: Lanugem, folículos e terminais são termos usados para descrever diferentes estágios de desenvolvimento de qual parte do corpo humano?

RESPOSTA: Cabelo.

Hoje é um dia especial, não apenas por ser o meu aniversário de 19 anos, o último ano da minha adolescência e o começo de uma nova fase — mais excitante, adulta e madura — na vida de Brian Jackson, mas é também o dia do meu romântico jantar a dois com Alice Harbinson. E, como um presente especial para mim, Alice e o mundo, decidi mudar completamente a minha imagem.

Para ser sincero, isso já estava para acontecer há algum tempo. Alguns grandes artistas, como David Bowie e Kate Bush, permanecem no topo porque estão sempre mudando de aparência e de atitudes, mas acredito que é justo dizer que, ultimamente, andava preso a um estilo. Não vou fazer nada radical, como começar a usar malha tricotada ou me aplicar heroína e virar bissexual ou coisa assim, mas vou cortar o cabelo. Não, não apenas cortar. *Estilizar*.

Na verdade, meu cabelo sempre foi um foco de disputa. Assim como usar gel, lavar o rosto e usar sapatos sem cadarços, cortar o cabelo sempre foi considerado um pouco afeminado na Langley Street Comprehensive. O resultado é que até hoje ando com essa coisa sem nome nem forma caindo solta e sem vida nos meus olhos, emaranhando-se de maneira nada higiênica na gola, espetada para os lados por cima das minhas orelhas e fazendo com que a minha cabeça fique igual a um grande sino ou, como diria Tone, a uma maçaneta.

Mas tudo isso vai terminar hoje porque andei de olho no Cutz, um *salão unissex* — não uma barbearia — que me interessou. É moderno sem ser de vanguarda e bem masculino, e limpo, com revistas como *The Face* e *id* para ler, e não aquelas pilhas de *Razzle* ou *Mayfair* cheias de orelhas. Falei com um tipo simpático chamado Sean, de cabelo bem curto e brinco e um jeito de garoto, que disse que me atenderia às 10h.

Claro que é acintosamente caro, mas estou com uma nota de cinco libras que a minha mãe mandou pelo correio hoje de manhã (dentro de um cartão com jogadores de futebol na capa dizendo “Não gaste tudo de uma vez!”) e outra da vovó Jackson, para gastar no jantar romântico a dois hoje à noite. Então, estou me sentindo bem classe alta e riquinho quando entro devagar e indiferente no Cutz, e sou o primeiro cliente do dia. Ando até o pequeno grupo de funcionários reunido na mesa da recepção tomando café e fumando Silk Cut.

— Cliente das 10h? Com o Sean? Em nome de Jackson?

Todos erguem o olhar e examinam minhas roupas e meu cabelo. Depois, abaixam a cabeça com um jeito de “melhor não se envolver”, menos a recepcionista, que vai verificar a agenda. Mas não estou vendo Sean. Onde está

meu novo amigo Sean?

— Sean não veio hoje — diz a recepcionista.

— Ah, sei...

— Mas Nicky pode cortar o seu cabelo. Ele é o aprendiz, tudo bem?

Sigo o olhar dela até o canto, onde um garoto magricela está varrendo o resto das pontas de cabelo da noite anterior sem muito entusiasmo. Esse é o Nicky? Ele parece ter 6 anos.

— *Aprendiz?* — pergunto.

— É a mesma coisa que Sean. Só que um pouco mais barato — flauteia a recepcionista, mas até ela sabe que é um risco.

Sabe nos filmes faroeste, quando a gangue entra num bordel e o cowboy chefe tem de escolher a prostituta de que mais gosta? Sempre tem uma muito sensual, com uma pintinha linda, muito mais atraente que todas as outras, que são gordas, magrelas ou velhas, ou têm uma perna de pau, uma verruga no lábio ou um olho de vidro, e é claro que o cowboy sempre escolhe a mais bonita. Bem, eu sempre me preocupei com os sentimentos das outras prostitutas. Sei que prostituição é uma coisa errada, mas o jeito resignado e desapontado com que as prostitutas rejeitadas dão de ombros, enquanto voltam para os seus lugares, mostra bem que, embora seja melhor não fazer sexo por dinheiro com um cowboy estranho, *ainda assim seria bom ter sido escolhida*. E é esse olhar que Nicky, o aprendiz, está me dando. Não posso rejeitar Nicky, pois ele é a prostituta com a perna de pau.

— Acho que Nicky vai ser ótimo! — digo num trinado, e o rapaz dá de ombros, encosta a vassoura, pega as tesouras e se prepara para me atender.

Eles me preparam um bom café numa espécie de jarro de sucção e nós entramos no que se chamaria de “uma consulta”. É complicado para mim, pois não conheço o vocabulário. Pensei em trazer uma foto para ajudar, mas se aparecesse com uma foto do David Bowie, do Sting ou do Harrison Ford iam rir da minha cara.

— O que vai ser? O de sempre?

— Eu não sei. O que é o de sempre?

— Curto atrás e nos lados.

Não, isso não pode estar certo. Soa muito antiquado.

— Na verdade, estava pensando em manter um pouco do comprimento em cima com um leve repartido na esquerda, e meio que penteado para trás, mais curto em cima das orelhas e na nuca.

— Raspado na nuca?

— Só um pouco.

— Como em *Desejo e poder*?

— Não! — respondo dando risada, querendo dizer que sim.

— Então, de que jeito?

Seja maneiro.

— Hummmm...

— ...Porque o que você acabou de descrever é um curto atrás e nos lados.

— Ah, é? Tudo bem. Então, um curto atrás e nos lados.

— Vai querer lavar? — pergunta ele, pegando com nojo uma mecha entre os



dedos, como se fosse um lenço sujo.

Será que vai custar mais caro?

— Não, não, não. Acho que assim está bom, obrigado.

— Você é estudante?

— Sou!

— Foi o que pensei.

E, então, começa. Na verdade, o jovem Nicky é bem habilidoso com a tesoura, considerando que a última que usou era de plástico e sem ponta, e ele começa a cortar com um certo entusiasmo enquanto “Purple Rain” toca alto no som. Enquanto isso, leio *The Face* e finjo que entendo o que estou lendo, que não estou preocupado com meu cabelo, ah, não, de maneira alguma, mesmo que Nicky seja um aprendiz. Aprendiz do quê? Aprendiz de encanador? Aprendiz de electricista? Aprendiz de torneiro mecânico? Estou lendo um artigo sobre skate sem prestar atenção, pois só fico olhando para os modelos nas fotos publicitárias, magricelas e andrógenos, sem camisa e em languidez pós-coito, e todos sorriem com escárnio, como se rissem do que Nicky está fazendo com o meu cabelo, e agora é a vez do barbeador elétrico e ele está tosando a minha nuca. Aprendiz de tosquiador? Levanto os olhos da revista, olho para o espelho e parece... Muito bom, na verdade. Limpo e fresquinho, estruturado e, no entanto, natural. Gostei. Acho até que este pode ser o melhor para mim, o corte de cabelo perfeito, o corte de cabelo pelo qual estive esperando por toda a minha vida. Nicky, sinto muito por ter duvidado de você...

Mas ele continua cortando. Como quando você faz uma ótima pintura na escola e o professor fala “pare agora, senão você vai estragar tudo” — Nicky está arruinando o meu corte! Raspa grandes faixas de cabelo em cima das minhas orelhas. Está tosando tanto a nuca que o cabelo mais longo no alto parece um aplique. Aprendiz de jardineiro? Aprendiz de açougueiro? Sinto vontade de estender a mão e puxar o cabo de força da parede, mas não consigo, e volto a ler a *The Face*, alguma coisa sobre dançar *break* nos shopping centers de Basigstoke, esperando o zumbido parar.

O que, afinal, acontece.

— Gel ou cera? — pergunta ele.

Meu Deus! Gel ou cera? Sei lá! Qual será a melhor opção? Nunca usei cera. Então, digo cera e ele abre um pequeno pote de graxa e esfrega o que parece banha nas mãos e passa os dedos pelo que sobrou do meu cabelo.

Está claro que isso não tem nada a ver com *Desejo e poder*. Eu sou o Winston Smith de *1984*. Parecendo um coelho tosado. Magro, os olhos esbugalhados, tísico e um pouco doido. Nicky pega um espelho e me mostra a nuca, onde o barbeador elétrico descobriu uma paisagem marciana de cicatrizes e bolhas que eu nem sabia que existiam até agora, e uma está sangrando levemente.

— O que você acha? — pergunta Nicky.

— Perfeito! — respondo.

Agora que já arruinei o meu cabelo, chegou a hora de escolher um restaurante para o jantar romântico a dois. Mais uma vez, ninguém ensina como escolher um restaurante, e eu nunca estive num bom restaurante com uma convidada. Só em cafês e restaurantes chineses, com Spence e Tone, nos quais, em geral, a refeição não terminava com conhaque e um bom charuto, mas com Tone gritando “Pinote!” Então, preciso trabalhar com instinto, não com experiência, mas me atenho a algumas regras básicas.

Primeiro, nada de curry, para o caso de as coisas ficarem românticas. Também porque não pega nada bem abanar a boca em frente ao objeto de sua devoção dizendo: “Puxa, como é *ardido!*” Segundo, evitar restaurantes em grandes lojas de departamento ou supermercados. Uma vez, levei Janet Parks para um lanche rápido no Basildon British Home Stores e acho que as coisas não correram muito bem. De modo geral, é melhor não ter que levar o prato até a mesa numa bandeja; lembre-se: garçonetes *não* são um luxo. Terceiro, não se *exibir*. Impulsivamente, disse a Alice que iríamos ao Bradley’s Bistro, que é bem chique, mas, quando consultei o menu, vi que estava fora do meu orçamento. Então, vamos ter de ir a algum lugar que combine culinária sofisticada com o melhor custo-benefício. Mesmo levando em conta as cinco libras da vovó Jackson, tenho só doze libras para um jantar a dois, incluindo vinho, dois pratos principais e uma sobremesa com duas colheres.

Andando pela cidade, não paro de ver o reflexo do meu novo corte de cabelo nas vitrines dos restaurantes, um rosto assombrado e com medo. Essa cera de cabelo é uma enganação. Eles fazem pensar que você vai se sentir no controle, mas só fez grudar minha franja na testa, como uma gaivota suja de óleo. Talvez fique melhor à luz de velas. Desde que não entre em combustão.

Avalio os restaurantes na parte mais floreada da cidade e, enfim, tomo minha decisão: uma tradicional *trattoria* italiana chamada Luigi’s Pizza Plaza. O estabelecimento também serve hambúrguer, costela e iscas de peixe, e tem toalhas xadrez vermelhas e velas em garrafas de vinho parecendo o Vesúvio congelado. Os pãezinhos são cortesia da casa e há um moedor de pimenta gigante em cada mesa. Reservo uma mesa para dois em nome de Jackson, 20h30, com um homem de rosto vermelho e unhas sujas que pode ou não ser o epônimo Luigi e volto aos meus afazeres.

PERGUNTA: Uma sarja azul durável cujo nome homenageia “Serge de Nimes”; a seiva exsudada pela árvore “*hevea brasiliensis*”; e filamentos tecidos pelo gênero *Bombyx*. Quais os nomes dos três materiais?

RESPOSTA: Denim, borracha e seda.

Eu deveria estar escrevendo uma redação sobre “Imagética da natureza nos sonetos sagrados de John Donne”, mas já estou pesquisando há uma semana e não consegui encontrar nada.

Minhas anotações nas margens também não ajudam muito. Escrevi coisas como “a Anunciação!”, “ironia?”, “Cf. Freud” e “aqui ele vira a mesa!”, mas não consigo me lembrar do motivo. Por isso, pego *Gramatologia*, de Jacques Derrida. Acho que existem seis estágios de leitura de livros. O primeiro é o de livros ilustrados. Depois, livros com mais ilustrações do que palavras; livros com mais palavras do que ilustrações; livros sem ilustrações, só talvez um mapa ou uma árvore genealógica, mas com muitos diálogos; depois, livros com longos parágrafos e quase nenhum diálogo e, por fim, livros sem diálogos, sem narrativa, só de parágrafos grandes e longos com notas de rodapé, bibliografias, apêndices e letras muito, muito pequenas. *Gramatologia* é, com certeza, um livro do sexto tipo e, intelectualmente falando, ainda estou empacado em algum lugar entre os estágios quatro e cinco. Leio a primeira frase, procuro inutilmente por um mapa, uma foto ou ilustração, e caio no sono.

Quando acordo, percebo que são 16h30 e que só tenho três horas para me arrumar para o jantar. Quando vou ao banheiro, vejo que Josh deixou um monte de calças jeans de molho em detergente na banheira. Tenho de tirar as roupas do caldo azul gelado e amontoar tudo na pia antes de abrir as torneiras, mas só quando entro no banho percebo que não escoeí todo o sabão em pó e que estou num ciclo de lavagem de algodão não biológico/poliéster. Por isso, o banho não é bem a experiência relaxante que eu esperava, inclusive por ter de me enxaguar com água fria do chuveiro, para evitar uma queimadura química mais grave. Olhando no espelho, noto que fiquei ligeiramente azul.

Devolvo as calças jeans molhadas para a banheira e, num justo espírito de vingança, vou até o quarto de Josh. Quando constato que ele não está lá, entro de fininho e roubo seu esfoliante facial Apri, que é feito, basicamente, de sementes de pêssigo moidas num sabonete para passar no rosto. Consigo uma boa espuma, mas, quando chega a hora do enxágue, os resultados não são muito bons. Parece que atravesssei uma vidraça. Ou isso ou que alguém esfregou sementes de pêssigo moidas na minha cara com muita força. Há uma lição a ser aprendida aqui, acho, e é a seguinte: espinhas não devem ser esfregadas.

Com o rosto todo contraído e com medo de que comece a sangrar caso eu sorria, volto ao meu quarto, onde meu futon está encostado na parede, secando.

Guardo minha roupa suja e tenho o maior cuidado para escolher quais livros deixar espalhados, no caso de Alice voltar comigo para “*um café*” ou, o mais provável, só para tomar um café. Escolho *O Manifesto Comunista*, *Suave é a noite*, *As baladas líricas*, *The female eunuch*, alguns e.e. cummings e *Canções e sonetos*, de John Donne, para o caso de as coisas esquentarem e eu precisar de uma poesia lírica ao alcance da mão. Fico em dúvida quanto ao *The female eunuch*, pois, mesmo querendo mostrar que minhas posições políticas são progressivas e radicais, a ilustração na capa de um torso feminino imaterial sempre me pareceu um pouco sensual, tanto que eu costumava esconder o livro da minha mãe.

Visto uma cueca preta novinha, minha melhor calça preta, um novo paletó de segunda mão comprado na loja de roupas *vintage* Olden Times, minha melhor camisa branca, uma gravata-borboleta e meu novo suspensório preto. Ajeito a gaiota morta na cabeça e borriço no rosto um pouco de Old Spice, de um frasco de porcelana branca que era do meu pai, o que me confere um cheiro um pouco antigo e apimentado e arde à beça. Depois, procuro na carteira a camisinha que sempre carrego para o caso de um milagre. Aliás, essa camisinha é a número dois num projeto de trilogia, e a primeira encontrou seu pungente destino numa caçamba de lixo nos fundos do Littlewoods. Mora na minha carteira há tanto tempo que está grudada no revestimento interno e a embalagem de papel alumínio já começou a desbotar. Mesmo assim, gosto de estar com ela, assim como algumas pessoas gostam de usar uma medalha de São Cristóvão. Aliás, minhas chances de usar essa camisinha essa noite é a mesma de transportar o menino Jesus por um rio.

No trajeto até Kenwood Manor, tenho de parar, mais ou menos, a cada 100 metros, porque meus suspensórios se recusam a ficar presos na calça e insistem em se soltar e ricochetear nos meus mamilos.

Estou arrumando o suspensório pela vigésima vez, quando uma voz atrás de mim diz:

— Alguém roubou seu ursinho de pelúcia, Sebastian?

— Oi, Rebecca, como vai?

— Bem, na verdade a pergunta é: como vai *você*?

— Como assim?

— O que aconteceu com seu cabelo?

— Você não gostou?

— Ficou parecido com o Heinrich Himmler. E por que essa roupa toda chique?

— Bem, é como dizem... O traje faz o homem...

— ...se sentir desconfortável?

— Se quer mesmo saber, estou indo jantar com alguém.

— HUUUUUUUUUM!

— É só uma coisa platônica.

— E quem é a garota de sorte? Não é aquela Alice Harbinson, espero... —

Olho para o céu com um ar inocente. — Ah, não acredito. Vocês *garotos* são tão previsíveis. Sério, se você quer brincar de boneca, por que não vai e compra uma?

— O quê?

— Nada. Ei, é melhor você ir andando, Jackson, senão vai perder o barco.

— O que você quer dizer com isso?

— Que ela é uma garota muito popular. Só isso. Estamos na mesma ala, e toda noite tem uma fila de boçais babando na porta dela, com suas garrafas de Lambrusco morno...

— Sério?

— Uh-hum. E ela tem o hábito de andar pelo corredor só de calcinha preta e sutiã. Só não sei dizer quem se beneficia desse espetáculo...

Tiro a imagem da minha cabeça.

— Você fala como se não gostasse dela.

— Ei, eu mal a conheço... Nem estou no nível da turma dela, não é? Além do mais, acho que ela não é o que se pode chamar de um *exemplo* de garota, se me entende. Não sei que tipo de atração pode exercer uma menina que ainda desenha uma carinha feliz no meio da letra “O”. Mas é só minha opinião. E aonde você vai levar a adorável Alice?

— Ah, num restaurante na cidade. O Luigi's.

— O KFC estava lotado?

— Você acha que o Luigi's é uma má ideia?

— De jeito nenhum. Você é um cavalheiro sofisticado e de bom gosto! Ouvi dizer que o hambúrguer com queijo, *chilli* e cebola frita é de *matar*. Talvez você me leve lá algum dia, Jackson.

Ela sai andando na frente e eu tento pensar em alguma coisa espirituosa para dizer.

— Rebecca — chamo. Ela se vira sorrindo. — Por que você sempre me chama de Jackson?

— Você se incomoda?

— Não. É que soa um pouco formal, só isso.

— Ah, desculpe. Não tive essa intenção. Você prefere “Brian”? Ou “Bri”, mais alegre e informal? Ou “Herr Himmler”, talvez...?

— Brian, acho.

— OK, então vai ser Brian. Divirta-se, Brian. Seja espirituoso, Brian. Fique frio, Brian... — E desaparece na alameda. — A gente se vê por aí, Brian.

Chego ao alojamento de Alice meio que esperando ver uma fila de garotos, mas a porta está fechada. Ouço vozes no lado de dentro. Não encosto o ouvido na porta porque isso não seria certo, mas fico por perto tentando ouvir.

— Aonde ele vai levar você para jantar? — pergunta uma voz feminina, graças a Deus.

— Ao Bradley's, muito chique.

— Então ele é rico?

— Não sei. Não pensei que fosse — responde Alice.

— Bem, trate de estar de volta até as 23h, mocinha, senão vamos chamar a polícia... — Bato na porta, pois não quero ouvir mais nada. Daí, escuto uns sussurros e risadinhas e ela aparece.

Alice está usando um vestido de noite decotado de cetim grafite com uma saia armada, o cabelo preso num coque. E, de salto alto, ela parece uns 60cm

maior que o normal. Também está usando mais maquiagem do que o normal, batom, a linha da pequena cicatriz ainda visível no lábio inferior. Mas o mais impressionante de tudo é o vestido decotado. Ela deve estar usando algum tipo de sutiã sem alças por baixo, pois os ombros estão nus, como se metade do corpo estivesse sendo expelida do vestido, com uma fantástica e reverberante curva de pele nua, de Alice nua, transbordando do corpete de cetim. Em um romance do século XIX, alguém diria que ela tem um “colo magnífico”. Aliás, também diria isso agora. Ela tem um colo magnífico. Mas você a está encarando. Não a encare, Brian.

— Oi, Alice.

— Oi, Brian.

Atrás dela, Erin, a Gata, e uma outra da turma sorriem com desdém. Feche a boca, Brian.

— Você está muito bonito, Bri — diz Erin, sem sinceridade.

— Obrigado! Então, vamos?

— Vamos.

Ela pega o meu braço e saímos.

PERGUNTA: Consistindo em uma cadeia de átomos de carbono, ligada por átomos de hidrogênio e uma ramificação de carboxila numa ponta, o ácido oleico é o exemplo mais difundido de que tipo de componente lipídico?

RESPOSTA: Ácido graxo.

Politicamente, é claro que não aprovo o conceito de beleza física. A ideia de que alguém, homem ou mulher, deva receber qualquer tipo de atenção ou afeição extras, popularidade, respeito ou adulação por conta de um incidente genético e uma noção arbitrária e subjetiva de “beleza” definida pela mídia masculina me parece inerentemente errada e inaceitável.

Dito isso, Alice é... linda. À luz de velas, parece uma pintura de De la Tour. Ou será de Vermeer? Ou Watteau? Ela sabe que está sendo observada enquanto abre o menu, e deve saber que está encantadora, mas como deve ser isso? Ser *observada*, em vez de ser olhada de relance, e proporcionar prazer, de maneira inteiramente passiva, ao ser observada? Mas, enquanto a observo, ocorre-me que não é bem um prazer, é mais uma dor, uma vibração pesada e opaca na boca do estômago de que a gente quer se livrar, mas não consegue, pois é grande a tentação de continuar olhando, de observar e absorver.

Desde que a conheci, vi muitas pessoas olhando fixamente para Alice desse jeito. Vi Patrick fazer isso, arrumando o cabelo com sua grande língua de astronauta para fora, vejo Luigi, o garçom, fazer isso ao tirar o xale dos ombros dela e nos levar até a nossa mesa, antes de entrar pelas portas vaivém da cozinha para espalhar a notícia, fazendo o *chefe* o lavador de pratos saírem com alguma desculpa esfarrapada só para olhar para ela. Como deve ser isso? Ser admirado antes de dizer uma única palavra, ser desejado 200 ou 300 vezes por dia por pessoas que não têm absolutamente ideia de como você é?

Quando minha mãe está assistindo à TV, é comum ela elogiar alguma mulher, uma estrela de cinema ou algo assim, dizendo “ela é linda...”, e logo depois, em sua voz de Antigo Testamento: “...e sabe disso”. Não sei se ser “bonita e saber disso” é melhor ou pior do que ser “feia e saber disso”, e imagino que a beleza física seja uma espécie de fardo, mas, em termos de fardo, deve ser dos mais leves.

Por cima do menu, dou uma olhada no retângulo cor de pêssego formado por seu decote à luz das velas, mas estou disfarçando para ela não se sentir como um objeto.

— Muito bom, não é? — comenta.

Suponho que esteja falando do restaurante e digo:

— É? Espero que sim. — Estou tendo de falar baixo, porque somos as únicas pessoas no lugar, e não quero ofender o Luigi, que está ocupado enxugando taças de vinho engorduradas no bar coberto de hera de plástico e olhando de esguelha.

Parece que reservar uma mesa não era tão essencial quanto eu pensava. — Eu tentei uma reserva no Bradley's, mas estava lotado — minto.

— Sem problema. Aqui está ótimo!

— Tem pizza e massa, e no verso tem hambúrgueres...

— Ah, é... — diz ela, desgrudando as páginas plastificadas de uma pasta tamanho A4.

— Ou costeletas especiais, se preferir...

— Oooo-quei!

— E vamos pedir uma entrada também, a coisa toda, por minha conta.

— Bem, vamos ver...

E voltamos ao menu.

Oh, Deus!

Silêncio.

Melhor dizer alguma coisa.

— Hummmm. Esse pão está bonito.

Pego um pedaço de pão, retiro a tampa de uma embalagem de manteiga e passo no miolo.

— Sabe que sempre me perguntei o que significam costeletas especiais? Quem decide que são especiais? Não o porco, claro! Como se o porco dissesse: “Ei, *essas* costeletas são especiais. Podem pegar! Minhas costeletas especiais! Podem comer minhas costeletas especiais!” — Ela me dá um sorriso destinado a crianças carentes e olha para a minha mão, e percebo que, por algum motivo, estou gesticulando com a faca.

Fique calmo.

Pare de tagarelar.

Coloque... a faca... na mesa.

Mas a verdade é que estou começando a perder a fé no Luigi's como um lugar propício para um romance. O piso, eu me dou conta, é de linóleo, de parede a parede, e não muito limpo, e as toalhas de mesa xadrez são, na verdade, de vinil, mais fáceis de limpar. Além disso, o cantinho romântico que Luigi nos destinou na parte de trás é muito perto do banheiro, o que é até conveniente, mas confere um leve aroma amargo de desinfetante de limão à noite. É angustiante pensar que Alice esteja se sentindo desconfortável. Já está até começando a parecer desconfortável, com o vestido de noite amontoado à sua volta, como se estivesse sendo consumida pelo traje.

— Vamos pedir?

— Tudo parece tão bom! — diz ela, mas não tenho certeza.

Concentramo-nos no menu, que está pegajoso, mal digitado e escrito errado. Chilly Concarny... É isso mesmo? E dividido em “De entrada!”, “O Evento Principall!” e “Vá em frente...!!!”. Sinceramente, para mim tudo parece muito bom, com ênfase nas carnes grelhadas e bem fritas e quase nenhum vegetal. Até o queijo vem bem frito, e as porções são grandes, pois o menu diz o peso das carnes. Mas não consigo deixar de pensar que, talvez, Alice prefira pratos mais leves, tofu, saladas e coisas cozidas *no vapor*, e pode até pertencer àquela turma que prefere qualidade à quantidade. Começo a transpirar. E a me coçar também, por conta do detergente na banheira. Olho para baixo e vejo que os punhos da



minha camisa branca estão manchados do jeans.

O *jingle* do Cornetto não para de tocar ao fundo e, depois de um silêncio proposital, estamos prontos. Olho ao redor procurando Luigi, mas detecto sua aproximação pelo barulho de sucção que seus sapatos fazem no linóleo. Alice pede cogumelos recheados e uma pizza margarita com salada, enquanto eu vou de arenque e meio frango com molho barbecue, batata frita e molho *relish*.

— Espero que não seja a metade inferior do frango! — comento, e Alice sorri, bem sutilmente, e insiste em que eu escolha o vinho. Eles servem o vinho da casa, mas até eu sei que nenhum vinho pode ser *tão* barato. Por isso, decido por alguma coisa engarrafada e borbulhante. Champanhe é caro demais, então escolho um Lambrusco. Rebecca não disse alguma coisa sobre Alice gostar de Lambrusco? Não entendo muito de vinhos, mas sei que peixe e frango são acompanhados por vinho branco, então peço um Lambrusco Bianco branco.

Quando o garçom se afasta, eu falo:

— Oh Deus, que gafe!

— Por quê?

— Eu pedi um Lambrusco Bianco *branco*, mas é claro que *bianco* quer dizer branco! É uma *tautologia*, não?

Admito que não é uma piada digna de um humorístico de TV, mas serve para quebrar o gelo; ela sorri e começamos a conversar. Ou melhor, ela começa, enquanto eu escuto balançando a cabeça, arrancando pedacinhos de parafina vermelha da vela e aplicando-os em ângulos estranhos enquanto olho para ela. Como faz com frequência, Alice fala sobre seus tempos de colégio na Linden Lodge, um dos internatos particulares mais caros do país, mas tudo me parece mais um grande barato do que um internato, algo como uma guerra de travesseiros quando a gente tem 7 anos de idade. Pela descrição de Alice, um típico dia escolar em Linden Lodge era assim:

8:30/9:30

9:30/10:30

Fumar

baseado.

Fazer pão

Fazer sexo

com o filho

filha de

	Alguém Famoso.
10:30/11:30	Construir celeiro. Ler T. S. Eliot em v alta, escut
11:30/12:30	Crosby, Stills e Na tocar violoncelo
12:30/13:30	Experimen drogas, fa sexo. Sessão du de nadar
13:30/15:30	pelado. Nadar cor

	golfinhos.
15:30/16:30	Construir muretas de pedra. Sexo (opcional)
16:30/17:30	Aulas de violão.
17:30/18:30	Fazer sexo desenhar o parceiro dormindo com carvão
18:30/4:00	Bob Dylán (obrigatório)
4:00	Hora de dormir, mas só se você quiser

## quiser.

Claro que, do ponto de vista político, não aprovo uma escola assim, por mais fantástica que pareça. Com tanto sexo e maconha e intermináveis cantorias das músicas de Simon e Garfunkel, é de se pensar que não dá para estudar nada, mas alguma coisa certa eles devem estar fazendo, pois, afinal, Alice está aqui e, mesmo sem querer saber suas notas, não num primeiro encontro, ela está numa faculdade, ainda que seja em Artes Cênicas. Talvez seja possível se educar subliminarmente ouvindo bastante a BBC desde pequeno.

Meu arenque chega, umas 30 coisinhas prateadas sobre uma folha gigante de alface, olhando para mim e dizendo “nós *morremos* por você, seu canalha, pelo menos faça alguma coisa divertida!” Pongo um pedaço na boca e finjo ser um gato. O gesto é recebido com moderação. Ela volta aos cogumelos com alho.

— Está bom?

— Muito bom! Com bastante alho. Nada de namoro essa noite!

É um aviso sutil, como uma buzina no ouvido, para o caso de eu estar esperando alguma coisa. Mas não chega a me surpreender. É mais ou menos o que eu estava esperando, e me consolo por ser um aviso ambíguo, sim, uma pequena ambiguidade, “não por você, Brian são os cogumelos”, o que implica que, se tivesse escolhido outra entrada, o Camembert bem frito por exemplo, a essa altura nós já estaríamos fazendo amor.

— Então, você teve muitos namorados por lá? — pergunto casualmente, mordiscando um peixe.

— Oh, só um ou dois — e ela começa a contar tudo sobre eles.

Do ponto de vista de políticas de gênero, acho muito importante não ter dois pesos e duas medidas na avaliação do histórico sexual de homens e mulheres. Claro que não existe motivo por que Alice Harbinson não possa ter um passado romântico e sexualmente ativo, mas acho justo dizer que “um ou dois” é um pouco enganoso. Quando chega o prato principal, os nomes já estão começando a se embaralhar, mas com certeza havia alguém chamado Rufus, cujo pai é um famoso diretor de cinema, que teve de se mudar para Los Angeles porque o romance se tornou muito intenso e sombrio, seja lá o que *isso* quer dizer. E Alexis, o pescador grego que conheceu nas férias, que continuou aparecendo na casa dela em Londres pedindo sua mão em casamento até que foi necessário chamar a polícia e deportar o pretendente. E Joseph, um músico de jazz lindo com quem teve de terminar porque ele queria convencê-la a usar heroína. E Tony, um ceramista amigo de seu pai que fazia estatuetas incríveis num belo chalé nas Terras Altas da Escócia e era muito bom de cama para um cara de 62 anos, mas depois não parava de telefonar no meio da noite e acabou tentando se suicidar no forno de cerâmica, mas que já está bem.

E Saul, um modelo americano lindo e rico com um (sussurrando) “pênis enorme”, mas não se pode manter um relacionamento baseado em sexo, mesmo que seja em um sexo incrivelmente bom. E, então, o mais triste de todos, o Sr. Shillabeer, o professor de inglês que a ensinou a gostar de T. S. Eliot e que uma vez fez uma garota ter um orgasmo só de ler *Os quatro quartetos* em voz alta, que

se apaixonou por Alice enquanto estavam lendo *As bruxas de Salem*, mas ficou um pouco obsessivo.

— Ele acabou tendo um ataque de nervos e precisou deixar a escola. Voltou a morar com os pais. Em Wolverhampton. Uma coisa triste, mesmo, pois era um professor de inglês muito legal.

Quando ela termina, metade do meu frango ao molho já virou carcaça, e os restos no meu prato parecem um dos ex-amores de Alice. Quase todos os seus relacionamentos terminaram em loucura, obsessão e devastação, e, de repente, minha aventura com Karen Armstrong na çaçamba de lixo nos fundos do Littlewoods parece ter perdido um pouco de sua grandeza trágica.

— É estranho quantos terminaram tragicamente, não? — insinuo.

— Eu sei! É esquisito, não? Tony, o ceramista amigo do meu pai, o cara do forno, uma vez me disse que, quando se trata de amor, eu sou como Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse!

— Mas você nunca acabou, sabe... se machucando?

— Claro que sim, Brian. É por isso que eu não vou ter nenhum relacionamento aqui na faculdade. Vou me concentrar no trabalho. — E acrescenta, com um sotaque inexplicavelmente americano: — Vou ser uma freira!

E lá vem de novo a buzina. Casualmente, ela raspa o queijo derretido de sua pizza com o indicador.

— Mas, desculpe... O que a sua mãe e seu pai fazem mesmo? Eu esqueci... — diz, chupando o dedo.

— Minha mãe trabalha no Woolworths e meu pai já morreu.

Põe o guardanapo até a boca e engole.

— Você não me contou isso...

— Não?

— Não, tenho certeza. — Leva a mão ao meu braço. — Brian, eu sinto muito.

— Ah, tudo bem, isso foi há 6... não, 7 anos agora, eu tinha 12 anos.

— O que aconteceu?

— Ataque cardíaco.

— Oh, Deus! Quantos anos ele tinha?

— Quarenta e um.

— Deve ter sido terrível.

— É, bem... Você sabe...

E ela se debruça, olhos arregalados, segurando minha mão, enquanto, com a outra mão, pega a garrafa de parafina derretida e a posiciona para me ver melhor.

— Você se incomoda de falar sobre isso?

— Não, de maneira alguma — respondo, e começo a falar.

PERGUNTA: Lee J. Cobb, Fredric March e Dustin Hoffman... Todos interpretaram o papel do infeliz Willy Loman em qual peça de Arthur Miller, de 1949?

RESPOSTA: *A morte do caixeiro-viajante.*

— Meu pai era vendedor de vidro isolante, o que é uma profissão esquisita, pois é um trabalho que as pessoas gostam de ironizar, como guarda de trânsito, inspetor de impostos ou trabalhadores de esgotos. Talvez porque, no fundo, ninguém goste de vidro isolante. Meu pai não gostava, não depois de anos nesse trabalho. Antes disso, ele serviu o exército, quando conheceu a minha mãe e eu nasci. Entrou no Serviço Nacional, foi um dos últimos a fazer isso, e meio que gostou e continuou, inclusive por não saber mais o que fazer. Lembro-me de ficar apreensivo toda vez que o noticiário falava de alguma guerra em algum lugar, como a tensão com a Rússia, ou quando a Irlanda do Norte estava em chamas ou coisa assim, preocupando-me com que ele fosse convocado, colocado num uniforme e recebesse uma arma. Mas acho que ele não era um soldado, estava mais na parte burocrática. Mas, quando nasci, minha mãe bateu o pé e disse que ele tinha de sair do exército, porque ela estava de saco cheio de ficar se mudando o tempo todo, que odiava a Alemanha Oriental, onde eu nasci. Então, ele voltou para Southend e montou o negócio de vidro isolante, e foi assim que aconteceu.

— E ele gostava?

— Claro que não. Quer dizer, devia gostar no começo, mas acho que, depois, não aguentava mais. São muitas horas de trabalho. Você precisa encontrar as pessoas em casa... O que significa de manhã cedo, à tarde e à noite, e, em geral, já estava escuro quando ele voltava do trabalho, mesmo no verão. E tinha essa coisa de ir de porta em porta: “Com licença, senhora, você está ciente da grande diferença que um vidro isolante pode fazer na sua conta do aquecedor?”, esse tipo de coisa. E só ganhava comissão, o que fazia a preocupação com dinheiro ser algo constante. Seja qual for trabalho que eu acabe fazendo, não quero jamais depender de comissão. Sei que deveria ser um incentivo, mas é um incentivo para foder a sua vida. É como trabalhar com uma arma na cabeça. É muito cruel, acho. Bem. Desculpe. Estou sendo chato.

“De qualquer maneira, ele detestava. Nunca me disse isso, claro, não é coisa que se diga a um garotinho, mas devia detestar, pois sempre chegava irritado do trabalho; sem gritos ou socos ou coisa assim, mas sempre aquela atitude calada, punhos cerrados, os dedos crispados e o rosto vermelho, irritado com qualquer coisinha como um brinquedo jogado no chão ou desperdício de comida. A gente gostaria que as lembranças dos pais fossem de ser carregado nos ombros em piqueniques e jogar pedrinhas de cima de pontes, essas coisas, mas nenhuma infância é perfeita e o que eu mais me lembro é do meu pai discutindo com minha mãe na cozinha por causa de dinheiro ou trabalho ou sei lá o que, o rosto

dele todo vermelho, abrindo e fechando os punhos.

— Que coisa terrível.

— É mesmo? Bem, eu devo estar exagerando um pouco. O que mais me lembro é de assistir televisão com ele, quando minha mãe deixava eu ficar acordado até ele chegar em casa. Sentado no chão entre as pernas dele. Programas de perguntas e respostas. Ele adorava programas de perguntas e documentários sobre a natureza, David Attenborough, coisas educacionais, sempre falando de como a educação era importante. Imagino que achava ser a chave para uma vida boa, para não ser infeliz, poder trabalhar em algo que não odiasse.

— Mas... como foi que aconteceu...?

— Bem, eu não sei ao certo. Não gosto de falar com minha mãe sobre isso porque ela fica perturbada, mas parece que ele estava trabalhando na casa de um cliente, falando sobre os benefícios do vidro isolante ou sei lá e... caiu. Bem ali, na sala de estar. Voltei da escola e estava assistindo à TV, enquanto minha mãe fazia um chá, quando bateram na porta. Houve uma conversa no corredor, eu saí para saber o que estava acontecendo e vi dois policiais e minha mãe encolhida no carpete. No começo, achei que talvez meu pai tivesse sido preso ou coisa assim, mas aí uma policial disse que o estado dele era grave e correram com a minha mãe para o hospital e eu fiquei com a vizinha e ele morreu pouco depois de dar entrada. Ah, o vinho acabou. Você quer mais um pouco? Outra garrafa? Fiquei com os vizinhos e eles me contaram na manhã seguinte. Outra garrafa de Lambrusco, por favor. Não, ainda não escolhemos a sobremesa. Pode esperar mais uns cinco minutos?

“É isso. Olhando para trás, não me surpreende, apesar de ter só 41 anos, porque ele parecia ter um... nó apertado, o tempo todo. E bebia, muito, pub na hora do almoço e depois do trabalho, ele sempre rescendia a cerveja. E fumava uns 60 cigarros por dia. Eu dava cigarros para ele de *presente de Natal*. Acho que não me lembro de nenhuma vez em que ele não estivesse fumando. Até na foto com a minha mãe e eu na maternidade ele está com um cigarro aceso. Num hospital, com um cinzeiro e uma garrafa de cerveja equilibrada no meu berço. É patético.

— E como você reagiu?

— À morte dele? Hã... Não sei bem. Foi estranho, acho. Quer dizer, eu chorei e tudo mais, mas não queriam me deixar ir à escola, o que me preocupou, porque eu não gostava de perder aula, e aí você pode ter uma ideia do tipo de *nerd* frio e esquisito que eu era. Para ser sincero, eu estava mais chateado pela minha mãe, porque ela realmente amava o meu pai e tinha só, o que, 33 anos na época, e ele foi o único homem da vida dela, antes e desde então, até onde sei, e ela ficou muito abalada. Ah, ela ficava bem quando havia pessoas em volta, e claro que, nas duas primeiras semanas, a casa ficou lotada de religiosos, amigos do meu pai, vizinhos, minha avó, tias e tios, e não havia tempo para minha mãe ficar muito triste, porque estava sempre ocupada fazendo sanduíches e preparando bules de chá, montando camas de armar para uns primos estranhos da Irlanda, que nunca tínhamos visto e nunca mais vimos. Mas, depois de algumas semanas, começaram a ir embora e ficamos só eu e minha mãe. E esse

foi o pior período, quando as coisas se acalmaram e as pessoas nos deixaram sozinhos. Uma combinação bem esquisita: um garoto adolescente e a mãe. Quer dizer, fica muito claro que está faltando alguém.

“Olhando para trás, acho que eu poderia ter sido melhor com a minha mãe, conversado mais com ela e coisas assim. Mas eu detestava ficar naquela sala todas as noites, vendo ela assistir *Dallas* ou sei lá o que e, de repente, explodir em lágrimas. Quando a gente tem essa idade, esse tipo de coisa, o sofrimento, é... constrangedor. O que eu podia fazer? Dar um abraço nela? Dizer alguma coisa? O que um garoto de 12 anos tem a dizer? Então, de uma maneira estranha e terrível, comecei a ficar ressentindo com aquilo. Comecei a evitar minha mãe. Eu ia da escola para a biblioteca e da biblioteca para o meu quarto para fazer o dever de casa, e eu sempre tinha lições demais se ela me perguntasse. Que coisa terrível!

— Como se comportaram na escola?

— Ah, tudo bem. Garotos de 12 anos não sabem nada sobre compaixão, não na minha escola, e por que deveriam saber? Alguns tentaram, mas dava para ver que era encenação. E também, e eu me envergonho disso, na época não era tão importante o fato de o meu pai ter *morrido* aos 41 anos, nem os sentimentos da minha mãe. Eu só pensava no que iria acontecer *comigo*. Qual é a palavra? Solipsismo ou solecismo ou coisa assim? Solecismo.

“Mas acho que isso acabou chamando atenção para mim, de uma maneira meio terrível; uma espécie de glória piegas, o “garoto do pai que morreu”. Sabe, muitas garotas que nunca tinham falado comigo antes vinham me oferecer um chocolate e passar a mão nas minhas costas... E teve um pouco de bullying, é claro. Alguns garotos tirando sarro da minha cara me chamando de desabrigado, esse tipo de coisa, o que nem era inteligente, porque eu ainda tinha minha mãe. Mas aí eu fiz um amigo, o Spencer, que, por alguma razão, resolveu tomar conta de mim, e isso ajudou. As pessoas tinham medo do Spencer. E com toda a razão, porque ele é um cara durão, o Spencer..

— Você tem uma foto dele?

— Do Spencer? Ah, do meu pai. Não, não na carteira. Por quê? Você acha que eu deveria ter?

— Não necessariamente.

— Em casa, eu tenho. Se você quiser me visitar... Não precisa ser hoje, mas qualquer dia desses...

— E você pensa nele?

— Ah, sim, é claro. O tempo todo. Mas é difícil, pois, na verdade, a gente nunca se conheceu muito bem. Pelo menos, não como dois adultos.

— Tenho certeza de que ele gostaria muito de você.

— Você acha?

— É claro. Você não?

— Não tenho certeza. Acho que ele me acharia um pouco estranho, para ser sincero.

— Ele se sentiria orgulhoso.

— Por quê?

— Por muitas razões. Pela universidade. Por ser a estrela do time que vai



participar do programa na TV e tudo o mais...

— Pode ser. A única coisa em que ainda penso, e não sei por que, pois não é racional, já que, tecnicamente, não é culpa deles, mas eu gostaria de conhecer os empregadores do meu pai, as pessoas que ficavam com todo o dinheiro e faziam ele trabalhar daquele jeito, porque acho que são uns filhos da puta. Desculpe o palavrão. Nem sei o nome deles ou onde estão agora. Talvez em alguma puta mansão na região de Algarve ou coisa assim, e nem sei o que eu diria se os encontrasse, porque eles não fizeram nada de *errado*, estavam só tocando um negócio, ganhando dinheiro, e, afinal, meu pai poderia ter saído do emprego se odiava tanto assim, montado na sua moto e procurado outra coisa, mesmo que fosse uma floricultura ou uma carreira de professor primário ou coisa assim, não foi um caso de negligência criminal, acidente numa mina ou num barco ou coisa assim. Era só um vendedor, mas não é certo alguém odiar tanto o trabalho desse jeito, e acho que as pessoas que faziam ele trabalhar daquela maneira, bem... acho que são uns filhos da puta e odeio todos eles, todos os dias, onde quer que estejam, por me tirarem... Bom, deixa pra lá... Aliás, você me dá licença um minuto? Eu preciso ir ao toalete.

PERGUNTA: O ducto e a glândula lacrimais são os principais responsáveis pela produção e pela distribuição do quê?

RESPOSTA: Lágrimas.

No fim, acho que foi uma bênção termos ficado tão perto do banheiro.

Estou aqui já há algum tempo. Talvez tempo demais. Não quero que ela pense que estou com diarreia ou coisa assim, mas também não quero que me veja chorar. Como técnica de sedução, o choro incontrollável está, definitivamente, ultrapassado. Agora, ela vai achar que sou um daqueles garotos que choram. Provavelmente, está ao lado da porta, balançando a cabeça, pagando a conta e correndo para contar tudo isso a Erin: “Meu Deus! Você não acredita a noite que eu tive. Ele é um daqueles caras que choram...”

Ouçõ baterem na porta do cubículo e imagino que seja Luigi, vendo se não fugi pela porta de incêndio, mas eis que surge uma voz...

— Brian, tudo bem?

— Ah, oi, Alice!

— Tudo bem com você?

— Ah, sim, tudo bem.

— Não quer abrir a porta, querido?

Oh, Deus, ela quer entrar no banheiro comigo!

— Abra a porta, meu bem...

— Está tudo bem. Falo com você num minuto. — Espera aí... “*Querido*”?

— Tudo bem. Mas você vai voltar logo para mim, não vai?

— Dois minutos — grito, e quando ela está saindo: — Pode ir pedindo a sobremesa, se quiser!

E ela sai. Espero um momento, depois saio do cubículo e me olho no espelho. Não é tão ruim quanto eu imaginava: os olhos estão um pouco vermelhos, mas o nariz parou de escorrer. Então, ajeito a gravata-borboleta, ajeito a franja no lugar, abotoo o suspensório e volto para a mesa de cabeça baixa para Luigi não me ver. Quando me aproximo, Alice se levanta e me dá um abraço bem apertado, a bochecha encostada na minha. Fico sem saber o que fazer, então retribuo o abraço, inclinando para a frente a fim de deixar espaço para o vestido de baile armado, uma das mãos no cetim grafite e a outra nas suas costas, suas lindas costas, a carne salta um pouquinho do cetim, e ela sussurra no meu ouvido:

— Você é um cara adorável.

E eu acho que vou chorar de novo, não porque sou um cara adorável, mas porque eu sou um puta de um imbecil, um tremendo babaca. Então, fecho os olhos bem apertados e ficamos assim por um tempo. Quando abro os olhos, vejo Luigi me observando, piscando, com os dois polegares para cima. Não sei exatamente como reagir a isso e retorno o sinal com os polegares, e, imediatamente, me sinto desprezível, porque não entendo bem por que estou com

os polegares para cima.

Claro que, depois de algum tempo, meu suspensório se solta e Alice interrompe o abraço, sorri para mim, o tipo do sorriso pesaroso que as mães dão para crianças chorando nos comerciais da TV. Começo a me sentir bem desconfortável agora, então digo:

— Desculpe por tudo isso. Em geral, só começo a chorar bem mais *tarde* da noite.

— Vamos embora?

Mas eu ainda não quero ir embora.

— Você não quer sobremesa? Um café ou outra coisa?

— Não, não.

— Acho que eles servem *profiteroles*. Que tal um chocolate...?

— Não, sério, eu estou *cheia* — e, de algum lugar nas dobras do vestido, ela tira a menor bolsa do mundo e começa a abrir.

— Ei, você é minha convidada — digo.

Ai, pago a conta, que, afinal, foi bem razoável, graças a eu ter surtado em vez de pedir a sobremesa, e saímos.

No caminho de volta para o alojamento, mudamos de assunto e conversamos sobre livros, como nós dois odiamos D. H. Lawrence e quais são nossos Thomas Hardy preferidos. Eu fico com *Judas, o obscuro*, e ela com *Longe da multidão*. É uma noite agradável de fim de novembro e as ruas estão úmidas, apesar de não ter chovido. Alice sugere que a gente volte por uma rota pitoresca e subimos o morro que tem vista para a cidade, um pouco ofegantes por causa do exercício e da conversa que nunca para. O ruído dos carros nas ruas fica lá embaixo e o único barulho além das nossas vozes é o vento nas árvores e o som farfalhante do vestido de cetim de Alice. Na metade da subida do morro, ela desliza o braço pelo meu, dá um pequeno aperto e descansa a cabeça no meu ombro. A última pessoa a me dar o braço dessa maneira foi minha mãe, no caminho para casa depois de assistir ao meu Jesus em *Godspell*. Claro que mamãe tinha acabado de me ver ser crucificado, o que sempre tem algum efeito emocional em uma mãe, mas lembro que, assim mesmo, isso me fez sentir um pouco estranho, meio orgulhoso, meio envergonhado, como se eu fosse o seu soldadinho ou coisa assim. O braço de Alice pegando no meu não me deixa menos constrangido, como se fosse algo saído de uma novela de época, mas é legal, eu me sinto quente e uns 5cm mais alto.

No alto do morro, sentamo-nos em um banco, e ela se aninha com a cintura bem junto à minha e ficamos juntinhos na beirada, e não ligo de sentir a umidade passando pela minha calça e saber que vai ficar suja de musgo. Na verdade, eu poderia ficar ali para sempre, olhando a cidade lá embaixo, o desenho sinuoso das luzes da estrada na paisagem.

— Acabo de perceber que ainda não dei os parabéns para você.

— Ah, tudo bem...

— Feliz aniversário, mesmo assim...

— Obrigado, para você também.

— Só que hoje não é meu aniversário — corrige Alice.

— Não, é claro que não. Desculpe.

— Também não dei um presente a você...

— Tudo bem. Esta noite já foi um presente.

Paramos de falar e eu penso em apontar algumas constelações, como fazem nos filmes. Aprendi todas elas de cor só para uma ocasião como essa, mas está muito nublado. Então, me pergunto se está escuro o suficiente para tentar um beijo, ou se ela está bêbada o suficiente para deixar.

— Brian, o que você vai fazer no Natal?

— Hã, não sei...

— Não quer passar com a gente?

— Onde?

— Comigo.

— Em Londres?

— Não, nós temos um pequeno chalé em Suffolk. Você pode conhecer Rose e Michael.

— Quem são Rose e Michael?

— Meus pais!

— Certo! Bem, eu adoraria, mas não posso deixar minha mãe sozinha...

— É claro que não, mas você pode vir depois do Natal, no fim de semana seguinte. Os meus pais estão sempre na deles. Então seríamos só nós dois a maior parte do tempo. — *Ela pensa que eu preciso ser convencido a aceitar.* — Podemos passear, ler, conversar, essas coisas...

— Combinado — respondo.

— Fantástico! Então, estamos combinados. Mas, agora, estou com frio. Vamos para casa.

Já passa da meia-noite quando chegamos ao alojamento dela, mas ainda há algumas pessoas andando pelos corredores com piso de madeira, os *nerds*, os insones e os drogados. Todos dizem “Oi, Alice” e olham para mim como se não acreditassem, mas eu não estou nem aí. Estou ocupado pensando em como me despedir, a mecânica da coisa. Já na porta ela diz:

— É melhor eu ir direto para cama, tenho aula amanhã às 9h15.

— OK. Do quê...?

— Stanislavski e Brecht, *O grande debate*.

— Tudo bem, mas eles não são assim tão diferentes em tantos aspectos. Ainda que alguns considerem que suas filosofias são mutuamente exclu...

— Brian, eu preciso mesmo ir dormir.

— OK. Bem, obrigado por aceitar sair comigo.

— Brian, eu não *aceitei*. Eu *quis* sair com você — diz ela, inclinando-se para a frente num gesto rápido e dando um beijo bem perto da minha orelha.

É tudo muito rápido, como o bote de uma serpente, e meus reflexos não reagem a tempo. Por isso, só consigo estalar os lábios alto demais no ouvido dela e a porta se fecha.

E, mais uma vez, estou andando pelo cascalho no meu caminho para casa. Mas, enfim, deu tudo certo. Acho que foi legal. Fui convidado para um chalé. Parece que agora ela me acha “interessante”, mesmo que “interessante” não fosse bem o que eu estava querendo. Continuo me sentindo um pouco desconfortável com as razões pelas quais isso aconteceu, mas mesmo assim...

— Ei, Jackson!

Olho ao redor.

— Desculpe, eu quis dizer *Brian*. Brian, aqui em cima... — é Rebecca, debruçada na janela do primeiro andar, com uma longa camiseta preta e pronta para dormir.

— Como foram as coisas, garoto apaixonado?

— Ah, tudo bem.

— Então, o amor está no ar?

— Não “amor”. “Gostar”.

— O “gostar” está no ar. Achei mesmo que sim. Foi o que senti. Como se estivesse no ar. Muito bem, Brian. Fique firme, companheiro.

No caminho para casa, passo num posto 24 horas e me dou de presente um chocolate e uma latinha de Lilt com o dinheiro que economizei por ter me debulhado em lágrimas. São quase 2h da manhã quando chego a Richmond House. Há três avisos escritos à mão colados na porta...

*19h30 Brian, sua mãe ligou.*

*22h45 Spencer ligou. Disse que está morrendo de tédio e vai ficar no posto de gasolina a noite inteira. Ligue para ele.*

*Brian, por favor não use o meu Apri sem me pedir antes.*

PERGUNTA: O que Dorothy Gale precisa fazer para voltar para o Kansas?

RESPOSTA: Bater os saltos dos sapatos três vezes pensando “Não existe melhor lugar do que a nossa casa”.

Minha mãe ainda não havia chegado do Woolworths quando entrei em casa. Então, resolvi preparar uma caneca de chá, pular no sofá, pegar uma caneta e, metodicamente, anotar na contracapa da *Radio Times* o que iria assistir na televisão no Natal. Estou supercansado, o que, infelizmente, se deve mais à cerveja caseira de Josh e Marcus do que a qualquer fervor acadêmico. As últimas semanas do semestre passaram num borrão de festas com pouca gente, na casa de estranhos, e em competições de quem bebe mais na cozinha com os amigos de Josh e Marcus. Eram uns caras fortões e esportistas e umas meninas bronzeadas do time de lacrosse, todas com as golas levantadas, todas fazendo francês, todas da mesma cidade e todas com o mesmo cabelo louro puxado para trás. Inventei uma piada muito boa sobre esse tipo de garota e o lugar de onde elas vêm, Surrey, mas infelizmente não tenho a quem contar.

Não sei o que elas aprenderam nessas escolas particulares, mas, certamente, sabem beber. Sinto como se estivesse envenenado, cinzento, malnutrido e estou feliz de estar em casa, deitar no sofá, assistir à televisão. Não está passando nada de bom essa tarde, só um faroeste, e meus olhos vagueiam até minha foto de escola em cima da TV, tirada pouco antes de o meu pai morrer. Existe alguma coisa mais triste do que uma antiga foto de escola? Dizem que a câmera deixa a gente dez quilos mais gordo, mas essa parece que só aumentou as minhas espinhas. Estou parecendo um homem da Idade Média, vítima da peste, todo pegajoso e cheio de bolhas, e me pergunto como minha mãe aguenta ver a minha cara amarrada sempre que tenta olhar para a TV.

A foto me deprime tanto que desligo a televisão e vou até a cozinha colocar a chaleira no fogo e fazer mais chá. Enquanto a água ferve, fico observando o quintal pela janela, um espaço obscuro do tamanho de uma caixa de sapato que minha mãe mandou cimentar quando meu pai morreu, para não dar trabalho. Faço o chá e subo com as malas para o meu quarto. Minha mãe desligou o aquecedor para economizar energia, o quarto está um gelo, e me deito na cama vestido e fico olhando para o teto. Por alguma razão, a cama parece menor, como se fosse de criança, assim como o quarto todo. Sabe lá Deus por que, já que não cheguei a crescer, mas, depois de três meses, o quarto já parece o de outra pessoa. Tudo o que restou foram as coisas da infância, as pilhas de gibis, os fósseis no batente da janela, anúncios de hotéis, aeromodelos cobertos de pelo e poeira pendurados no teto, antigas camisetas da escola no armário. Me sinto um pouco triste e começo a pensar em Alice, e, depois de um tempo, caio no sono.

Faz muito tempo que não conversamos. As reuniões da equipe do Desafio pararam faz duas semanas, e, desde a ocasião, ela parece ter sido engolida por sua panelinha, uma gangue barulhenta de lindos garotos e garotas descolados que vivia no bar da escola ou dirigindo pela cidade. Eram uns sete ou oito espremidos num Citroën 2CV amarelo berrante esfumado, dando risada, tomando vinho tinto direto do gargalo e ouvindo Jimi Hendrix. Depois, voltavam para o belo apartamento de alguém para usar drogas estranhas e fazer sexo uns com os outros. Na verdade, o mais próximo que cheguei de Alice foi no bar da escola algumas noites atrás. Cheguei perto e falei: “E aí?”. E o pessoal respondeu “E aí?”, todos alegres e sorridentes, mas, infelizmente, não havia cadeira na mesa para eu me sentar com eles. Além disso, Alice precisava virar o pescoço para falar comigo, e há um limite de tempo para ficar à parte num grupo como esse, antes de pressentir que deveria mesmo era tirar as garrafas vazias da mesa. Claro que sinto desprezo por panelinhas de descolados convencidos e privilegiados desse tipo, mas, infelizmente, isso não me impede de querer ser um deles.

Mas consegui falar o suficiente para Alice confirmar que a viagem para o chalé estava de pé. Não preciso levar nada, a não ser um monte de livros e um suéter. Na realidade, ela riu de mim quando perguntei se não precisava levar uma toalha.

— Temos *muitas* toalhas — ela explicou, e pensei, sim, claro que têm. — Mal posso esperar — emendou.

— Mal posso esperar também — concordei, mas falando sério, pois sei que, na faculdade, nunca vou ter muito da sua atenção.

São muitas distrações, muitos grandalhões com dinheiro e apartamento próprio. Mas, quando afinal estivermos longe, só eu e ela, vai ser a minha chance, minha grande oportunidade de demonstrar a inevitabilidade absoluta de ficarmos juntos.

É manhã de Natal, e a primeira coisa que faço quando levanto é comer uma grande tigela de cereal Frosties e ligar a TV. São quase dez horas e *O mágico de Oz* já começou; então, deixo a televisão ao fundo, enquanto minha mãe e eu abrimos os presentes um do outro. Meu pai também está ali, de certo modo, como o fantasma de Jacob Marley, numa Polaroid antiga que tenho dele, cansado e sarcástico num roupão vinho, cabelo preto penteado para trás, de chinelos novos e fumando os cigarros que comprei e embrulhei para ele como presente.

Neste ano, minha mãe me comprou alguns coletes novos e as *Obras completas de e.e. cummings* que pedi, e que ela teve de encomendar. Verifico o preço na etiqueta e sinto uma pontada de culpa, no mínimo um dia de salário, mas agradeço e beijo-a na bochecha e entrego os meus presentes — uma

pequena cesta de vime com águas de cheiro da Body Shop e uma edição de segunda mão de *A casa abandonada*, da Everyman.

— O que é isso?

— É o meu preferido de Dickens. É genial.

— *A casa abandonada*? Parece esta casa.

E, na verdade, essa observação decreta o clima do dia. Clima de Dickens.

Tio Des veio para a ceia de Natal. A esposa dele o abandonou por um colega de trabalho já há algum tempo; por isso, todos os anos minha mãe o convida para a ceia de Natal, porque ele não tem uma família propriamente dita. Mesmo não sendo meu tio de verdade, apenas o vizinho três casas rua abaixo, tio Des pensa que, por algum motivo, tem o direito de bagunçar o meu cabelo e falar comigo como se eu tivesse 12 anos.

— Então, como vai esse intelecto? — pergunta, em sua voz de entreter crianças.

— Bem, obrigado, tio Des.

— Caramba! Esse pessoal não ensina como usar uma escova de cabelo na faculdade?! — comenta, continuando a despentear meu cabelo. — Olha o seu estado! — Bagunça, bagunça, bagunça, e me ocorre que isso não pega bem, vindo de um homem de 45 anos com o cabelo tingido de louro e um bigode que parece ter sido recortado de um mostruário de tapetes, mas fico calado, pois minha mãe não gosta que eu responda mal ao Tio Des. Então, contorço-me timidamente e me considero um cara de sorte, porque, ao menos esse ano, ele não está “tirando” moedas de 5 pence da minha orelha.

Mamãe põe a cabeça para fora da porta diz:

— Os legumes estão prontos! — Um bafo morno no ar confirma seu aviso e me sinto nauseado, porque ainda sinto o gosto de Frosties nos meus dentes de trás. Ela volta para a cozinha e eu e o tio Des sentamos e assistimos ao *Mágico de Oz* baixinho.

— Que inferno! Essa bobagem de novo! — diz tio Des. — Todo Natal é esse maldito mágico dessa maldita Oz.

— Bem que eles podiam passar outra coisa, não é? — respondo. Aí, tio Des pergunta sobre a faculdade.

— Então, o que você *faz* o dia todo? — É uma pergunta justa, acho, e que já me fiz algumas vezes.

— Um monte de coisas... Assistio às aulas, leio, escrevo redações, esse tipo de coisa.

— Só isso? Que inferno... Mas há quem goste...!

Mudo de assunto.

— E você, tio Des, como vai o trabalho?

— Ah, meio parado, Bri, meio parado... — Tio Des está no ramo da construção, estufas, pórticos e pátios, ou pelo menos estava, antes do divórcio e da recessão. Agora, a van fica à toa na frente da casa e Des passa a maior parte do tempo desmontando e remontando motores, não do jeito certo, e depois desmontando de novo.

— As pessoas não querem gastar em reformas, não em plena recessão. Na verdade, pórticos e estufas são um luxo... — Alisa o bigode com o indicador e o



polegar e volta a olhar com tristeza para *O mágico de Oz*, para aqueles macacos com asas meio perturbadores, e me sinto mal por ter perguntado sobre o trabalho quando sei que não está indo bem. Depois de um momento ou dois vendo os macacos voadores sem interesse, ele sai do transe com um visível esforço físico, senta o mais ereto possível na cadeira e bate palmas.

— Tudo bem... E que tal uma bebida? Afinal de contas, é Natal. Qual é o seu veneno predileto, Bri? — Em seguida, diz em tom conspiratório: — Além de couve-de-bruxelas?!

Olho para o relógio na cômoda, são 11h55.

— Eu quero uma cerveja, por favor, Des. — Ele sai correndo para a cozinha, quase como se morasse ali.

Durante o almoço, na cozinha, ao som da BBC2, decido contar a grande novidade.

— A propósito, tenho um comunicado a fazer...

Minha mãe para de mastigar.

— O quê?

— Aconteceu uma coisa na faculdade nesse semestre...

— Oh, Deus, Brian... — interrompe minha mãe, a mão na frente da boca.

— Não se preocupe. Não é nada ruim...

Olha para Tio Des e fala, nervosa:

— Continue...

— Bem, eu vou participar do *Desafio Universitário!*

— O quê? Aquele programa da televisão? — pergunta tio Des.

— Isso! Eu estou no time!

Minha mãe começa a rir e olha para Des, que também está rindo.

— Parabéns, Bri! — diz ele, pondo o garfo na mesa para ficar com a mão livre para bagunçar meu cabelo. — É uma ótima notícia, ótima mesmo...

— Meu Deus, que *alívio!* — exclama mamãe, tomando um grande gole de vinho e levando a mão ao peito para acalmar o coração.

— Por quê? O que você achou que eu fosse dizer?

— Bem, querido, para ser sincera, achei que fosse me contar que era gay! — responde e começa a rir outra vez, olhando para tio Des, que também começa a rir. Ri tanto que fico com medo que se engasgue com a couve-de-bruxelas.

Mais tarde, depois do nosso arremedo de peru assado, tio Des se serve de um grande copo de uísque e acende um charuto longo e fino, minha mãe acende um Rothman e ficamos assistindo ao *Top Of The Pops*, em meio ao ar esfumaçado com cheiro de caramelo. Tio Des solta um pequeno rosnado cada vez que a câmera foca uma *backing vocal* seminua, minha mãe dá um sorriso indulgente e dá um tapinha no pulso dele. Ela está se dedicando a devorar uma caixa de chocolates com licor, mordendo as tampas das garrafinhas de chocolate e bebericando tudo tal como uma ébria sofisticada. É uma modalidade nova e bizarra no hábito de beber da minha mãe, e não sei bem o que pensar disso, mas continuo com meu pacote de quatro cervejas para não ficar para trás. Por ser um jovem antenado com a música popular atual, ajudo na identificação das figuras mais obscuras no vídeo *Do They Know It's Christmas?* Em seguida, assistimos ao Discurso da Rainha e, logo depois, tio Des sai para visitar a mãe

idosa que mora perto, mas promete voltar às 18h para comer as sobras e jogar a nossa tradicional e infinitamente longa partida de Banco Imobiliário, que tio Des sempre vence, mas só porque joga como banqueiro e trapaceia.

Então, antes de ficar escuro demais, minha mãe e eu vestimos nossos casacos e saímos. Ela pega no meu braço, enquanto caminhamos pouco mais de um quilômetro até o cemitério para colocar flores no túmulo do meu pai. O ar úmido e gelado aumenta um pouco a embriaguez dela e preciso me abaixar para ouvir o que está dizendo. Ela cheira a sálvia, cebola e licor Tia Maria.

Como de costume, fico com a minha mãe por um tempo e digo como a sepultura ainda está bonita. Depois, afasto-me um pouco enquanto ela fala com meu pai. Sempre me sinto meio desconfortável quando tenho de esperar sem ter um livro para ler; por isso, tento identificar os pássaros, mas são apenas gralhas e corvos-de-riacho (*da família corvidae*), estorninhos comuns (*sturnus vulgaris*) e pardais (*passer domesticus*), e me pergunto por que os cemitérios sempre atraem pássaros tão mórbidos e infelizes. Em 10 minutos, minha mãe termina o que tinha a dizer, afaga a sepultura de leve e se afasta, cabeça baixa, pega no meu braço e não diz nada até controlar um pouco a respiração e conseguir falar normalmente de novo. Já está escuro, mas alguns garotos de uma casa próxima estão estreado as novas bicicletas BMX que ganharam de Natal entre as sepulturas, freando forte e deslizando em longas derrapagens que deixam marcas no chão.

Ainda com os olhos úmidos e um pouco bêbada com os chocolates com licor, minha mãe se aborrece com isso e grita com eles:

— Vocês não podem fazer isso num cemitério! Tenham um pouco de respeito!

Um dos garotos faz um sinal obsceno e passa por ela rindo e gritando:

— Vai cuidar da sua vida, sua vaca idiota!

Percebo que minha mãe começa a chorar de novo e, de repente, sinto um irresistível desejo de correr atrás dele, arrancar o gorro do seu casaco e puxá-lo da bicicleta, colocar o joelho nas suas costas e esfregar aquela cara estúpida e irônica no chão para ver quanto tempo ele demorava até parar de rir. Mas, logo depois, sinto vontade de estar em algum lugar bem longe dali, deitado com alguém numa cama quentinha, prestes a cair no sono.

PERGUNTA: Qual é o nome da classe de compostos orgânicos com a fórmula geral R-OH, na qual R representa um grupo de alquila formado por carbono e hidrogênio, e OH representa um ou mais grupos de hidroxila?

RESPOSTA: Álcool.

O Black Prince é um pub que serve bebida para menores de idade. Na escola, todos conheciam o lugar como *A creche*, pois o raciocínio do dono era de que qualquer espertinho capaz de esconder a gravata da escola no bolso já tinha idade para beber. Nas tardes de sexta-feira, parecia o cenário da série *Grange Hill*, a gente mal conseguia se mexer no meio de tantas mochilas.

Fora do período de aulas, é difícil imaginar um lugar mais desolador para beber. Escuro, estranho e úmido... É mais ou menos como estar dentro do rim de alguém, mas, em algum momento nos últimos cinco anos, tornou-se uma tradição a gente se encontrar ali nos feriados de fim de ano, e tradições são sagradas. Então, estamos eu, Tone e Spencer, sentados num banco de vinil que parece um coágulo. É a primeira vez que nos vemos desde setembro. Andei me sentindo um pouco angustiado com relação a esse encontro, mas Spencer parece mesmo feliz em me ver. Tone também, do seu jeito, o que basicamente se resume a esfregar com força a minha cabeça.

— Mas que *porra* aconteceu com o seu cabelo?

— Como assim?

— Meio capacete, né? — Tone me agarra pelas orelhas e cheira meu cabelo como se fosse um melão. — Você está usando mousse?

— Não estou usando mousse nenhum. — Na verdade, estou usando um pouco de mousse, sim.

— E como se chama esse corte de cabelo?

— *Memórias de Brideshead* — responde Spencer.

— Curto atrás e dos lados. E como se chama o seu corte, Tone?

— Não tem nome. Simplesmente é. E o que você anda bebendo agora? Porto com limão? Xerez? Vinho branco doce...? — começa ele, e eu ainda nem tirei a jaqueta.

— Uma cerveja, por favor, Tone.

— Uma cerveja *especial*?

— Tudo bem. Pode ser uma especial.

“Cerveja especial” é cerveja misturada com gim. Parte da missão educacional do proprietário do lugar é estimular a “inovação”. Ele nem pisca diante de qualquer combinação repulsiva que você pedir. Além do mais, cerveja misturada com gim é, de fato, algo bem adulto para os padrões do Black Prince. Qualquer coisa que não tenha gosto de coco, menta ou anis conta como refinada aqui.

Foi o maior período de tempo que passei sem ver Spencer desde que tínhamos 12 anos, e estou muito angustiado com a possibilidade de haver aqueles silêncios constrangedores. Mas aqui estamos. Em silêncio. Spencer tenta disfarçar, jogando a bolacha da cerveja para o alto, enquanto eu pego a caixa de fósforos para ver se há alguma coisa para ler na parte de trás.

— Então... Pensei que você tinha dito que viria nos fins de semana.

— Eu queria vir, mas andei meio ocupado.

— Ocupado... Sei.

— E o Natal? Foi bom? — pergunto.

— O de sempre. A mesma coisa do ano passado, a mesma coisa do ano que vem. E o seu?

— Ah, você sabe. A mesma coisa. — Tone volta com as cervejas especiais.

— Então... Quais são as novidades? — pergunto.

— Que “*novidades*”? — pergunta Spencer.

— No trabalho, quero dizer...

— Que trabalho? — pergunta Tone, piscando para mim. Até onde sei, Spencer continua vivendo do seguro-desemprego e ganhando um por fora no posto.

— No posto de gasolina...

— Agora estamos com uma promoção bem interessante de taças de vinho grátis que está causando o maior alvoroço, e o preço da gasolina quatro estrelas aumentou no outro dia. Isso também foi muito emocionante. Então, considerando tudo, nunca estive tão animado desde que comi o meu primeiro Kit-Kat todo de chocolate. Ah, e, na semana passada, um bando de estudantes universitários saiu correndo sem pagar...

— Espero que você tenha saído correndo atrás deles — resmunga Tone.

— Não, Tone, não corri, porque eles estavam de carro e eu a pé. Além do mais, eu só ganho 1,80 libra por hora. Teriam de me pagar bem mais do que isso para eu começar a correr.

— Como sabia que eram universitários? — pergunto, mordendo a isca.

— Bem, para começar estavam muito malvestidos. Cachecóis longos, óculos redondos, cortes de cabelo esquisitos... — Abre um sorriso cúmplice para Tone e volta a olhar para mim. — Como vai a sua vista, Bri? — É uma piada corrente entre Tone e Spencer, que acreditam que menti para o oftalmologista só para poder usar óculos.

— Bem, obrigado, Spencer — e decido pegar mais batatas fritas.

No caminho até o bar, por um momento penso em andar em direção à porta e ir embora. Adoro Spence e Tone, Spencer em especial, e imagino que seja mútuo, ainda que nunca tenhamos declarado nada a respeito, pelo menos não sóbrios. Mas, no meu aniversário de 18 anos, Spencer e Tone me amarraram pelado no fim do píer de Southend e me enfiaram laxante goela abaixo. Então, é um amor que se expressa de maneiras não convencionais.

Quando volto, estão falando sobre a vida sexual de Tone. Por isso, sei que vou estar mais ou menos seguro pela próxima hora. Garçonetes, cabeleireiras, professoras, irmãs de amigos da escola e até mães — parece que ninguém é imune aos encantos nórdicos de Tone. A lista não tem fim e os detalhes são

explícitos, e, depois de um tempo, começo a sentir como se precisasse de um banho, mas tem alguma coisa atraente em Tone, que não é sensibilidade nem ternura ou consideração. É muito fácil imaginar ele esfregando os dedos com força na cabeça da namorada depois de fazer amor. Fico imaginando, mas não pergunto, se Tone está fazendo sexo seguro, mas desconfio de que ele acha que sexo seguro é coisa de bunda-mole, assim como cintos de segurança e capacetes. Mesmo se fosse jogado de um avião, Tone acharia que paraquedas é coisa de bunda-mole.

— E quanto a você Brian? Algo a relatar?

— Na verdade, não — mas isso soa meio evasivo e complemento, fingindo indiferença: — Tem uma garota, Alice, que me convidou para passar o fim de semana no chalé dela...

— Num *chalé*? — pergunta Spencer. — O que ela faz? É camponesa?

— Não... É uma casa de campo, dos pais dela...

— E você está transando com ela? — quis saber Tone.

— É platônico...

— O que quer dizer platônico? — pergunta Spencer, mesmo sabendo o significado.

— Quer dizer que ela não vai dar para ele — diz Tone.

— Não estou “transando” com ela, porque não quero “transar” com ela; não por enquanto. Se quisesse, eu transaria.

— Embora evidências recentes mostrem que esse não é o caso — comenta Spencer.

Tone acha aquilo incrivelmente engraçado. Então, prefiro me ausentar para pegar mais cerveja com gim. O leve tropeço quando me levanto do banco mostra que a bebida está começando a fazer efeito. Sei muito bem que o dinheiro não vai durar muito no bolso esses dias. Mas o Black Prince é muito barato. Um lugar onde três garotos podem ficar incoerentes, agressivos, sentimentais e violentos e ainda receber troco de uma nota de dez.

Quando volto à mesa, Spencer me pergunta:

— Então, o que você *faz* de verdade o dia inteiro?

— Converso. Leio. Vou às aulas. Discuto.

— Não é exatamente trabalho, é?

— Não é trabalho. É uma *experiência*.

— Ah, tá, mas eu continuo muito feliz na Universidade da Vida, muito obrigado — intervém Tone.

— Eu me inscrevi para a Universidade da Vida. Mas não consegui passar — replica Spencer.

— Não é a primeira vez que você diz isso, é? — comento.

— Claro que não. Então, e a política? — A pergunta me cutuca como uma vareta.

— O que tem a política?

— Você participou de alguma manifestação recentemente?

— Uma ou duas.

— Qual o tema? — pergunta Tone.

O mais sensato seria mudar de assunto, mas não vejo por que comprometer

minhas visões políticas em favor de uma vida fácil. Por isso, respondo.

— *Apartheid*...

— Contra ou a favor? — pergunta Spencer.

— ...saúde pública, direitos gays...

Isso chama a atenção de Tone.

— Quem é o *canalha* que está querendo tirar os seus direitos?

— Não são os *meus* direitos. Existe um movimento no Partido Conservador querendo impedir as escolas de mostrar a homossexualidade sob uma luz positiva. É homofobia legislada...

— É isso que elas estão fazendo? — pergunta Spencer.

— Quem?

— As escolas. Porque eu não me lembro de ninguém ensinando isso na nossa escola.

— Bem, não... Não ensinaram isso, mas...

— Então, por que é um problema tão grande?

— Pois é... *Você* virou gay sem ninguém ensinar — diz Tone.

— É, Tone, esse é um belo argumento...

— Pois eu acho um escândalo — interrompe Spencer, com indignação fingida. — Acho que isso deveria ser ensinado. Às terças-feiras, à tarde. Sessão dupla de veadagem...

— Desculpa... Esqueci o dever de veadagem em casa...

— A nota *V* seria a mais alta!

Tentamos pensar em alguma outra piada, mas não conseguimos, então Spencer diz:

— Bem, eu acho ótimo que você esteja se posicionando com relação a uma coisa tão importante, acho mesmo. É como quando você se afiliou à CDN. Tivemos um holocausto nuclear depois disso?

Tone se levanta.

— Então... Mais uma rodada?

— Sem gim dessa vez, Tone, por favor — peço, sabendo que ele vai misturar gim.

Quando ele sai, Spencer e eu ficamos dobrando os pacotes vazios de batatas fritas em pequenos triângulos, sabendo que o assunto ainda não acabou. O gim me deixou rabugento e de mau humor. Qual o sentido de sair com os amigos, se eles só vão tirar sarro da sua cara?

Afinal, acabo falando:

— Contra o que você protestaria, Spence?

— Não sei. Seu corte de cabelo?

— Estou falando sério...

— Mas eu estou falando sério...

— Não, sério, tem de existir alguma causa que você queira defender.

— Não sei. Muitas coisas. Mas acho que não os direitos gays...

— Não é só a questão dos direitos gays. São coisas que afetam a você também, como cortes no bem-estar social, cortes no auxílio do Estado, desemprego...

— Muito obrigado, amigo Brian, é bom saber que você está protestando em

meu benefício, e vai ser bom receber uma grana extra.

Não há nada que eu possa dizer a respeito. Tento algo mais conciliatório, num tom de amizade:

— Ei, você devia ir lá me visitar no ano que vem!

— Como assim? Para escolher uma carreira?

— Não... Só para se divertir... — e esse é o ponto em que eu deveria mudar de assunto para sexo ou filmes ou TV ou coisa assim. Mas prefiro dizer: — Por que você não continua os seus estudos?

— Hummm. Seria porque eu não quero...?

— Mas é um desperdício tão grande...

— Desperdício? Ficar sem fazer nada é um *desperdício!* Ler poesia e ficar três anos batendo punheta é um *desperdício*.

— Mas você não precisa estudar literatura. Pode fazer outra coisa, algo que seja mais a sua cara...

— Vamos mudar de assunto, Brian?

— Tudo bem...

— Já bastam os conselhos de merda do Departamento de Saúde. Não quero falar sobre carreira num pub, num feriado de fim de ano.

— Tudo bem. Vamos mudar de assunto — e faça uma sugestão: — Máquina de quiz?

— Claro. Máquina de quiz.

O Black Prince investiu numa dessas novas máquinas computadorizadas de quiz. Então, vamos até uma delas e equilibramos as canecas de cerveja no tampo.

— Quem interpreta Cagney na série de TV *Cagney e...*?

— C. Sharon Gless — respondo.

Resposta Certa.

— A Batalha de Trafalgar foi em...?

— B. 1805 — respondo.

— O apelido do Norwich City FC é...?

— A. Os Canários — diz Tone.

Resposta certa.

*Talvez seja uma boa hora para mencionar o Desafio...*

— Quem foi o criador dos Daleks?

— A. Davros — digo.

Resposta certa.

— De quem era o sobrenome Schickelgruber?

— B. Hitler — respondo.

Resposta certa.

*Eu poderia falar no meio da conversa, casualmente: "A propósito, já contei a vocês? Vou participar do Desafio Universitário!"*

— Qual o americano detentor do recorde de maior número de medalhas olímpicas...

— D. Mark Spitz — diz Tone.

Resposta certa.

*Vocês conhecem o Desafio Universitário, da televisão...? Talvez eles não*

gozem da minha cara. Talvez achem divertido... “Muito bem, Brian.” Afinal, somos velhos amigos...

— Mais uma pergunta e ganhamos 2 paus!

— Muito bem! Concentrem-se...

*Eu vou ter de contar a eles sobre o Desafio...*

— A quantos Oscar *Star Wars* foi indicado?

— B. Quatro — respondo.

— D. Nenhum — corrige Tone.

— Tenho certeza de que foram quatro — insisto.

— Não mesmo. É uma pegadinha. O filme não ganhou nenhum...

— Não é *ganhar*. É ser indicado...

— Não foi indicado também. Vá por mim, Spence...

— Foram quatro indicações, Spence, juro. B. Quatro...

E ficamos olhando para o Spencer, como dois suplicantes: “Escolha a mim, por favor, não ele, eu estou certo, juro, escolha a mim, tem 2 paus em jogo.” E, sim, ele me escolhe, ele confia em mim e aperta B.

Resposta errada. A resposta certa é D... Dez.

— Viu só?! — grita Tone.

— Você também estava errado! — retruco, gritando também.

— Você é um imbecil! — diz Tone.

— *Você* é um imbecil — replico.

— Vocês são dois imbecis! — conclui Spencer.

— Você que é imbecil, seu imbecil — diz Tone.

— Não, meu amigo, o imbecil é você — determina Spencer, e acho que talvez seja melhor não falar nada sobre o Desafio.

A quarta caneca de cerveja com gim nos deixa sentimentais e nostálgicos sobre coisas que aconteceram seis meses atrás, lembrando com afeto de pessoas de quem não gostávamos e de diversões não tão divertidas, e se a professora de educação física era mesmo lésbica e o quanto Barry Pringle era gordo. Por fim, pedimos a saideira.

Quando saímos do Black Prince, está começando a chover. Spencer sugere irmos à boate Manhattan, mas ainda não estamos *tão* bêbados assim. Tone roubou um videocassete no Natal e quer assistir a *Sexta-feira 13* pela 89ª vez, mas estou deprimido e bêbado demais e prefiro ir para casa, na direção oposta.

— Você vai estar por aqui no Ano-novo? — pergunta Tone.

— Acho que não. Acho que vou passar com a Alice.

— Tudo bem, cara. A gente se vê por aí, então. — Ele me dá um tapa nas costas e sai tropeçando.

Mas Spencer se aproxima e me abraça, o hálito cheirando a cerveja com gim e sussurra no meu ouvido:

— Escuta, Brian amigão, você é meu amigo, meu melhor amigo, e é ótimo que esteja por aí conhecendo pessoas diferentes e ficando num *chalé* e tudo mais, mas me prometa uma coisa, tá? — Aproxima-se ainda mais. — Prometa que você não está virando um babaca.



PERGUNTA: Se uma queimadura que afeta a epiderme é considerada de primeiro grau, qual é o termo para uma queimadura que alcança o tecido subcutâneo?

RESPOSTA: Queimadura de terceiro grau.

Não importa quanto o resto da minha vida possa ser previsível, banal e apática: sempre vai haver algo interessante acontecendo na minha pele. Quando a gente é criança, a pele é só um revestimento cor-de-rosa: sem pelos, sem poros, sem cheiro, eficiente. Daí, um dia você vê interseções microscópicas num livro de biologia, os folículos, as glândulas sebáceas, a gordura subcutânea, e percebe que muitas coisas podem dar errado. E elas deram errado. Desde os 13 anos, minha pele tem sido uma interminável novela, marcada por manchas, cicatrizes e pelos encravados crescendo, espalhando-se por todos os lados, tomando diferentes formas — de poros levemente entupidos atrás das orelhas a bolhas “queimadas” na ponta do nariz, bem no meio do meu rosto. Em retaliação, experimentei algumas técnicas de “camuflagem”, mas todos os cremes que encontrei são de um tom rosa-albino que chama mais atenção para as espinhas do que as esconde.

Eu não ligava muito para isso na minha adolescência. Quer dizer, elas me *incomodavam*, claro, mas eu aceitava como parte do crescimento, como algo desagradável, porém inevitável. Mas, agora, estou com *19 anos*, sou adulto, de acordo com a maioria das definições, e começo a me sentir perseguido. Esta manhã, de pé em frente ao meu espelho iluminado por uma lâmpada de 100 watts, as coisas estão particularmente ruins. Sinto-me como se estivesse vazando gim, cerveja e óleo — tudo ao mesmo tempo — na minha cara. E tem uma coisa nova, um calombo duro debaixo da pele, mais ou menos do tamanho de um amendoim, que se mexe quando eu toco nele. Vou pegar pesado. Adstringentes! No verso, está escrito “*Cuidado! Pode manchar tecidos*”, e algo me diz que algo que pode abrir um buraco num sofá talvez não seja uma coisa boa para se aplicar na pele, porém, mesmo assim, vou em frente e faço um enxágue final com Dettol, só para dar sorte. Quando termino, o banheiro está cheirando a hospital, mas, pelo menos, sinto o rosto esticado e limpo, como se tivesse passado por um lava a jato.

Ouçõ uma batida na porta e minha mãe entra com minha melhor camisa de vovô, de linho branco, recém-passada e uma embalagem de alumínio.

— Um pouco de lombo e peru para a sua amiga.

— Acho que eles já providenciaram a comida, mãe. Além do mais, eles são vegetarianos.

— Mas é carne *branca*...

— Acho que a questão não é a cor, mãe...

— Mas o que você vai comer?

— Vou comer o que eles comem!

— O quê? *Legumes?*

— Sim!

— Você não come um legume há 15 anos! É um milagre não sofrer de raquitismo.

— Raquitismo é vitamina D2, mãe. Escorbuto é vitamina C, falta de frutas frescas.

— Então, você não quer levar umas frutas frescas?

— Não, mãe, sério. Não preciso de frutas nem de carne.

— Você pode levar para comer no trem. Se ficar aqui, vai estragar.

Para minha mãe, o *verdadeiro* significado do Natal sempre foram as carnes frias. Então, concordo e pego o embrulho de alumínio. Pesa, mais ou menos, o mesmo que a cabeça de uma pessoa. Ela me segue até o quarto para conferir se estou mesmo guardando o embrulho na mala, como se fosse uma atitude oficial materna, e me considero com sorte por ela não querer que eu leve as couves-de-bruxelas.

Ela senta-se na minha cama e começa a dobrar com cuidado a minha camisa “de vovô”.

— Não sei por que você usa essas coisas velhas e horríveis...

— Talvez porque eu goste, não?

— Uma ovelha na pele de um carneiro...

— Eu não critico o que você veste...

— Cuecas samba-canção! Desde quando você usa samba-canção?

— Desde que comecei a comprar minhas roupas de baixo...

— Cuecas normais saíram da moda, é?

— Não faço a menor ideia, mãe...

— Achei que você preferisse cuecas mais curtas, de algodão...

— Eu uso as duas. Depende...

— Depende do quê?

— Mãe...!

— Então, quanto tempo você vai ficar com a sua namorada?

— Não sei. Três dias. Talvez quatro. E ela não é minha namorada.

— Depois você vai voltar?

— Não, acho que vou direto para a faculdade, mãe. — Não sei bem a razão, mas me acostumei a usar o termo “faculdade”. Talvez porque “universidade” ainda me pareça muito esnobe.

— Então não vai passar o Ano-novo aqui?

— É pouco provável.

— Vai passar com ela?

— Acho que sim. — Espero que sim.

— Ah! Que pena... — mamãe usou sua voz de mártir. O truque é não olhar nos olhos dela. Continuo fazendo a mala. — Mas você volta depois?

— Não vai dar, mãe. Tenho trabalhos a fazer.

— Você podia fazer aqui...

— Não dá, mesmo...

— Não vou incomodar você...

— Preciso de livros específicos, mãe...

— Então, você não vai *mesmo* passar o Ano-novo em casa?

— Acho que não, mãe, não. — Ouço um suspiro tão triste que imagino que, se me virar, vou vê-la morta no chão do quarto. Agora, irritado, eu digo: — De qualquer maneira, você vai ficar enchendo a cara com o tio Des e a gente nem vai se ver...

— Eu sei, mas é a primeira vez que você não vai estar aqui, só isso. E eu não gosto de andar pela casa sozinha...

— Bem, um dia isso ia acontecer, mãe. — Mas nós dois estamos pensando a mesma coisa. Não deveria ter acontecido, não desse jeito, ainda não. Faz-se um silêncio, e eu digo: — Agora vou me vestir, mãe, se você não se importa...

Ela dá um suspiro e se levanta da cama.

— Não é nada que eu não tenha visto antes.

Aconteceu recentemente. Ano-novo de 1984 para 1985, quando cheguei em casa tão bêbado que vomitei na cama. Ainda bem que tenho apenas uma vaga lembrança da minha mãe me ajudando a tomar banho ao amanhecer e lavando Pernod, cerveja e frango com fritas mal-digeridos com a mangueirinha do chuveiro. Faz só 12 meses que isso aconteceu. Ela nunca mencionou esse fato, e gosto de acreditar que talvez não tenha acontecido, mas tenho certeza de que aconteceu.

Às vezes, acho que faltam mais *psiquiatras* no mundo...

\* \* \*

Minha mãe está um pouco mais animada no nosso beijo de despedida nos degraus da frente de casa, mas continua querendo que eu leve mais comida. Rejeito um saco de pão de forma Mighty White, 1 litro de Dry Blackhorn, uma torta, um pote de 250 ml de creme de leite, um saco de 2 quilos de batata, um pacote de Jaffa Cakes, uma garrafa de Iced Magic sabor menta e outra de 2 litros de óleo de girassol. E cada “não, obrigado” é uma facada nas costas dela. Depois disso, saio carregando minha mala pela rua sem olhar para trás, para o caso de ela começar a chorar. No caminho para a estação de trem, saco uma nota de cinco libras do caixa e paro no mercado para comprar uma garrafa de vinho para os Harbinson. Como quero levar alguma coisa de qualidade, acabo torrando 3 libras num vinho com uma bela garrafa.

PERGUNTA: Que termo socioeconômico definia os artesãos que habitavam as cidades muradas da França no século XI, ocupando uma posição entre os camponeses e os senhores feudais?

RESPOSTA: Burguesia.

Quando o trem parte de Southend, olho pela janela e vejo as ruas molhadas e desertas; o punhado de lojas abertas numa tentativa pouco entusiasmada de “é pegar ou largar”. Os quatro dias entre o Natal e o Ano-novo são, com certeza, os mais longos e desagradáveis do ano, uma espécie de domingo arrastado. Mas os feriados bancários são piores ainda. Acho que vou morrer mais ou menos às 14h30 de um feriado bancário. Morto por tédio terminal.

Troco de roupa em Shenfield, onde o almoço é uma lata de energético Lucozade, um pacote de salgadinhos Hula Hoops e um chocolate Twix comprados num quiosque. E aí só tenho tempo de ver como está o meu rosto no espelho do banheiro da estação antes de voltar ao trem.

Ao sair do subúrbio e entrar em Suffolk, a chuva se transforma em neve, a qual raramente chega a Southend. A combinação das luzes da rua, o ar do estuário e a massa de calor tendem a transformar a neve numa espécie de caspa fria e úmida, mas ali, naquela paisagem ao pôr do sol, parece densa e limpa. Leio a primeira página de *Os Cantos*, de Ezra Pound, cinco vezes sem entender uma palavra; então, desisto e volto a observar a paisagem. Emocionante. Dez minutos antes de chegar à estação, pego meu sobretudo e o cachecol e dou uma olhada no meu reflexo na janela do trem. Gola para cima ou para baixo? Estou tentando um visual tipo *O terceiro homem* do Graham Greene, mas só pareço mesmo alguém saído de um clipe do Ultravox.

Cinco minutos antes da chegada, ensaio o que vou dizer ao reencontrar Alice. Não me sinto tão nervoso desde meu papel de Jesus em *Godspell*, quando tive de tirar a camisa para ser crucificado. Não consigo nem *sorrir* direito. Sai um sorriso torto de boca fechada que dá a impressão de que sofri um derrame, mas, ao abrir a boca, meus dentes são uma mistura de bege e preto, como um saco de peças de palavras cruzadas. Uma vida inteira de legumes e frutas frescas fez com que os dentes de Alice Harbinson sejam perfeitos. Imagino o dentista examinando sua boca e chorando diante daquele brilho, daquela pureza, daquela brancura esplendorosa.

Quando o trem para na estação, Alice está esperando no fim da plataforma, protegida da neve por um sobretudo preto que parece muito caro e que quase toca o chão, o pescoço envolto num cachecol de lã cinza — e me pergunto onde ela guardou a balalaica. Ela não corre para me ver, mas, ao menos, anda um pouco mais rápido, e à medida que seu rosto vai entrando no foco, consigo ver que sorri, depois ri, a pele mais clara, os lábios mais vermelhos. E há alguma coisa mais suave e calorosa, em comparação ao seu jeito na faculdade, como se

ela estivesse de folga. E ela me abraça e diz que sentiu minha falta, que está muito contente de eu estar ali e que vamos nos divertir muito, e, por um momento, isso parece a felicidade suprema, ali numa estação de trem do interior, com Alice debaixo da neve. Até eu perceber um homem bonito, sombrio e mal-humorado que suponho ser o pai de Alice. Uma espécie de Heathcliff de jaquetão impermeável até a cintura.

Se tivesse uma franja eu a afastaria da testa, porém, em vez disso, estendo a mão. Venho testando apertos de mão há algum tempo, pois imagino que é o que homens adultos devem fazer, mas o Sr. Harbinson olha para mim como se eu tivesse feito uma coisa desajeitada do século XVIII, como se eu fizesse medidas ou coisa assim. Por fim, ele aceita e pega minha mão, e a aperta com muita força, como que para mostrar que poderia fraturar o meu crânio se quisesse. Depois, vira-se sai andando.

Arrasto minhas malas até o Land Rover verde no estacionamento da estação enquanto Alice vai andando na frente com os braços em volta do pescoço do pai, tal como um namorado ou algo do gênero. Se eu abraçasse minha mãe pelo pescoço daquele jeito, ela chamaria o Serviço Social, mas o Sr. Harbinson parece no mesmo ritmo e abraça Alice pela cintura. Eu sigo trotando atrás.

— Brian é a nossa arma secreta no time. Ele é o gênio sobre o qual falei a você — diz Alice.

— Bem, não sei se *gênio* é a palavra certa... — observo.

— Com *certeza* não é — concorda o Sr. Harbinson.

Seguimos de carro pelo campo. Estou no banco de trás no meio de galochas e botas sujas de lama e mapas molhados, enquanto Alice mantém um monólogo narrando todas as festas em que esteve e os velhos amigos que encontrou, e eu presto atenção a cada palavra para detectar possíveis Intrusos Românticos — um jovem ator bonito talvez, um escultor musculoso chamado Max ou Jack ou Serge. Mas a barra parece estar limpa, até agora. Talvez ela esteja se censurando por estar na frente do pai. Mas duvido. Acho que Alice é um daqueles tipos estranhos de pessoa que se comportam exatamente da mesma maneira na frente dos pais e dos amigos.

O Sr. Harbinson escuta e dirige em silêncio, emanando um sutil zumbido de hostilidade. Ele é superforte, e fico imaginando por que alguém que faz documentários para a BBC2 precisa ter o físico de um pedreiro. E é muito peludo — o tipo de homem que faz a barba duas vezes por dia, mas é óbvio que é muito inteligente. É quase como se tivesse sido criado por lobos, mas lobos que sabiam o valor de uma boa educação. Também parece impossivelmente jovem, bonito e descolado para ser pai, como se ter uma família fosse uma coisa em que ele caiu de paraquedas entre um show do Hendrix e uma viagem de LSD.

Afinal, chegamos ao Chalé Blackbird. Só que “chalé” não é bem a palavra. O lugar é enorme, lindo, o tipo de casa que se “esparrama”, como um monte de celeiros adaptados e casas de fazenda, quase uma vila inteira, tudo aninhado para abrigar a residência de campo da família Harbinson; todo o luxo de uma casa majestosa, mas sem os inconvenientes políticos de uma conotação aristocrática. Com a neve, é como um cartão de Natal animado. Tem até fumaça saindo da chaminé, e é tudo muito rural e do século XIX, com exceção do carro esporte, o

2CV de Alice, e uma piscina coberta de lona onde antes ficava o curral das vacas. Na verdade, qualquer vestígio agrícola foi apagado há muito tempo. Até os cachorros parecem de classe média: dois labradores que chegaram aos saltos como que dizendo “muito prazer em conhecê-lo, conte-nos *tudo* sobre você”. Não me surpreenderia se eles tivessem um piano de cauda.

— Esses são Mingus e Coltrane! — apresenta Alice.

— Olá, Mingus e Coltrane. — Ocorre um ligeiro lapso de etiqueta canina quando eles começam a farejar as carnes frias na minha mala durante o percurso até a casa. Ergo, então, a mala nos braços.

— O que você acha?

— É adorável. Maior do que eu esperava.

— Mãe e papai compraram por, mais ou menos, cinco guinéus nos anos 1960. Venha conhecer Rose — e levo um segundo para perceber que Rose é a mãe de Alice.

Existe um velho clichê chauvinista que diz que as mulheres se transformam nas mães quando você se casa com elas, porém, no caso da mãe de Alice, eu não me incomodaria. Não que vá me casar com Alice ou nada disso, mas a Sra. Harbinson é *linda*. Quando entramos na cozinha, um enorme celeiro todo de cobre e carvalho, ela está diante da pia ouvindo *The Archers*, e, por um segundo, penso em Julie Christie descascando cenouras. Ela é pequena, com rugas suaves ao redor de olhos azuis, um cabelo louro e ondulado. Marcho adiante pelo chão de ladrilhos, braço estendido feito um soldadinho de chumbo, determinado a insistir nessa coisa de aperto de mão.

— Então, esse é o Brian de quem tanto ouvi falar... — comenta ela, sorrindo e balançando a ponta do meu dedo com as mãos úmidas, e, então, tenho um flashback de uma professora por quem eu era apaixonado aos 9 anos.

— Muito prazer, Sra. Harbinson — digo, parecendo um menino de 9 anos.

— Oh, por favor, não me chame de Sra. Harbinson. Faz eu me sentir mais velha. Pode me chamar de Rose.

Quando ela se adianta para me dar um beijo no rosto, tenho uma ação reflexa de lamber os lábios e o beijo acaba saindo todo babado, com um estalido exagerado que quase ecoa pelos ladrilhos. Chego a ver minha saliva brilhando um pouco abaixo do seu olho. Ela limpa discretamente com as costas da mão antes daquilo tudo evaporar, enquanto finge estar arrumando o cabelo. O Sr. Harbinson se interpõe entre nós e beija a outra face, a seca, marcando o território.

— E como prefere ser chamado, Sr. Harbinson? — pergunto, todo animado.

— De senhor Harbinson.

— *Michael!* Não seja chato... — adverte Rose.

— ...Ou *Sir*. Pode me chamar de *Sir*...

— Não leve a sério — intervém Alice.

— Trouxe um vinho — digo, tirando a garrafa da mala e entregando a ele. O Sr. Harbinson olha para o vinho como se fosse uma garrafa de mijo.

— Muito obrigada, Brian! Você será sempre bem-vindo! — diz Rose. O Sr. Harbinson não parece ter tanta certeza.

— Venha! Vou mostrar o seu quarto — Alice me puxa pelo braço, e eu a sigo pelas escadas enquanto o Sr. e a Sra. Harbinson cochicham atrás de mim.

Na *maisonette* da Archer Road, há um ponto, mais ou menos na metade da escada, do qual, se você esticar um pouco o pescoço, consegue ver todos os cômodos da casa. O Chalé Blackbird não tem nada disso. É enorme. Meu quarto, que foi de Alice, fica na parte alta da casa, sob antigas vigas de carvalho, na Ala Leste ou coisa assim. Uma das paredes é forrada de fotografias de infância de Alice ampliadas — de avental florido assando bolinhos; colhendo framboesas de macacão; interpretando Olivia numa produção da escola de *Noite de reis* e, acho, em *A alma boa de Setsuan*, com um bigode pintado, e vestida de saco de lixo preto escrito “punk-rocker”, numa festa chique levantando “aquele” dedo para a câmera. Há uma polaroide dos pais dela aos 20 anos, felizes proprietários de um dos primeiros sofás em estilo pufe, parecendo integrantes da banda Fleetwood Mac, com coletes bordados combinando e fumando o que podem ou não ser cigarros. Prateleiras de livros infantis indicam que Alice foi uma grande fã de histórias: Tove Jansson, Ingrid Lindgren, Eric Kastner, Herge, Goscinny, Uderzo, Saint-Exupéry — literatura infantil mundial — e, meio fora de lugar, uma desgastada edição de *Lace*. Uma montagem nota 10 de Madonnas de Uffizi e uma tirinha do Xereta recortada. Diplomas emoldurados proclamam que Alice Harbinson consegue nadar 1.000 metros, tocar oboé até o nível 6 e piano até o nível 8 — simultaneamente, pelo visto. Meu quarto é *O museu* de Alice Harbinson. Não sei como acreditam que eu consiga dormir ali.

— Acha que vai ficar confortável aqui? — pergunta.

— Ah, eu dou um jeito... — Alice me observa sem nenhuma vergonha fingida ou falsa modéstia enquanto examino as fotografias. Esta é a minha vida. Vida boa, não é? Aos 4 anos, ela era tudo o que se podia desejar de uma menina de 4 aninhos; aos 14, ia muito bem, obrigada.

— Não adianta procurar o meu diário. Eu escondi. Se sentir frio, e você vai sentir, tem um cobertor no armário. Deixa eu ajudar a arrumar suas coisas. E aí, o que você quer fazer hoje à noite?

— Ah, sei lá, ficar por aí. Vai passar *Quanto mais quente melhor* na TV.

— Desculpa, mas aqui não tem televisão.

— Sério?

— Papai não gosta muito de TV.

— Mas ele é produtor de TV!

— Em Londres, temos televisão, mas ele acha que, no campo, é errado... Que cara é essa?

— Nada. Só pensando... Três casas, uma TV. Com a maioria das pessoas, é o contrário.

— Não precisa dar uma de socialista, Brian, ninguém está ouvindo. Cuecas samba-canção, é? — Diz Alice, segurando a minha roupa de baixo. Uma leve trepidação erótica paira entre nós, e me sinto muito grato por minha mãe ter passado as cuecas a ferro. — Achei que você era o tipo de cara que usava sunga. — Fico tentando entender se isso é bom ou ruim até Alice dar um grito: — Ahhh, meu Deus! O que é *isso*...?

Ela encontrou a embalagem de alumínio com as carnes frias na minha mala.

Eu tento pegar.

— Ah, isso é coisa da minha mãe...

— Deixa eu ver...

— Não é nada, de verdade.

— Contrabando! — Ela abre o pacote. — Carne? Você contrabandeou carne para nossa casa!

— Minha mãe ficou preocupada por eu não comer proteína.

— Quero um pedaço... Que delícia! — e pega um pedaço de bacon cozido e pula na cama. — Hummmm! Um pouco seco...

— É uma receita especial da minha mãe. Ela cozinha na noite anterior, corta em fatias, deixa no aquecedor e dá o toque final com um secador de cabelo.

— Olha, não deixe Rose pegar você com isso... Ela vai ficar para morrer. O Chalé Blackbird é zona estritamente vegetariana...

— E o que Mingus e Coltrane comem?

— O mesmo que nós. Vegetais, granola, arroz, macarrão... — Eles alimentam os cachorros com *macarrão*. — O que você tem aí?

— É o seu presente de Natal. — Entrego o embrulho com o LP. — É uma raquete de tênis.

Ela olha o cartão-postal, um romântico e provocativo Chagall colado no álbum. Pensei muito e com afinco na mensagem. Escrevi vários rascunhos antes de ficar com o eloquente e emotivo: *Para Alice, minha mais nova e mais melhor (mais melhor?!?) amiga. Com amor para sempre, Brian*. Gostei muito do humor irônico de *(mais melhor?!?)* com o elemento “*mais nova e mais melhor*” sem prejudicar a sinceridade da emoção, mas ela nem se dá ao trabalho de ler e começa a rasgar o papel de embrulho.

— Joni Mitchell! *Blue*!

— Ah, não! Você já tem, não é?

— Só umas *seis* cópias. Mas você acertou na mosca. Eu *adoro* a Joni. Na verdade, perdi a minha virgindade ao som de Joni Mitchell.

— Não com “*Big Yellow Taxi*”, espero.

— *Court and sparks*, na verdade... — Dava para ter adivinhado. — E você?

— Minha virgindade? Não me lembro. Pode ter sido a *Marcha fúnebre*, de Chopin, ou *Geoff Love and His Orchestra Play Big War Movie Themes*.

Ela ri e me devolve o disco.

— Desculpa... Você ainda tem a nota de compra?

— Acho que sim. Algum pedido específico para eu trocar?

— Surpreenda-me. Mas nada de Kate Bush, por favor. Vou deixar você acabar de guardar suas coisas.

— A que horas é o chá?

— O jantar é em meia hora. — Antes de sair, ela me abraça mais uma vez. — Estou *tão* feliz de você estar aqui... Vamos nos divertir muito. *Prometo*.

Após Alice sair, penduro as camisas de vovô recém-passadas nos cabides de madeira, adorando a sensação de estadia e permanência. Se eu jogar bem as minhas cartas, talvez possa ficar aqui até o Ano-novo. Quem sabe até o dia 2 ou 3...

Ao abrir o armário, eu meio que esperava encontrar Narnia.



No fim das contas, a proteína acaba sendo o menor dos meus problemas. O jantar é um assado de nozes. Já tinha ouvido falar em assado de nozes, mas sempre achei que fosse piada, mas ali estava — um bolo farinhento empilhado com queijo vegetariano derretido por cima. Foi minha primeira experiência com nozes em outro contexto que não barras energéticas. Parece húmus de minhoca amontoado no prato. O que os cachorros estarão comendo?

— Como está o assado de nozes, Brian?

— Delicioso... Obrigado, Rose. — Aprendi, em algum lugar, o conceito de que é educado usar bastante o nome das pessoas — “sim, Rose; não, Rose; está ótimo, Rose” — mas acho que está meio que parecendo com as músicas da banda Uriah Heep. Melhor acompanhar com um pouco de humor. — É minha primeira experiência com nozes fora do contexto de uma barra de cereais!

— Cale a boca, seu feioso imbecil! E tire suas mãos imundas e plebeias da minha filha linda, seu merdinha nojento! — diz o Sr. Harbinson. Bem, ele não *fala* isso, mas é o que *aparenta* sua expressão.

Rose ajeita o cabelo, sorri e pergunta:

— E que tal as abobrinhas gratinadas?

— Maravilha! — Na verdade, nunca comi uma abobrinha na vida, no entanto, para ressaltar meu entusiasmo, coloco um pedaço aguado com o garfo na boca e dou um sorriso idiota. Como qualquer legume, tem gosto de papel, mas estou tão determinado a agradar Rose que tenho de me esforçar para não esfregar a barriga e dizer “hummm...” — Enxáguo o gosto de pântano da boca com um gole de vinho. Não há sinal da garrafa que eu trouxe. Imagino que tenha sido levada para fora e estourada com tiros. Ou, talvez, os cães estejam tomando o meu vinho com o macarrão, e um pouco de pão de alho. Mas o vinho servido é tão doce e quente que você presente que deveria estar tomando aos poucos, com uma colherzinha de xarope.

— É a primeira vez que vem a Suffolk, Brian?

— Já estive aqui uma vez. Numa excursão nas montanhas!

— É mesmo? Mas aqui é tudo plano...

— Eu estava mal informado!

O Sr. Harbinson começa a exalar audivelmente pelo nariz.

— Não entendi. Quem disse a você...? — pergunta Rose.

— Brian está *brincando*, mãe — explica Alice.

Está claro que eu deveria parar de tentar ser engraçado, mas ainda não encontrei alternativas. Sentindo que eu precisava de ajuda, Alice se vira para mim e põe a mão no meu braço. — Se você estivesse aqui ontem à noite, teria visto uma coisa muito engraçada, Brian.

— Por quê? O que aconteceu?

Rose começa a ficar vermelha.

— Ah, Alice, querida, não podemos deixar isso entre nós, por favor?

— Deixa ela contar... — resmunga o Sr. Harbinson.

— Mas é tão *constrangedor*...!

— Pode contar! — digo, entrando no jogo.

— Mas eu me sinto tão *boba*... — diz Rose.

— Bem... — começa Alice — ...Nós recebemos uns amigos habituais nesses feriados. Estávamos brincando de mímica, e era minha vez, e eu estava representando *O ano passado em Marienbad* para mamãe e ela foi ficando tão agitada e se envolveu tanto na coisa que derrubou a coroa na taça do nosso vizinho!

Todo mundo ri. Até o Sr. Harbinson. A atmosfera está tão engraçada, adulta, divertida e irreverente que eu digo:

— Então, você estava usando uma coroa?

Todo mundo fica em silêncio.

— Como? — pergunta Rose.

— Uma coroa. Por que estava usando...

O Sr. Harbinson repousa o garfo e a faca na mesa, engole o que estava mastigando, vira-se para mim e diz, bem devagar:

— Na verdade, Brian, Alice estava se referindo à coroa do dente...

Logo depois, todos nos recolhemos.

\* \* \*

Estou no banheiro lavando o rosto com água fria quando Alice bate na porta.

— Espere dois segundos — digo, sem saber bem por que, pois estou completamente vestido e não há muito a fazer pela minha aparência em dois segundos a não ser enrolar uma toalha na cabeça.

Abro a porta, Alice entra com uma expressão séria e começa a falar bem devagar.

— Você se importa se eu disser uma coisa, uma coisa pessoal?

— Claro que não! Vá em frente! — Faço um cálculo mental e chego à conclusão de que há uma chance em três de ela me convidar para fazer amor aquela noite.

— Bem... É um grande erro esfregar o rosto desse jeito. Você só vai sangrar e espalhar a infecção...

— Ah...

— E também deixa cicatrizes.

— Certo...

— Você ferve as suas toalhas?

— Bem, não...

— Porque a toalha deve ser parte do problema...

— Certo, ok..

— Se eu fosse você, não usaria toalha de jeito nenhum. Elas estão infectadas. Só água e sabonete neutro, sem perfume... — Como eu vou me safar dessa conversa? — ...E não sabonetes medicinais, pois são muito adstringentes... — Nem chega a ser uma conversa... Só estou esperando ela parar de falar — ...E você também não devia usar cremes adstringentes. Eles funcionam a curto prazo, mas, depois, só tornam as glândulas sebáceas mais ativas... — Agora, já

estou olhando para a janela do banheiro, considerando se devo ou não me jogar dela. Alice deve ter notado alguma coisa, pois muda de tom. — Desculpe... Você se incomoda de eu dizer tudo isso?

— De maneira alguma. E você conhece bem o assunto. Se o *Desafio Universitário* perguntar sobre “cuidados com a pele”, vamos nos dar bem...

— Ah, você ficou magoado, não ficou?

— Não, só acho que não há muito que eu possa fazer a respeito. Deve ser o começo da puberdade! Todos esses hormônios... Daqui a pouco, devo começar a me interessar por garotas! — Alice sorri com indulgência e me dá um fraternal beijo de boa-noite, os olhos examinando meu rosto tentando encontrar um lugar seguro para pousar.

Mais tarde, já na cama e tremendo de frio, deitado de barriga para cima enquanto meu rosto seca para não sangrar no travesseiro, avalio com cuidado minha estratégia para o dia seguinte. Após muitas considerações, decido que minha estratégia é ser menos idiota. Não vai ser fácil, mas é vital ela conhecer o meu Verdadeiro Eu. O problema é que estou começando a desconfiar que essa concepção de que há um Verdadeiro Eu sábio, inteligente, engraçado, delicado e corajoso correndo por aí em algum lugar é meio que uma falácia. Como o Abominável Homem das Neves: se ninguém nunca viu, por que alguém deveria acreditar que existe de verdade?

PERGUNTA: *Habeas corpus* é uma ordem judicial que exige a presença de uma parte perante uma corte ou um juiz. Esse termo em latim pode ser traduzido como...

RESPOSTA: Que tenhas o teu corpo.

Quando acordo na manhã seguinte, estou com tanto frio que, por um momento, acho que o Sr. Harbinson me pôs para fora durante a noite. Por que será que, quanto mais pomposas são as pessoas, mais frias são as casas em que moram? E não é só o frio. É a sujeira também: pelos de cachorro, livros empoeirados, botas enlameadas, a geladeira cheirando a leite estragado, queijo mofado e legumes apodrecidos da horta. Juro que a geladeira dos Harbinson deve ser um solo muito fértil. Provavelmente, aparam a grama dela no verão. Mas talvez isso defina o verdadeiro e autêntico *status* da classe média alta — a capacidade de ser fria e suja com total autoconfiança. Isso, além dos lavabos em todos os quartos da casa. Lavo o rosto com água gelada, devolvo o exemplar de *Lace* à estante e desço.

A Radio 4 soa alto nas caixas de som escondidas e Alice está deitada no sofá, lendo debaixo de um cobertor estampado com cachorrinhos.

— Bom dia! — cumprimento.

— E aí? — responde ela, entretida com o livro.

Tento me espremer ao lado de um cachorro.

— O que você está lendo? — pergunto, numa voz divertida. Ela me mostra a capa. — *Cem anos de solidão*... Parece a minha vida sexual!

— Dormiu bem? — pergunta Alice, quando percebe que eu não vou embora.

— Muito bem, obrigado.

— Sentiu frio?

— Ah, só um pouco...

— Porque você está acostumado com aquecimento central. É muito ruim aquecimento central. Embota os sentidos...

Como que para ressaltar o argumento, o Sr. Harbinson entra na sala, calmo e indiferente. Nu.

— Bom dia! — diz, pelado.

— Bom dia! — Mesmo encarando fixamente a lareira, dá para perceber que é um homem bem peludo. Ou então está usando um macacão de angorá.

— Tem chá na chaleira, Alice? — pergunta, pelado.

— Sirva-se.

O Sr. Harbinson abaixa-se ao lado dela, serve-se de uma xícara de chá e sobe as escadas *três degraus a cada passo*. Quando me sinto seguro para olhar ao redor, pergunto:

— Então... Isso é... Normal?

— O quê?

— Seu pai nu.

— Claro!

— Ah!

— Você não está *chocado*, está? — pergunta, estreitando os olhos.

— Bem, quer dizer...

— Você deve ter visto o seu pai pelado.

— Bem, não. Desde que ele morreu, não.

— Não, é claro, desculpa, esqueci, mas *antes* de ele morrer, você deve ter visto seu pai pelado.

— Hum, talvez... Mas não é como me lembro dele.

— E quanto à sua mãe?

— Meu Deus! Você anda *nua* na frente do seu pai?

— Só quando a gente está transando — responde ela, estalando a língua e revirando os olhos. — É claro que sim... Todos nós fazemos isso. Afinal, nós somos uma *família*. Meu Deus! Está *surtando* com isso, não está? Sinceramente, Brian, para alguém que diz ser *moderno*, você é muito *quadrado*. — Por um instante, vejo Alice como uma chefona, superior e maliciosa. E ela acabou de me chamar de *quadrado*? — Não se preocupe, Brian, eu fico *vestida* quando temos convidados.

— Oh, por favor, não se incomode comigo...

Alice sabe que estou forçando a barra e dá um sorriso hesitante.

— Só estou dizendo que acho que consigo lidar com isso.

— Hum... Será que consegue mesmo? — Alice lambe a ponta do dedo e vira a página do livro.

O café da manhã consiste em torradas de um pão caseiro que tem cor, peso, textura e gosto de argila. A rádio toca na cozinha também. Na verdade, até onde pude perceber, a rádio está em todos cômodos e parece ser impossível desligar, como as teletelas de 1984. Mastigamos e ouvimos rádio, e continuamos mastigando, e Alice continua lendo o seu livro. E já começo a me sentir infeliz. Em parte, por ser o primeiro sujeito a ser chamado de “quadrado” desde 1971, mas, principalmente, pela menção a meu pai. Como ela pode ter “esquecido”? E não gosto da maneira como estou falando dele na frente dos outros. Tenho certeza de que meu pai ficaria muito bravo de saber que está sendo usado pelo filho como matéria-prima para um monte de tiradas horríveis e superficiais e monólogos bêbados de autopiedade. A caça pelo Verdadeiro Eu está indo mal, e eu ainda nem escovei os dentes.

Então, saímos para uma longa caminhada na neve. Você não pode chamar a zona rural do Leste britânico de espetacular; é admirável, suponho, de uma maneira pós-nuclear, e a vista tende a ser a mesma não importa quão longe você ande — o que, na verdade, acaba derrotando o objetivo, mas, pelo menos, é coerente. Também é revigorante estar num lugar onde não se ouve a Rádio 4. Alice me toma pelo braço e eu quase esqueço que a neve está arruinando as minhas novas botas de deserto de camurça.

Desde que entrei na faculdade, notei que as pessoas gostam de falar sobre os mesmos cinco tópicos principais: 1) “Minhas notas nos exames”; 2) “Meu colapso nervoso/distúrbio alimentar”; 3) “Minha bolsa integral”; 4) “Por que é um *alívio* não ter entrado para Oxbridge”; e 5) “Meus livros favoritos”. E é essa

última opção a que escolhemos seguir.

— O melhor de todos já foi *O diário de Anne Frank*. Quando eu era adolescente, queria ser a Anne Frank. Não ter o mesmo fim, claro. Só viver humildemente em um sótão, lendo livros, escrevendo um diário, me apaixonando pelo garoto judeu pálido e sensível do sótão ao lado. Isso deve soar um pouco perverso, não é?

— Um pouco...

— Acho que é só uma fase pela qual todas as garotas passam numa certa idade: pensar em se cortar, vomitar e ser lésbica.

— Você já teve alguma experiência lésbica? — pergunto casualmente, quase em falso.

— Bem, num internato, não tem muito como *escapar*. É quase que obrigatório: lesbianismo, francês e basquete.

— E até onde... você chegou?

— Você adoraria saber... — Claro que sim, oras! — Não muito longe, na realidade. Foi uma experiência muito superficial.

— Talvez esse tenha sido o problema! — Ela me dá um sorriso cansado. — Desculpa... Então... O que aconteceu?

— Acho que, simplesmente, não gostei. Sempre gostei muito de sexo com homens. Eu sentiria falta da penetração. — Continuamos caminhando um pouco mais. — E você?

— Eu? Ah, eu também sinto falta de penetração.

— Estou tentando falar sério, Brian — adverte Alice, socando meu braço com luvas de esqui. — Você já experimentou?

— Experimentou o quê?

— Bem, estou supondo que você já fez sexo com homens.

— Não!

— Sério?

— De jeito nenhum. O que faz você pensar isso?

— Só imaginei que tivesse acontecido.

— Você acha que sou afeminado? — pergunto. O falso está de volta.

— Não, não *afeminado*. Além do mais, feminilidade não é um sinal de homossexualidade...

— Bem, não, claro que não.

— ...nem é uma coisa *ruim*, aliás.

— Não, claro que não. Mas você falou como os meus amigos da escola. Só isso.

— Hum, acho que a dama é voluntariosa demais...

O negócio é mudar de assunto. Gostaria muito de continuar a falar sobre lesbianismo, mas me lembro de ela ter dito alguma coisa sobre se cortar. Eu deveria ter me ligado nisso.

— E quanto à... automutilação?

— Que automutilação?

— Você não disse que se cortava?

— Ah, só de vez em quando. Um grito de socorro, acho que é como chamam. Mais precisamente, um grito para chamar atenção. Fiquei um pouco

deprimida na escola, um pouco solitária. Só isso.

— Estou surpreso... — comentário.

— Sério? Por que isso surpreenderia você?

— Acho que não consigo imaginar você tendo motivos para se sentir deprimida.

— Você precisa superar essa visão de que eu vivo eternamente no meu berço de ouro, Brian, como um Ser Perfeito. Realmente, não é o caso.

\* \* \*

Mas, naquela tarde, parece bem perfeita.

Quando estamos quase chegando em casa de volta da caminhada, travamos uma pequena guerra de bolas de neve no jardim, diferente de todas as guerras de bolas de neve em que já estive, pois ninguém está colocando cocô de cachorro ou vidro quebrado dentro das bolas de neve. Nem chega a ser uma *guerra*, por assim dizer, só uma suave luta afrodisíaca, uma brincadeira consciente que faz a gente se sentir como se estivesse sendo filmado, de preferência em preto e branco. Depois, entramos e sentamos no sofá perto da lareira para secar, e ela põe seus discos preferidos para tocar — muitos de Rickie Lee Jones e Led Zeppelin, e Donovan e Bob Dylan. Alice tinha só 16 anos em 1982, mas tem muito de 1971.

Fico observando enquanto ela pula pela sala ao som de “Crosstown traffic” do Jimi Hendrix, e, quando fica sem fôlego e se cansa de trocar discos a cada três minutos, Alice coloca um velho LP arranhado da Ella Fitzgerald e nos deitamos no sofá, lendo nossos livros e olhando furtivamente um para o outro de vez em quando, como Michael York e Liza Minnelli em *Cabaré*, e só falamos quando sentimos vontade. E, milagrosamente, durante quase uma tarde inteira, consigo não dizer nenhuma tolice, nada pretensioso, pedante, sem graça ou autodepreciativo, quebrar nem derramar nada, nem insultar ninguém, sem choramingar, resmungar, puxar o cabelo para trás ou futurar a cara durante a conversa. Na verdade, estou sendo a melhor pessoa que sou capaz de ser, e, se essa pessoa não é *amável*, pelo menos é *gostável*. Depois, por volta das 16h, Alice deita a cabeça no meu colo e adormece, e, pelo menos por aquele momento, parece verdade: ela é absoluta e inteiramente perfeita. Estamos ouvindo *Blue*, lado 2, faixa 5, e Joni está cantando “*The last time I saw Richard was Detroit in '68 / and he told me all romantics meet the same fate someday / Cynical and drunk and boring someone in some dark café...*” e, quando o disco termina e a sala está em silêncio, a não ser pelo som das toras na lareira, e eu fico imóvel, quieto, observando enquanto ela dorme. Seus lábios estão ligeiramente abertos e sinto seu hálito quente na minha coxa; e concentro-me na pequena cicatriz em relevo no lábio inferior, branca no fundo vermelho. Sinto uma vontade irresistível de passar o polegar, mas ela está dormindo, então, fico só olhando, olhando e olhando e olhando. Mas, afinal, sou forçado a acordá-la, pois me preocupa que o calor e o peso de sua cabeça no meu colo me deixem muito estimulado, se é que você entende, e vamos encerrar os fatos, ninguém gosta de ser acordado desse

jeito. Não com *aquilo* na orelha.

E então, nem dá para acreditar, fica melhor ainda. Os pais dela saem para comer mais legumes no moinho de alguém em Southwold, e Alice e eu ficamos sozinhos na casa. Enquanto bebemos um monte de gim-tônica na cozinha, preciso confessar que fantasma nós dois vivendo juntos ali. Apagamos todas as luzes da casa e jogamos palavras cruzadas à luz de velas, com dificuldade para enxergar as letras, e eu ganho por uma diferença bem grande, mas com modéstia e elegância. Aliás, com “manha” e “espanto”, que valem o triplo.

O jantar é risoto de arroz integral frito, que parece e tem gosto de risoto frito de restos da pá de lixo, porém fica minimamente comestível se você colocar bastante molho de soja. Além do mais, quando vamos comer, já estamos muito bêbados, falando ao mesmo tempo e rindo e dançando pela sala ao som das velhas músicas de Nina Simone, vendo até onde podemos escorregar de meias pelo chão de madeira. Depois, quando nos contorcemos num amontoado de risinhos, Alice de repente segura minhas mãos, sorri e diz com malícia:

— Você não quer subir?

Meu coração sai pela boca.

— Hum, depende... O que tem lá em cima? — pergunto, manhoso e divertido.

— Venha descobrir — e sobe a escada de quatro, gritando:

— No seu quarto, em dois minutos. Traga o vinho!

Concentre-se. Concentre-se.

Vou até a pia da cozinha, afasto a panela cheia de água, abro a torneira e molho o rosto, em parte para ficar mais sóbrio e em parte para ver se eu não estou sonhando, equilíbrio precariamente a garrafa de vinho e as taças quase cheias na ponta dos dedos e subo a escada.

Alice ainda não está no meu quarto. Então, vou até a pia e escovo os dentes rapidamente, atento ao som de passos para ela não me pegar e achar que eu estou antecipando alguma coisa. Quando percebo que ela vem vindo pelo corredor, enxáguo a boca, apago a luz e me acomodo na cama e fico esperando.

— Tcha-ram!

Ela está em pé na porta, braços abertos como uma vencedora do Oscar, mas não sei para onde eu deveria estar olhando. Seus seios talvez? Tenho a esperança de que ela estar usando uma lingerie especial, mas depois vejo uma embalagem de papel de seda em uma de suas mãos e um pacotinho de plástico transparente na outra.

— O que é isso?

— Skank, cara. Skank da pesada. A gente não pode fazer isso lá em baixo. Michael fareja tudo. Essa história de pai boêmio só vai até *certo* ponto. — Ela pega um exemplar de *Busy, Busy World*, de Richard Scarry, da prateleira e começa a enrolar o baseado em cima do livro.

— E a sua mãe?

— Ah, é a minha mãe que consegue para mim, com um cara esquisito na cidade. O que eu posso dizer? É chato ser dona de casa. Ela precisa preencher os dias de algum modo, imagino. É um bagulho incrível. Incrível! — Meu Deus! Ela está falando com um sotaque caribenho, uma mistura de Jamaica com



Aldeburgh, e, pela primeira vez, eu me sinto constrangido por ela. — Bagulho da pesada, cara! Erva da boa... — *Quer parar com isso, Alice, por favor?* Ela acende e, puxando bem fundo a fumaça, retendo nos pulmões e revirando os olhos, sopra a fumaça na direção do abajur. E me pergunto se maconha é um afrodisíaco.

Alice me dá um olhar indolente e oferece o baseado, como se fosse um desafio. E é mesmo.

— Sua vez, Bri.

— Acho que não vou conseguir, Alice.

— Por que não? Por que você não quer ficar doidão, Bri?

Ela acha isso muito, muito engraçado, e, enquanto ela bate a cabeça na cabeceira, eu explico:

— Não, eu adoraria, só que nunca aprendi a fumar, nem tabaco. Sou um bobalhão, não consigo tragar, não sem estourar os pulmões. — Na verdade, fumar era uma das coisas que eu queria começar a fazer na faculdade, como ler *Dom Quixote*, deixar a barba crescer e aprender a tocar sax, mas ainda não cheguei lá.

— Você é estranho, Brian Jackson... — ela diz, de repente, muito séria. — Como você sabe não fumar? Fumar é, basicamente, o que eu faço melhor. Ou talvez a *segunda* coisa... — corrige, com outro olhar indolente. Afinal, talvez maconha seja *mesmo* um afrodisíaco. — OK, vamos tentar algo mais provocante. Mas, antes, um pouco de música! — Ela cambaleia até o destrambelhado toca-fitas de sua infância, com “Alice” escrito com corretivo, escolhe uma fita na gaveta da sua antiga mesa e aperta play. Acho que é Brian Cant, cantando “A Froggy Went A Courtin”.

— Uau... Um ataque proustiano! — diz Alice. — Essa música é a minha *infância*. Puta merda, eu *amo*, *adoro* essa música! Você não gosta? Muito bem, venha aqui, mocinho, levante e fique com as costas retas... — Nos ajoelhamos em cima da cama de frente um para o outro e ela aproxima o rosto a poucos centímetros do meu.

— OK, ponha as mãos aqui... — pega meus pulsos e coloca atrás das minhas costas — ...E abra os lábios, assim. — Sua boca está a centímetros da minha. Sinto o cheiro adocicado do molho de soja e gengibre em seu hálito. Ela ergue as mãos e aperta minhas bochechas num bico exagerado.

*“Froggy went a courtin’ He did ride, uh-hum...”*

— Senhor Brian Jackson, vou te dar uma mãozinha, mas não é o que está pensando. Por isso, nada de atrevimentos, por favor. Vou soprar a fumaça na sua boca e você tem que inalar e prender nos pulmões *sem tossir, entendeu? É proibido tossir!* E vai prender a respiração o máximo possível antes de soltar a fumaça. Está claro?

— Perfeitamente.

— OK. Vamos lá!

Ela põe o baseado nos lábios, dá uma tragada profunda, sorri e ergue as sobrancelhas como que perguntando “preparado?” e eu faço que sim com a cabeça. Sim, estou preparado. Aproxima os lábios bem perto dos meus, a centímetros, milímetros de distância, com certeza nem isso, eles estão se tocando, e assopra e eu sugo o ar, o que é natural dadas as circunstâncias. E

quero que esse momento dure para sempre.

*"Froggy went a courtin', he did ride*

*A sword and pistol by his side*

*A froggy went a courtin', he did ride, uh—hum . . ."*

Finalmente, quando meus pulmões estão prestes a explodir, solto a fumaça e ela se afasta e pergunta:

— O que achou?

Quando consigo voltar a fazer minha boca funcionar, respondo:

— Legal!

— Está sentindo alguma coisa?

— Não muito.

— Quer fazer de novo?

*Meu Deus, Alice! Se quero? Mais do que qualquer coisa no mundo...*

— Quero, sim, tudo bem...

— Tem certeza? Isso é bem forte...

— Tenho, Alice, sério. Eu seguro a onda.

\* \* \*

Quando recobro a consciência, Alice se foi e eu estou debaixo do edredom e a música ainda toca. A fita está no automático. Não faço a menor ideia de quanto tempo fiquei apagado; então, aperto o botão stop e procuro meu despertador de viagem. É 1h30 da manhã e, de repente, estou morrendo de sede, mas, graças a Deus, ainda tem meia garrafa de vinho ao lado da cama; então eu me sento e bebo a maior parte da garrafa. Verifico se Alice tirou minhas calças antes de me colocar na cama e constato que não, mas estou muito chapado para saber se estou feliz ou desapontado.

Além do mais, estou muito ocupado pensando em comida. Nunca senti tanta fome na vida. Até a abobrinha me parece apetitosa. Felizmente, lembro de que sou detentor de umas carnes frias! Abençoada seja minha mãe! Desencavo o pacote da mala, arranco a beirada de gordura de um pedaço de bacon cozido e enfio a parte magra na boca. É bom, mas está faltando alguma coisa. Pão. Preciso fazer um sanduíche. Preciso de pão.

Andar é mais difícil do que eu imaginava, e descer a escada parece quase impossível. Não quero acender as luzes, porém está escuro como breu, então me apoio nas paredes dos dois lados, dou passos leves pelo corredor e desço até a cozinha. O tempo se alonga e a viagem parece levar alguns dias, mas acabo chegando e dou início à exigente tarefa física de cortar duas fatias de pão caseiro integral. O sanduíche tem o tamanho, o peso e a textura de um tijolo, mas não ligo, porque contém as carnes frias. Sento-me à mesa e me sirvo de um pouco de leite, para tentar tornar o pão menos arenoso, mas o leite talhou, e, quando estou prestes a ir até a pia para cuspir, a luz se acende, e ouço um rangido no alto da escada.

Talvez seja Alice! Talvez a gente possa continuar de onde parou. Mas não é ela. É a Sra. Harbinson. Rose. Nua. Rose. Eu engulo o leite talhado.

Claro que eu deveria dizer alguma coisa amena, um assexuado e casual “Olá, Rose!”, mas o baseado e o vinho me deixaram confuso e desorientado, e não quero uma mulher nua gritando comigo às 2h da manhã. Então, fico bem quietinho, torcendo para ela ir embora. Rose abre a porta da geladeira e se inclina para a frente, e a luz branca da geladeira e sua posição fazem com que pareça *realmente* nua. Um exame mais detalhado mostra que, na verdade, ela está usando meias cinza grossas o que dá à sua nudez um certo ar integral, de granola, como um diálogo de *Os prazeres do sexo*, e, no meu estado drogado e aturdido, me pergunto se existe a palavra *pubicidade*. O que ela está procurando? E por que está demorando tanto? Fico pensando que ela “está bem para a idade” também, mas, até aí, eu nunca vi uma mulher totalmente nua, não em carne e osso e tudo de uma vez, só em pequenas partes e nenhuma com mais de 19 anos. Por isso, não sou autoridade no assunto. Ainda assim, suponho que não falte um erotismo banal na situação, embora ligeiramente temperado pelo pacote de presunto em temperatura ambiente aninhado no meu colo. Com medo de que ela sinta o cheiro da carne, tento dobrar o pacote sem fazer barulho, mas o rangido parece reverberar pela cozinha como uma tempestade elétrica.

— Oh, meu Deus! Brian!

— Olá, Sra. Harbinson! — respondo, animado. Imagino que ela vá cobrir a nudez com os braços, porém ela não parece incomodada e só pega calmamente um pano de prato e enrola na cintura para cobrir o quadril como um sarongue. O estampado do pano cobre suas pernas.

— Oh, querido, espero não ter chocado você.

— Não, não...

— Mas tenho certeza que você já viu centenas de mulheres nuas.

— Você ficaria surpresa, Sra. Harbinson.

— Já falei para me chamar de Rose. Senhora Harbinson me faz sentir mais *velha!*

Faz-se um silêncio momentâneo enquanto procuro alguma coisa para dizer, a fim de minimizar qualquer desconforto ou constrangimento da situação, e penso na solução *perfeita*.

Digo, com um sotaque americano:

— Você está tentando me seduzir, Sra. Harbinson?

*O que eu acabei de dizer...?*

— Perdão?

*Não fale de novo...*

— Você está tentando me seduzir? — repito.

*Rápido, explique, explique...*

— Lembra-se da senhora Robinson, do filme...? — tento explicar.

Rose me encara sem entender.

— Quem é a senhora Robinson?

— É uma citação. De *A primeira noite de um homem...*

— Bem, Brian, devo dizer que não tenho intenção nenhuma de *seduzir* você...

— Eu sei, eu sei, e também não quero ser seduzido por você...

— Certo, hum... Que bom, então...

— Não que eu não ache você *atraente...*

— *Como?*

— Mas que *merda* está acontecendo aqui embaixo? — brada uma voz, e outra figura está trotando escada abaixo, as pernas musculosas e o peito forte. As musculosas pernas *nuas* e o peito forte do Sr. Harbinson. Parece estar com um guarda-chuva fechado entre as pernas, mas um exame mais detalhado revela ser um pênis. Agora, eu não sei *mesmo* para onde olhar. Deixar de olhar para a genitália de Rose parece dirigir meu campo de visão diretamente para a genitália do Sr. Harbinson, e, de repente, é difícil achar algum lugar na cozinha em que não haja uma genitália. Então, enfim, escolho um ponto no teto, logo acima do fogão, e me concentro, me concentro, me concentro.

— Não está *acontecendo* nada, Michael. Só desci para pegar algo para beber e Brian estava aqui, só isso... — Por que ela está parecendo tão culpada? Será que está querendo que ele me *mate*?

— E sobre o que vocês estavam conversando?

*Meu Deus! Ele me ouviu! Estou morto...*

— Nada! Brian me deu um susto, só isso...

O Sr. Harbinson e seu pênis não parecem convencidos, e percebo que ele, na verdade, não está *cobrindo* o pênis com a mão, mas, sim, o *segurando*. E, por um instante, sinto um medo irracional de que vá me bater com ele.

— Bem, falem baixo, sim? Rose, venha para a cama! — e sai trotando escada acima segurando seu guarda-chuva fechado. Claramente envergonhada, Rose pega um avental floral de vinil de um gancho perto do fogão, e o veste relutante, enquanto recolho qualquer indicio de carne da mesa e o enfio na gaveta de talheres.

Enfim, ela se aproxima da mesa e sussurra:

— Acho melhor jamais comentarmos sobre isso, não é, Brian?

— Tudo bem, mas só queria dizer que eu estava citando...

— Vamos esquecer isso, sim? Fingir que nunca aconteceu... — ela está olhando para o meu rosto — Brian, você está se sentindo bem?

— Claro...

— Está parecendo um pouco pálido.

— Ah, essa é a minha cor normal, Rose!

Olha para o copo na minha frente.

— Isso é leite?

— Uh-hum.

— Então, você estava com o leite todo esse tempo?

— Acho que sim.

— Eu estava procurando esse leite, Brian — pegando o copo.

— Desculpa, mas eu não beberia isso se eu fosse você!

— Por que não?

— Está estragado, talhado. Está nojento...

Ela pega o copo de leite talhado, cheira, prova, olha para mim com o maior desdém e diz:

— Isso é *leite de soja*, Brian.

Em algum lugar do chalé Blackbird, soam gargalhadas histéricas, um cacarejo louco, horrível, a gargalhada de uma criança patética e depravada, e

levo algum tempo para perceber que estão vindo de mim.

\* \* \*

Quando acordo na manhã seguinte, passo pelo habitual hiato de três segundos antes de perceber que deveria estar me sentindo muito envergonhado e me lembrar do motivo. Solto um gemido, de verdade, um gemido em voz alta, como se alguém tivesse pulado no meu peito. Olho para o despertador. São 11h30 e sinto como se estivesse saindo de um coma.

Continuo deitado por um tempo, tentando pensar na melhor maneira de lidar com a situação. A *melhor* maneira de lidar com a situação seria me matar, mas a segunda melhor maneira envolve uma grande quantidade de súplicas e humilhação, rastejar e zombar de mim mesmo. Quando começo a me vestir para acabar logo com aquilo, alguém bate à porta.

É Alice, com uma expressão séria, aliás bem adequada. Será que ela sabe que a mãe estava nua e acha que eu tentei seduzi-la?

— Olá, Bela Adormecida... — murmura.

— Alice, sinto muito, sinto muito mesmo por ontem...

— Ora, tudo bem, não foi nada, esqueça... — Obviamente, ela não sabe. — Olha, Brian, aconteceu uma coisa. Preciso ir a Bournemouth... — Senta-se na beira da cama e parece que vai chorar.

— O que aconteceu?

— A vovó Harbinson caiu da escada ontem à noite. Está no hospital com a bacia fraturada e nós precisamos ir até lá...

— Que pena, Alice...

— Mãe e papai já foram, mas eu tenho de ir também. Então, acho que o nosso Ano-novo não vai rolar.

— Ah, tudo bem... Vou verificar o horário dos...

— Já fiz isso. Tem um trem partindo para Londres em 45 minutos. Levo você até a estação. Tudo bem?

Então, começo a fazer a mala, enfiando livros e roupas na mala como se fosse uma evacuação de emergência e, em 10 minutos, estamos no Land Rover com Alice na direção. Ela parece pequena atrás do volante, como uma boneca dirigindo um jipe. A neve se transformou numa lama cinzenta e suja e parece que estamos indo muito rápido, o que só contribui para o clima geral de tensão e ansiedade.

— Estou com uma dor de cabeça terrível — comento.

— Eu também — responde ela.

Percorremos 200 metros.

— Encontrei, por acaso, com sua mãe e seu pai na cozinha ontem à noite — disse, de modo casual.

— É mesmo?

Outros 200 metros.

— Eles comentaram alguma coisa a respeito?

— Na verdade, não. Por que deveriam?

— Por nada.

Parece que estou seguro. Claro que não estou feliz com a queda da vovó Harbinson da escada, mas, ao menos, ela deu uma ajudinha.

Chegamos à estação 15 minutos antes da hora, e Alice me ajuda a carregar a mala até a plataforma vazia.

— Desculpe por você não poder ficar para o Ano-novo.

— Ah, tudo bem... Mande lembranças à vovó Harbinson. — Por quê? Eu nem conheço a mulher, pelo amor de Deus! — E, realmente, sinto muito pela *overdose* de ontem à noite.

— Sem problema... Olha, você se importa se eu não esperar o trem chegar? Tenho que ir logo... — Nós nos abraçamos, mas não nos beijamos, e ela vai embora.

\* \* \*

Chego em casa perto da hora do chá e entro. Minha mãe está deitada no sofá na sala de moletom assistindo a *Blockbusters* num volume altíssimo, com um cinzeiro equilibrado na barriga, um balde de doces Quality Street e uma garrafa de licor Tia Maria na mesinha à sua frente. Quando entro, ela se senta e esconde a garrafa embaixo da almofada, mas, depois, percebe que deixou o copo à mostra e tenta segurar com as duas mãos, como se fosse uma xícara de chocolate quente ou algo assim.

— Você voltou mais cedo!

— Sim, mãe, eu sei...

*“Vou ficar com um P, Bob...”*

— O que aconteceu?

— A avó da Alice quebrou a bacia.

— Como isso aconteceu?

— Eu a empurrei escada abaixo.

— Não, sério...

— Não faço ideia, mãe.

*“Qual palavra começada com P é o principal ingrediente químico na fabricação de fósforos?”*

— Coitadinha... Ela vai se recuperar?

— Como é que eu vou saber? Não sou o médico da mulher, sou? Pólvora.

“Resposta certa”.

— O quê? — pergunta minha mãe.

— A televisão! — respondo.

— *Vou escolher um H, por favor, Bob...*

— Algum problema, Bri?

— Não, problema nenhum!

*“Qual palavra começada com H deu o nome para o...?”*

— Você brigou com a sua namorada...

— Ela não é minha namorada!

— Tudo bem! Não precisa gritar!

— Não é um pouco cedo para coquetéis, minha mãe?

Subo correndo a escada, sentindo-me abatido e mesquinho. De onde saiu aquele desagradável e irritante “minha mãe”? Nunca a chamei de “minha mãe”. Vou para o meu quarto, bato a porta, deito na cama e coloco o fone de ouvido para ouvir meu cassete de *Lionheart*, o lindo segundo álbum de Kate Bush, “Symphony in Blue”, lado A, faixa 1. Mas, imediatamente, percebo que está faltando alguma coisa.

As carnes.

Deixei o pacote de carnes frias na gaveta da cozinha na noite passada. Não tenho o número dos Harbinson em Bournemouth. Então, decido ligar para o chalé e deixar uma mensagem para quando Alice chegar. Depois de quatro toques, a caixa de mensagens é ativada e já estou pensando no que dizer quando inesperadamente alguém atende.

— Alô...?

— Oh, alô, é... É Rose?

— Quem está falando?

— É Brian, amigo da Alice.

— Oh, Brian, olá! Espere só um pouquinho, sim?

Ouçõ um farfalhar quando ela põe a mão no receptor, um vago murmúrio e, então, Alice atende.

— Brian?

— Oi! Vocês ainda estão aí!

— Sim, sim, estamos aqui.

— Pensei que vocês estavam em Bournemouth...

— Estávamos, mas... A vovó estava bem melhor e nós voltamos. Na verdade, acabamos de chegar.

— Entendi. Então, ela está bem?

— Está muito bem!

— Não fraturou a bacia?

— Não, só uns hematomas e... hã... o trauma.

— Que bom! Fico feliz em saber. Bem, não pelo trauma, mas de não estar em risco de vida...

Silêncio.

— Então...?

— Eu só queria dizer que deixei... Hã... Você sabe. As carnes... aí.

— Entendi. E onde está essa... carne?

— Na gaveta da mesa da cozinha.

— Ah, tá! Eu vou pegar.

— Melhor esperar até a sua mãe não estar perto, não?

— É claro.

— Então, a gente se vê na faculdade no ano que vem?

— Isso. A gente se vê no ano que vem! — Ela desliga e fico ali no corredor, olhando para o espaço com o telefone na mão.

Ouçõ a televisão na sala.

*“Que pessoa, com sobrenome começado com K, enunciou as três leis que descrevem exatamente o movimento dos planetas ao redor do sol?”*

— Joanes Kepler — respondo para ninguém.

*“Resposta certa!”*

Não tenho a menor ideia do que fazer agora.



PERGUNTA: Tendo origem no *tanka* de 31 sílabas, qual composição poética japonesa consiste em 17 sílabas arranjadas em versos de 5, 7 e 5?

RESPOSTA: O haicai.

A reação de Rebecca Epstein é rir. Ela se deita no meu futon, no meu quarto em Richmond Hill e dá muita risada, agitando os coturnos Doc Martens com um deleite sádico.

— Não é *tão* engraçado assim, Rebecca.

— Ah, é sim, com certeza!

Desisto e vou mudar o disco.

— Desculpa, Jackson, mas imaginar o casal escondido no depósito de madeira até você ir embora...

Isso faz com que ela comece a rir de novo. Então, decido ir até o quarto de Josh pegar mais cerveja caseira.

\* \* \*

Fico mais 18 horas com minha mãe antes de decidir voltar para a faculdade. Explico mais uma vez que preciso de alguns livros específicos da biblioteca e ela dá de ombros, não acreditando muito, e, às 10 horas, já estou na escada da frente de casa recusando as mesmas comidas.

No trem de volta, começo a me animar um pouco. E daí que vou passar o Ano-novo sozinho numa república? Posso adiantar alguns trabalhos, ler, fazer longas caminhadas, tocar música tão alto quanto quiser. E amanhã, véspera de Ano-novo, vou lutar contra essa ridícula tradição que diz que devemos sair e ficar bêbados e nos divertir. Vou ficar em casa e não me divertir. Vou ficar bêbado, mas vou ler um livro e dormir às 23h58. Isso vai dar a eles uma lição, convenço a mim mesmo, sem realmente saber quem são “eles”.

Mas, assim que chego à república, percebo que cometi um erro terrível. Ao abrir a porta da frente, sou atingido por um bafo quente de levedura, da cerveja caseira de Yorkshire de Marcus e Joshua, e é como se a casa inteira tivesse arrotado na minha cara. Entro no quarto de Joshua e encontro um barril de plástico borbulhando e chiando perto de um aquecedor ligado no máximo. Abro a janela para ventilar um pouco aquele gás intestinal.

Claro que ninguém voltou ainda, como eu imaginava, mas acho que não estava preparado para ver a casa *tão* vazia assim. Então, decido ir ao mercadinho da esquina. São 17h45, a hora perfeita para se comprar comida com desconto.

Comprar comida com desconto não é algo que se deve fazer de maneira descuidada. Os enlatados amassados costumam ser seguros, mas os produtos “frescos” são um campo minado. Como regra geral, a redução do preço é

proporcional ao perigo envolvido em ingerir o alimento; então, o truque é fazer uma compra vantajosa sem que isso provoque uma dor de barriga. Um mero desconto de 10 pence em meio quilo de rosbife cinza-azulado quase vale o risco, mas um frango inteiro por 25 pence é sinal de encrenca. Rosbife e frango também são, normalmente, mais seguros do que carne de porco ou peixe. Carne de porco passada não é bom para ninguém, mas com um rosbife velho a gente, ao menos, pode se enganar dizendo que não está estragado, mas, sim, bem-passado. O mesmo se aplica a comidas muito temperadas, que não estão “estragadas”, só “muito picantes”. Por essa razão que o *curry* é um caso clássico item com desconto no preço.

No mercadinho, eu e uma velhinha com um bigode de Emiliano Zapata nos olhamos cautelosamente por cima do freezer. Como se passaram poucos dias desde o Natal, há vários perus letais ali, assim como uma perna de cordeiro que parece prestes a pular e andar de volta para a fazenda sozinha. Não é uma boa perspectiva; por isso, decido partir para um prato de filé desidratado com *curry* com 75 pence de desconto e um pequeno agrado, um pote de Nesquik sabor banana e meio litro de leite.

Mas a alegria dura pouco. Quando volto, tomo o Nesquik, ponho a chaleira para ferver, dissolvo o pó de *curry* amarelo-berrante numa caçarola, janto e começo a me sentir como Robinson Crusóe. A casa está vazia, chove lá fora, a televisão portátil de Josh está trancada no guarda-roupa dele e começa a ficar bem claro que os tais melhores anos da minha vida nunca vão acontecer.

Sai dessa! Faça alguma coisa!

Roubo uns trocados da jarra de cobre no quarto de Josh e empilho as moedas perto do telefone público no corredor.

Mas ligar para quem? Penso em ligar para um cara chamado Vince que conheci numa festa, mas não quero ir a um pub só com mais um sujeito, e também não tenho o número dele e não consigo me lembrar do sobrenome ou de onde ele mora ou qualquer coisa a respeito. Lucy Chang está em Minneapolis, e acha que sou racista. Colin Pagett ainda está com hepatite. Quase ligo para Patrick, antes de me lembrar de que não gosto dele. Por fim, resolvo ligar para Rebecca Epstein, pois ela é aluna de direito, e direito é um curso mais puxado e existe uma boa chance de ela estar fazendo algum trabalho.

Ela mora na Kenwood Manor, na mesma ala que Alice. Por isso, sei o número. Depois de uns 20 toques, uma voz com sotaque de Glasgow atende.

— Alô, é a Rebecca — Pausa. — Alôôôô?

— Aqui é o Brian.

Pausa.

— Brian Jackson — explico.

— Eu sei qual Brian. O que está fazendo aqui?

— Fiquei entediado, só isso.

— Meu Deus! Eu também! — Outra pausa. — Então...?

— Estava pensando no que você vai fazer hoje à noite.

— Esperar você ligar, claro. Isso é um *convite*? — indaga, como se estivesse perguntando “isso é um *cocô*?”

— Não. Só pensei se você não gostaria de ir ao cinema ou coisa assim. Está

passando *O Evangelho segundo São Mateus*, do Pasolini, no Arts...

- Será que não poderíamos assistir a alguma coisa mais divertida...?
  - *O primeiro ano do resto de nossas vidas*, no ABC?
  - Pelo menos, não é um filme do Pasolini.
  - *De volta para o futuro*, no Odeon...
  - Quantos anos você tem, mesmo...?
  - *Cocoon*, no ABC...
  - Deus me livre...
  - Você é meio exigente, não?
  - Eu sei. Dá medo, não é? Tem certeza de que está a fim de encarar, Brian?
  - Acho que sim. Então, o que você quer fazer?
  - Você tem bebida?
  - Doze galões. Só que tudo de cerveja caseira.
  - Eca! Mas eu não sou perfeccionista... Você mora na Richmond House?
  - Isso.
  - Tudo bem. Chego em meia hora.
- Ela desliga e, de repente, fico com medo.

\* \* \*

Quarenta minutos depois, ela está sentada na minha cama bebendo cerveja caseira e rindo de mim. Como de costume, está com o seu uniforme, ou o que mais parece um uniforme. Coturnos pretos, meias-calças pretas embaixo de uma minissaia jeans azul-escura, um suéter preto de gola em V e o sobretudo militar preto que eu ainda não a vi tirar. O cabelo curto está lustroso de gel Black and White, erguido num pequeno topete oleoso na frente do quepe de operário preto e pontudo. Na verdade, tudo o que ela usa parece sugerir intencionalmente uma vida de trabalho árduo, o que, de fato, é estranho, pois me lembro de que a mãe dela é ceramista e o pai é pediatra. A única concessão de Rebecca às noções convencionais de feminilidade é uma grossa camada de batom brilhante vermelho-rubi e uma grande quantidade de rímel que a faz parecer, ao mesmo tempo, intimidadora e glamorosa, como uma representante hollywoodiana do grupo Baader-Meinhof. Ela até fuma como uma estrela de cinema, Bette Davis ou alguém assim, mas uma estrela que enrola os próprios cigarros. Aliás, hoje ela parece um pouco mais atraente que de costume, e me sinto um pouco preocupado por ela ter se esforçado para isso.

Quando ela, enfim, para de rir, eu digo:

— Bem, fico contente de você achar a minha vida sexual engraçada, Rebecca.

— Mas só é vida sexual se tiver sexo, não é?

— Talvez ela estivesse dizendo a verdade...

— Sim, Brian, *claro* que estava dizendo a verdade. Falei que ela era uma vaca, não falei? E não adianta ficar com essa cara de bunda. Você sabe que é engraçado. Senão, não teria me contado. — Dá uma tragada no cigarro e deixa a cinza cair no chão ao lado do futon. — De qualquer modo, foi bem-feito para

você.

— Por quê?

— Você sabe por quê. A grande sedução da burguesia. Pode se chamar de socialista, mas, no fim de tudo, você é igual aos outros alpinistas sociais dessa universidade. Todos prontos para ficar de barriga para cima e serem afogados pelas ditas classes superiores...

— Isso não é verdade!

— É, sim... Conservador no armário!

— Stalinista...!

— Traidor da classe!

— Esnobe!

— Esnobe invertido!

— *Proto-yuppie!* Dá pra tirar suas botas Doctor Martens de cima do meu edredom?

— Com medo de eu estrague o *primoroso* tecido?

Mas ela tira os pés, vem sentar ao meu lado e toca o copo de cerveja quente no meu, como forma de reconciliação.

— Por que o estrado da sua cama está atrás do guarda-roupa? — pergunta.

— Quis transformar minha cama num futon.

— Um *futon*, é? Bem, Brian, devo dizer que um colchão no chão não faz um futon.

— Isso é quase um haicai — comentário.

— Quantas sílabas tem um haicai?

Essa eu sei.

— Dezesete, arranjadas em 5-7-5.

Ela pensa, por talvez um segundo, e diz:

*Fedor certamente*

*Segue um colchão no chão.*

*Que não faz um bom futon.*

Faz menção de tomar um gole, mas interrompe o gesto para tirar um fiapo de tabaco grudado no batom, um gesto tão extravagante, lânguido e relaxado que me noto de soslaio olhando seus lábios para o caso de ela fazer aquilo de novo. Quando ela percebe, balbucio:

— Então, como foi o seu Natal?

— Nós não comemoramos o Natal. Somos judeus. Nós *matamos* Cristo, lembra?

— Mas e a... como chama... Páscoa Judaica?

— Hanukáh. Também não comemoramos. Brian Jackson, para alguém que está representando nosso glorioso estabelecimento no *Desafio Universitário*, você é muito ignorante. Quantas vezes vou ter de explicar que somos judeus socialistas, não ortodoxos e antissionistas de Glasgow?

— Não parece muito divertido...

— É! Não é mesmo! Por que acha que estou aqui com você?

Acho que vou tentar a sorte com um pouco de humor judaico.

— Como é que os judeus se presenteiam sem Natal?

— *O quê?*

— Nada...

Ela me examina por um momento e abre um meio sorriso...

— Antissemita...

Retorno o sorriso. De repente, sinto um incrível afeto por Rebecca Epstein e quero fazer um gesto de amizade. Tenho uma ideia.

— Isso me lembra que comprei isso para você! Feliz Hanukah!

É o álbum da Joni Mitchell que Alice não quis. Eu perdi a nota fiscal. Rebecca olha para mim, questionando:

— Para *mim*?

— Uh-hum.

— Tem *certeza*? — Ela faz a pergunta como um guarda da fronteira da Europa Oriental, desconfiando de que o meu passaporte é falso.

— Absoluta!

Ela segura o disco entre o indicador e o polegar e examina o verso da embalagem.

— Joni Mitchell...

— Uh-hum. Você conhece?

— Conheço o trabalho dela.

— E já tem esse disco?

— Não. Não, não tenho.

— Bem, deixe eu pôr para tocar...

Pego o disco da mão dela, vou até o aparelho, retiro Tears For Fears e ponho *Blue*, lado 2 faixa 4, “A Case Of You”, sem dúvida uma das mais belas canções de amor já gravadas em vinil. Depois de ouvirmos a introdução e o primeiro verso em silêncio, pergunto:

— Então? O que você acha?

— Acho que fiquei menstruada.

— Você não gostou?

— Bem, para ser bem honesta, não é a minha, Brian.

— Você vai acabar gostando...

— Hummm — murmura ela, duvidosa. — Então, grande fã da Joni, é?

— Mais ou menos. Para ser honesto, sou mais a Kate Bush.

— Hum, imaginei...

— Por quê?

— Porque você é “The Man With The Child In His Eyes”, Brian — Rebecca fala e tenta esconder o riso na cerveja.

— O que você anda ouvindo no momento?

— Muitas coisas. Durutti Column, Marvin Gaye, The Cocteau Twins, um pouco de blues de raiz, Muddy Waters, The Cramps, Bessie Smith, Joy Division, The New York Dolls, Sly and the Family Stone, algumas regravações. Vou fazer uma compilação, ver se consigo desmamar você dessa música melosa. É preciso tomar cuidado com essas cantoras-compositoras, Brian. Elas são boas com moderação, mas, se ficar ouvindo só essas coisas, você pode começar a

desenvolver seios.

— Se você não quer o presente, é só falar... — e levanto para mudar o disco.

— Não! Não, eu fico com ele. Posso acabar gostando. Muito obrigada, Brian. Muito cristão de sua parte.

Volto a me sentar ao seu lado e ficamos em silêncio por um momento. Então, ela pega a minha mão, aperta bem forte e diz:

— Sério, obrigada.

Dez minutos depois, estamos na cama e, de algum modo, minha mão entrou no sutiã dela.

\* \* \*

Dizem que o lado pessoal se manifesta na política, e é justo dizer que o beijo de Rebecca Epstein é como a sua política — radical, direto e inflexível. Deito de costas e ela pressiona minha cabeça no travesseiro e seus dentes trincam os meus, mas quero dar o melhor de mim e trinco de volta. Então, é só uma questão de tempo até nossos dentes perderem o esmalte. A combinação da bebida com o aquecedor a gás me deixou embriagado, até um pouco assustado, mas é divertido, como estar aprontando alguma na escola. A camada grossa de batom cria uma câmara de ar comprimido na junção de nossas bocas, e, quando ela afinal se afasta, quase ouço um “*pop*” como nos desenhos animados, quando um desentupidor de pia é puxado da cara de alguém.

— Tudo bem? — pergunta Rebecca. O batom está borrado ao redor da boca, como se ela tivesse comido framboesas.

— Tudo bem — concordo, e ela está em cima de mim de novo. O gosto dela lembra levedura de cerveja e Golden Virginia e a oleosidade perfumada do batom. Não consigo deixar de me preocupar com o *curry* que comi mais cedo. Será que devo fingir ir ao banheiro e escovar os dentes? Mas aí Rebecca vai saber que escovei os dentes por causa dela e não quero parecer convencional. Será que mau hálito é, de algum modo, não convencional? É provável que não, mas, se eu escovar os dentes, Rebecca pode pensar que quero que ela escove os dentes também, o que não quero. Na verdade, adoro gosto de tabaco, dessa sensação de fumar “por tabela”. É melhor continuar. Mas o que fazer a seguir? Como um ventríloquo, tento passar a mão nas suas costas, por baixo da blusa, mas ela ainda está de sobretudo, e, quando consigo me desvencilhar do sobretudo, percebo que o suéter está preso na saia. Então, tento encontrar uma via alternativa pela gola do suéter. Preciso torcer o braço para fazer isso e girar a mão nos ângulos certos, como o pior batedor de carteiras do mundo, mas acabo chegando lá. O sutiã é preto, de renda e levemente acolchoado, o que me surpreende, e, por um momento, me vejo refletindo sobre a política desse sutiã. Por que acolchoado? Não é fora do normal para Rebecca? Por que ela sentiria necessidade de se conformar com noções de feminilidade convencionais definidas pelos homens? Por que seria obrigada a adquirir a convencional imagem corporal “sensual” que, na verdade, *nenhuma* mulher é capaz de alcançar na vida real, exceto, talvez, Alice Harbinson.

De repente, ela interrompe o beijo e imagino que vá me perguntar o que eu acho que estou fazendo, porém, em vez disso...

— Brian?

— O quê?

— Tem uma coisa que eu preciso contar. Eu não estava brincando agora há pouco. Quando disse que estava daquele jeito.

— Tudo bem. Eu também estou daquele jeito.

Ela me dá um olhar zombeteiro.

— Por alguma razão, acho que não está, Bri...

— Não, sério, estou. Posso não ter parecido estar, mas estou mesmo...

Ela faz uma careta.

— Você está *menstruado*?

— Como? Ah, entendi! Não, desculpa, achei que estava querendo dizer, você sabe...

— O quê?

— “Daquele jeito”?

— O que é “daquele jeito”?

Penso por um segundo.

— Uma giria? — proponho, esperançoso, no entanto minha mão já está fora do sutiã para nunca mais voltar. Ela se senta na beira da cama e ajeita a meia-calça, vendo se rasguei o suéter ou estraguei tudo.

— Talvez não seja uma ideia tão boa assim, afinal.

— Eu não me importo, sinceramente...

— E o que você quer dizer com *isso*?

— Quero dizer que, por mim, tudo bem você estar menstruada.

— Ah, bem, fico contente de estar tudo bem, Jackson. Pois, afinal, não tem merda nenhuma que eu possa fazer a respeito, tem?

— Desculpe... Não sei mais o que dizer.

— Aposto que Alice Harbinson nem *menstrua*...

— O quê?

— ...ela deve *pagar* alguém pra menstruar por ela...

— Espera aí! O que isso tem a ver com Alice?

— Nada!

Ela se vira e parece a ponto de surtar comigo de novo, mas abre um sorriso, ou, ao menos, um meio sorriso.

— É melhor você limpar esse batom da cara. Está parecendo um palhaço...

— Limpo a boca na ponta do edredom e escuto ela murmurar:

— Você é um palhaço.

— O que eu fiz agora?

— Você sabe.

— Ei, foi você quem começou!

— Comecei o quê?

— A falar de Alice...

— Pelo amor de Deus, Jackson...

— Só estou falando porque você falou antes...

— Mas você está *pensando* nela, não está?

— Não! É claro que não! — replico.

Mas estou. Rebecca continua a me olhar nos olhos até ter certeza do fato e vira para o outro lado.

— Isso é estúpido... — diz baixinho, apertando os olhos com as palmas das mãos. — Estou meio “alta”. Acho melhor ir embora. — Talvez eu não soubesse antes, mas agora definitivamente não quero que Rebecca vá embora. Por isso, pulo na frente dela e tento beijá-la de novo. Ela vira o rosto.

— Por que você tem que ir embora?

— Eu não... Não sei... Sobre o que acabou de acontecer. Podemos esquecer isso?

— Ah... Tudo bem... OK. Eu preferia que não fosse embora, mas se é isso que você quer...

— Acho que sim. Eu quero — e está de pé ajeitando o sobretudo e indo em direção à porta, enquanto fico me perguntando o que havia feito daquela vez. Quero dizer, além do normal, da minha inépcia completa. Desço a escada com ela até o corredor, no qual ela escala o amontoado de bicicletas bloqueando o caminho.

— Olha só! Agora, rasguei a droga da meia-calça...

— Pelo menos, deixe eu acompanhar você até a sua casa.

— Não, obrigada.

— Eu não me importo...

— Estou bem...

— Você não devia voltar sozinha...

— Vou ficar bem...

— De verdade, eu insisto... — e ela dá meia volta, aponta o dedo para mim e rosna: — E eu *insisto* que você não me acompanhe! Está claro?

Nós dois ficamos surpresos pela maneira áspera como ela fala. Acho que até dou um passo atrás. Olhamos um para o outro nos perguntando sobre o que estava acontecendo. Depois, ela diz:

— Além do mais, você devia ir para a cama. Você está “daquele jeito”, lembra? — Abre a porta. — Nunca mais vamos falar disso, ok? E não conte a ninguém, tudo bem? Especialmente para maldita Alice Harbinson. Promete?

— É claro que não. Por que eu contaria...?

Mas ela já está na metade dos degraus, e desaparece na noite sem olhar para trás.



### **Terceira Rodada**

— Sinto muito — disse Sebastian, depois de algum tempo. — Receio não ter sido muito acolhedor esta tarde. Brideshead costuma causar esse efeito em mim.

Evelyn Waugh, *Memórias de Brideshead*

PERGUNTA: Estriado, cardíaco e liso são três tipos de que tecido?

RESPOSTA: Muscular.

*Algumas resoluções de Ano-novo*

1. *Passar mais tempo trabalhando na minha poesia. Se quiser levar a poesia a sério como forma literária, assim como uma maneira de ganhar um dinheiro extra, vou ter de trabalhar nisso, em especial se quiser descobrir meu estilo próprio. Lembre-se: T. S. Eliot trabalhava em um banco quando escreveu Quatro quartetos. Por isso, não ter tempo não é desculpa.*
2. *Parar de futucar minha cara, especialmente quando estou falando com as pessoas. Se a ciência nos ensinou algo, é que futucar a cara só espalha a infecção e causa cicatrizes. Fique quieto, encontre outra coisa para fazer com as mãos, aprenda a fumar ou coisa assim. Lembre-se: ninguém quer beijar uma cara com o rosto sangrando.*
3. *Seja distante. Banque o desinteressado com Alice. Ela vai respeitá-lo mais por isso.*
4. *Ficar ligeiramente musculoso.*

A lista acima foi escrita, mais ou menos, às 22h45 da véspera do Ano-novo, e, àquela altura, eu estava bem bêbado, o que significa que a caligrafia está um pouco tremida. Vinte minutos depois, eu estava dormindo, trocando o conceito e o clichê convencional que diz que somos obrigados a ter uma véspera de Ano-novo maravilhosa e divertida por uma noite de merda nada convencional.

As festividades começam às 20h35, quando encontrei uma chave de fenda na gaveta da cozinha e desparafusei as portas do armário de Josh para pegar sua televisão portátil. Depois, acomodei-me para assistir ao filme do James Bond na ITV, juntando-me às fileiras de velhinhas doentes e pacientes mentais e todo mundo que fica em casa na noite de Ano-novo. Mas, quanto mais bebia, mas eu pensava no meu pai, e em Alice, e os dois acabaram se misturando estranhamente na minha cabeça. Por isso quando o Agente 007 arruinou os planos malignos de Scaramanga para dominar o mundo, eu era um desastre físico e emocional, tornando-me a primeira pessoa na história a chorar assistindo a *007 contra homem com a pistola de ouro*, com a possível exceção de Britt Ekland. Depois disso, me recompus e escrevi as resoluções.

E, agora, duas semanas depois, as resoluções continuam firmes. É verdade que ainda não mergulhei na poesia, mas vou fazer isso em breve, assim que tiver tempo. E mal toquei no meu rosto. E estou bem distante da Alice também, em boa parte porque não a vi ou ouvi falar dela e não faço ideia de onde ela esteja. Em *Memórias de Brideshead*, o primo de Charles o adverte que, em geral,

passamos o segundo ano na universidade evitando as pessoas indesejáveis que conhecemos no primeiro. E estou começando a desconfiar de que sou uma dessas pessoas.

Mas vamos voltar às resoluções. A última precisa de alguma elucidação. Decidi que não me faria mal algum ter alguns músculos. Não, não estou engolindo os conceitos fúteis baseados no que os meios de propaganda definem como “masculino” ou atraente, e também não é porque alguém começou a chutar areia na minha cara, pelo menos não literalmente. Só acho que levei o visual físico à sua conclusão natural. E também porque, desde o colégio, trabalhava no princípio de que você pode ser inteligente ou sarado e que as duas coisas são opostas, mas, na verdade, não há motivo para não ser os dois. Patrick Watts, por exemplo, é inteligente e muito, muito sarado, apesar de seus problemas de personalidade. Talvez Dustin Hoffman em *Maratona da morte* seja um exemplo melhor. Ele é sarado e inteligente, e também tem integridade. O tipo de cara que corre 8 quilômetros carregando um monte de livros da biblioteca. Ou, no mundo real, Alice Harbinson. Alice Harbinson tem um rosto limpo, saudável e inteligente. Ou, pelo menos, tinha, da última vez que a vi. Duas semanas e três dias atrás. Há séculos.

Mas... sem problemas. Vou sublimar toda essa energia numa campanha para entrar em forma. Estou bastante comprometido com uma prática diária da Força Aérea Real Canadense, que envolve prender os pés embaixo do guarda-roupa, depois de garantir que ele não vá virar em cima de mim, e fazer abdominais, oito, e flexões, quatro. Isso é bom, mas na realidade, não me sinto como se tivesse passado por um treino completo de corpo inteiro, e acho que vou precisar de algo a mais. Talvez precise de pesos. Decido gastar meu dinheiro do Natal em equipamentos de ginástica com pesos.

Faço um saudável e nutritivo café da manhã comprado no mercadinho: uma barra de cereais coberta de chocolate e um litro de suco de abacaxi Just Juice, e sigo em marcha de escoteiro (correr trinta, andar trinta) até o centro da cidade, que, de repente, parece muito distante, ainda mais quando se está correndo de jeans e jaqueta. No entanto, continuo pelas alamedas residenciais com lixeiras cheias de esqueletos de árvores de Natal que os lixeiros se recusam a recolher, soltando, de vez em quando, pequenos arrotos de suco de abacaxi. Não demora muito para começar a sentir umas pontadas, o que sugere que, talvez, deva cuidar um pouco da saúde cardiovascular, mas isso pode vir depois. Minha prioridade é aumentar a massa corporal e melhorar a definição dos meus músculos. Não quero ficar musculoso como pugilistas ou levantadores de peso ou algo assim, só ter um físico de ginasta, como daqueles caras das barras paralelas. Se, de repente, eu começar a ficar muito musculoso, vai ser hora de parar.

Chego na Sport! pouco depois de a loja abrir, suando bastante. Talvez seja a segunda vez na vida que entro numa loja de artigos esportivos, pois, até ali, minha mãe comprou todos os meus kits de esporte. Estou bem nervoso, como se estivesse entrando numa loja de pornografia ou coisa do gênero. O clima é de vestiário masculino, enfatizado pelo gerente da loja, que tem, mais ou menos, a minha idade, é alto e forte, e que se aproxima de mim como se estivesse prestes a me dar uma surra de toalha molhada.

— Precisa de ajuda, amigo?

— Só olhando, obrigado! — respondo numa voz só um pouco mais grave que o normal e continuo percorrendo a loja, avaliando as raquetes de badminton com ar de especialista, antes de me dirigir, casualmente, até os halteres. Lá estão, dois deles, feitos de ferro e com pesos ajustáveis, que permitem aumentar a carga aos poucos até me transformar em um Adônis, mas nada *além* disso. Existe algo óbvio em relação a halteres, como o fato de serem pesados e feitos de ferro, em comparação a isopor pintado de cinza; sim, eu tenho dinheiro para comprar, custam 12,99 libras, e levo tudo até o vendedor. Só quando faço o pagamento e ele coloca tudo numa sacola plástica reforçada é que percebo que cometi um erro logístico básico: não vou conseguir levar aquilo para casa.

Pelos primeiros 25 metros, convenço-me de que é possível, se eu andar rápido, e mudar de mão quando a dor dos cortes da sacola plástica na pele chegar ao limite. Mas, na porta do Woolworths, o inevitável acontece, o fundo se desprende e os pesos caem no chão com um ruído industrial que chama a atenção de lojistas e jovens mães fazendo compras com os filhos. No que eu respondo com um olhar de “quem enfiou esses halteres na minha sacola?” O chão não sofreu danos, porém um dos pesos foi rolando até o Boots The Chemist como um pequeno tanque, e tenho de impedir isso com o pé, o que provoca alguns risos entre as jovens mães, que me apontam para os filhos como que dizendo “olha que engraçado aquele magrela!” Pego um peso em cada mão e me afasto rapidamente.

Chego até a Dorothy Perkins, 20 metros além, antes de ter que parar de novo para recuperar o fôlego. Garotas adolescentes veem os pesos e sorriem para mim, enquanto me apoio no vidro da loja. Decido que seguir em frente é o lance; o truque é continuar andando. Vai dar tudo certo se eu continuar andando. Afinal, faltam só uns dois quilômetros até a chegada.

Quando saio do centro de compras e entro nas ruas residenciais, fica um pouco mais fácil parar e descansar a intervalos regulares sem ser encarado. Espero minha respiração se normalizar, pego os pesos, braços pendurados como de um babuíno, e dou pequenas corridas com o corpo inclinado, como se estivesse na mira de uma metralhadora, pelo tempo que meu coração consegue aguentar. A sensação é a de ter acabado de ressuscitar. Estou suado e com o rosto vermelho, meus ombros parecem hematomas, retorcidos e doloridos, os braços parecem alongados como nos desenhos animados e o metal da barra dos pesos feriu as palmas das minhas mãos, fazendo-as parecer répteis em carne viva. Tenho uma aula particular essa tarde e ainda não estou nem perto de casa. Então, pego os halteres de novo, me abaixo e saio correndo.

Finalmente, chego à parte sul de Richmond Hill, que se estende na reta à minha frente, o topo das montanhas escondido pelas nuvens baixas. Consigo cambalear mais uns 25 metros antes de desabar e me apoiar em um muro. Sinto como se alguém tivesse pisoteado meus pulmões como um pacote de batatinha frita inflado. Estou tossindo descontrolado, o ar áspero arranha minha garganta, que está ressecada e me provoca um vômito seco. Experimento um gosto de bile doce na boca, após tossir um pouco de suco de abacaxi, e o suor escorre pelo meu rosto e pinga do meu nariz no chão, e, de repente, sinto a mão de alguém

nas minhas costas e uma voz dizendo:

— Ei, tudo bem com você? — Abro os olhos e vejo Alice...

— Quer que eu chame uma... Brian?

— Alice! — tentando respirar, ofegante. — Oi... oi, Alice... — arfante. — Como vai? — engasgo.

— Eu estou bem. É você quem me preocupa. Pensei que era um velhinho tendo um infarto ou coisa assim...

— Não, não, sou só eu. Está tudo bem, mesmo...

Ela vê os halteres enganchados nos meus pés, para não rolares morro abaixo e matar uma criança.

— O que é *isso*?

— Halteres...

— Isso eu *sei*, mas o que *você* está fazendo com isso?

— É uma longa história...

— Precisa de ajuda?

— Se você puder...

Ela pega um dos halteres como se fosse um cachorrinho e sai marchando ladeira acima.

PERGUNTA: O que foi identificado por Hegel como a tendência de um conceito passar à sua própria negação como resultado de um conflito entre seus aspectos contraditórios inerentes?

RESPOSTA: A dialética.

Deixo Alice no meu quarto ouvindo meu LP do Concerto Brandenburgo e dando notas de zero a dez aos livros nas minhas prateleiras e vou fazer um café. Para ser sincero, o quarto não está no estado ideal. Tentei não deixar meu caderno de poesia e minhas cuecas jogados no chão, mas, ainda assim, não gosto da ideia de ela estar lá sozinha. A chaleira demora uma eternidade para ferver, e me distraio correndo até o banheiro, molhando o rosto e escovando os dentes bem rápido para me livrar da bile. Quando volto para a cozinha, Josh apanha a água que acabei de ferver.

— Imagino que você sabe que tem uma gata solta no seu quarto...

— É a minha amiga Alice.

— Ora, oooooi, Alice! Tudo bem se eu participar?

— Na verdade, a gente está meio que falando de trabalho...

— Tudo bem, Bri, entendi o recado. Só diga pra ela vir falar comigo na saída, tá? E talvez seja melhor fazer alguma coisa em relação a isso... — e aponta para o canto da minha boca, duas pequenas manchas de pasta de dente. — *Bonne chance, mon ami...* — diz ele, indo em direção à porta. — Ah, alguém ligou pra você... Spencer? Pediu pra você retornar. — Faço o café, pego as canecas, roubo dois biscoitos do Marcus e volto para o quarto.

Alice está recostada no futon, folheando meu exemplar do *Manifesto Comunista*. Entrego o café, retiro os copos de água sujos e velhas canecas incrustadas do lado da cama e tiro uma fotografia mental da cabeça dela reclinada no meu travesseiro.

— Brian, por que o estrado da cama está atrás do guarda-roupa?

— Pensei em tentar esse negócio de futon.

— Tudo bem... Futon... Legal... — Observa os postais e fotos afixados perto da cama. — É o seu pai?

— Uh-hum.

Retira a foto da parede e a examina.

— Ele é muito bonito.

Tiro a jaqueta e penduro na porta do guarda-roupa.

— É, ele era...

Alice inspeciona meu rosto, tentando compreender por que a beleza teve de pular uma geração e me dá um de seus sorrisos franzidos.

— Você não quer trocar de roupa?

Olho para o meu suéter e vejo uma mancha escura, oleosa e úmida embaixo do braço e também está com cheiro de cachorro molhado. Tenho um momento

de hesitação, envergonhado.

— Não, estou bem.

— Pode se trocar. Prometo não me masturbar enquanto você faz isso.

Na atmosfera estimulante e carregada de erotismo criada por esse último comentário, eu me viro de costas e tiro a blusa.

— Então, pra que esses pesos, garotão?

— Bem, andei pensando em ficar um pouco mais saudável...

— Ter músculos não significa ser saudável. Meu último namorado tinha o corpo *incrível*, mas mal aguentava andar dois quarteirões...

— O que tinha o pênis enorme?

— Brian!!! Quem te contou isso?

— Você?

— Conte? Bem, sim... Esse mesmo. De qualquer modo, o seu corpo está ótimo.

— Você acha? — pergunto, cobrindo-me com o moletom, tal como uma noiva envergonhada.

— Meio esguio e anguloso. Parece uma pintura de Egon Schiele...

Viro-me de costas, visto um moletom limpo e decido que está na hora de mudar de assunto.

— Como foi o resto das suas férias de Natal?

— Ah, tudo bem... Ei, obrigada por ter ido.

— Obrigado por me receber. Consegui se livrar daquelas carnes numa boa?

— Numa ótima. Míngus e Coltrane ficaram muito agradecidos.

— E sua avó está bem?

— Como? Ah, sim. Sim, tudo bem.

Ela repõe a foto do meu pai na parede e diz, evitando olhar para mim:

— Foi um pouco... estranho, não foi?

— Eu fiquei um pouco estranho, você quer dizer. Acho que foi minha perda da virgindade em drogas.

— Mas não foi só isso, foi? Você estava... estranho. Como se precisasse provar alguma coisa.

— Desculpa. Fico um pouco nervoso. Principalmente perto de pessoas chiques...

— Ei, por favor... — interrompe ela.

— Como assim?

— Por favor, não me venha com essas merdas, Brian. “Chique”! Que palavra *ridícula*! Aliás, o que é “chique”? Isso é coisa da sua cabeça. Não faz sentido. Puxa, odeio essa obsessão com questões de *classe*, ainda mais nesse lugar! Você diz um “olá” pra alguém e todo mundo já vira um pobre coitado e começa a contar que o pai é um limpador de chaminés raquítico e com um olho só, que ainda usam banheiros fora de casa e nunca entraram num avião. Ou, sei lá, toda essa *merda*, que, na maior parte das vezes, é mentira, e fico pensando por que você está me dizendo isso. É para eu me sentir *culpado*? Você acha que a culpa é *minha* ou só está se sentindo satisfeito e se congratulando por fugir do seu papel social predeterminado? Ou seja, o que isso importa? Pessoas são pessoas, se você me perguntar, e elas se levantam e caem de acordo com seus talentos e

méritos, com seu trabalho. E pôr a culpa em quem tem um *divã* em lugar de um *sofá*, ou quem toma *chá*, em vez de *jantar*, é só desculpa, reclamação e autopiedade de quem pensa pequeno...

O concerto de Bach segue num crescendo enquanto ela fala. Então, eu digo:

— E você vai estar conosco ao vivo na Conferência do Partido Conservador desse ano!

— Sem essa, Brian! Isso não é justo, não mesmo. *Eu* não julgo as pessoas por suas origens e espero que as pessoas me tratem com a mesma cortesia. — Senta-se no futon, furando o ar com o dedo. — Além do mais, o dinheiro nem é *meu*, é dos meus pais. E eles não conseguiram isso afanando donativos de outras pessoas nem gerenciando alguma empresa de trabalho escravo em Joanesburgo ou coisa assim. Eles trabalharam pra caralho para conseguir o que têm. *Pra caralho...*

— Mas nem *tudo* foi ganho com trabalho, não é?

— O que você quer dizer? — retruca Alice.

— Quero dizer que eles herdaram muito, dos *pais* deles...

— E...?

— Bem... É um privilégio, não é?

— Então, você acha que as pessoas devem ser enterradas com o dinheiro quando morrem, como no Egito Antigo? Porque sempre pensei que passar o dinheiro adiante, ajudar a família a ter segurança e liberdade é, mais ou menos, a *única* coisa que vale a pena fazer com dinheiro...

— Claro que é. Só estou dizendo que é um privilégio.

— Com certeza, é um privilégio, e eles sabem disso, pagam uma porrada de impostos e fazem o que podem pra retribuir alguma coisa. Mas, se você quer saber, o pior esnobe é o esnobe invertido. E sinto muito se isso não está de acordo com algum sistema de pensamento socialista aprovado pelos estudantes, mas é o que eu acho. Estou cansada de gente que tenta disfarçar a *inveja* como uma espécie de *virtude*! — Interrompe o discurso com um estremecer, o rosto vermelho, e pega a caneca de café. — Eu não estou falando necessariamente de *você*, claro.

— Claro que não — e tomo um gole de café, que tem um gosto amargo de pasta de dente, e faz-se uma pausa enquanto ouvimos o Concerto de Brandenburgo.

— Esse não é o tema da série *Antiques roadshow*?

— É... Mas eles não dizem na capa do LP.

Ela sorri, cai de volta no futon.

— Desculpe... Foi só um desabafo.

— Não, tudo bem. Até concordo com você. Em algumas partes. — Mas não consigo deixar de pensar em Mingus e Coltrane comendo tigelas de macarrão.

— Quer dizer, somos amigos, não somos? Brian... Olhe para mim. Somos amigos, não somos?

— Sim, é claro que somos amigos...

— Mesmo eu sendo a Rainha de Sabá e você o moleque que limpa chaminés?

— Claro!

— Então, vamos esquecer isso tudo? Esquecer e seguir em frente?

— Esquecer o quê?



- Tudo isso que a gente estava... Ah, entendi. Já está esquecido?
- Está esquecido.
- Que bom! — ela fala. — Que bom!
- Então, quer ir ao cinema hoje à tarde?
- Não posso. Tenho uma audição mais tarde...
- Entendi... Para quê?
- *Hedda Gabler*, de Ibsen.
- Em que papel?
- A epônima Hedda.
- Você seria uma ótima Hedda.
- Obrigada. Espero que sim. Mas duvido de que vá conseguir. O terceiro ano está com tudo arranjado. Se tiver sorte, posso ser escalada para — ela faz um sotaque *cockney* — *Berte, a empregada*...
- Mas você vai à reunião hoje à noite?
- Vai ser *hoje à noite*?
- A primeira do semestre!
- Ah, meu Deus! E eu preciso ir?
- Patrick está sendo bem rígido. Pediu que você fosse essa noite, ou está fora do time, foi o que ele disse. — Claro que ele não disse nada disso. Mas mesmo assim...
- OK, a gente se vê lá e depois tomamos alguma bebida. — Ela atravessa o quarto, enlaça os braços em mim, sinto o perfume no seu pescoço e ela sussurra no meu ouvido:
- Amigos de novo, certo?
- Claro. Amigos de novo.

\* \* \*

Ainda estou pensando na conversa com Alice, quando o professor Morrison começa a falar:

- Diga-me uma coisa, Brian, *por que* exatamente você está aqui?
- A pergunta me pega de surpresa. Afasto o olhar da janela e me viro para o professor Morrison, que está recostado na cadeira com os dedos entrelaçados em cima da barriguinha.
- Hã... uma aula particular? Às 14h?
- Não, quero dizer aqui na universidade, cursando letras? Por que você está aqui?
- Para... aprender?
- Para quê?
- Porque vale a pena?
- Financeiramente?
- Não, você sabe...
- Para se aperfeiçoar?
- Sim, suponho que sim. Para me aperfeiçoar. E eu gosto de tudo isso, de aprender, de conhecimento...

— “Gosta?”

— Adoro. Adoro livros.

— O conteúdo dos livros ou só ter um monte de livros?

— O conteúdo, claro...

— Então, você está levando seus estudos a sério?

— Quero crer que sim.

Ele não diz nada. Só volta a se recostar na cadeira, estica os braços para trás com os dedos entrelaçados e bocejia.

— O senhor não acha que estou levando os estudos a sério?

— Não tenho certeza, Bri. Espero que sim. Mas a razão da minha pergunta foi sua última redação, “Noções de ‘orgulho’ e ‘preconceito’ em *Otelo*”. Brian, é simplesmente *horrível*. Tudo, a começar pelo título, é horrível, horrível, horrível...

— Bom, na verdade escrevi meio depressa...

— Eu sei disso. É *visível*. Mas é uma coisa tão horrível, insossa e fátua que me perguntei se você era mesmo o autor.

— Certo. E do que o senhor não gostou?

Ele suspira e se inclina para a frente, passando os dedos nos cabelos, como se estivesse prestes a dizer que quer o divórcio.

— Bem, para começar, você fala como se Otelo fosse um conhecido seu e com quem se preocupa.

— Mas isso é bom, não é? Tratar o personagem como um indivíduo real. Não é um testemunho da imaginação vivida de Shakespeare?

— Ou da sua falta de entendimento? Otelo é uma *personagem fictício*, Brian, é uma construção, uma criação. É uma criação complexa e especialmente rica de uma extraordinária obra de arte, mas você só conseguiu dizer que é uma pena ele ter sofrido tanto por ser *negro*. Essa redação só me disse que você acha que intolerância é uma “coisa ruim”. Mas por que me dizer isso? Achou que eu poderia considerar a intolerância uma coisa *boa*? Qual será sua próxima redação, Brian? “Hamlet, por que essa carinha triste?”, ou talvez “Por que os Montéquio e os Capuleto não fazem as pazes?”

— É que o racismo é uma coisa que me desperta emoções fortes.

— Tudo bem, mas o que eu posso *fazer* em relação a isso? Ligar para a mãe do Iago e recomendar que ele se comporte melhor? Ironicamente, como discussão racial, o seu retrato de Otelo como o Nobre Selvagem irrepreensível e impecável pode até ser visto como racismo...

— Você acha que minha redação é *racista*?

— Não. Acho que é ignorante, e as duas coisas estão relacionadas.

Começo a dizer alguma coisa, porém não consigo formular. Sinto-me quente, corado e envergonhado, como se tivesse 6 anos de idade e tivesse feito xixi nas calças. Quero que isso termine o mais rápido possível. Então, levanto-me um pouco, estendo a mão para pegar a redação.

— OK. Talvez eu deva tentar outra coisa... — mas ele ainda não terminou e puxa as páginas de volta.

— Para mim, isso não é um trabalho de alguém que “adora conhecimento”. É trabalho de alguém que gosta muito de *parecer* adorar conhecimento. Não

existe nada de original na abordagem ou no pensamento, nenhum esforço mental, é superficial, moralizador, mal-informado, intelectualmente imaturo, recheado de ideias preconcebidas, de besteiras e clichês. — ele afasta-se da cadeira e pega minha redação com a ponta dos dedos, como se fosse uma gaiivota morta. — E, o pior de tudo, é decepcionante. Estou decepcionado que  *você* tenha escrito isso, e ainda mais decepcionado por ter achado que isso merecia o meu tempo e energia para ler.

Faz uma pausa, no entanto não consigo pensar em nada para dizer. Então, fico olhando pela janela esperando aquilo acabar. Mas o silêncio é desconfortável, e, quando, afinal, volto à cena, ele está me dando um olhar que imagino poder ser interpretado como “paterno”.

— Brian, hoje de manhã, dei uma aula particular sobre W. B. Yeats para uma aluna, uma garota simpática, que deve se sair bem, que estudou numa das melhores escolas particulares para meninas, e, a certa altura, precisei ir até o carro pegar o meu Atlas para explicar onde fica a Irlanda do Norte. — Eu tento falar, mas ele levanta a mão. — Brian. Um ano atrás, quando o entrevistei neste escritório, você me pareceu um jovem entusiasmado, apaixonado. Um pouco sem foco talvez, um pouco *gauche*... Posso usar esse termo? É uma definição justa? Mas você estava dando o devido valor à sua educação. Muitos alunos, principalmente numa universidade como esta, tendem a ver seus estudos como uma espécie de subsídio do governo para uma festa de três anos de queijos e vinhos que termina com um apartamento, um carro e um bom emprego, mas achei que você não fosse assim...

— E não sou...

— Então, qual é o problema? Alguma coisa está distraindo você? Está se sentindo infeliz, deprimido...?

Meu Deus, eu não sei! Será? Será essa sensação? Talvez seja o caso. Talvez eu devesse falar sobre Alice. Será que estar apaixonado é desculpa para um comportamento irracional? Foi para Otelo, sem dúvida. Mas e para mim?

— Então... Você gostaria de conversar sobre alguma coisa?

Estou apaixonado por uma mulher linda. Mais apaixonado do que nunca. Tanto que sou incapaz de pensar em qualquer outra coisa, mas ela é inatingível. Na melhor das hipóteses, ela me acha divertido, e, na pior, repulsivo, e acho que talvez eu esteja ficando um pouco maluco...

— Não, acho que não.

— Bem, então eu não sei qual é o problema, pois o seu aproveitamento desse ano, 74%, 64%, 58% e esses 53%, sugere que você está ficando *menos inteligente*. O que, estranhamente, não é o objetivo de um curso superior...

PERGUNTA: Onde estão localizados as pontes, os fascículos arqueados, a área de Wernicke e a fissura de Rolando?

RESPOSTA: No cérebro.

É verdade. Estou ficando burro. Ou deveria dizer “mais burro”?

E não é só o fato de ter entrado por pouco no time do Desafio; são as aulas. Sento-me na carteira, todo entusiasmado e alerta, mas, mesmo quando o tema é algo que realmente me interessa, como poesia metafísica, o desenvolvimento do soneto ou a ascensão da classe média nos romances ingleses, percebo que, em dez minutos, estou tão perdido e confuso que, se estivesse ouvindo uma partida de futebol do rádio, daria na mesma. Entro na biblioteca da universidade, a qual quase geme em voz alta com o peso e o tamanho do conhecimento humano, e acontecem sempre as mesmas duas coisas: a) começo a pensar em sexo; b) tenho vontade de ir ao banheiro. Durmo no meio das aulas, deixo de ler um livro por estar sempre com sono, ou nem chego a entender o texto, ou não entendo as referências, fico olhando as garotas na sala de aula, e, mesmo quando *entendo* uma aula, não sei o que dizer a respeito, nem se concordo ou discordo do assunto. Estou tendo a oportunidade, à custa do Estado, de estudar trabalhos de arte belos, eternos e inspiradores, e minha resposta a tudo isso nunca chega a ser mais profunda do que um sinal de “positivo” ou “negativo” com o polegar. Enquanto isso, uma mocinha inteligente e de cabelos brilhantes na fileira da frente levanta a mão e diz algo como “você não acha que, em termos formais, a linguagem de Ezra Pound é muito hermética e ensimesmada para ser lida em termos estruturais?”, e, mesmo entendendo cada palavra, “lida”, “formalmente”, “é” e até “hermética”, não faço ideia do que querem dizer nessa ordem.

É o mesmo quando tento *ler* essas coisas. Tudo vira mingau na minha cabeça, fazendo com que um poema importante e profundo como *Mont Blanc*, de Shelley, fique, mais ou menos, assim: “O Interminável Universo das Coisas/ Fluem pela mente e rolam a correnteza blá/ Agora, escuro... blá-di-dá, blá-blá-blá” até desmoronar e se desintegrar. Claro que, se Shelley tivesse lançado *Mont Blanc* num *single*, eu seria capaz de recitar palavra por palavra e até dizer a posição entre os mais vendidos, mas, por ser *literatura* e exigir *intelecto*, não sei como proceder. O triste fato é que adoro Dickens, Donne, Keats, Eliot, Forster, Conrad, Fitzgerald, Kafka, Wilde, Orwell, Waugh, Marvell, Greene, Sterne, Shakespeare, Webster, Swift, Yeats, Joyce e Hardy. Adoro muito, muito mesmo. Só que eles não correspondem ao meu amor.

Quando isso começou? Por que nada está acontecendo como deveria? Afinal, o cérebro é um músculo, e pensei que um músculo bem exercitado entraria no ritmo, se tornaria um punho de proteína eletricamente carregado e bem-azeitado. Mas sinto a cabeça cheia de matéria quente e úmida, cinzenta, gordurosa e inútil, o tipo da coisa que você encontra embrulhada num saco plástico dentro de um

frango de supermercado. Na realidade, agora que parei para pensar, nem tenho certeza de que o cérebro é um *músculo*. É um órgão? Um tecido? Uma glândula? O meu cérebro, sem dúvida, parece uma glândula.

E, nessa noite, essa atividade glandular está no auge, no treino para o Desafio no apartamento de Patrick. É o primeiro do ano, e, apenas a um mês da nossa primeira aparição na televisão, Patrick está particularmente nervoso e prestes a introduzir um novo e excitante elemento nos procedimentos. Ele passou as férias de Natal construindo *campainhas* — quatro aparelhos movidos à pilha feitos de luzes de natal e botões parafusados em quadrados de madeiras do tamanho de um LP pintados com esmalte vermelho. E está orgulhoso dessa inovação, pois eu mal tenho tempo de dizer “olá” e “feliz Ano-novo” para Lucy Chang, ou perguntar a Alice como foi a audição, e já estamos no sofá com as campainhas nos joelhos. Patrick se acomoda numa cadeira de escritório com um grande fichário 4 por 6, ajusta a postura e começa...

— Então, sua pergunta inicial valendo 10 pontos: qual primeiro-ministro britânico do século XVIII foi apelidado de o Grande Camponês?

Aperto o botão.

— Gladstone? — sugiro.

— Não — responde Patrick — Alguém mais?

— Pitt, o Ancião? — arrisca Alice.

— Resposta certa. São cinco pontos a menos, Brian. Eu disse *século XVIII*, não disse?

— Sim, disse...

— E Gladstone foi no século dezoen...

— É, eu sei...

— Ok. Qual dos países a seguir não tem costa marítima? Nigéria, Mali, Chade ou Sudão?

Acho que essa eu sei... Aperto o botão e digo...

— Sudão!

— Não — replica Patrick

Lucy Chang diz:

— Todos, *menos* o Sudão?

— Correto. São 10 pontos a menos, Brian. Ok, o nervo vestibular, o tensor do tímpano, a âmbula, o utrículo e o sáculo são partes de que órgão?

Não faço ideia, mas percebo que apertei o botão assim mesmo.

— Brian? — resmunga Patrick

— Desculpa... Apertei por engano...

— Então, são 15 pontos a menos...

— Eu sei. Foi um engano... Meu dedo escorregou...

— Qual é a resposta, Lucy?

— O ouvido?

— Exatamente, o ouvido! O que você está cursando, Lucy?

— Medicina.

— E o que você está cursando, Brian?

— Literatura inglesa...

— Exatamente. Literatura inglesa. E não acha que, talvez, Lucy esteja mais

qualificada para responder...?

— Sem dúvida, mas já disse que meu dedo escorregou. Esses botões são muito sensíveis ao toque...

— Então, a culpa é dos *meus botões*?

— Bem...

— Você não acha que os botões de verdade vão ser sensíveis ao toque também?

— Tenho certeza que sim, Patrick..

— Eu já estive diante desses botões uma vez, e posso dizer que é preciso ter muita, muita certeza da resposta antes de apertar...

— Será que a gente pode seguir adiante? — pergunta Alice, aborrecida. — Preciso estar em outro lugar às 21h30...

— Onde? — pergunto, de repente ansioso.

— Vou encontrar uma pessoa. Algum problema? — responde ela. Lucy e Patrick trocam um olhar.

— Claro que não. Só pensei que íamos bebericar alguma coisa depois...

— Hoje não vai dar. Tenho a segunda fase do teste da *Hedda Gabler*. — Consigo me conter um pouco, mas, sem querer, aperto o botão.

— Desculpa!

— Acho que o meu botão não está funcionando — diz Lucy Chang, e Patrick arranca o dispositivo como se fosse culpa da pobre Lucy Chang e começa a fuçar com o enorme canivete suíço do exército que leva no imenso chaveiro. Alice e eu olhamos um para o outro com certa apreensão, pois estamos longe de parecer um time vencedor.

Depois disso, não me dou ao trabalho de responder a mais nenhuma pergunta. Nem as que sei a resposta. Deixo quase todas para Lucy e uma ou outra para Alice, e, assim que Patrick faz seu aconselhamento final (não fiquem ansiosos para apertar o botão, sempre concedam a pergunta para a pessoa com mais experiência na área, ouçam bem a pergunta, sejam cautelosos nas interrupções), Alice pega o casaco e segue em direção à porta. Mas, pouco antes de sair, para apaziguar os ânimos, ela diz:

— A propósito, uns amigos meus vão dar uma festa amanhã na Dorchester Street, 12, às 20h. Estão todos convidados. — Sorri um pedido de desculpas para mim, acho, e vai embora.

\* \* \*

Volto para casa com Lucy Chang, que mora um pouco mais acima na minha rua, e ela, na verdade, é muito legal. Eu me dou conta de que Lucy é a primeira pessoa chinesa com quem conversei fora de um restaurante, mas decido não dizer isso em voz alta. Conversamos sobre como é o estudo de medicina e ela é muito boa no assunto, mas fala muito baixinho e preciso me inclinar para ouvir o que diz, o que me faz sentir um pouco como o príncipe Philip.

— O que fez você querer estudar medicina?

— Meus pais. Eles sempre disseram que ser médico era a maior ambição

que alguém poderia ter. Para fazer diferença, melhorar a qualidade da vida de alguém.

— E você está gostando?

— Demais! Estou adorando. E você com a literatura?

— Ah, eu gosto. Só não sei se estou melhorando a qualidade da vida de alguém.

— Você escreve?

— Na verdade, não. Meio que comecei a escrever um pouco de poesia. — Ainda estou treinando para dizer isso em voz alta, mas Lucy não sorri com desdém. Pelo menos, não em voz alta. — Soa um pouco pretensioso, não é?

— Oh, nem um pouco. Por quê?

— Não sei. Como dizia George Orwell, a primeira resposta do homem inglês à poesia foi um extremo constrangimento.

— Não sei por quê. Pode-se dizer que poesia é a forma mais pura da expressão humana.

— Sim, bem... Isso porque você não leu os meus poemas.

Ela ri baixinho e diz:

— Até que eu gostaria de ler. Acho que devem ser muito bons.

— Também gostaria de ser operado por você! — digo, e há uma pausa enquanto tentamos pensar por que isso soa meio pervertido.

— Hum, vamos torcer para que isso não aconteça! — Continuamos andando um pouco mais, tentando esquecer o comentário de “ser operado por você”, que ainda paira no ar entre nós como um peido numa galeria de arte.

— Então, dissecando alguma coisa boa no momento? — pergunto afinal.

— O sistema cardiovascular.

— Entendi... E está gostando? — indaga o príncipe Philip.

— Sim, estou.

— E é no que você gostaria de se especializar?

— Acho que em cirurgia, mas ainda não sei em qual área. Estou indecisa entre o coração e o cérebro.

— Não estamos todos? — comento, o que soa bem espirituoso para mim. Na verdade, digo isso antes mesmo de processar o significado, e a observação fica pairando no ar. Então, Lucy vem com um *non sequitur* total.

— Alice é muito legal, não é?

— Sim. Sim. Às vezes. — Foi um *non sequitur*, não foi?

E, depois de um tempo...

— E muito bonita.

— Hum...

E, depois de um tempo...

— Vocês parecem bem chegados.

— Bem, acho que somos. Às vezes. — Encorajado e surpreso pela recém-descoberta proximidade com Lucy, eu digo: — Patrick é um cara bem esquisito, não é? Acho que ele... — mas Lucy para de repente, encosta a mão no meu braço e aperta de leve...

— Brian, posso falar uma coisa? Uma coisa pessoal...

— É claro... — respondo, e logo já sei o que ela vai dizer...

— É um pouco constrangedor pra mim... — continua com uma careta.

Ela vai me convidar para sair!

— Vá em frente. Pode falar...

— Tuuuudo bem... — diz Lucy, tomando fôlego...

O que eu vou responder? Bem, não. Lógico que tenho de dizer não...

— Lá vai...

...Mas como dizer não de uma maneira delicada, sem magoá-la...?

— Bem... Você tem o hábito de enfatizar tudo demais quando fala comigo, como se eu fosse surda ou coisa assim...

— Ah! É mesmo?

— Uh-hum. Você se inclina e mexe a cabeça e usa palavras bem simples, como se o meu vocabulário fosse muito limitado. Não sei se é por eu ser de “origem chinesa” ou americana ou algo assim, mas eu *nunca* estive na China, não falo *chinês*, nem gosto muito de comida chinesa. Por isso, sou capaz de entender tudo se você falar o bom, velho, tradicional e coloquial inglês...

— Desculpa... Não percebi que estava fazendo isso...

— Tudo bem... Não é só você. Isso acontece *muito* comigo. Quer dizer, o tempo todo...

— Estou envergonhado...

— Não, tudo bem, mas parece um pouco condescendente, só isso.

— Na verdade, acho que você vai perceber que a pronúncia certa é condescendente!

— Não tem graça, Brian.

— Não, certo, claro que não. — Chegamos à Richmond House. — Então, a gente se vê na festa amanhã?

— Talvez. Não sou muito de festa...

— Mas talvez...

— Talvez... — e ela começou a subir a ladeira.

— A propósito, posso perguntar uma coisa?

Ela faz pausa meio nervosa.

— Vá em frente.

— Em termos médicos, o cérebro é um músculo ou uma glândula?

— Bem, é uma concentração de vários tipos de tecidos nervosos. Todos com propósitos similares e interligados. Então, acho que, tecnicamente, é um órgão. Por quê?

— Só estava querendo saber. A gente se vê amanhã.

— Tchau! — e vejo seu panda desaparecer pelo alto da ladeira.

Quando me viro, pronto para subir os degraus até a porta, vejo uma figura agachada no escuro, encostada na porta, cabeça abaixada, barrando a entrada. Paro no meio da escada e olho para o sujeito, que passa as mãos pela cabeça raspada antes de olhar para mim. Já estou aceitando a ideia de ser assaltado quando a figura se põe em pé e diz:

— Então, Bri, quem é a gatinha asiática?

Ao sair da penumbra, reconheço os olhos intensos e sagazes de Spencer Lewis.



PERGUNTA: Frequentemente usada em esculturas e também conhecida como mármore florentino, qual é a variedade de gesso hidratado, de textura fina translúcida, formada pelo acúmulo de depósitos precipitados pela evaporação da água do mar?

RESPOSTA: Alabastro.

— Spencer? O que está fazendo aqui?

— Pensei em passar para uma visita, só isso. — Corro escada acima para lhe dar um abraço. Ele me dá um soco no ombro e fazemos aquela dança esquisita que garotos fazem quando se cumprimentam.

— E você me convidou, afinal...

— É, sei que convidei, mas... Ei, o que aconteceu com o seu cabelo...?

Ele passa a mão na cabeça, raspada bem rente ao couro cabeludo.

— É o visual prisioneiro foragido. Não gostou? — pergunta. E percebo a entonação grave e arrastada da voz, indicando que deve ter se embriagado no trem.

— Sim! Sim, é bem... ousado. Quem cortou?

— Eu mesmo.

— Por causa de uma aposta ou...?

— Vai se danar. Então, posso entrar ou não?

— Claro...

Eu destranco a porta, acendo a luz da entrada e nos esprememos pelas bicicletas no corredor. Spencer parece diferente de outras formas também, os olhos caídos e cansados, com manchas roxas embaixo, como hematomas. Apesar do frio cortante, veste apenas um casaco velho e amassado que me lembro de que ele usava na escola. Como bagagem, leva uma fina sacola plástica, a qual, até onde posso ver, só contém duas latas de cerveja.

— Liguei hoje de manhã. Falei com um garoto “chique” — comenta, enquanto subimos as escadas.

— É o cara que divide a casa comigo, Josh. Tem o Josh e o Marcus.

— Como eles são?

— Ah, são legais. Mas não fazem seu tipo.

— E fazem o seu?

— Acho que não fazem o tipo de ninguém, pra ser honesto. — Estamos do lado de fora do meu quarto. Abro a porta.

— Então, é aqui que tudo acontece? Legal...

Tiro o casaco e jogo de qualquer jeito em cima dos halteres, antes que Spencer os veja.

— Fique à vontade. Quer uma xícara de chá, café ou algo do tipo?

— Tem alguma biritá?

— Acho que tem um pouco de cerveja caseira.

- Cerveja caseira?
- É do Marcus e do Josh, na verdade.
- Tem gosto de quê?
- Tem um pouco de gosto de mijo.
- Mas tem álcool?
- Tem.
- Então, manda!

Um pouco relutante, deixo Spencer sozinho no meu quarto e me apresso até a cozinha para pegar as bebidas. Também estou precisando de uma. A visita inesperada me deixou desconcertado, porque ele está sendo um pouco esquisito e malvado e também porque nunca imaginei que algum dia não ficaria feliz em vê-lo. Além disso, estou um pouco angustiado, pensando se deixei meu caderno de poesia aberto na mesa, numa tentativa de um novo soneto erótico em que estou trabalhando. A primeira linha contém as palavras “seios de alabastro” e, se Spencer ler isso, nunca mais vai me deixar em paz.

De repente, ouço a abertura do Concerto de Brandenburgo tocando superalto no meu quarto. Então, pego as canecas de cerveja e corro de volta para encontrá-lo sentado na minha mesa com um cigarro na boca, o álbum de Bach numa das mãos e o *Manifesto Comunista* na outra.

- O que você tem sido ultimamente: comunista ou socialista?
- Socialista, acho — respondo, diminuindo o volume.
- Certo... Qual é a diferença?

Eu sei que ele sabe a diferença, que estou sendo provocado, mas respondo mesmo assim.

— Um comunista se opõe à noção de propriedade privada e posse dos meios de produção, ao passo que socialismo consiste em trabalhar em prol...

- Por que seu colchão está no chão?
- É um futon.
- Certo. Um *futon*. Foi a gatinha asiática que te ensinou isso, é?

— “Gatinha asiática”, racismo e sexismo na mesma frase! — comento, deslizando o poema dos seios de alabastro para dentro da gaveta. — Na verdade, Lucy nasceu em Minneapolis. Só porque ela é de *origem* chinesa, não quer dizer que *seja* chinesa.

— Cara, você tem razão! Essa cerveja é mijo puro! Não dá pra irmos até o *pub* ou coisa assim?

- Não está meio tarde?
- Ainda temos meia hora.
- Tenho coisas para ler até amanhã de manhã.
- O que você tem de ler?
- *O rapto da Madeixa*, de Pope.
- Parece picante... Mas deixa pra amanhã de manhã, ok?
- Bem...
- Vamos lá... Só uma cervejinha...

Sei que não deveria ir, claro. Mas, de repente, o quarto parece muito pequeno e claro, e ficar bêbado começou a se tornar uma necessidade. Por isso, acabo concordando e vamos ao *pub*.

O Flying Dutchman ainda está cheio quando chegamos. Enquanto espero no balcão, fico observando Spencer, virando a cabeça para os lados com os olhos vermelhos e apertados, tragando o cigarro com amargura. Pego duas canecas de cerveja e uma vodca para ele.

— Então, esse é um *pub* de estudantes? — pergunta.

— Não sei. Suponho que seja. Vamos ver se conseguimos achar um lugar?

Andamos espremidos pelas mesas até o fundo, segurando as canecas acima da cabeça, até acharmos uma mesa vazia e nos acomodarmos. Há um momento de silêncio e, então, pergunto:

— E aí, como vão as coisas em casa?

— Ah, maravilhosas... Realmente fantásticas...

— E o que fez você vir até aqui?

— Você me convidou. “Venha me visitar”... Lembra?

— É claro...

Spencer fica em silêncio por um momento, parece tomar uma decisão e diz, um tanto casual demais:

— E, como disse, sou um prisioneiro foragido.

— Como assim?

— Bem, basta dizer que estou numa situação ruim. Com o sistema legal, quero dizer.

Começo a rir, mas logo paro.

— Por quê? Não é outra briga...

— Não. Me pegaram burlando o seguro-desemprego.

— Tá brincando...

— Não, Bri, não estou — diz, cansado.

— Como?

— Não sei... Alguém deve ter me delatado. Ei, não foi você, foi?

— Claro, Spencer, fui eu... Então, o que vai acontecer?

— Não dá para saber, né? Imagino que vai depender do juiz.

— Você vai ter de ir ao tribunal?

— Ah, sim. Eles andam tomando medidas enérgicas, pelo visto. Por isso, vou ter que ir ao tribunal no mês que vem. Boas notícias, não?

— O que você vai dizer?

— No tribunal? Ainda não sei. Pensei em dizer que Deus me mandou fazer isso.

— E você continua trabalhando no posto de gasolina?

— Bem... Não exatamente.

— Por que não?

— Porque me pegaram?

— Pegaram você?

Toma um generoso gole da vodca.

— Com a mão no caixa.

— Tá *brincando!*

— Brian, por que você fica perguntando se eu tô brincando? Acha que eu faria piada com esse tipo de coisa?

— Não... Só quis dizer...

— Tinha uma câmera escondida em cima do caixa, e eu fui pego tirando dinheiro no fim da noite.

— Quanto?

— Não sei... Uma nota de 5 libras, algumas de 10, um pouquinho aqui e ali por não registrar a venda de doces e batatinhas e coisas do tipo.

— E vão processar você?

— Não, não podem, porque não fui registrado. Mas dá pra dizer que o gerente não ficou muito feliz. Tomou um bocado do meu salário e disse que, se me visse de novo, quebraria as minhas pernas...

— Quanto ele acha que você pegou?

— Umas 200 libras?

— E quanto você pegou?

Spencer solta a fumaça.

— Duzentas libras, mais ou menos.

— Puta merda, Spencer...

— Estavam me pagando 1,80 libras a hora, Brian. Que merda eles podiam esperar?

— Eu sei, eu sei!

— De qualquer modo, você é um *comunista*. Pensei que não concordasse com a propriedade privada.

— Não concordo, mas Marx está falando dos meios de produção, não do conteúdo do caixa do posto de gasolina. E, além do mais, não é que eu *desaprove*, e, aliás, eu sou socialista. Só acho que, bem, é uma pena, só isso. O que seu pai e sua mãe disseram?

— Ah, eles estão muito orgulhosos de mim! — ele bebe, mais ou menos, meia caneca num gole só. — Mas a questão é que eu estou completamente fodido.

— Mas você arranja outro emprego, não é?

— Ah, com certeza! Um ladrãozinho desqualificado, desempregado e com ficha na polícia. Devo ser uma puta joia rara no mercado de trabalho atual. Quer outra caneca?

— Talvez meia...

— Bem, você vai ter que pagar, pois eu estou meio duro, financeiramente falando.

— Então, eu volto ao balcão, pego as cervejas e acabo me conformando em não conseguir ler *O rapto da Madeixa* essa noite.

\* \* \*

Desnecessário dizer que fomos os últimos a sair do *pub*. Depois de anunciarem os últimos pedidos, Spencer se encarrega de despejar as bebidas deixadas pelos outros nos nossos copos, coisa que não faço desde os 16 anos, e, quando

chegamos a Richmond House, estamos bem bêbados. Bebemos o resto da cerveja caseira leitosa e abrimos as duas latas da Special Brew que estão na bagagem de Spencer, além do *Daily Mirror* e uma tortinha de carne pela metade. Falo sobre o Ano-novo e Alice, da minha versão do encontro com a mãe nua na cozinha, e Spencer relaxa um pouco e ri pela primeira vez. É uma risada genuína, generosa, não um riso desdenhoso ou dissimulado.

Levanto, mudo o disco e coloco *The Kick Inside*, o notável e provocante álbum de estreia de Kate Bush. Spencer retoma o comportamento anterior, rindo durante toda a execução de “The Man With The Child In His Eyes” e tirando sarro da minha coleção de discos e cartões-postais na parede. Para mudar de assunto, ponho a fita cassete que ele fez para mim, “Compilação para a faculdade do Bri”, e nos jogamos bêbados no futon e ficamos vendo o teto se enroscar, se deformar e rodar por cima de nossas cabeças e ouvindo Gil Scott-Heron cantando “The Bottle”.

— Você sabe que está nessa, não sabe?

— No quê?

— Nessa música, escute... — e sai engatinhando até o sistema de som, aperta stop e rebobina. — Escuta com atenção... — e a música começa, uma gravação ao vivo, a primeira parte apenas com órgão elétrico e percussão, até que começa um solo de flauta de jazz, e Gil Scott-Heron diz algo que não consigo ouvir direito...

— Entendeu? — pergunta Spencer, animado.

— Não...?

— Escuta de novo, surdo, preste atenção — e aperta para rebobinar, stop, play, aumenta o volume ao máximo e, dessa vez, ouço Gil Scott-Heron dizer, com toda a clareza: “Brian Jackson na flauta para vocês!”, e a plateia aplaudindo.

— Ouviu?

— Ouvi!

— É você!

— Brian Jackson na flauta!

— De novo...

E lá está de novo... “Brian Jackson na flauta para vocês!”

— Isso é *incrível!* Nunca tinha ouvido...

— É porque você nunca escuta as compilações que eu faço para você, seu *bastardo* filisteu — e engatinha de volta para o futon, deita de costas e ficamos ouvindo o jazz, ou soul, ou funk, ou seja lá o que isso for, e decido explorar o mundo da black music com mais atenção no futuro.

— Então, Alice é a garota de que você gosta? — pergunta ele.

— Eu não *gosto* dela, Spencer. Eu a *amo*...

— Você a *ama*...

— *Aaaaaaaaamo*...

— Você *aaaaaaaama*...

— Amo de maneira absoluta, completa, total e com todo o meu coração...

— Achei que você amasse Janet Parks, a vadia volúvel...

— Janet Parks é uma *vaca*, se comparada a Alice Harbinson. “Não é Janet Parks, mas Alice quem amo / Quem compararia um corvo a uma pomba?”

— Como é que é?

— *Sonho de uma noite de verão*, segundo ato, cena três.

— Jackson, seu retardado... E aí? Eu vou conhecer essa Alice?

— Talvez... Tem uma festa amanhã à noite, se você ainda estiver aqui.

— Quer que eu fale bem de você?

— Não adianta, cara. Como eu disse, ela é uma deusa. E quanto a você?

— Nada, cara. Você me conhece... Eu sou um robô.

— Deve ter alguém que você ame...

— Só você, cara. Só você...

— Tudo bem, eu também te amo cara, mas não é bem um amor *sexual e romântico*, né?

— Ah, mas claro que é sexual. Por que você acha que eu vim de tão longe? É porque eu *quero* você. Me dá um beijo, garotão! — Spencer pula em cima de mim e senta-se no meu peito, fazendo barulhos estalados e molhados com a boca. Quando tento resistir, acaba virando uma luta...

— Vamos lá, Bri, desista... Você sabe que também quer...

— Sai de mim!

— Um beijo, meu amor!

— Spencer! Isso dói!

— Não lute contra isso, querido...

— Sai de cima de mim! Você sentou nas minhas chaves!

Alguém bate na porta e vemos Marcus, piscando, os olhos pequenos atrás dos óculos Ray-Ban tortos, usando seu roupão vermelho-rubi.

— Brian, são 2h15, há alguma possibilidade de você *desligar* o som?

— Desculpe, Marcus! — concordo, engatinhando até o som.

— Oláááá, Marcus — diz Spencer.

— Olá... — resmungo Marcus, empurrando os óculos para cima do nariz.

— Marcus é um nome adorável... Marcus...

— Marcus, esse é o Spencer, meu melhor amigo! — explico, carregando o S.

— Só não faz muito barulho, tá?

— OK, Marcus. Foi um prazer, Marcus... — E assim que ele fecha porta: — Tchau, Marcus, seu punheteeeeiro...

— Shhhhh! Spencer!

Mas, sem música, não parece mais tão divertido. Então, com alguma dificuldade e bastante barulho, tiramos o pesado estrado de ferro de trás do armário e colocamos ao lado do colchão. Há um breve debate sobre quem deve dormir onde, mas Spencer fica com o futon, afinal, ele é visita, e me deito no estrado vazio, todo vestido, debaixo de uma pilha de casacos e toalhas, com a cabeça num travesseiro de poliéster de 2cm de espessura e o chão rodando embaixo de mim, doído para voltar a ficar sóbrio.

— Então, quanto tempo você vai ficar, Spency?

— Não sei. Uns dois dias, talvez... Só até resolver as coisas na minha cabeça...

Tudo bem pra você, cara?

— Claro que tudo bem. Fique quanto quiser. É pra isso que servem os amigos, não é?

— Valeu, cara!

— Valeu...

Depois de um tempo, pergunto:

— Mas você tá legal, né, cara?

— Não sei, cara. Não sei. Não tenho certeza. E você?

— Eu tô legal.

Depois de um tempo, ele diz:

— Brian Jackson na flauta!

E eu:

— Brian Jackson na flauta...

Ele:

— E a multidão vai à loucura...

E nós dois caímos no sono.

PERGUNTA: Como o *calumet*, um objeto cerimonial central na cultura dos ameríndios, costuma ser conhecido?

RESPOSTA: Cachimbo da paz.

Mais ou menos às 4h30 da manhã eu vomito.

Felizmente, consigo cambaleiar pelo corredor e chegar ao banheiro bem a tempo, mas, quando levanto a cabeça da pia, os lábios molhados, pálido e trêmulo e vejo meu reflexo no espelho, quase vomito de novo, pois fica claro que, durante a noite, me transformei numa espécie de homem-lagarto terrível, com escamas no formato de diamantes num só lado do rosto. Cubro a boca para conter o grito, mas logo percebo que são só as marcas do estrado de arame na minha cara e volto para a cama.

O toque do despertador, às 8h15, é como um palito de gelo no meu ouvido, e fico deitado ouvindo a chuva bater na janela. Deus sabe que já tive outras ressacas, mas essa é de um novo tipo, estranho, quase alucinógeno. É como se todo meu sistema nervoso tivesse sido reajustado, e a menor sensação, a chuva lá fora, a luz da luminária, o cheiro da lata vazia de Special Brew que rolou para baixo da cama, tudo tem um efeito pior. Cada uma das minhas terminações nervosas parece viva, desconfortável e com espasmos, até as mais internas do meu corpo. Se eu me deitar quieto e me concentrar, chego a sentir a forma e a localização dos meus órgãos: os pulmões rugindo, úmidos, a transpiração exausta da massa amarelo-cinza do fígado jogado contra a coluna, os rins inchados e doloridos com hematomas, o intestino grosso ardendo, agitado. Tento me mexer para tirar esta última imagem da cabeça, mas o barulho do meu cabelo farfalhando contra o travesseiro se amplifica tremendamente. Por isso, continuo deitado bem quieto de lado e olho para Spencer, a poucos metros, a boca um pouco aberta, a baba enchando meu travesseiro. Estou perto o suficiente para sentir o cheiro do seu hálito, que é rançoso, úmido e quente. Cara! Eu tinha me esquecido do corte de cabelo *skinhead*. Ele parece um fascista, um fascista bonito e carismático, mas esse é o pior tipo, conforme vemos na história. E se as pessoas me virem com ele na festa hoje à noite e acharem que sou amigo de um fascista? Talvez ele não fique até a noite. Talvez volte para casa. Talvez fosse melhor.

Levantar e me sentar na beira do estrado é uma tarefa hercúlea, e consigo ouvir o conteúdo do meu estômago revirando e se acomodando, como um saco de lixo cheio de creme de ovos. A ideia de tirar as roupas de ontem parece simplesmente impossível. Então, não tiro. Não sei nem se consigo amarrar os cadarços sem vomitar neles, mas dou um jeito, e, depois, visto meu casaco/cobertor e saio de casa com Spencer ainda dormindo e ando ladeira acima, em direção ao departamento de literatura. Cai uma chuva fininha, constante, e o vento é ameaçador. Pensei que seria capaz de ler *O rapto da*



*Madeira* enquanto caminhava, mas as páginas estavam ficando ensopadas, e não dá para pedir mais do meu sistema nervoso além de andar sem cair.

Na porta do prédio, escoro-me contra a parede e esfrego as mãos no rosto para tentar alguma cor que não seja cinza. Nesse momento, vejo Rebecca Epstein saindo pelo portão. Por um segundo, imagino que havia me visto e resolvido ir embora, mas não pode ser, pois senão ela estaria me ignorando.

— Rebecca! — grito, mas ela continua descendo a rua marchando, a gola do casaco de vinil levantada, cabeça baixa contra a chuva. — Rebecca...? — seguro o “saco de creme de ovos” e tento correr sem mover a cabeça.

— Rebecca, é o Brian!

— É mesmo... Oi, Jackson — responde, sem entusiasmo.

— Como você está?

— Bem.

Andamos um pouco mais.

— Foi boa a aula? — pergunto.

— Uh-hum.

— Sobre o quê?

— Você quer mesmo saber ou só está puxando conversa?

— Só estou puxando conversa.

Acredito ter visto um breve sorriso, mas talvez fosse apenas imaginação, pois ela diz:

— Você não devia estar indo para a aula também?

— Bem, devia, mas não sei se estou à altura...

— É sobre o quê?

— Você quer mesmo saber, ou só está puxando...?

— Você está um lixo, a propósito.

— Estou me sentindo um lixo.

— Ótimo! Fico feliz...

Ela parece hostil. Rebecca sempre é hostil, mas, naquele momento, está mais ainda. Continuo andando um pouco atrás dela e fico me perguntando como alguém com pernas tão curtas consegue andar tão mais rápido que eu.

— Bec, você está brava comigo ou coisa assim?

— “Bec”? Quem é “Bec”?

— Tudo bem, *Rebecca*. Mas você está brava?

— Não brava. Só... desapontada...

— Meu Deus, você também! — Ela olha nos meus olhos pela primeira vez.

— É que parece que ando desapontando todo mundo. Não sei por quê. Estou tentando não fazer isso. Sério... — Ela para ao ouvir isso, e ficamos os dois embaixo da chuva por um tempo, enquanto ela me examina de cima a baixo.

— Você sabe que está completamente *cinza*, não sabe?

— Sei.

— E que está com uma coisa branca no canto da boca...

Limpo com a manga do casaco e digo:

— Pasta de dente — embora não tenha certeza se é isso mesmo. — Ei, você já tomou café da manhã?

— E a sua aula?

Lembro-me da minha resolução de comparecer a todas as aulas, sempre que possível, mas Rebecca parece mais importante que as resoluções. Por isso, falo:

— Acho que vou matar essa aula.

Ela pensa um momento antes de responder:

— Então, vamos — E andamos de volta morro abaixo.

O vapor e a gordura dos pratos especiais embaçam a janela do café, condensando no vidro frio e pingando numa poça na nossa mesa de fórmica vermelha. Rebecca e eu estamos num reservado, com uma xícara de chá para ela e um café com leite, uma lata de Coca, um pãozinho de bacon crocante com salsicha e uma barra Mars para mim. Rebecca está rabiscando com o dedo no vapor da janela, enquanto estou dizendo:

— ...e ele está sendo acusado de burlar o seguro-desemprego, o que acho um absurdo. Quer dizer... Se você pensar no que os “barões” do comércio sonham de impostos e ninguém dá a mínima...

— ...Hum...

— Quer dizer... O que são uns míseros 23 paus por semana ou coisa assim? Ninguém consegue viver com isso. E o que eles esperam que as pessoas façam se não conseguem encontrar emprego...?

— Uh-hum...

— Queria só ver um desses conservadores canalhas sobrevivendo com esse dinheiro. Estou preocupado também que ele esteja pensando em pedir algum dinheiro emprestado, porque não posso me dar ao luxo de emprestar dinheiro a ele. Não com o que eu recebo...

E, aqui, paro de falar, quando percebo que Rebecca escreveu a palavra “Socooooorro!” ao contrário, na janela embaçada.

— Desculpe... Estou sendo um pouco chato, né?

— Bem, Jackson, você me conhece. Normalmente, adoraria discutir as políticas sociais do Partido Conservador pela manhã. Só que esse não é realmente o problema, é?

— Não, acho que não. — Respiro fundo. — Desculpe por aquela noite.

— E você sabe exatamente pelo que está se desculpendo?

Sei?

— Não exatamente. Não.

— Então, não é um pedido de desculpas de verdade, é?

— Não... Acho que não. — Lembrando-me daquela noite, penso que foi um pouco como se envolver numa briga de bêbados na porta de um *pub* numa sexta à noite, algo excitante, vívido e assustador ao mesmo tempo, mas depois você não tem certeza do que fez, com quem, e nem mesmo quem começou. Penso em contar essa analogia a Rebecca, mas ninguém gosta de ouvir que um beijo pode ser igual a ser espancado na porta de um *pub*. Então, prefiro dizer: — Acho que foi só, sabe, o de sempre.

— O que é o de sempre?

— Você sabe... Só eu sendo um inútil.

— Ah, bom, você não é pior do que eu...

— Sou *muito* pior que você.

— Não é...

— Sou sim...

— Não, não é...

— Eu sou. Sou pavoroso...

— Tudo bem, Jackson, não vamos entrar numa questão dialética por causa disso, ok? — e ela beberica o chá como se estivesse mastigando. Depois disso, fala: — Olha, eu fiquei um pouco bêbada e cometi um erro, “interpretei mal os sinais” ou seja lá o que dizem, e não estou particularmente *brava* com você. Só envergonhada, na verdade. Não é sempre que me permito ficar... — dá uma risadinha amargurada — ...vulnerável. É essa a palavra? — Rebecca lambe a ponta do dedo para apanhar as migalhas do pãozinho de bacon do meu prato. — Ainda assim, acho que vou conseguir amar de novo...

A conversa está claramente tomando uma intrigante dimensão pessoal. Então, inclino-me na mesa e apoio a cabeça no vidro molhado, num estilo que acredito denotar um tipo de sensibilidade melancólica, e falo em voz baixa:

— Então, você já teve, hã... experiências ruins, emocionalmente falando?

Rebecca fica estática, a caneca na metade do caminho para a boca, e olha por cima dos ombros.

— Desculpe... Você está falando *comigo*?

— É uma pergunta justa, não é?

— Não é da sua conta! O que você quer que eu diga? Que papai nunca me deixou ter um pônei? Fiquei bêbada e queria um pouco de contato humano, sei lá, e avancei e fui rejeitada. Não é nada demais. Não é só porque as pessoas nessa porra de lugar sofrem de uma puta *incontinência* emocional que eu tenha de ser assim...

— Acho que você não devia praguejar tanto.

— *Praguejar?* Uau...!

— Acho que praguejar o tempo todo tira a eficiência dos palavrões.

— E quem é você, a Mary Poppins? Que merda! — diz ela, sorrindo um pouquinho, que é o máximo que posso esperar, acho. Beberica o chá, olha pela janela e fala, casualmente: — Mas, se você quer saber, meu último relacionamento terminou numa clínica de aborto. Então... Bem... Não sou tão liberal e tranquila em relação a essas coisas com algumas pessoas. É só isso.

Não sei como reagir. Ou melhor, sei como reagir a partir de um ponto de vista político, mas não sei bem como reagir do ponto de vista humano. Não sei o que fazer com a minha cara. Talvez a coisa certa fosse não ficar muito sério, não fazer estardalhaço.

— Quem era ele?

— Só um cara da minha cidade, um cara com quem cometi o erro de transar. Ninguém que você conheça — afirma, fazendo furos no meu guardanapo amassado.

— E ele deixou você por causa do...?

— Não, claro que não. Bem, não exatamente. De maneira alguma. Era complicado... — ela suspira e olha de relance para mim e, depois, volta ao guardanapo. — Foi um cara chamado Gordon. Fiquei com ele no último ano do colégio. O primeiro amor... Essa bobagem... Estávamos juntos há mais ou menos seis meses e íamos viajar de trem pela Europa naquele verão, depois dos exames

finais. Daí, iríamos morar um ano em algum lugar no exterior, ver como as coisas iam funcionar, se a gente queria... Sei lá... Então, percorremos a Europa, vimos as paisagens, dormimos em praias, tudo muito “sonho de amor juvenil”, e acabei ficando grávida a caminho da Espanha. Conversamos e decidimos o que fazer. Voltamos e tomamos as providências. Ele disse que iríamos passar por aquilo juntos, que ele ficaria ao meu lado, e ficou. Mas só por uma semana e meia. Pronto. Foi isso.

— E você... hã... o amava?

Ela faz uma careta, contorce os lábios e não responde. Só olha pela janela e volta ao guardanapo amassado. Não sei o que dizer, mas sinto que devo dizer alguma coisa.

— Bem... Acho que você fez a coisa certa na época.

Os olhos de Rebecca lampejam nos meus.

— Brian, eu *sei* que fiz a coisa certa. Não estava pedindo a sua *aprovação*...

— Não, eu sei...

— ...e também não precisa ficar falando nessa voz apalermada...

— Que voz?

— Você sabe que voz. Abortos acontecem, sabe. Muito mais do que você imagina...

— Eu sei...

— ...e também não é preciso se enrolar em posição fetal por causa disso, nem rastejar para um canto e ficar lendo *A redoma de vidro*, sabe. A maioria das mulheres segue em frente...

— Sim...

— ...Então, vamos mudar de assunto, tá?

— Ok...

— Essa barra de Mars é sua? — pergunta Rebecca, e tenho um pequeno sobressalto, pois não lembro se deveríamos ou não estar boicotando o chocolate Mars.

— Uh-hum.

— Então, dê isso aqui. — Obediente, entrego o chocolate. Ela dá uma mordida e mastiga por um tempo. — Por que tudo o que a gente come e bebe é *marrom*? Nunca vi tanta comida *marrom*. Não faria mal comer umas frutas ou vegetais de vez em quando, sabe...

— Você parece minha mãe.

— Bem, ela é uma mulher sábia. Você devia escutar o que ela diz. E o que eu digo também. — Dá outra mordida. — Então, você encontrou com ela? — pergunta, com a boca cheia.

— Com quem? Com a minha mãe?

— Não. Não com a sua mãe...

— Com quem, então?

— Você sabe quem... A pantera, a Farrah Fawcett...

— Ah, só umas duas vezes...

Ela dá outra mordida e joga a barra Mars por cima da mesa, que cai com a parte aberta para baixo.

— E você ainda... *gosta* dela?

Reconheço um perigo bem real de eu acabar com uma colher de chá espetada no olho. Por isso, escolho as palavras com cuidado antes de responder:

— Acho que sim.

— E o que acha que ela pensa de você?

— Acho que ela me considera... interessante.

Rebecca olha para mim, ensaia dizer alguma coisa, mas olha pela janela e começa a desenhar na condensação do vidro de novo, sorrindo.

— *Interessante, é?* Bem, é comovente ainda ter esperança, acho. Persistência diante da indiferença. Muito... *corajoso* — comenta, com um sorriso nos lábios.

— É, bem... Para ser sincero, acredito que não tenho muita escolha no assunto.

— Ah, não! Sempre há uma escolha, Brian. Você sempre pode escolher entre ser ou não um total e completo *imbecil*.

\* \* \*

Quando volto para casa no meio do dia, vejo Marcus saindo e trancando a porta da frente. Fico abaixado atrás de um muro, chego a cogitar sair correndo, mas ainda não tenho o controle completo das pernas, e, além do mais, ele me viu e está esperando no alto da escada, batendo na palma da mão com um rolo de macarrão invisível.

— E aí, Marcus!

— Olá, *Brian*.

Tento passar por ele para sair da garoa, mas ele não se mexe.

— Desculpe por ontem à noite, Marcus — digo, seu mesquinho ridículo...

— Você sabe que os convidados não podem dormir nas dependências da universidade, certo?

— Sim, eu sei... — respondo, arrancando o Ray-Ban da cara dele...

— Quer dizer... Josh e eu também poderíamos convidar pessoas para dormir, mas não fazemos isso porque respeitamos as regras da universidade...

— Eu sei, Marcus... — concordo, partindo os óculos em duas metades...

— Por quanto tempo ele vai ficar?

— Não sei. Pelos próximos dois dias? Só até ele se organizar um pouco... — e jogo os óculos quebrados no chão e esmago as lentes com o pé...

— Parece que isso pode levar mais de dois dias...

Olho para a janela do meu quarto, preocupado que Spencer ainda possa estar na cama, escutando. Então, proponho em voz baixa:

— Amanhã? Amanhã, ele já vai ter ido embora.

Marcus pesa a situação e acaba achando aceitável.

— Ok, amanhã. Mas só até amanhã — afirma, passando por mim, e eu planto o pé na bunda dele e o empurro escada abaixo para morrer.

— Tenha um bom dia, sim? — recomendo.

Na luz cinzenta do meio-dia, meu quarto está uma bagunça de estrados, capas de discos, casacos, colchões, edredons e toalhas molhadas. Paira no ar um cheiro picante e efervescente de amônia e álcool. Acho que, se eu tivesse entrado

fumando, o quarto teria explodido na minha cara. Por isso, abro bem a janela, apesar da chuva, e acendo a luz para ver se Spencer ainda está morgando debaixo do edredom. Não está. Mas há um bilhete na mesa rabiscado num papel A4 pautado:

“Estou no *pub*. Vejo você mais tarde.”

O relógio em cima da lareira marca 11h55. Ao lado do relógio, há uma pilha de trocados que tirei do bolso na noite anterior. Deve somar umas 4,55 libras, mas eu conto assim mesmo, só para ter certeza.

Quatro libras e cinquenta.

E não sei o que me deixa mais triste: Spencer estar num *pub* tão cedo ou ter conferido para ver se ele não tinha roubado meu dinheiro.

PERGUNTA: Que festivais greco-romanos secretos começaram como eventos exclusivos para mulheres, passando depois a admitir homens, antes de serem banidos pelo Senado Romano em 186 a.C. sob a alegação de supostas naturezas orgíacas?

RESPOSTA: Bacanais.

Como regra geral, dá para saber que uma festa está com problemas quando começam a tocar trilhas sonoras. Quando Spencer e eu chegamos na porta da Dorchester Street, 12, escutamos “Gee, Officer Krupke”, do *Amor, sublime amor*, tocando alto no som da sala de estar, com várias vozes masculinas acompanhando a letra de cor. Adoro musicais da Broadway, como todo mundo, mas há uma hora e um lugar para esse tipo de coisa. Além do mais, nesse caso, Spencer não é como todo mundo, pois não é lá muito fã de musicais e olha para mim preocupado.

— Você tem certeza?

— Se eles puserem a trilha de *Starlight Express*, a gente vai embora. Tudo bem? — e Erin, a Gata, atende à porta.

— E aí, Erin! — cumprimento todo alegre.

— Olá, Brian. — Ela suspira.

Ninguém se mexe. Os olhos dela dardejам a cabeça raspada de Spencer.

— Esse é o meu amigo Spencer!

— Tudo bem? — diz ele.

— Hum... — replica Erin, claramente sem saber ao certo se está tudo bem.

Aí, ergo a garrafa de vinho e as quatro latas de cerveja como um incentivo, e ela, afinal, abre a porta.

— A cozinha é por ali — orienta, antes de retornar ao “West Side de Nova York”, com os Jets, os machões donos do pedaço, que são interpretados por três garotos magrelas, travessos e muito animados do Departamento de Teatro. Para crédito de Erin, ela tira *Amor, sublime amor* da vitrola e substitui por Sly and the Family Stone. — Ah, não! A próxima música era “I Feel Pretty”! — reclama um dos Jets petulantes, e vejo Spencer, o Tubarão, balançar a cabeça e passar a mão onde costumava ficar seu cabelo, e tenho a nítida sensação de que cheguei a uma festa com uma espingarda engatilhada.

\* \* \*

Quando volto do café da manhã com Rebecca, verifico se Spencer roubou algum dinheiro, e resolvo fazer algumas anotações no meu caderno de poesia. Em uma página nova, oposta ao meu poema dos “seios de alabastro”, escrevo:

vapor e gordura se condensam  
na janela da cafeteria  
janela de vidro. especialidades da casa

Logo, fico cansado e decido que deve bastar por hoje. Não estou com energia. Então, deito no futon e começo a ler *A balada do velho marinheiro*, chegando até “Era uma antiga...” antes que o calor e as emanções do aquecedor a gás me façam cair num sono devidamente narcótico.

Acordo no fim da tarde, todo vestido, suado e com a boca seca, e vejo Spencer sentado com os pés na minha mesa, lendo Coleridge.

— Tudo bem, Bela Adormecida?

— Que horas são?

— Umas 16h?

Sinto de novo aquela recorrente pontada de arrependimento por ter perdido mais um grande dia. Grandes pedaços da minha vida esvaíram-se dessa maneira, como as longas férias escolares, os supostos verões longos, quentes e idílicos. Todos evaporaram-se num torpor nebuloso de ressacas e inúteis passeios pelo Woolworths, com cochilos à tarde movidos a dor de cabeça, vídeos de sacanagem assistidos pela 50ª vez com as cortinas fechadas, bebedeiras com discussões e insultos, quentinhas e noites de sono esporádicas e ressaca de novo e, mais uma vez, de volta ao Woolworths. Eu já não tinha tomado uma resolução a respeito de tudo isso? Não era para isso já não estar mais acontecendo a essa altura? Já estou com *19 anos*. Não posso me dar ao luxo de deixar a vida passar pela minha frente desse jeito. Mas por que fiz de novo? Decido botar a culpa em Spencer e me sento, de mau humor.

— Quem deixou você entrar?

— Um babaca de cabelo comprido usando um *colete de veludo*.

— Josh?

— “Josh”. Não foi muito simpático...

— Você foi simpático?

— Certamente, não. Por que eu deveria?

— Bem, eu tenho que morar com ele, então... — Spencer não diz nada. Só joga o Coleridge de volta na mesa. Sinto um bafo de cerveja, cigarro e suor. — Onde você esteve?

— Fui ao pub. Li o jornal. Passeei pelas lojas.

— Comprou alguma coisa?

— Com que dinheiro?

“O mesmo que usou para comprar cerveja e cigarro, talvez?”, penso, mas em vez disso falo:

— Mas a cidade é legal, não é?

— É, é legal... — passando as mãos no rosto. — Então, e agora?

— Bom, tem uma festa hoje à noite, que deve ser bem legal, mas, antes, preciso fazer uns trabalhos...

— Não, não precisa.

— Spence, eu preciso...



— Tudo bem... Só vou ficar por aqui e ler alguma coisa.

Mas eu precisava sair daquele quarto o mais rápido possível. Por isso, sugeri:

— Ou a gente podia ir ao cinema...

Então, fomos ao cinema e assistimos ao filme *Amadeus* na sessão das 17h15, que, para mim, pareceu uma bela e profunda exploração da natureza da genialidade, mas Spencer dormiu o tempo todo.

\* \* \*

As coisas melhoraram, como tende a ocorrer, quando fomos ao pub. Discutimos sobre o que colocar para tocar no *jukebox*, gastamos 50 pence na máquina de caça-níqueis, depois sentamos num banquinho e rimos de novo. Spencer me conta que Tone entrou para o Exército Territorial.

— Você tá brincando...

— Não estou...

— Mas ele é *pirado*...

— Não importa. Preferem pirados...

— E vão dar uma *arma* pra ele?

— Acho que é inevitável.

— Muuuuuuito *arrisca-do* — dizemos em uníssono, e percebo que não digo “muuuuuuito *arrisca-do*” há anos.

Então, Spencer fala:

— No começo, claro, só vão treinar Tone para se sentar no peito do inimigo e peidar na cara dele...

— ...Ou chegar sorrateiramente por trás e dar uns cascudos com bastante força no topo da cabeça...

— ...Depois, furtar o equipamento de som dele...

— ...Putá merda, sargento Tone...

— ...A última linha de defesa...

— O mundo livre dorme em segurança. — Spence dá um gole na cerveja e acrescenta: — Vou falar para você... O mais engraçado é ele tentando me convencer a entrar também. Acha que preciso de um pouco de ordem e disciplina na minha vida, pelo visto.

— E você está tentado?

— Com certeza. Passar fins de semana numa tenda com cheiro de peido em Salisbury Plain com um bando de conservadores doidos por armas. É bem a mudança de que preciso.

Vejo minha oportunidade de encaixar a pergunta sem ser detectado, continuo sorrindo e digo:

— Então, já pensou em ir para a faculdade?

Mas Spencer percebe, e responde:

— Não enche, Brian... — Não de modo grosseiro, mas também não de maneira gentil, só cansada. — De qualquer jeito, a faculdade é uma espécie de Serviço Nacional para a classe média.

— Mas e eu? Eu não sou classe média.

— Você é classe média...

— Não, não sou...

— Sim, você é...

— Minha mãe ganha  *muito* menos que os seus pais...

— Mas não é só dinheiro, não é mesmo? Também tem a atitude.

— Para ser mais exato, é sobre quem tem a posse dos meios de produção...

— Bobagem... É a atitude. Mesmo se sua mãe tivesse mandado você pra uma mina de carvão, você ainda seria classe média. São as coisas que você fala, os livros que lê, o filme que acabou de me fazer assistir. É o jeito como você ia às excursões da escola e gastava seu dinheiro em livros e cartões-postais e não em cigarro e fliperama, o jeito como você pede pimenta-do-reino na batata frita...

— Eu *nunca* fiz isso...

— Fez, Bri! Eu estava com você.

Na verdade, em defesa própria, a *minha* lembrança desse incidente é que eu não *pedi* pimenta-do-reino. Eu *escolhi* pimenta-do-reino porque estava entre as opções, mas não quero me prender a esse detalhe.

— Então, você acha que só porque alguém gosta de ler, quer aprender alguma coisa ou prefere pimenta-do-reino ou vinho, em vez de cerveja ou seja lá o que for, isso faz dele classe média?

— É, mais ou menos isso...

— Algumas pessoas podem pensar que isso é meio que um estereótipo...

— Olha, Bri, o fato é que você se considera socialista, mas, se estivesse por perto durante a Revolução Russa e Lênin mandasse executar o czar e sua família, não teria feito isso. E sabe por quê? Porque você estaria ocupado tentando se dar bem com a filha do czar...

\* \* \*

Qualquer vestígio da ressaca daquela manhã desaparece depois da terceira caneca de cerveja, e volto a me surpreender com o poder revigorante e medicinal desse líquido. A festa de hoje é uma grande oportunidade para avançar mais com Alice, e pensei bastante e com cuidado sobre como fazer isso e decidi que o truque é ser Devastador e Distante. Por isso, é importante não ficar muito bêbado; então, comemos três pacotes de batatinhas cada um no jantar e alguns amendoins torrados como fonte de proteína e partimos para a festa.

Quando chegamos ao número 12 da Dorchester Street, percebemos que a festa estava naquele estágio de “pode dar certo ou errado”. Uma olhada superficial pela cozinha me diz que houve um forte “favorecimento teatral” em relação à lista de convidados — a maior parte do coro de *As bacantes* estava ali, todos falando ao mesmo tempo. Neil sei lá do quê, estrela da aclamada produção moderna de *Ricardo III* do semestre passado, está encostado na geladeira tendo uma amigável conversa com o Duque de Buckingham, enquanto Antígona, uma das anfitriãs, vira um saco de salgadinhos de queijo numa grande tigela. Ainda nenhum sinal de Alice, e estou muito nervoso, mas não sei se é por causa do que Spencer vai achar dela ou do que Alice vai achar dele.

De repente, lá está ela, de pé na porta da cozinha, conversando com o Ricardo III. Ainda não me viu. Então, apoio-me na pia da cozinha, Devastador e Distante, e a observo. Seu cabelo está preso no alto da cabeça de uma maneira artisticamente bagunçada, e ela está usando um vestido de festa bem justo, preto com mangas longas e feito do mesmo material dos *collants* de malha, cortado bem baixo na parte da frente, formando uma espécie de decote que lembra a roupa que Kate Bush costumava usar nas primeiras aparições, antes de decidir se dedicar apenas a gravações em estúdio. Na verdade, ela está igualzinha, até as marcas escuras de suor em forma de lua crescente que começam a se formar nas axilas.

— Aquela é a Alice — sussurro para Spencer.

— A dos seios de alabastro? — pergunta ele, e, antes que eu possa dizer alguma coisa, Alice vem correndo até nós gritando:

— Sal! Sal! SAL!...

— Oi, Alice — digo, de modo Devastador e Distante.

— Você viu o sal? Alguém derramou vinho tinto no tapete persa da Cathy...

— Esse é o meu melhor amigo, Spencer, da minha cidade...

— Muito prazer, Spencer. Preciso de um pano, Brian. Saia da frente, tá?! — diz, afastando-me da pia, e não consigo deixar de reparar no pedacinho da renda do seu sutiã preto aparecendo por baixo do *collant*...

— Achei o sal! — grita Antígona, e Alice sai correndo da cozinha com o pano molhado.

— Aquela era Alice...

— É... Existe mesmo alguma coisa entre vocês, Bri...

— Você acha?

— Tenho certeza. Só pelo jeito como ela mandou você sair da frente...

Mando ele se danar e saímos da cozinha.

No corredor, encontramos Patrick e Lucy, chegando juntos e trazendo caixas idênticas de suco de laranja, o que me parece estranho, mas acabo encarando como uma coincidência. Sinto uma pequena pontada de angústia por ainda não ter contado a Spencer sobre o Desafio, mas acho muito improvável que isso venha à tona numa conversa casual. Então, faço as apresentações com muita animação.

— E aí, como vocês conheceram o Brian? — pergunta Spencer, tentando se comportar bem.

— Ele está na equipe com a gente — responde Patrick

— Que equipe? — quis saber Spencer, dando um gole na lata de cerveja.

— A equipe do *Desafio Universitário* — explica Patrick, antes de dar um passo ágil para trás, bem a tempo de evitar o jato de cerveja...

— Você está *brincando!* — exclama Spencer, limpando a boca com as costas da mão.

— Não... — digo, cuidadoso. — A equipe é composta por nós três e Alice...

— Você não me contou nada...

— Não tive oportunidade — respondo, pedindo desculpas a Patrick e Lucy com um sorriso.

— Puta merda! Brian Jackson no *Desafio Universitário*...

— É...

— Embora, tecnicamente, Brian seria apenas o reserva... — acrescenta Patrick — Se um dos componentes do time não estivesse com hepatite...

— Você vai aparecer na *televisão*... — ri Spencer.

— Uh-hum.

— Quando?

— Em três semanas.

— Com *Bamber Gascoigne*...?

— Sim, com Bamber Gascoigne.

— Você parece achar isso engraçado — observa Patrick, com um sorriso tenso.

— Não, não, desculpe, não, é que, bem, acho que é... incrível. Muito bem, Brian, amigo. Você sabe como eu sou um grande fã do programa... — e começa a rir de novo.

Patrick funga e diz:

— Acho que vou pegar uma bebida... — pondo a caixa de suco de laranja debaixo do braço e dirigindo-se à cozinha seguido por Lucy, sorrindo envergonhada, e, quando eles saem, eu falo:

— Mandou bem, Spencer...

— O quê? O que eu fiz agora?

— Você acabou de rir na cara deles. Só isso.

— Não, não ri.

— Bem, sim, você riu.

— Bom, sinto muito, Bri, mas sempre me perguntei que espécie de louco reprimido e esquisito iria querer participar desse programa, e acabou sendo você, Brian. É... Você... — Ele ri de novo, o que me faz rir também, e mando ele ir se danar, e me pergunto se é natural melhores amigos ficarem mandando um ao outro se danar tanto assim.

Decidimos explorar o andar de cima e encontramos a porta de um quarto com uma placa de “Não entre” feita à mão, presa na porta com fita adesiva. Entramos, e vemos um círculo de sete ou oito pessoas, todas sentadas no chão passando um cigarro de maconha e ouvindo Chris, com as unhas sujas, descrever sua jornada épica “Cruzando o Paquistão sem um rolo de papel higiênico”. Tudo acompanhado por uma das primeiras músicas de Van Morrison. Segurando o braço de Chris, está sua namorada, que, se não me engano, se chama Ruth.

— Vem, vamos embora — sussurro para Spencer. Mas Chris me escuta, e se vira:

— Aê, Brian!

— E aí, Chris! Chris está no meu grupo de estudos. Chris, esse é o meu melhor amigo, lá da minha cidade, Spencer...

— E aí, Spencer?! — diz Chris.

— ...E essa é Ruth... — acrescento.

— Na verdade, meu nome é Mary — diz Mary, virando-se e sacudindo as pontas dos dedos de Spencer. — E aí, Spencer, é *mesmo* um prazer conhecer você... — chegando para o lado e dando um tapinha no chão, abrindo caminho, obrigando-nos a participar do círculo.

Chris passa o baseado para uma garota superpequena de nariz arrebitado com o cabelo preso para trás com uma faixa como a de Alice, encostada na cama com as pernas dobradas perfeitamente por baixo do corpo. Não sei o nome dela, mas a reconheço como a primeira esposa de Ricardo III, Lady Anne, e me recordo vagamente de um rumor segundo o qual ela é *lady* de verdade na vida real, e que um dia vai herdar boa parte de Shropshire. Ela pega o baseado e dá uma tragada majestosa, antes de passar para nós:

— Garotos?

— Saúde! — diz Spencer, e dá uma tragada profunda, o que é estranho, pois, em geral, ele só bebe e fuma cigarros, e costuma ser bem desdenhoso com maconheiros. — Então, sobre o que vocês estavam conversando? — pergunta.

— Índia! — respondem todos, em uníssono.

— Já estive lá, Spencer? — pergunta Chris.

— Não, não posso dizer que estive... — responde, prendendo a respiração.

— Está tirando um ano de folga, então? — pergunta Mary/Ruth.

— Não exatamente — diz, exalando devagar.

— Então, onde você está estudando? — pergunta Chris.

— Não estou estudando — responde Spencer.

— No momento! — acrescento, alegre, e Spencer me lança um olhar e abre um sorriso de crocodilo antes de dar outra tragada ainda mais funda no baseado e passar para mim.

Eu pego, ponho na boca, tusso, tiro e passo adiante, e aí há uma breve pausa, enquanto as pessoas ficam ouvindo Van Morrison tocando e eu tossindo. Depois, Lady Anne subitamente se ajoelha e fala de maneira embaralhada.

— Já sei! Vamos jogar “E se essa pessoa fosse...”!

— E o que é isso? — questiona Spencer, soltando a fumaça devagar.

— Bem, a gente escolhe uma pessoa, depois sai do quarto e, então, a pessoa... Não, não está certo, não. *Nós* escolhemos uma pessoa pra sair do quarto e, depois, as pessoas *dentro* do quarto escolhem *outra* pessoa e a pessoa *fora* do quarto volta pra *dentro* e tem que passar pelo círculo fazendo para cada pessoa perguntas como... Hã... “Se essa pessoa fosse um clima, qual clima seria?” e a pessoa tem de responder alguma coisa como “essa pessoa seria...”, referindo-se a quem nós escolhemos secretamente, “... seria alegre como um dia ensolarado!” ou “uma trovoada pesada!” ou coisa assim. Tem que *personificar* essa pessoa dependendo da maneira como a veem. E, então, a pessoa que *saiu* do quarto pergunta para a *próxima* “se essa pessoa fosse um *peixe*, ou uma *roupa íntima*, digamos, que tipo de *peixe* ou *roupa íntima* ela seria?”, e essa pessoa... — Ela continua explicando, lenta e detalhadamente, as regras de “E se essa pessoa fosse...”, pelo que parecem uns dois ou três dias, dando-me tempo suficiente para olhar para Spencer, sentado com a mandíbula relaxada, parecendo atordoado e confuso e sorrindo em silêncio para si mesmo. Escuto um ruído, olho para baixo e percebo que estou esmagando a lata de cerveja com a mão. Decido tirar a gente dali...

— Vem, Spencer, vamos pegar uma bebida — sugiro, agarrando seu braço e puxando-o para cima.

— Ah, vocês não querem jogar? — suspira Ruth, ou Mary.

— Talvez mais tarde. Estamos precisando de uma bebida — respondo, levantando minha lata de cerveja cheia. Empurro Spencer, fecho a porta e, graças a Deus, saímos do quarto e seguimos para a escada.

— Mas eu quero jogar! — reclama Spencer, dando risinhos atrás de mim.

Olho de volta e ele está se equilibrando apoiado numa parede, sorrindo e parecendo meio zozó. Resolvo fingir que preciso usar o banheiro, aponto para a porta no patamar da escada e me escondo.

Dentro do banheiro, eu me recosto na pia e olho no espelho para o grande presunto cheio de bolhas que se passa por um rosto e me pergunto por que Spencer sempre tem que estragar tudo. Adoro Spencer, mas odeio quando ele fica desse jeito, bêbado e maldoso. Bêbado e sentimental tudo bem, mas bêbado e maldoso é de dar medo. Não que ele fique violento, a não menos que seja provocado, mas tenho que fazer com que ele pare de beber, mas não sei como fazer isso a não ser arrancando a bebida da sua mão. Poderíamos até ir embora, mas, se eu não falar com Alice, vai demorar muitos dias até a reunião da equipe na semana que vem, e não posso mesmo esperar tanto tempo. O fato é que estou achando muito difícil ser Devastador e Distante com Spencer ali.

E o pior de tudo é que preciso pensar num modo de dizer que ele tem de ir embora no dia seguinte. Claro que, enquanto eu continuar ali trancado, não tenho de lidar com nenhuma dessas coisas, porém alguém bate na porta. Então, dou descarga e percebo que a pessoa que usou o banheiro antes de mim conseguiu fazer xixi em todo o assento preto de plástico do vaso. Penso em limpar, chego até a fazer uma bola de papel higiênico, mas decido que limpar o xixi de outra pessoa é exatamente o tipo de comportamento servil e degradante que venho tentando evitar com afinco, e, além do mais, isso não é minha responsabilidade, não mesmo. Lembre-se: Devastador e Distante. Dou a descarga e saio.

Alice é a próxima na fila.

Ela está na porta, conversando com Spencer e rindo muito.

— Olá, Brian! — cumprimenta, alegre.

— Não fui eu quem fez xixi no assento do vaso — digo, Devastador e Distante.

— Ótimo, Brian, é *bom* saber disso! — responde ela, antes de entrar e fechar a porta.

PERGUNTA: Em que peça de 1594 os velhos amigos Proteus e Valentine brigam por causa do amor da beata Silvia?

RESPOSTA: *Os dois cavalheiros de Verona.*

— Então... Vocês andaram conversando? — pergunto a Spencer.

— Uh-hum.

— Ela é legal, né?

— É, ela parece legal. Muito sensual... — comenta, olhando de esguelha para a porta do banheiro.

— Mas não é interessante também?

— Bem, Bri... Nós só conversamos cinco minutos, mas, com certeza, não fiquei entediado. Não com ela naquela malha justa...

— Sobre o que vocês falaram, então? Quer dizer, ela falou alguma coisa? Sobre mim...?

— Bri, fica frio, cara. Ela gosta de você, mas não force a barra...

— Você acha?

— Tenho certeza.

— Certo. Vou até a cozinha. Você vem...?

— Não, eu vou esperar — e aponta a porta do banheiro com a cabeça. Tomo o caminho para o andar de baixo e, só quando chego na metade, começo a me perguntar o que ele quis dizer com “vou esperar”. “Esperar para usar o banheiro” ou “esperar Alice”?

Do nada, uma ideia começa a se formar na minha cabeça, e logo assume a solidez de fatos irrefutáveis: Spencer está dando em cima dela. Veio de tão longe para seduzir Alice! Depois de me ouvir falar a respeito, ele deve ter pensado: *gostei dessa história. Vou querer um pouquinho.* E, afinal, não seria a primeira vez — é o fiasco da Janet Parks se repetindo mais uma vez. As garotas de quem eu gosto sempre gostam de Spencer Lewis, e o fato de ele não dar a mínima só aumenta a atração. Por que isso? O que ele tem que eu não tenho? Ele é bonito, acho. Mesmo sendo heterossexual, consigo fazer uma avaliação objetiva e dizer que ele é bonito e cheio de mistério; é convencido, irresponsável, não muito aseado, todas essas coisas das quais as mulheres fingem que não gostam, mas, obviamente, gostam. E, tudo bem, ele não é Chique, mas é Maneiro, e Maneiro ganha de Chique aos olhos de Alice Harbinson, da mesma maneira que a tesoura ganha do papel. Claro... Agora, dá para entender tudo... Claro como o dia! O canalha está dando uma de Heathcliff para cima de mim. Enquanto estou pensando nisso, aposto que a mão dele já está entrando na malha dela e...

— Então, como vai esse sorriso?

Rebecca está no pé da escada.

— Ah, oi, Rebecca. O que está fazendo aqui?

— Não estou aqui de penetra. Fui convidada.

— Quem convidou você?

— A adorável Alice, na verdade — responde, pegando sua garrafinha de uísque no bolso do casaco de vinil.

— *Sério?*

— Uh-hum — dando um bom gole de uísque. — Cá entre nós, acho que ela começou a gostar de mim.

— Mas achei que você não gostasse dela.

— Ah, ela é legal, depois que a gente conhece melhor. — Dá risada e cutuca meu peito com a garrafinha, e percebo que ela está muito bêbada, não bêbada melancólica ou bêbada mal-humorada, mas bêbada levada, bêbada brincalhona, o que é um bom sinal, mas, ainda assim, um pouco estranho e desconfortável, algo como ver Stalin andando de skate. — Por quê? Você acha que estou sendo *hipócrita*? Acha que eu deveria ir embora, Brian?

— Não, de maneira alguma. É bom ver você. Só pensei que isso não fosse sua praia.

— Ah, bem, você me conhece. Não há nada que eu goste mais do que 200 alunos de teatro bêbados querendo cantar juntos — e aponta com a cabeça para a sala de estar, na qual Ricardo III, o multifacetado Neil sei lá o quê, conseguiu um violão em algum lugar e está começando a tocar “The Boxer” de Simon e Garfunkel.

\* \* \*

A lenga-lenga continua por uns 45 minutos. Já deixou de ser um ruído de fundo. Agora, soa mais como uma espécie de mantra indutor de transe, com as harmonias e tudo o mais, e parece que pode durar vários dias. Rebecca e eu não nos incomodamos muito. Estamos espremidos no sofá do outro lado da sala passando a garrafa de uísque um para o outro e dando risada.

— Ah, não acredito... O merdinha do Neil MacIntyre achou um *tamborim*...

— De onde ele tirou um tamborim...?

— Do próprio *cu*, provavelmente... — diz ela, tomando um gole do uísque. — Você acha que *algum dia* isso vai acabar?

— Acho que, enquanto não começarem a tocar “Hey, Jude”, a gente está numa boa.

— Se começarem, pego um alicate e desmonto aquele violão de merda. Eu juro!

Agora, a festa está alcançando sua massa crítica. Todos os cômodos estão apinhados, e, ali na sala, as pessoas se agarram aos móveis como em *A balsa de Medusa*, do pintor realista francês do século XIX Gericault. Deveria sair para pegar mais uma bebida, mas Rebecca e eu estamos num lugar excelente, enfiados entre seis pessoas num sofá de dois lugares, e já deu para perceber que a bebida acabou, pois as pessoas estão trotando pela sala em busca de garrafas e segurando-as contra a luz, ou procurando latas abandonadas sem cinzas de cigarro nas bordas. Também não quero sair do lugar, pois Rebecca está bêbada e muito engraçada, e acho que também está me paquerando um pouco, bafejando



seu hálito de uísque no meu ouvido, e isso me ajuda a não pensar na música do Simon e Garfunkel e em Alice e Spencer, que, neste exato momento, devem estar transando extasiados numa pilha de casacos.

— ...Sabe, se eu governasse o mundo, o que a propósito tenho toda intenção de fazer um dia, a primeira coisa que faria seria proibir violões... Tudo bem... Não proibir, mas ao menos limitar o acesso, organizar um sistema de licenciamento, igual a ter uma arma de fogo ou uma empilhadeira, e implementaria regras bem draconianas: não pode tocar depois do pôr do sol, nem em praias ou perto de acampamentos com fogueiras, nada de “*Scarborough Fair*”, nada de “*American Pie*”, nada de harmonias, nunca mais de duas pessoas cantando ao mesmo tempo...

— Mas a legislação não vai servir apenas para eles passarem à clandestinidade?

— É exatamente o que deveriam fazer, meu amigo, exatamente. E proibiria a *maconha* também. Como se os estudantes já não fossem tolos e obcecados consigo mesmo do jeito que são. É... Com certeza, eu proibiria a maconha.

— Mas já não está proibida? — pergunto.

— É um *ótimo* argumento, amigo. Protesto deferido! — diz, drenando o resto do uísque da garrafa. — Agora, álcool, álcool e nicotina, são as únicas drogas *apropriadas*. Tem alguma coisa nessa lata de cerveja perto do seu pé?

— Só bitucas de cigarro...

— Ah, então deixa. — Ela me pega sorrindo. — Qual é a graça?

— Você...

— E o que é engraçado a meu respeito, seu moço?

— Suas opiniões. Você acha que vai relaxar? Com a idade?

— Claro que *não*! Vou dizer uma coisa, Brian Jackson. Sabe essa merda que falam sobre ser de esquerda até os 30 anos e depois perceber o grande erro e ficar completamente de direita? Bem... É uma grande bobagem... Isso que é. Se ainda formos amigos no ano 2000, que vai ser, o quê? Daqui a 14 anos... E espero que a gente ainda seja amigo, Brian, meu velho amigo... Se ainda formos amigos e eu tiver mudado de *alguma maneira*, comprometido minhas visões políticas, éticas ou morais em relação a impostos ou imigração ou ao *Apartheid*, ou aos sindicatos, ou se eu parar de ir a manifestações e a reuniões ou tiver me tornado o mais *remotamente* de direita, você tem minha permissão para dar um tiro aqui — batendo de leve no centro da testa. — Bem aqui.

— Ok Eu atiro.

— Faça isso. Pode atirar. — Pisca os olhos devagar, lambe os lábios e tenta beber da garrafa vazia antes de dizer: — Ei, desculpe ter pensado em você hoje de manhã.

— Como assim?

— Você sabe... Ficar toda Sylvia Plath com você.

— Ah, tudo bem...

— Quer dizer... Continuo achando que você é um babaca total e tudo mais, mas sinto muito pelo incômodo.

— E por que eu sou um babaca...?

— Você sabe por quê...

— Não, vá em frente, diga...

Ela sorri para mim de soslaio, sob o peso dos cílios escuros.

— Por não ter dormido comigo quando teve a oportunidade.

— Ah, bem... — E, por um momento, penso em dar um beijo nela, mas tem gente demais olhando, e Alice está lá em cima. Então, eu digo: — Talvez... em outra ocasião?

— Ah, não, você estragou tudo, sinto informar. Foi uma única chance... — diz, empurrando meu ombro com a cabeça. — Uma. Única. Chance... — Ficamos um tempo, sem olhar um para o outro, até Rebecca dizer: — E onde está o seu amigo?

— Spencer? Não faço ideia. Lá em cima, acho.

— Achei que ele estava tendo uma espécie de colapso nervoso ou coisa do tipo...

— É, bem... Alice está ajudando ele a superar isso.

— Então, vou conhecer o seu amigo ou não?

Rebecca e Spencer são uma combinação que eu nunca imaginei, e as consequências podem ser desastrosas, mas preciso saber onde ele está e o que anda fazendo, e se já está com a mão dentro da blusa de Alice. Por isso, respondo:

— Se você quiser... — E nos içamos das profundezas do sofá e começamos a olhar em volta.

Verificamos todas as dependências, até encontramos os dois num pequeno quarto lotado no último andar da casa, num canto, a uns 5cm um do outro. Pessoas dançam ao redor, ou não dançam, porque não há espaço, mas balançam as cabeças ao som de “Exodus” de Bob Marley, e Alice balança os ombros, um pouco fora do ritmo, mordendo o lábio inferior, e OK, eles não estão se *beijando*, por assim dizer, só “conversando”, mas podiam perfeitamente estar se beijando, pela proximidade um do outro. Spencer está com aquela expressão irritante de “garoto charmoso”, como se fosse personagem de seriado de TV ou coisa assim. E Alice parece deslumbrada, um olhar fascinado e interessado, os braços cruzados em cima da malha como se estivesse fazendo um teste para o papel de “meretriz do interior”, empurrando o decote para a frente, no caso de ele não ter reparado.

— É ele, ali no canto — indico.

— O de cabeça raspada?

— Ele não é fascista — esclareço, mesmo sem saber por que o estou defendendo, talvez ele *seja* fascista, ou algo tão ruim quanto.

— Bonito ele, não?

— Ah, certo, sim, certo, obrigado, Rebecca.

— Ora, não seja ridículo. Você não tem *nada* com o que se preocupar nesse quesito.

Será que ela está sendo sarcástica? Não sei dizer, não consigo me concentrar, pois, naquele momento, Alice está *passando a mão na cabeça de Spencer* e dando risadinhas, afastando a mão num gesto patético de menininha dizendo “oooh, ficou parecendo uma escovinha”, e Spencer pega a mão dela e põe de volta na cabeça, dando seu estúpido sorriso de personagem de TV e dizendo

“não, vá em frente”. Ai, ele vai mostrar as cicatrizes daquela briga com vidro. Que grande golpe raspar a cabeça para fazer os amigos pensarem que você está em crise ou em surto, quando, na verdade, é só um truque barato para fazer garotas bonitas alisarem a sua careca. Chego a me perguntar quanto tempo levaria para descer as escadas, encher uma bacia com água fria, voltar e jogar em cima deles. Graças a Deus, Patrick Watts vai até lá e faz isso por mim, *começando uma conversa!*

— ...Ei, você está me escutando, seu maluco? — pergunta Rebecca.

— Uh-hum.

— Então, você vai me apresentar ao seu amigo ou não?

— É claro, vamos lá. Mas não vai dar em cima dele, tá?

— Ah, e por que *você* ligaria pra isso? — responde ela, e nós vamos até lá.

— ...E Patrick é o capitão do nosso time! — Alice está anunciando com orgulho, quando chegamos.

— É, eu já ouvi dizer... — comenta Spencer, sem olhar para Patrick.

— Oi, Rebecca! — diz Alice, e, bizarramente, a envolve com os braços. Rebecca retribui o abraço, mas faz uma careta para mim por cima do ombro dela.

— Spencer, essa é a minha grande amiga Rebecca — grito por cima da música alta, e os dois se apertam as mãos.

— O famoso Spencer. Prazer em conhecê-lo, afinal — diz Rebecca. — Brian me falou muito a seu respeito.

— Ah, sim! — diz Spencer, e há uma pequena pausa enquanto nós cinco ficamos parados, balançando um pouco a cabeça, e, então, do nada me vejo gritando...

— Ei, você devia falar com a Rebecca sobre seu PROBLEMA LEGAL, Spencer!

Não sei bem por que eu digo isso, mas digo. Na verdade, acho que estou tentando ser prestativo e amigável, continuar a conversa, mas, depois de uma pequena pausa, ainda sorrindo, Spencer pergunta:

— Por quê?

— Porque ela é advogada.

— Eu estou *cursando* direito. Não é a mesma coisa...

— Não, mas ainda assim...

— E qual é o seu problema legal? — pergunta Patrick, interessado.

— Spencer está sendo acusado de burlar o seguro-desemprego... — explico.

— Você está *brincando*... — contesta Alice, toda íntegra e esquerdista de repente, apertando de leve o braço de Spencer — ... Aqueles *canalhas*. Coitado...

— Mandou bem, Brian — Spencer gesticula com os lábios, sorrindo, mas não de verdade.

— Bom, se você não fez isso, não vai haver problema — diz Patrick, arrogante.

— Mas ele *fez* — continuo, só para esclarecer as coisas.

— Então, você tem um emprego? — pergunta Patrick

— É um emprego irregular, pago em dinheiro. Num posto de gasolina... — murmura Spencer.

— Só que ele foi pego... — mas os olhos de Spencer me lançam dardos e eu paro de falar.

— Bem, nesse caso... — Patrick ri, dissimulado, dando de ombros — ...Só posso desejar boa sorte, cara.

Spencer está com o olhar fixo em mim, e Rebecca começa a discutir com Patrick:

— Não é fácil arranjar emprego.

— Bem, mas é possível arranjar *trabalho*...

— Não, não é...

— Acho que você vai ver que é...

— Existem quatro milhões de desempregados! — diz Rebecca, começando a ficar irritada.

— São *três* milhões. E não é o caso, é? Esse é o ponto. Se ele estava trabalhando irregularmente, era porque poderia arrumar um emprego, mas parece que o salário não atendia ao seu estilo de vida. Por isso, decidi pegar dinheiro do Estado — será que Patrick vai continuar chamando Spencer de “ele”?, penso —, e você não pode culpar o Estado por querer algo em troca ao descobrir que foi *roubado*. É o *meu* dinheiro, afinal...

Bob Marley está cantando “No Woman, No Cry”, e vejo Spencer engolir sua cerveja, “fuzilando” Patrick todo o tempo, com os olhos semicerrados. Nossos olhares se cruzam por apenas um segundo e logo volto a olhar para Rebecca, que está cutucando o peito de Patrick com o dedo numa tentativa de arrancar seu coração ainda batendo.

— Não é o *seu* dinheiro. Você não paga impostos! — diz ela.

— Não, mas vamos pagar, todos vamos, e muito. E pode me chamar de antiquado, mas acho que tenho o direito de exigir que esse dinheiro não vá para pessoas “desempregadas” que, na verdade, não estão desempregadas...

— ...Mesmo se o emprego pagar menos do que a linha da pobreza?

— Não é problema meu! Se o empregado quer um emprego melhor, há muito que pode fazer a respeito. Pode entrar para o Programa de Oportunidades para Jovens, pode se aperfeiçoar, pegar a bicicleta e ir atrás de...

— As próximas palavras ditas por Patrick são:

— POR FAVOR, TIREM ESSE CARA DE CIMA DE MIM POR FAVOR!

— Spencer deu um passo adiante e, do nada, passou o braço com força por baixo do queixo de Patrick, segurando-o alto, bem alto contra a parede, e, mesmo já tendo visto Spencer se meter em brigas umas sete ou oito vezes antes, isso ainda me pega de surpresa, como de repente descobrir que ele sabe sapatear. A coisa toda acontece tão depressa e com tanta destreza que, por um momento, ninguém fora do nosso círculo chega a perceber. Todos continuam se balançando ao som de “No Woman, No Cry”. Mas Patrick começa a dar chutes, fazendo marcas na parede de gesso, e Spencer é forçado a firmar o corpo contra o de Patrick, enfiando a mão livre na cara de Patrick e apertando sua boca até fechar.

— Pare com isso, cara, pelo amor de Deus... — intervenho.

— Tá... Então, pergunta número um, quem é “ele”? — sibila Spencer, o rosto a centímetros de distância do de Patrick

— Como assim? — gagueja Patrick

— Bem, você fica falando sobre “ele”. “Ele” quem?

— *Você*, claro...

— Larga ele, Spencer — insisto.

— E qual é o meu nome?

— O quê?

— Vamos lá, por favor, pare com isso...

— Meu nome, qual é o meu nome, seu riquinho idiota...? — questiona Spencer, apertando as bochechas de Patrick para dar ênfase, empurrando sua cabeça com força contra a parede. O disco para de tocar com um arranhão, e as pessoas começam a se virar para assistir. A cara de Patrick está de um vermelho intenso agora, os dentes cerrados, os dedos do pé procurando o chão, e ele balbucia cuspidando saliva e suco de laranja: — Eu... não... me lembro...

— Parem com isso, vocês dois! — grita alguém da porta, onde uma multidão começou a se formar.

— Vamos chamar a polícia — grita mais alguém.

Spencer permanece indiferente e o escuto dizer num sussurro, a testa tocando a de Patrick

— Bem, a resposta certa é *Spencer*, Patrick, e, se você quiser me aconselhar com relação à minha carreira, tenha algum respeito e diga na minha *cara*, seu almofadinha...

Então, há outro instante rápido quando Patrick consegue soltar um braço e dá um tapa de mão aberta na orelha de Spencer, um golpe barulhento porém ineficiente, que só serve para fazer Spencer relaxar a pressão no pescoço de Patrick, que, de repente, começa a se debater, braços e pernas agitando-se loucamente, chiando e cuspidando como uma criança dando escândalo. As pessoas começam a gritar e se atropelar para sair do pequeno recinto, e, no meio do caos, vejo Alice segurando o braço de Spencer, tentando afastá-lo da cena, como uma heroína de cartaz de filme, porém ele dá um empurrão e ela cai de costas contra a janela, fazendo um barulho alto ao bater a cabeça. Alice franze os olhos e leva a mão à nuca para ver se está sangrando e vou até ela para ver se está bem, mas Patrick continua agitando os braços loucamente, atacando Spencer, que se abaixa e se esquia, até que, de repente, vê o seu momento. Ergue o corpo, coloca a mão espalhada no peito de Patrick, mantendo-o afastado, leva o outro braço para trás e solta um golpe com todo seu peso no punho, acertando o rosto de Patrick com um estrondo alto e úmido, como um pedaço de carne batendo numa superfície de madeira, fazendo-o rodar duas vezes e cair de cara no chão.

Há um momento de silêncio, seguido por um repentino afluxo de pessoas correndo até Patrick, que rolou de barriga para cima e está tocando de leve no nariz e na boca para ver se há sangue, e o sangue é abundante.

— Ah, meu Deus! — murmura — Meu Deus...

Acho que está prestes a chorar quando Lucy Chang se espreme para chegar até ele e amparar sua cabeça na mão, ajudando-o a sentar-se, e, depois disso, só vejo com clareza três pessoas.

Rebecca está de pé no meio do quarto, as mãos cobrindo a boca, suspensa entre risos e lágrimas.

Alice está encostada na janela encarando Spencer de boca aberta, com uma das mãos esfregando a parte de trás da cabeça.

Spencer deu as costas para Patrick e está olhando a própria mão, examinando os dedos, ofegante. Olha para mim, solta a respiração entre os dentes cerrados e diz:

— Vamos embora, OK?

No andar de baixo, todos estão cantando “With a Little Help From My Friends”.

PERGUNTA: Em conjunto, os sintomas blefarite, ectrópio, ambliopia e heteroforia resultariam em que condição?

RESPOSTA: Uma incapacidade de enxergar claramente.

Saímos andando em silêncio pelas ruas ladeadas por terraços; Spencer um pouco atrás de mim. Ouço seus passos pelo chão molhado, mas estou com muita raiva, muito envergonhado, muito bêbado e confuso demais para falar com ele nesse momento. Por isso, mantenho a cabeça abaixada e continuo caminhando.

— Ótima festa! — diz Spencer, afinal.

Ignoro e continuo seguindo em frente, pisando duro.

— Gostei da Alice.

— É, eu notei! — respondo, sem olhar para trás.

Andamos um pouco mais em silêncio.

— Escuta, Bri, se você tem alguma coisa a me dizer, diga agora, porque isso é uma puta de uma burrice...

— E se eu não disser? Vai me bater também?

— É muito tentador — resmungo baixinho — Mas tudo bem, cara. Entendi o recado. Agora escuta, OK? — Continuo andando. — Por favor?

As palavras não saem com facilidade, e ele fala como uma criança petulante, forçada a dizer algo contra a vontade, mas paro e me viro para ouvir.

— Tudo bem, Brian. Sinto muito por... ter batido... no capitão da sua equipe do *Desafio Universitário*... — mas ele não consegue chegar ao fim da frase sem começar a dar risadinhas. Então me viro e continuo a andar. Depois de um tempo, eu o escuto correndo atrás de mim, e talvez me encolha um pouco, mas logo o vejo na minha frente, franzindo a testa e andando de costas.

— O que você queria que eu fizesse, Bri? Ficasse lá e ouvir aquilo sem fazer nada? Ele estava me tratando como um *merda*...

— E aí você resolveu bater nele?

— É...

— Porque *discordava* dele?

— Não, não foi só por isso...

— E não pensou em talvez argumentar com ele, debater o seu ponto de vista de maneira calma e racional?

— O que o meu ponto de vista tem a ver com isso? Ele estava tentando me fazer de idiota...

— ...E, então, você recorreu à violência!

— Eu não *recorri* à violência. Foi minha primeira escolha.

— Ah, sim, muito *bacana*, você é muito *durão*, Spencer...

— Bom, você não estava fazendo muito pra me ajudar, estava? Ou estava com medo de ele tirar você da equipe?

— Eu estava defendendo você!

— Não, não estava. Só estava mostrando a porra da sua imensa consciência social para suas namoradas. Se não tivesse levantado o assunto...

— O que você queria que eu fizesse? Segurasse os braços dele atrás das costas? Eles são meus *amigos*, Spencer...

— Aquele idiota? Seu amigo? Puta merda, Brian, é pior do que eu imaginava. Ele trata você como lixo.

— Não é verdade!

— É verdade... Eu vi. O cara é um completo babaca e mereceu o que aconteceu...

— Bem... Ao menos, ele não tenta se dar bem com as garotas de quem estou a fim...

— Opa, opa, espera aí! — ele me para com a mão espalmada no meu peito, do mesmo modo como fez com Patrick antes de bater nele, e me pergunto se consigo sentir o quanto meu coração está acelerado. — Você acha que eu estava tentando *me dar bem* com a Alice? Você acha mesmo que eu estava fazendo isso?

— Bom, foi o que me pareceu, Spencer, com todos aqueles afagos na sua cabeça... — Tento pôr a mão na cabeça dele, mas ele agarra meu pulso com a mão livre e segura com firmeza.

— Sabe, Bri, para alguém que devia ser *culto*, você realmente consegue ser muito *burro* às vezes...

— Não fale assim comigo... — digo, soltando minha mão.

— Como?

— Desse jeito, como você sempre fala comigo! Spencer, por que essa necessidade de... destruir tudo? Sinto muito que as coisas não estejam indo bem pra você no momento. Sinto muito que não esteja feliz.. Mas há coisas que você pode fazer em relação a isso, Spencer, coisas práticas, mas você prefere não fazer nada, porque é mais fácil ficar vadiando e botar pra foder e tirar sarro de pessoas que estão tentando fazer alguma diferença na vida...

— Como você, por exemplo? — ele pergunta, com um sorriso dissimulado.

— Você está com inveja, Spencer. Você sempre teve inveja de mim. Só porque trabalho duro, porque eu sou inteligente e consequi...

— Opa! Espera aí. *Inteligente*? É isso que você acha, sua putinha convencida? Quando a gente se conheceu você não conseguia nem amarrar os cadarços! Eu tive que ensinar a você! Você escrevia “esquerdo” e “direito” nos seus tênis de ginástica até ter 15 anos! Não conseguia assistir a uma partida de futebol sem desabar em lágrimas, seu molenga. Se você é tão inteligente, como é que não sabe o que as pessoas dizem de você pelas costas, quanto elas *riem* de você? Fiquei ao seu lado por anos e anos, depois que o seu pai morreu...

— O que o meu pai tem a ver com isso?

— Diga você, Brian. Diga você.

— Deixe o meu pai fora disso! — grito.

— Ou o quê? O que você vai fazer, *chorar*?

— Vá se foder, Spencer, seu... *brutamontes*!

Mas sinto uma sensação quente e irritante atrás dos olhos, um nó apertado de pânico no estômago, e, de repente, percebo que preciso me afastar, dou meia-



volta e retorno pelo caminho de onde viemos.

— Aonde você está indo? — Spencer grita atrás de mim.

— Não sei!

— Você está fugindo, Brian? É isso?

— É... Que seja!

— E como é que vou conseguir voltar?

— Sei lá, Spencer. Não é problema meu, é?

Escuto ele dizer bem baixo, quase que para si mesmo:

— Vá em frente, então. Pode ir embora.

Paro e olho para trás esperando ver Spencer sorrindo ou debochando, mas ele está quieto, parado, um pouco distante, debaixo da luz de um poste, a cabeça pendendo para trás, os olhos fechados e a mão pressionada contra a testa, os dedos encolhidos.

Parece um garoto de 10 anos de idade. Sinto que deveria ir até ele, ou, ao menos, me aproximar um pouco mais, mas, em vez disso, eu grito do meio da rua:

— Você precisa ir embora, Spencer! Até amanhã de manhã. Você não pode mais ficar na casa. É contra as regras.

Ele abre os olhos, úmidos, vermelhos e cansados, e me lança um olhar impassível.

— E é por isso que você quer que eu vá, Brian? Porque é *contra as regras*?

— É. Em parte, sim.

— Tudo bem... Então, eu vou.

— Ok

— Sinto muito, se eu... envergonhei você. Na frente dos seus amigos.

— Você não me envergonhou. Eu só... não quero você por perto. Só isso.

Dou as costas e me afasto depressa, sem olhar para trás, com a certeza de que deveria me sentir bem e desafiador, e forte, por afinal ter enfrentado Spencer pelo menos uma vez, mas por alguma razão não sinto nada disso. Só me sinto febril, vazio, estúpido e triste, e não faço a menor ideia de onde poderia ir.

\* \* \*

Não sei bem quanto tempo continuo andando depois disso. Estou vagamente ciente de que tenho as únicas chaves da casa, de que a coisa sensata a fazer seria voltar e deixar Spencer entrar. Mas ele pode acordar Marcus ou Josh e pedir para entrar, e, afinal, não sou babá dele. Vou dar tempo suficiente para ele chegar em casa e dormir, fazer uma hora andando até a bebedeira e a confusão passarem, entrar em casa de fininho e resolver as coisas de manhã. Porém, depois de mais ou menos uma hora, a garoa engrossa e vai se transformando em chuva, e, embora não sendo minha intenção, pelo menos não minha intenção consciente, de repente estou na porta do alojamento de Alice e Rebecca.

Os portões da frente são fechados à 1h da manhã para quem não tiver uma chave; então, escalo o velho gradil de ferro. Consigo fazer isso sem disparar nenhum alarme nem me empalar, mas a sola lisa dos meus sapatos escoceses

escorrega, e desço como num tobogã até o chão enlameado e cheio de plantas, parando embaixo de um arbusto redondo. Limpo a lama grossa das mãos num chumaço de folhas molhadas e me agacho sob os arbustos, esperando alguém passar pelo caminho de cascalho até a entrada principal.

A água gelada pinga das folhas e goteja na base do meu pescoço. Uma camada grossa de lama úmida começa a ensopar meus sapatos de camurça, e tenho a sensação de que meus pés estão embrulhados num papelão frio e úmido. Estou prestes a desistir e voltar para casa quando, enfim, vejo algumas pessoas chegando pela rua. Saio de trás dos arbustos e ando um pouco atrás delas, e, quando abrem a porta, eu grito “esperem”, e elas param e se viram.

— Segurem a porta! — Um homem que não reconheço olha para mim com desconfiança. — Esqueci minha chave! Dá pra acreditar? E numa noite como essa! — Ele está olhando os meus sapatos e minha calça, decorados com folhas e fungos. — Tomei um tombo! Puxa, eu estou ensopado! — mas ele não se mexe, então fuço minha carteira com os dedos sujos e dormentes e mostro meu cartão de estudante.

— Olha... Eu sou aluno — e isso parece convencê-lo, pois ele abre a porta e me deixa entrar.

Ando encharcado pelos corredores escuros, deixando um rastro de sujeira no assoalho de madeira até chegar ao quarto de Alice. Vejo uma pequena faixa de luz laranja debaixo da porta. Por isso, sei que ela está acordada. Encosto o ouvido na porta e consigo ouvir uma música — Joni Mitchell cantando “Help Me”, do LP *Court and Spark* — e quase consigo sentir o calor e a luz pela porta de madeira, e quero desesperadamente estar do outro lado. Bato com delicadeza, delicadeza demais, pelo visto, pois ela não escuta. Então, bato de novo e sussurro seu nome.

— Quem é?

— É o Brian — respondo.

— Brian? — ela abre a porta. — Ah, meu Deus, Brian! Olha só o estado em que você está! — e pega minha mão e me puxa para dentro.

Alice me conduz para o centro do quarto e logo toma o controle da situação, adotando a conduta de uma rigorosa, mas gentil, governante eduardiana:

— Não se sente e não toque em *nada* até se secar, mocinho! — Começa a remexer nas gavetas até tirar um suéter verde largo feito à mão, umas calças largas de ginástica e um par de meias grossas. — Aqui, você vai também precisar disso — diz, desfazendo o cordão do roupão branco e jogando-o para mim. Por baixo, ela está usando uma camiseta cinzenta, velha e curta acabando acima do umbigo, com uma imagem do Snoopy deitado em cima de sua casinha esfarelada e desbotada como um afresco medieval, calcinha cinza e um par de meias masculinas pretas enroladas até o tornozelo, e me ocorre que é a visão mais erótica que já tive na minha vida, sem sombra de dúvida.

— Olhe só como você está... Suas mãos estão tremendo...

— É mesmo? — pergunto, e, quando abro a boca, percebo que meus dentes estão trincando.

— Vamos! Tire essa roupa antes de pegar uma pneumonia — ordena, com a mão esticada.

Estou um pouco nervoso com relação a me despir, em parte porque os halteres ainda não tiveram chance de fazer efeito, e também porque estou usando um dos coletes da minha antiga escola, o que me deixa fadado a ficar parecendo um pouco com um órfão de guerra. Mas lembro que minha cueca está em condições relativamente boas, e que estou congelando, e acabo cedendo. Alice fica ao meu lado quando começo a me despir e nota que minhas mãos estão tremendo demais para desabotoar a camisa.

— Ei, deixe eu fazer isso — diz, e começa a me desabotoar de cima para baixo. — Por que você não está com Spencer?

— Nós meio que briga-ga-gamos.

— E onde ele está? — Por que ela ainda está falando do Spencer?

— Não faço ideia, deve ter voltado para a minha casa. — Os botões estão livres e ela se afasta para eu tirar a camisa. — Sinto muito por tudo o que aconteceu...

— O quê?

— Você sabe... O Spencer, a briga...

— Ah, não se preocupe com isso. Na verdade, até que eu gostei. Quer dizer, nunca aprovei violência física, mas, no caso do Patrick, até faço uma exceção. Nossa! O seu amigo Spencer é bom de briga, né? — os olhos brilham com a lembrança. — Sei que não deveria dizer isso, mas acho que há algo excitante em homens lutando, a gente se sente atraída, sabe, como nos combates de gladiadores na Roma Antiga. — Estou sentado na beira da mesa, tentando não sujar tudo de lama, desamarrando os cadarços do sapato imundo.

— Uma vez saí um tempo com um cara que era boxeador amador, e eu adorava assistir aos treinos e às lutas. Sempre fazíamos um sexo incrível e animal depois, com todo aquele sangue e os hematomas e tudo o mais, e havia algo de muito bonito e *sensual* na coisa toda. O sangue no travesseiro depois...

E ela fica parada um momento, com meus sapatos cheios de musgo na mão, um pequeno involuntário tremor erótico com a lembrança. Começo a tirar a calça molhada com cuidado.

— Claro que não tínhamos nada em comum além da cama e do ringue. Por isso, a relação estava condenada desde o princípio. Não é uma boa base para uma relação, é? Quando a gente só se sente atraída quando eles estão *seminus* ou socando alguém... Você já bateu em alguém, Brian?

Agora, estou só de colete e cueca. Então, era de se pensar que a resposta seria óbvia.

— Eu? Deus, não.

— Ou apanhou...?

— Ah, uma ou duas vezes, sabe... De uns idiotas do jardim de infância e algumas brigas em pubs. Felizmente, sou faixa preta em me esconder debaixo da mesa.

Ela sorri, pega minhas roupas e desvia o olhar. Começa a sacudir e a dobrar tudo com todo o cuidado.

— Então, ele não machucou você? — pergunto.

— Quem?

— Spencer, na briga.

— Quando?

— Eu vi ele empurrar você contra a parede...

— Ah, não foi nada... Só um galo na cabeça. Por quê? Dá pra ver o hematoma? — ela se vira e reparte o cabelo na cabeça com uma das mãos. Eu fico atrás dela e afasto o cabelo para um lado sem prestar muita atenção, só respirando fundo. Alice cheira a vinho tinto e algodão limpo, pele quente e xampu, e sinto um desejo esmagador de beijar o alto da sua cabeça, a pequena área onde está o hematoma. Eu podia fazer isso. Podia me inclinar, dar um beijo e dizer “pronto, um beijinho para sarar!” ou algo assim, mas tenho um pouco de orgulho e, em vez disso, toco com cuidado o local avermelhado.

— Está sentindo alguma coisa? — ela pergunta.

Alice, você nem *imagina*...

— Só um pequeno hematoma. Nada demais.

— Tudo bem — diz, começando a pendurar minhas roupas no aquecedor. Ainda estou só de colete e cueca, e uma olhada rápida para baixo revela um volume suspeito. Então, visto logo a calça de ginástica e o velho suéter que ainda está com o cheiro dela.

— Eu tenho um pouco de uísque. Você quer?

— Claro que sim — respondo, depois sento na cama e observo enquanto ela lava duas xícaras de chá numa pia.

Na luz do abajur em cima da mesa, noto que a pele no alto de suas coxas é muito branca e tem umas covinhas, como massa de pão, e, quando ela se vira de lado, eu vejo, ou penso que vejo, um pequenino tufo de cabelo castanho-claro escapando pela parte de cima da calcinha, na pequena saliência macia do seu ventre.

— Então, o que você vai fazer a respeito?

Eu saio do transe.

— Em relação ao quê?

— Ao seu amigo Spencer.

E lá vai ela de novo: Spencer, Spencer, Spencer...

— Não sei... Conversar com ele amanhã, imagino.

— E por que você estava andando por aí debaixo de chuva?

— Eu só queria dar umas horas pra ele ir dormir. Vou voltar logo... — digo, fingindo um pequeno tremor.

Ela me entrega uma xícara com três dedos de uísque.

— Bem, mas você não pode voltar hoje. Vai ter que dormir aqui...

É a minha deixa para fingir alguma resistência.

— Ah, não, tudo bem, não tem problema, eu preciso voltar... — Na verdade, estou me sentindo bem quentinho agora, mas tento fazer meus dentes baterem, o que é muito mais difícil do que você imagina. Por isso, paro de forçar a barra e digo em voz baixa: — Vou tomar isso e sair.

— Brian, você não pode sair desse jeito, olha só os seus sapatos...! — Meus sapatos de camurça, arruinados, estão em cima do aquecedor como pãezinhos quentes, e dá para ouvir a chuva e o vento batendo com força na janela. — Eu me *recuso* a deixar você ir embora. Vai ter que dormir comigo essa noite. — A cama é de solteiro. É uma cama estreita. *Muito* estreita. Parece mais uma

prateleira.

— Ah, bem... Já que você insiste...

PERGUNTA: Descoberto acidentalmente pelo físico holandês Pieter van Musschenbroek em 1746, e também pelo inventor alemão Edwald Georg von Kleistem em 1745, a jarra de Leyden é um recipiente de vidro vedado usado para armazenar o quê?

RESPOSTA: Eletricidade estática.

Há certas coisas que a gente espera de um homem aos 19 anos. Por exemplo, supõe-se que, aos 19, eu já tivesse viajado de avião, dirigido uma motocicleta, um carro, marcado um gol ou conseguido fumar um cigarro. Aos 19, Mozart já tinha composto sinfonias e óperas, tocado para os reis e rainhas da Europa. Keats já havia escrito *Endymion*. Até Kate Bush já tinha gravado seus dois primeiros álbuns em estúdio, enquanto eu nunca experimentei milho-verde enlatado.

Mas devo dizer que não me importo muito com essas coisas, porque, essa noite, vou conseguir realizar uma grande façanha. Pela primeira vez na vida, vou passar a noite inteira na cama com alguém.

Aliás, seria bom reformular. No verão passado, dividi uma tenda com Spencer e Tone em Canvey Island, e foi bem aconchegante. Também dormi na mesma cama que minha mãe nas duas noites depois da morte do meu pai. E, na noite anterior ao funeral, dividi minha cama de solteiro com uma prima irlandesa, Tina, mas óbvio que essa última não conta, pois, deixando de lado as circunstâncias sombrias e o tabu do incesto, a prima Tina era, e continua a ser, uma pessoa extremamente violenta. Então, para deixar claro: nunca, na minha vida adulta, dividi uma cama durante uma noite inteira com alguém do sexo oposto que não fosse um parente próximo e/ou do qual eu não tivesse medo. Até agora.

Ficamos acordados por mais ou menos uma hora, tomando uísque, sentados na cama um ao lado do outro conversando e ouvindo *Tapestry* e o novo álbum do Everything But The Girl. Já que ia ficar ali pelo resto da noite, relaxei um pouco e começamos a nos divertir, nos divertir de verdade, lembrando a festa, a briga, a expressão de Patrick ao tentar se lembrar do nome do Spencer. Alice se sentou bem juntinho a mim, as pernas cruzadas na frente e a camiseta cobrindo a barriga em nome do decoro, mas, quando ela não estava percebendo, consegui dar uma olhadinha em suas coxas rosadas e macias e o comecinho de cada perna.

— A propósito... — diz Alice. — Tenho algo a contar.

— O quê? — pergunto.

Espero ouvir *Estou apaixonada pelo Spencer* ou coisa assim.

— São boas notícias... — continua, prolongando o momento.

— Vá em frente...

— Eu... sou... *Hedda Gabler!*

— Parabéns! Que notícia incrível!

Para ser honesto, torci secretamente para que ela não conseguisse o papel. Em parte porque isso significa que vai passar o tempo todo estudando, e em parte porque, como muitos atores, às vezes Alice consegue ser incrivelmente *chata* quando entra nesse assunto. Mas que nunca seja revelado meu enorme talento para a dissimulação.

— Isso é maravilhoso! A epônima Hedda! Você vai ser o máximo! Estou *tão* feliz! — Dou um abraço nela e beijo sua bochecha, pois, afinal de contas, não faz mal tirar um pouco de vantagem da coisa toda.

— Ei, você ainda vai participar do *Desafio Universitário*, não vai?

— Com certeza. Eu verifiquei. As datas não coincidem, mesmo que a gente passe para a segunda rodada...

— O que vai acontecer.

— O que vai acontecer...

Em seguida, conversamos durante mais uma hora sobre os muitos e variados desafios no decorrer do percurso de Hedda Gabler, o que não é fácil, porque, para ser honesto, não li o livro. Então, deixei minha mente passear e aproveitei a ocasião para passar um tempo olhando para ela, e a ouvi dizendo:

— ...e a melhor coisa é que Eilert Lövborg vai ser interpretado por Neil MacIntyre...

— Quem é Neil...?

— Lembra... Ele foi aquele Ricardo III incrível no último semestre...

— Ah, *ele!* — respondo, querendo dizer “Ah, aquele imbecil com o tamborim!”

Neil MacIntyre é o metido a ator que passou a maior parte do semestre passado mancando de muletas pelo bar dos estudantes para “entrar no personagem”. Senti vontade várias vezes de chutar a bengala, mas Alice está bastante entusiasmada com a experiência que ia ter e fica cada vez mais animada e passional, balançando as mãos pelo ar, mordendo os lábios e passando a mão na testa. Em suma, ela está repassando toda a performance, cena por cena. Por isso, tento ficar acordado descansando um pouco os olhos quando ela não estava notando e dando umas olhadas para a imagem desbotada do Snoopy na camiseta dela, na altura dos seios, levantando e descendo conforme a respiração, ou para a pele clara das coxas, tirando pequenas fotografias mentais.

Enfim, depois de Hedda jogar o manuscrito de seu amado Lövborg nas chamas e cometer suicídio fora do palco, Alice fala:

— Puxa, estou morrendo de vontade de fazer xixi — e sai pelo corredor em direção ao banheiro comunitário. Assim que ela sai, aproveito para, furtivamente, usar seu desodorante *roll-on* Cool Blue embaixo dos braços e ajustar o ângulo do despertador na mesinha de cabeceira, na esperança de impedir que ela visse que já eram três horas da manhã e começasse a ficar sonolenta. Porém, quando volta para o quarto, a primeira coisa que Alice faz é bocejar e dizer:

— Hora de dormir — e vai até a pia e começa a escovar os dentes.

— Você vai ter que usar minha escova, desculpe — comenta com a boca cheia de espuma. — Espero que não se importe.

— Não me importo, se você não se importa.

— Então, pode usar.

Pego a escova e a enxáguo embaixo da torneira, mas não muito, e ficamos lado a lado na pia enquanto eu escovo os dentes e ela tira a maquiagem com uma loção adstringente azul. Há um momento meio cômico em que eu cuspo — sem querer na sua mão quando ela vai pegar uma almofadinha de algodão do outro lado da pia. Nossos olhares se encontraram no espelho e Alice ri ao limpar minha espuma de menta do pulso. Penso haver algo de aconchegante e familiar no momento, como se estivéssemos nos preparando para dormir após receber nossos amigos mais próximos num maravilhoso e bem-sucedido jantar comemorativo, mas não digo nada disso em voz alta, pois, afinal, não sou um grande e completo cretino.

Tiro o suéter verde e a calça de moletom, tomando cuidado para não parecer muito provocante, sexualmente falando, e penso em ficar com as meias de escalada, pelo conforto. No entanto, não é um visual legal, cueca e meias. Por isso, tiro as meias e as coloco perto da cama, por via das dúvidas.

— Você quer ficar do lado da parede ou...? — pergunta ela.

— Tanto faz...

— Então, eu fico do lado da parede, tudo bem?

— Tudo bem...

— Você tem um copo de água?

— Tenho. — Ela entra debaixo da colcha de retalhos feita à mão, e eu vou atrás.

No começo, não nos tocamos muito, não de propósito, e nos acotovelamos um pouco ao percebermos o quanto a cama é pequena. Enfim nos ajustamos no que parece ser uma posição funcional, que envolve nos deitarmos dobrados em paralelo, como duas aspas, mas não ousa tocar nela, como se Alice fosse uma cerca elétrica. O que, de certo modo, é verdade.

— Confortável? — pergunta ela.

— Uh-hum.

— Furma fem, Brian.

O quê?

— “Furma fem”?

— É uma coisa que meu pai costumava dizer, em vez de durma bem.

— Furma fem você também, Alice.

— Você apaga a luz?

— Você não quer dizer apaga a “fiz”? — brinco, o que considerarei algo bem espirituoso de se inventar às 3h42 da manhã, porém ela não diz nada, não emite nenhum som, e, então, apago a luz. Por um momento, me pergunto se isso serve como um catalisador para perdermos as inibições e soltar nossos potentes anseios mútuos secretos, mas só deixo o quarto escuro. Deitamos exatamente como antes, em aspas, sem nos tocarmos, e logo fica claro que será impossível de aguentar ficar quieto e não tocar nela. Por isso, relaxo ligeiramente e minha coxa toca a curva da sua nádega esquerda, e ela não se encolhe nem dá uma cotovelada na minha, digamos, região pélvica; por isso, suponho que não haja problema.

Mas percebo que não sei bem o que fazer com os braços. O braço direito



embaixo do meu torso começa a formigar, e, então, me mexo e bato nos rins de Alice.

— Ai!

— Desculpe!

— Tudo bem...

Só que meus braços estão meio pendurados na minha frente, em ângulos esquisitos, feito uma marionete com os fios cortados, e tento me lembrar do que costume fazer com os braços quando estou sozinho na cama, o que, aliás, foi o caso no decorrer de toda a minha vida. Tento dobrar esses membros novos e esquisitos em cima do peito, o que também não parece muito certo, e Alice se mexe um pouco mais para perto da parede, arrastando o edredom com ela e deixando meu traseiro na beira da cama e uma corrente de ar invadindo minha cueca samba-canção. Tenho que decidir entre puxar a coberta de volta, o que pode parecer um pouco indelicado, ou arriscar chegar mais perto, que é o que faço, e fico encolhido e encostado nas costas dela, o que é maravilhoso, e acho, inclusive, que isso seja tecnicamente chamado de “dormir de conchinha”. Sinto o subir e descer da respiração dela e tento sincronizar com a minha, na esperança de que isso me ajudasse a adormecer, embora dormir pareça improvável, visto que meu coração está batendo muito, muito rápido.

Depois, o cabelo dela entra na minha boca. Tento afastar o chumaço contraindo toda uma variedade de músculos faciais, mas não parece funcionar; então afasto a cabeça o máximo possível, porém o cabelo continua lá, enfiando-se pelo meu nariz. Meus braços continuam dobrados em cima do peito, encostados nas costas de Alice, e preciso me curvar para trás para me libertar e afastar o cabelo, mas meu braço esquerdo fica para fora do edredom, frio, e não sei o que fazer com ele, e o braço direito começa a formigar, de câimbra ou devido a um infarto iminente, e o desodorante nas axilas está com um cheiro muito Cool and Blue, e minha samba-canção fica do lado de fora, mais uma vez sujeita à corrente de ar, meus pés estão gelados e começo a me perguntar se devia me esticar e pegar as meias ou...

— Você é bem inquieto, hein? — murmura Alice.

— Desculpe... Ainda não descobri o que fazer com os braços!

— Aqui... — e ela fez a coisa mais incrível do mundo. Pega meu braço e o puxa em volta de si, *debaixo* da camiseta, de modo que minha mão repousou na pele quente de sua barriga e acho que sinto a curva do seu seio encostando em mim.

— Melhor?

— Muito melhor.

— Com sono? — pergunta. É uma pergunta ridícula, considerando que ela está com seio direito roçando o meu pulso.

— Na verdade... Não.

— Eu também não. Conversa comigo.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa.

— OK. — E resolvo pegar o touro pelos chifres. — O que você achou do Spencer?

— Gostei dele.

— Você achou ele legal?

— Sim! Um pouco machão, um pouco arrogante... — explica, com um sotaque metido — ...meio caipira, mas achei superlegal. E ele gosta muito de você.

— Bom, não sei quanto a isso...

— Não, gosta sim. Você devia ter ouvido ele elogiando você.

— Achei que ele estava dando em cima de você...

— De jeito nenhum! Foi o *contrário* disso... — diz ela.

O que *isso* quer dizer?

— Como assim? — pergunto.

Ela hesita, vira um pouco a cabeça e explicou:

— Bem... parece que ele acha que você... tem uma quedinha por mim.

— Spencer disse *isso*? A você, hoje à noite?

— Disse.

Ai está. Ela sabe. Não sei o que dizer, nem para onde olhar. Por isso, rolo e fico de barriga para cima e solto um suspiro.

— Bom, obrigado, Spencer, muito obrigado...

— Ele não teve intenção de te prejudicar.

— O que mais ele disse?

— Bom, ele estava bem bêbado, mas disse que você é um cara muito legal e... Bem... as palavras exatas foram que você, às vezes, pode ser meio imbecil, mas que, na verdade, é leal e decente, que não tem muitos caras como você por aí, e que, se tivesse algum juízo, eu deveria... sair com você.

— Spencer disse *tudo isso*?

— Disse.

A imagem de Spencer embaixo do poste, na garoa, com a mão na testa, e eu me afastando, passa pela minha cabeça.

— No que você está pensando? — pergunta Alice, voltando a olhar para a parede.

— Hum... Não sei.

— Mas imagino que seja verdade, não é? Achei que poderia ser verdade.

— E tão óbvio assim?

— Bom, acho que já notei você olhando pra mim de vez em quando. E também teve aquele nosso jantar...

— Meu Deus! Eu tenho tanta vergonha daquele jantar...

— Não. Foi legal. Só que...

— O quê?

Ela fica em silêncio por um momento, depois respira fundo e aperta a minha mão, o tipo de gesto que se faz para avisar alguém que seu hamster morreu, e me preparo para o velho discurso do “vamos ser amigos”. Mas ela se vira e olha para mim, põe o cabelo atrás da orelha e quase vejo seu rosto na luz alaranjada do despertador.

— Não sei, Brian... Eu sou um mau negócio, sabe...

— Não é verdade...

— Sou, sim, é verdade. Todos os relacionamentos que tive terminaram com

alguém saindo magoado...

— Eu não me importo...

— Eu me importaria se fosse você. Quer dizer, você sabe como eu sou...

— Eu sei... Você me contou. Mas já falei: não me importo. Não é melhor tentar? Quer dizer, não seria melhor dar uma chance, ver como a gente se dá? Dependia só de você, claro, porque você pode não gostar de mim...

— Bom, claro que andei pensando a respeito. Mas não é você. Não tenho tempo para esse negócio de namoro, com o papel da Hedda, a equipe e tudo o mais. Dou muito valor à minha independência...

— Eu também dou valor à minha independência! — afirmo, embora seja uma mentira de proporções épicas, claro. O que se pode fazer com *independência*? O que é “independência”? “Independência” é ficar encarando o teto no meio da noite com as unhas cravadas nas palmas das mãos. “Independência” é perceber que a única pessoa com quem você falou o dia inteiro foi o cara da loja de bebidas. “Independência” é comer um sanduíche no Burger King num sábado à tarde. Quando se refere à “independência”, Alice fala de algo bem diferente. “Independência” é prerrogativa de pessoas muito confiantes, ocupadas, populares e atraentes que não sentem algo tão simples e banal como a “solidão”.

E não se engane: a pior coisa que existe é ser solitário. Conte para alguém que você tem problemas com bebida ou algum distúrbio alimentar, ou que seu pai morreu quando era pequeno, e quase dá para ver os olhos da pessoa se iluminarem com aquele drama absoluto e fascinante e demonstrarem compaixão, porque você tem um *problema*, algo com o que podem se envolver, conversar e analisar, talvez até curar. Mas, se você disser que é solitário, as pessoas *parecem* solidárias, mas, preste bem atenção, e verá a mão sorradeira passar por suas costas e pegar a maçaneta rumo a uma súbita retirada, como se a solidão em si fosse contagiosa. Porque ser solitário é muito banal, vergonhoso, comum, e simplesmente chato e feio.

Bem, fui solitário feito uma cobra minha vida toda e estou cansado disso. Quero ser parte de um time, de uma parceria; quero sentir o murmúrio de admiração, de inveja e alívio, quando entrarmos juntos numa sala e todos disserem “graças a *Deus* nós agora estamos bem, porque *eles* estão aqui”. Mas também seria bom sermos um pouco assustadores, meio intimidadores, afiados como uma navalha — Dick e Nicole Diver em *Suave é a noite*, glamorosos e sexualmente atraídos um pelo outro, feito Burton e Taylor, ou como Arthur Miller e Marilyn Monroe, porém estáveis e sensatos e constantes, sem os surtos psicológicos, a infidelidade e o divórcio. Claro que não posso dizer nada disso em voz alta, pois nada nesse momento poderia assustar mais Alice, a não ser talvez tirar um machado do nada, e nem posso usar a palavra “solitário”, pois isso tende a deixar as pessoas desconfortáveis. Então é isso que eu deveria dizer? Respiro fundo, suspiro, ponho a mão na cabeça e falo, enfim:

— Tudo o que sei é que acho você absolutamente maravilhosa, Alice, e claro que muito bonita, não que isso importe, e que adoro estar com você, passar tempo com você, e acho que, bem... acho que nós deveríamos... — e, então, há uma pausa, e aí eu beijo Alice Harbinson.

E nós estamos nos beijando, *mesmo*, nos beijando na *boca* e tudo o mais. No começo, seus lábios estavam quentes, mas secos e um pouquinho rachados, e sinto um pedaço de pele rígida e morta no seu lábio inferior, que considero arrancar com os dentes, mas penso que talvez seja audacioso demais dar uma mordida logo no comecinho do beijo. Talvez eu pudesse tirar com o beijo. Será que dá? Dá para tirar pele morta com o beijo? O que seria preciso fazer? Estava prestes a tentar quando Alice afasta a cabeça, e, quando acho que talvez tenha estragado tudo, ela sorri, leva a mão à boca, arranca a pele morta do lábio, deixando-o cair ao lado da cama. Depois, limpa os lábios com as costas da mão, olha para conferir se não tem sangue, passa a língua por eles e nos beijamos de novo, e é o paraíso.

Quando se trata de beijos, obviamente não sou nenhum especialista, mas tenho certeza de que esse foi um beijo *bom*. Bem diferente da experiência com Rebecca Epstein. Rebecca é uma ótima pessoa, muito divertida e tudo o mais, mas seu beijo é meio áspero. A boca de Alice não tem aspereza nenhuma, só maciez e calor, e, apesar do leve bafo quente e mentolado, que deve ser meu, eu estava no paraíso, ou estaria, se, de repente, não percebesse que não sabia o que fazer com a minha língua, que resolveu ficar densa e carnuda, como se fosse embalada a vácuo. *Será que uma língua ficaria bem aqui?*, me pergunto. E a resposta vem com a língua dela tocando meus dentes com leveza, depois pegando uma das minhas mãos e pondo em cima do Snoopy deitado na casinha na camiseta, em seguida por dentro da camiseta, e, depois disso, confesso que tudo ficou meio turvo.

PERGUNTA: Qual era o nome mais conhecido do filho do rabino húngaro Eric Weisz, famoso pelos seus feitos de escapismo e desaparecimento?

REPOSTA: Harry Houdini.

Na manhã seguinte, nos beijamos um pouco mais, mas com um impulso erótico menos ardente do que na noite anterior, já que estamos à luz do dia e ela pode ver com o que está lidando. Além do mais, Alice tem Oficina de Máscaras às 9h15. Por isso, pouco depois das 8h estou com meus sapatos enlameados nas mãos rumo à porta.

— Tem certeza de que não quer que eu acompanhe você?

— Não, não, tudo bem...

— Certeza?

— Preciso arrumar meu material, tomar um banho, essas coisas...

Eu me sentiria muito *feliz* em ficar para ver isso, e, de certo modo, acho até que mereço, mas é um banheiro comunitário, o que, obviamente, torna as coisas difíceis. Além do mais, tenho de me lembrar: “seja distante, dê uma de desinteressado”...

— Bem, obrigado por me *abrigar* — digo, tentando ser um pouco insolente, mas sem sucesso, e me abaixando para lhe dar um beijo. Ela se afasta um pouco rápido demais, e, por um momento, me pergunto se deveria me sentir ofendido, porém ela logo dá uma explicação perfeitamente racional:

— Desculpe, mau hálito!

— De maneira alguma — garanto, apesar de o hálito dela estar mesmo muito, muito ruim. Mas não me incomoda. Ela podia estar soltando fogo pela boca que eu não iria me importar.

— Você podia estar soltando fogo pela boca que eu não iria me importar.

Ela emite um som “hummm” de ceticismo e revira os olhos de um modo encantador.

— Acho melhor ir antes que alguém veja você. E você... Brian...

— Sim?

— Não é pra contar para ninguém... Promete?

— Claro!

— Nosso segredo...?

— Com certeza.

— Completamente?

— Prometo.

— OK. Pronto? — Ela abre a porta e espia o corredor para conferir se a barra estava limpa, depois me dá um empurrãozinho carinhoso, como se fosse um paraquedista que não quer saltar do avião, e me viro bem a tempo de ver seu lindo rosto desaparecendo atrás da porta, sorrindo, tenho certeza.

Sento-me no aquecedor do corredor e bato meus sapatos arruinados um no outro, jogando lama por todo o piso.

\* \* \*

Flutuo até chegar em casa. Não como nada além de batatinhas e amendoim nas últimas 24 horas e estou morto de fome, e consegui estirar um músculo do peçoço enquanto beijava Alice, o que devia ser uma coisa boa. Também estou com aquela sensação de tontura, vazio e embriaguez que a gente sente quando fica acordado a noite toda, basicamente funcionando à base de adrenalina, triunfo e saliva de outra pessoa. Paro na lanchonete e pego uma lata de Fanta, uma barrinha de Mars e uma caixa de balas de menta para o café da manhã e começo a me sentir melhor.

Era uma bela e fria manhã de inverno, e uma multidão de crianças segurava a mão dos pais a caminho da escola. Parado, comendo minhas balas no cruzamento de pedestres, vejo uma garotinha ao meu lado me olhando com curiosidade, observando meus sapatos e a calça, ainda cobertos de lama, como se eu tivesse mergulhado em leite com chocolate. Imagino que isso devia lembrar a gravura de algum livro infantil. Então, sorrio para a garotinha, me abaixe e digo numa voz bem J. D. Salinger:

— Eu dei um mergulho em leite com chocolate!

Mas alguma coisa acontece com as palavras entre meu cérebro e a boca, e, de repente, isso soa como a coisa mais estranha e assustadora que alguém já falou a uma criança. A mãe dela também parece ter essa impressão, pois me olha com uma carranca como se eu fosse O Sequestrador de Crianças, pega a filha e atravessa a rua antes mesmo de o sinal abrir. Deixo para lá, pois decidi que nada estragaria essa manhã. Quero manter aquela sensação de júbilo inebriado pelo maior tempo possível, mas há alguma coisa me incomodando, uma coisa da qual não consigo me livrar.

Spencer. O que dizer a Spencer? Pedir desculpas, talvez. Mas nada muito solene, não faria nenhum estardalhaço, só meio que dizer “ei, desculpe por ontem à noite, acho que as coisas saíram um pouco do controle, cara”, e daí vamos rir e esquecer. E contaria como Alice e eu fizemos amor, exceto que não usaria esse termo, diria que “transamos” e as coisas voltariam ao normal. Claro que seria melhor se ele fosse embora ainda aquele dia, mas vou fazer um esforço, matar umas aulas, acertar as coisas e vou com ele até a estação do trem.

Mas, quando cheguei a Richmond House, ele não estava lá. O quarto está exatamente como o deixamos na tarde anterior — o estrado da cama, a bagunça de cobertores e toalhas frias e úmidas, o cheiro de amônia da cerveja caseira e do gás. Cheguei a me perguntar se teria deixado alguma coisa ali, mas aí me lembrei de que ele não tinha trazido nada. Só uma sacola plástica com um *Daily Mirror* de três dias atrás e um pastelão de carne rançoso, que ainda estava ao lado da minha mesa, onde ele deixou. Angustiado, peguei a sacola plástica e fui em direção à cozinha, na qual Josh e Marcus estavam comendo ovos *poché* e

verificando a cotação das suas ações no *The Times*.

— Algum de vocês viu o Spencer ontem à noite?

— Não, não vi — respondeu Josh.

— Ele não estava com você? — resmungou Marcus.

— Não, nós nos separamos na festa. Achei que ele fosse voltar sozinho.

— Por quê? E onde *você* esteve, então, seu andarilho encardido? — perguntou Josh, com malícia.

— Passei a noite no alojamento de uma amiga. Minha amiga Alice — expliquei, antes de me lembrar de que não era para contar a ninguém.

— Queeeeeeeeeeeem? — os dois perguntaram, em uníssono

— Bom, sabem como. É tudo uma questão de ter charme! — esclareci.

Coloquei as coisas do Spencer na lixeira e saí. Eu não tenho “charme”, claro, nunca tive “charme”, nunca vou ter “charme”, nem sei bem o que é “charme”, mas não há razão para não deixar as pessoas achando que tenho “charme”, mesmo que seja só por um tempinho.

## Quarta Rodada

Rosemary levantou, inclinou-se e disse a ele a coisa mais sincera:

— Ah, nós somos grandes atores: eu e você.

F. Scott Fitzgerald, *Suave é a noite*



PERGUNTA: Em um artigo de 1926, publicado pela revista *Lef* do poeta Maiakóvsky, Sergei Eisenstein propõe um novo tipo de cinema baseado menos no desdobramento estático, lógico e linear das ações, e mais numa justaposição estilizada de imagens. Qual é o nome desse novo estilo cinematográfico de Eisenstein?

RESPOSTA: Montagem de atrações.

Existe convenção genérica, bastante reconhecível numa corrente de filmes americanos, na qual o herói e a heroína se apaixonam um pelo outro durante uma sequência prolongada de montagens sem falas, invariavelmente enfatizada por uma esplendorosa balada orquestrada, em geral com um solo de sax. Não entendo bem por que se apaixonar tem de ser uma coisa sem palavras, talvez porque dividir os pensamentos, segredos e desejos mais íntimos seja meio desgastante para quem não está diretamente envolvido. Mas, de qualquer modo, essa sequência ilustra todas as coisas divertidas que jovens casais devem fazer, como comer pipoca no cinema, andar de cavalinho nas costas um do outro, trocar beijos no banco de um parque, experimentar chapéus engraçados, beber taças de vinho numa banheira com vapor, cair em piscinas, andar para casa de braços dados à noite apontando as diferentes constelações etc.

Bem, na semana que passou, não aconteceu nada disso comigo e com Alice. Na verdade, nem cheguei a saber dela, mas está tudo bem, pois meu novo lema é “Distante e descolado” e estou tomando muito cuidado para não infringir sua preciosa independência, ainda mais porque ela anda tão ocupada com *Hedda Gabler*. E não me importo mesmo de não saber dela. Na verdade, só telefonei para Alice o quê? Umas cinco ou seis vezes a semana toda, mas não deixei nenhuma mensagem. Então, o legal é que Alice não sabe que liguei para ela! Admito que houve um momento meio perigoso quando Rebecca Epstein atendeu ao telefone e tive de mudar a voz no meio da ligação, mas acho que me saí bem.

Por enquanto, tenho me distraído ouvindo a obra do meio de carreira de Kate Bush e despejando todos os meus sentimentos num poema de amor em que venho trabalhando para o Dia dos Namorados, dali a três dias, apenas um antes do Desafio. Claro que sei que o Dia dos Namorados não é nada mais que uma exploração cínica de marketing, mas houve uma época em que o Dia dos Namorados foi algo importante para mim, com essa coisa toda de enviar grandes cartas pelo correio. Agora, estou bem mais velho e com mais discernimento emocional. Por isso, é só um cartão para minha mãe e outro para Alice e paro por aí. A coisa “Distante e descolada” a fazer com Alice seria, é claro, não mandar cartão nenhum, mas não queria que ela pensasse que não estava mais a fim dela, ou, pior, que o que aconteceu entre nós foi só sexo.

Quanto ao poema, estava indo bem, mas me senti incapaz de decidir a respeito da forma apropriada de verso, e experimentei algo como uns sonetos de

Petrarca, uns sonetos elisabetanos, uns dísticos com rima, alexandrinos, haicais e versos brancos, e talvez acabe escrevendo um poema humorístico de cinco versos.

Alice/Palácio/Cálice/Falo/Malícia...

\* \* \*

Enfim, parece que o nariz de Patrick não está quebrado. Não que não esteja vermelho, inchado ou deformado, mas, sem dúvida, tirou aquele *algo a mais* da beleza do homem por um tempo. Há também uma cicatriz na bochecha, bem apropriada, que, para mim, parece maneira, coisa de cara durão, porém não digo isso a ele.

— Isso dói? — pergunto.

— O que você *acha*? — responde ele, carrancudo.

— Um pouco...

— Bom, dói. Dói *pra cacete*, para dizer a verdade — e, para provar o que está dizendo, ele encosta no machucado e se contrai dramaticamente. Estávamos na sua cozinha, organizada ao estilo militar, fazendo chá antes que o resto da equipe chegue para nosso último ensaio antes da aparição na televisão. — Você percebe que ainda vou estar assim semana que vem? Quando estivermos na *televisão*? Na frente de *milhões* de pessoas?

— Não *tantos* milhões assim, Patrick. De qualquer modo, com certeza eles vão conseguir disfarçar, com maquiagem ou coisa do tipo.

— Bom, espero que sim, Brian, porque a minha família inteira vai estar naquele estúdio, e não quero ter de explicar que um *skinhead* suburbano agressivo fez isso só porque não concordava com as minhas opiniões políticas.

— Mas esse não foi o único motivo, foi?

— O motivo foi ele ser um animal selvagem que nunca deveria ter sido solto da coleira. Ele tem é muita sorte de eu resolver não abrir um processo.

— Não adiantaria. Ele não tem grana nenhuma.

— Não me surpreende. Não me surpreende que ele não consiga arrumar um emprego decente...

— Na verdade, ele é muito inteli...

— ...se comportando desse jeito, não.

— Bem, você estava sendo um pouco...

— Um pouco o quê?

Penso numa resposta — esnobe, ignorante, ofensivo, rude, condescendente —, no entanto decido não falar nada, pois, afinal, meu melhor amigo deu mesmo uma surra nele. Por isso, prefiro mudar de assunto.

— De qualquer maneira, trouxe isso para você, uma oferta de paz, para pedir desculpas em nome do Spencer... — e entrego o presente, um tablete imenso de chocolate Cadbury com frutas e nozes que sobrou dos presentes de Natal da vovó Jackson. Isso me faz sentir meio sem princípios, porque é claro que Spencer nunca, jamais sonharia em pedir desculpas e, por um momento, cogito bater o tablete de chocolate de frutas e nozes com força naquele arrogante nariz de

direita de Patrick, imaginando o barulho que faria, aquele estalo alto e prazeroso, mas me limito a entregar o chocolate em suas mãos, pois, afinal, somos uma equipe. Patrick murmura um curto e grosso  *muito obrigado* e guarda o chocolate na prateleira mais alta do armário da parede, para não ter que dividir com ninguém.

A campainha toca.

— Brian, se for a Lucy, você tem que pedir desculpas. Acho que ela ficou um pouco abalada com a coisa toda, pra ser sincero. — Corro para o andar de baixo e abro a porta para Lucy e seu panda.

— Olá, Brian! — cumprimenta ela, animada.

— Lucy, eu queria dizer que sinto muito, muito mesmo pela briga no outro dia...

— Ah, está tudo bem. Eu ia ligar para você naquela semana para ver se...

ALICE! Alice aparece atrás de Lucy.

— E aí, Alice!?

— Oi, Brian — responde ela, com um sorriso imperceptível, pois, no fim das contas, nós temos um segredo.

O resto da reunião se passa de maneira tranquila. Não há notícias de quem serão nossos competidores, porque gostam de manter o segredo até o dia anterior à gravação, porém Patrick pede para não desistirmos se for a Oxbridge ou a Open University, que, segundo ele, são superestimadas. Depois, há um bando de questões práticas, como o aluguel do micro-ônibus da equipe de hóquei e os cartazes que precisam ser afixados no Grêmio Estudantil para a divulgação do evento para qualquer um que queira ir conosco dar apoio. Um dos amigos grandalhões de direita do Patrick, do instituto de economia, ofereceu-se para dirigir o micro-ônibus dos torcedores até Manchester, desde que houvesse um número suficiente de interessados.

— Então, se houver alguém que você queira que vá conosco, peça para preencher o formulário no Grêmio.

Alice ficou de convidar o elenco de *Hedda Gabler*, e Lucy tinha uns amigos da medicina, mas a única pessoa que consegui pensar em chamar foi Rebecca. Nem sei se ela acabaria nos vaiando ou torcendo para a outra equipe, mas resolvi, pelo menos, dar a escolha.

— Agora... — continuou Patrick, consultando suas anotações impressas — ... o último item na agenda. Precisamos escolher uma mascote para o time!

Não tenho nada que pudesse ser considerado como mascote, e Patrick não tem nada remotamente macio ou divertido. Então, ficamos entre Eddie, o velho ursinho de Alice, e a caveira do esqueleto de anatomia de Lucy, que, muito espiritualmente, Alice sugere que seja enrolado num cachecol e batizado de Yorick

Ficamos com o Eddie.

Depois de terminarmos, tenho de correr rua abaixo para alcançar Alice, que precisava ir direto para os ensaios.

— Então, o que você vai fazer aman...

— Ensaio...

— Mas e durante o dia?

— Preciso entregar uma redação...

— Que tal um cinema?

— Cinema? — Ela para no meio da rua, olha dos dois lados para ver se alguém estava nos observando e responde: — OK. Cinema.

Combinamos os detalhes e vou para casa num salto, com a intenção de mandar ver naquele poema.

\* \* \*

Na tarde seguinte, ela deixa de fazer a redação para ficar comigo, e vamos ao cinema juntos. Cinema não é o ideal, claro, pois as oportunidades para conversar, ou mesmo só para olhar para ela, são limitadas. Além disso, Alice quer ver *De volta para o futuro*, no Odeon, insistindo que vai ser “engraçado, meio divertido”, mas eu tenho em mente algo mais intelectual. Então, em vez de ir ao Odeon vamos à matinê dupla das terças-feiras de filmes mudos no Art Cinema. A surpreendente obra-prima surrealista de 1928 de Dalí e Buñuel, *Um cão andaluz*, e o magistral e polêmico filme soviético *O encouraçado Potemkin*, de Eisenstein.

Comparamos um monte de doces no jornaleiro antes, pois, como se sabe, os preços dos doces no cinema são absurdos, e depois nos sentamos nas cadeiras da fileira do centro. Apenas seis pessoas estão na plateia, contando nós dois. As luzes se apagam, e o clima de desejo sexual reprimido que passa por nós como uma leve corrente elétrica é quase tangível, assim como o cheiro de cigarros úmidos e suco de frutas, e o frio, e o vago sensação de infestação. O primeiro filme é *Um cão andaluz*. Na assustadora sequência envolvendo a incisão em um olho e a decomposição de um jumento em cima do piano, Alice se inclina para a frente e tapa os olhos com as mãos e eu, muito piegas, coloco o braço sobre o encosto de sua cadeira, como que a protegendo da percepção grotesca de Dalí e Buñuel do funcionamento do subconsciente.

Então, as luzes se acendem e há um breve intervalo no qual comemos um saco enorme de amendoins cobertos de chocolate, tomamos Lilt e discutimos sobre o surrealismo e sua relação com o inconsciente. Alice não é grande fã da coisa.

— Isso não mexe comigo. É muito feio e alienante. Não me comove nem me envolve emocionalmente. Só isso...

— Mas *não* é para se engajar ou se envolver emocionalmente, não de maneira convencional. Surrealismo é para ser estranho e enervante. Eu acho que mexe *muito*, só que as emoções, às vezes, são de angústia e nojo... — A ironia é que o que eu quero mesmo é que Alice se engaje e se envolva de uma maneira convencional, e que *não* sinta emoções como angústia e nojo.

Então, as luzes se apagam e as coisas melhoram quando começa *O encouraçado Potemkin*. Fico olhando de soslaio durante a famosa sequência nas escadarias de Odessa até ela me dar um sorriso, e, naquele momento, me inclino para lhe dar um beijo. E, graças a Deus, ela retribui por bastante tempo, para falar a verdade, e é o máximo. Há um leve contraste de sabores cítricos e leitosos, pois Alice já estava nas balas de goma e eu continuava nos amendoins

com chocolate, e não posso mandar ver de verdade porque estou com um pedaço de amendoim grudado no molar e não quero que o amasso fique muito acalorado, para não acontecer um acidente. Afinal, não precisava ter me preocupado, pois ela logo se afasta e sussurra:

— Acho melhor assistirmos ao filme. Quero saber o que acontece com os marinheiros! — e voltamos a *O encouraçado Potemkin*.

Já está escuro quando saímos do cinema, e me sinto um pouco nauseado por conta de tantos doces e beijos, mas ela pega no meu braço e andamos pelo centro da cidade, conversando sobre Eisenstein com ares revolucionários.

— Ele é mesmo o pai da técnica moderna de narrativa cinematográfica — comento, e, quando, enfim, não tenho mais nenhum tipo de baboseira monótona para tagarelar, pergunto:

— Café e biscoitos de aveia? Ou vamos ao pub? Ou para minha casa? Ou para a sua?

— Melhor não. Eu tenho uns diálogos pra decorar.

— Posso tomar sua lição — sugiro, embora algo me diga que já estou forçando a barra.

— Na verdade, prefiro fazer isso sozinha — responde Alice, e percebo, consternado, que estamos voltando aos alojamentos e que esse é o fim do nosso encontro romântico por enquanto.

Então, na rotatória, pouco depois da estação de ônibus da National Express, vejo algo que me dá uma ideia.

— Vem comigo um segundo...

— Para quê?

— Tive uma ideia. Vai ser divertido, prometo. — Muito sutilmente, aperto mais firmemente seu braço, para que ela não fuja, entramos na névoa de diesel cinzenta da estação de ônibus e chegamos à cabine de fotos instantâneas.

— O que estamos fazendo?

— Pensei em tirarmos uma foto — explico, procurando alguns trocados no bolso.

— De nós dois?

— É.

— Com que finalidade? — questiona ela, afastando-se um pouco. Aperto mais o braço de Alice.

— Só um *souvenir* — respondo, mas aquela não é a palavra certa. *Souvenir*, substantivo, do verbo francês *souvenir*, lembrar-se. — Vamos lá... Vai ser engraçado!

— Não mesmo! — responde ela, e me pergunto como colocar Alice ali dentro sem um lenço com clorofórmio.

— Ah, vamos...

— Não!

— Por que não?

— Porque eu estou *horrível!* — responde, quando é óbvio que o que ela quer mesmo dizer é “*Você está horrível...*”.

— Que bobagem! Você está ótima... Vamos... Vai ser divertido! — digo, puxando-a pela mão, na estação. *Vai ser divertido, vai ser divertido, vai ser*

*divertido*... Puxo as cortinas laranja de náilon impregnadas de diesel e nicotina e me espremo dentro da cabine e começamos a ajustar a altura do banco e decidir como vamos nos sentar. Alice acaba se empoleirando no meu joelho, mas depois precisa se levantar para que eu tire um monte de chaves e trocados dos bolsos antes de ela se aninhar outra vez no meu colo, agora com as pernas em cima das minhas e enlaçando meu pescoço com os braços. Enfim, ela está cooperando, e parece que isso pode mesmo acabar sendo divertido afinal; então, me inclino para a frente e coloco as moedas na fenda.

A câmera dispara o primeiro *flash* quando estou tirando uma mecha de cabelo solto da frente dos olhos.

Para a segunda foto, tiro os óculos e chupo minhas bochechas, fazendo biquinho, como um modelo masculino, porque parece engraçado.

Para a terceira foto, tento uma risada leve e relaxada, com a cabeça pendendo para trás e a boca aberta.

E, na foto número quatro, beijo Alice na bochecha.

Parece que se passam várias horas enquanto esperamos as fotos saírem da máquina. Ficamos na estação de ônibus em silêncio, inalando a fumaça do óleo diesel e escutando o sistema de alto-falantes. O ônibus das 17h45 para Durham está prestes a sair.

— Você conhece Durham? — perguntei.

— Não — respondeu Alice. — E você?

— Não. Mas gostaria. Parece que tem uma catedral muito bonita. — O ônibus passa com um ruído surdo, o escapamento arrotando. Penso em me jogar debaixo das rodas. Finalmente, com um zumbido e um clique, a máquina cospe as fotos, grudentas com o fluido de revelação e cheirando a amônia.

Algumas tribos primitivas acreditavam que ser fotografado era ter um pedaço da alma roubado, e, vendo a tira de fotos, é difícil não pensar que talvez tivessem razão. Na primeira, a minha mão e o meu cabelo estão cobrindo a maior parte do meu rosto, e a única coisa que dá para ver com clareza é a acne em volta dos cantos da minha boca e uma língua gorda e salpicada, pendendo para fora de modo obsceno, como se eu tivesse acabado de levar um soco. A foto número dois, a “foto engraçada de modelo masculino”, talvez seja a coisa mais grotesca e não engraçada já vista, com o efeito reforçado por um dos olhos de Alice se revirando, só um. A foto número três, com o título de “risada”, está horrível, clara e iluminada demais, destacando minhas fossas nasais, com um emaranhado de pelos que parecem chegar ao centro do meu crânio, e, logo abaixo, estão visíveis as nervuras cor-de-rosa do meu palato, as obturações e até a epiglote. Por fim, na foto número quatro, estou beijando Alice com a boca rachada e contraída enquanto ela se retrai, de olhos bem fechados.

Essa é para levar na carteira.

— Minha nossa! — comento.

— Ficaram ótimas — responde Alice, num tom monótono.

— Quais você vai querer?

— Ah, acho que estou bem. Pode ficar com elas, como um *souvenir* — e lá está a palavra de novo — *souvenir*, substantivo, do verbo em francês *souvenir*, lembrar-se. — Desculpe, Bri, eu preciso correr. — E é o que ela faz. Sai

correndo.

\* \* \*

Naquela mesma noite, estou em casa dando os últimos retoques no poema e olhando para a tira de fotografias presas com fita adesiva na parede ao lado da mesa — eu beijando Alice e ela se contraindo —, quando cai a ficha que nosso “dia de passeio e diversão” foi apenas um sucesso parcial. Claro que eu devia deixar isso de lado, mas me preocupo com a possibilidade de não conseguir dormir e não falar com ela mais uma vez. Por isso, visto meu casaco e vou ao bar dos estudantes, na esperança de esbarrar acidentalmente com ela depois dos ensaios.

Claro que ela não estava lá. Quando chego, a única pessoa que reconheço é Rebecca Epstein, cercada pela sua panelinha de *malditosativistaszangados*. Ela parece bem feliz em me ver e faz com que os companheiros redistribuam o espaço no banco para que eu me esprema ao seu lado. A mesa está coberta de copos vazios; Rebecca ficou alternando entre cerveja e uísque a noite toda, e parece bem embriagada.

— Você já assistiu a *O encouraçado Potemkin*? — pergunto, prestando atenção para ver se Alice chega.

— Acho que não. Por quê? Eu deveria?

— Com certeza. É maravilhoso. Está passando no Art Cinema essa semana toda.

— OK, então vamos juntos. Que tal? Mato as aulas de amanhã à tarde...

— Na verdade, fui ver hoje à tarde.

— Sozinho?

— Não. Com Alice, na verdade — explico, o mais casualmente que consigo. Mas Rebecca consegue ver esse tipo de coisa a um quilômetro de distância, e parte para cima:

— Bem, vocês dois andam muito amigos no momento, não é? Tem alguma coisa que eu deva saber?

— Só temos passado um tempinho juntos. Só isso.

— É mesmo? — questiona Rebecca, cética. Começa a pegar outro cigarro, mesmo tendo um ainda grudado nos lábios, e é como ver alguém carregando um revólver.

— É... mes... — (lambe o papel) — ...mo? Bom, Jackson, você sabe mesmo como entreter uma garota, né? Uma obra-prima da propaganda soviética à tarde, depois quem sabe um coquetel de camarão, meia porção de frango com molho *barbecue* e duas canecas de Lambrusco Bianco no Luigi. É mesmo uma vida boa. Só espero que, depois de um dia mágico como esse, você ao menos tenha conseguido passar a mão nos peitos dela...

A coisa esperta a se fazer seria, claro, não morder a isca.

— Na verdade, estamos meio que saindo juntos.

Rebecca ergue as sobrancelhas e sorri para si mesma. Acende o cigarro antes de falar de novo.

— Ah, é? — pergunta baixinho, tirando o tabaco dos lábios. — Então, por que eu nunca vejo vocês juntos nos corredores do alojamento?

— Estamos sendo discretos. Indo devagar — respondo, nada convincente.

— Certo, certo. Então, foi você quem ligou na semana passada para falar com ela?

— Não!

— Tem certeza?

— Sim!

— Porque parecia muito com você...

— ...Bom...

— ...Fazendo uma voz engraçada...

— ...Bom, não era eu...

— Você já *transou* com ela? — rosna Rebecca, o cigarro pendendo da boca contorcida.

— *O quê?*

— Vocês já tiveram um *intercurso sexual*? Sabe como é... trepar, coito, papai e mamãe. Vamos lá, você já deve ouvido falar sobre isso. Afinal, está indo para o *Desafio Universitário*... O que você vai responder se fizerem essa pergunta? “Jackson, de Southend, cursando literatura inglesa, o que é exatamente um *intercurso sexual*?” “Hummmmmmm... Posso debater com o resto da equipe, Bamber? Alice, o que é *intercurso sex*...?”

— Eu *sei* o que é, Rebecca...

— Então? E você já experimentou ou está se guardando para o dia do casamento? Ou talvez esteja preocupado com seu histórico sexual. Afinal, todo cuidado é pouco hoje em dia. Só que, pelo que me lembro, na verdade você não tem um histórico sexual...

E, antes de perceber o que estou falando, digo:

— Como se o *seu* pudesse ser descrito numa carta pra família, né, Rebecca?

Ela tira o cigarro da boca, apoia a mão na quina da mesa e ficou em silêncio por um instante.

— Bom argumento, Jackson. Bom argumento. — Toma o último gole de cerveja da caneca e se contrai. — *Touché*, Jackson! — e ficamos em silêncio.

— Eu não quis...

— ...não, está tudo bem...

— ...não estava me referindo a...

— Não, eu sei que não estava.

Decido ir embora.

— Então, você vai na gravação? — pergunto, vestindo o casaco.

— Que gravação?

— Do *Desafio Univ*...

— Quando vai ser?

— Depois de amanhã.

— Não posso. Tenho orientação. Então...

— ...tem uma lista no quadro de avisos do segundo andar, se...

— ...eu sei...

— ...é só assinar o nome, se...



- ...vou ver...
- ...eu gostaria muito que você fosse...
- Por quê?
- ...só gostaria muito. Vejo você lá, sim?
- É... Bom... Talvez...

\* \* \*

Passo pelo alojamento de Alice, na esperança de um encontro casual, e deixo meu cartão do Dia dos Namorados. Minha mão paira junto à caixa de correio por um momento, então respiro fundo e solto. Depois, enrolo um pouco, fingindo ler o quadro de avisos, no caso de ela voltar. Mas não quero encontrar Rebecca de novo; por isso, voltei logo para casa e chego no momento em que Josh estava fixando um bilhete na minha porta.

— Ah, chegou o garanhão! Mensagem para você. De alguém chamado... — *Alice, talvez?* — ... de alguém chamado... Tone. Disse que é para você ligar urgente.

— Sério? — pergunto. Que diabo Tone pode querer? Talvez vindo passar um tempo também. Não posso receber Tone logo no Dia dos Namorados, com o programa e tudo o mais. Olho para o relógio. Onze e meia. Vou até o telefone no corredor.

— E aí, Tone!? — cumprimento, animado.

— Tudo bem, Bri...

— Não acordei você, acordei? É que me deram um recado para ligar.

— É, isso mesmo...

— Você está vindo passar um tempo aqui, Tone? Porque, se está, não é o melhor momento...

— Eu não estou indo aí, Bri. Na verdade, estava querendo saber quando você vem pra cá.

— Bem... Não até a Páscoa, acho.

— Não, quero dizer, para ver o Spencer.

— Por quê? O que tem o Spencer?

— Você não soube?

Aperto o telefone no ouvido e me apoio na parede.

— Soube o quê?

Tone solta um suspiro profundo no outro lado da linha e diz:

— Aconteceu um pequeno acidente.

PERGUNTA: No casamento de quem “*Os bolos fúnebres serviram para os frios do esposório*”?

RESPOSTA: No casamento de Gertrude e Claudius, em *Hamlet*.

Chego a Southend bem cedo na manhã do Dia dos Namorados, antes de o correio passar, e estou à *maisonette* na Archer Road por volta do meio-dia. Estou desesperado para urinar desde a Fenchurch Street, mas os banheiros no trem estavam bloqueados. Então, esperei e meus rins ficaram latejando de dor. Subo as escadas correndo, entro no banheiro e grito...

— MEU DEUS!

Tem um homem na banheira, passando xampu nos cabelos. Ele também começa a gritar...

— QUE DIABO...!

Aí, vejo minha mãe saindo do quarto, fechando a camisola, e, por cima dos ombros dela, avisto a cama toda bagunçada, uma cueca vermelha e branca pendurada na cabeceira, a calça do homem largada no chão e a garrafa de vinho espumante...

— BRIAN, O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?! — grita ela.

Viro-me de costas, porque ela ainda não fechou bem a camisola e vejo o homem na banheira se levantando, tirando o xampu dos olhos com uma das mãos e pegando uma toalha de rosto com a outra, que usou para cobrir a região genital.

— Que diabo está acontecendo? — pergunto.

— Eu estou tentando tomar uma droga de um banho! — vocifera tio Des.

— Espere lá embaixo! — rosna minha mãe.

— Preciso usar o banheiro! — explico, o que é verdade, além de urgente.

— BRIAN, ESPERE LÁ EMBAIXO! — grita ela, segurando a camisola fechada e apontando a escada. Não a ouço gritar desse jeito desde que eu era criança, e, de repente, me sinto como uma criança, pois desço os degraus, destranco a porta dos fundos e faço xixi num canto do jardim.

Estou na cozinha esperando a chaleira ferver quando escuto tio Des e minha mãe descendo a escada de fininho e, depois, sussurrando coisas no corredor, como dois adolescentes. Acho que chego a ouvir um “te ligo mais tarde” e um beijo, o som da minha mãe beijando tio Des. Daí, a porta da frente se fecha e escuto um fósforo sendo riscado, o som da minha mãe tragando e soltando o ar devagar, e, então, ela está atrás de mim, vestida com casaco de moletom azul berrante, dando tragadas profundas num cigarro e com uma taça ensebada de vinho espumante na mão.

A água na chaleira ainda não está fervendo.

Finalmente, ela diz:

— Achei que você fosse direto para o hospital.

— Perdi o horário de visitas do almoço. Vou mais tarde.  
— Eu não estava esperando você.  
— É... Bem... Isso é óbvio. A banheira do tio Des está quebrada?  
— Não use esse tom comigo, Brian...  
— Que tom?  
— Você sabe que tom — ela sorve o resto do vinho. A chaleira, enfim, apita.  
— Você está fazendo café?  
— Aparentemente...  
— Prepare um para mim. Depois, venha para a sala. Precisamos ter uma conversinha.

Ah, Deus! Meu coração pesa. Vamos ter uma conversinha, uma discussão franca, um desabafo de coração aberto. Vamos conversar como adultos. Até ali, estava conseguindo evitar esse tipo de coisa. Meu pai morreu antes de ter que fazer teatrinho de “quando um homem e uma mulher se amam”, e acho que minha mãe deve ter achado que isso não era relevante ou que eu descobriria sozinho o estranho mistério do amor físico, de uma maneira ou de outra, o que acabei fazendo, usando uma caçamba de lixo nos fundos do Littlewoods como apoio. Mas, daquela vez, não vai dar para escapar. Pego duas canecas e coloco o pó de café, tentando entender a coisa toda. Tento me convencer de que deve haver alguma explicação inocente para o tio Des estar na nossa banheira às 13h no Dia dos Namorados, mas não consigo achar. Tudo o que vem à mente é a explicação evidente, e a explicação evidente é... impensável. Tio Des e minha mãe. Tio Des, que mora três casas rua abaixo, e minha mãe, na cama, juntos, em plena luz do dia. Tio Des e minha mãe fazendo...

A água ferve.

Minha mãe está na sala, tragando um Rothmans e olhando pela cortina. Entrego a ela uma das canecas de café e me sento desanimado no sofá, em silêncio, me perguntando se é assim quando a esposa resolve revelar que quer o divórcio.

Noto meu cartão do Dia dos Namorados na mesinha de centro, um cartão-postal com uma pintura de Chagall.

— Então, você recebeu um cartão, hein?

— O quê? Ah, sim. Muito obrigada, querido. Muito bonito.

— Como sabe que fui eu quem mandou? — pergunto, numa tentativa esfarrapada de humor.

— Bom, você escreveu “Para mamãe”. Então... — ela tenta sorrir, depois vira outra vez para a janela e sopra a fumaça na vidraça, com tanta força que a cortina se move. Depois de um tempo, diz: — Brian, seu tio Des e eu estamos tendo... — estava prestes a dizer “um caso”, mas trocou por — ...tendo um... relacionamento.

— Há quanto tempo?

— Já faz um tempo. Desde outubro.

— Desde que eu fui embora, então?

— Mais ou menos. Ele veio jantar uma noite, para me fazer companhia, e uma coisa levou a outra, e, bom, eu ia contar, Brian, no Natal, mas você não ficou muito tempo e eu não queria dizer pelo telefone...

— Não. Claro... Posso imaginar... — murmuro. — Então, é... é sério?

— Acho que sim. Bem... — ela dá outra tragada, aperta os lábios, solta a fumaça e fala: — ...para falar a verdade, temos conversado sobre nos casarmos.

— *O quê?*

— Ele me pediu em casamento.

— Tio Des?

— Sim.

— *Casar* com ele?

— Brian...

— E você disse *sim*?

— Eu sei que vocês não se dão bem, sei que não gosta dele, mas eu gosto, gosto muito do Des. Ele é um homem bom, gosta de mim, me faz rir. Estou com 41 anos, Brian. Sei que isso deve parecer velho para você... Deus sabe que me sinto velha, às vezes, mas um dia você vai ter 40, antes do que pensa. De qualquer modo, ainda estou... Bem... Ainda... Ainda gosto de uma companhia de vez em quando, Brian... Um pouco de... — dá mais uma tragada e olha para o chão — ...Bem, desculpe... Seu pai morreu há muito tempo, Brian, e Des e eu não estamos fazendo nada de errado. Não vou deixar que façam com que eu me sinta como se estivéssemos fazendo algo de errado...

Mas ainda estava tentando absorver tudo aquilo.

— Então, você *vai* se casar com ele?

— Acho que sim...

— Você ainda não sabe?

— Sim! Sei, eu vou me casar com ele!

— Quando?

— Mais para o fim do ano. Não estamos com pressa.

— E o que acontece depois?

— Ele vai se mudar para cá, morar comigo. Estamos pensando em... — ela faz uma pausa, fica nervosa de novo, não consigo imaginar o que mais ela poderia me contar — ...estamos pensando em pôr alguns quartos pra alugar.

Penso nisso e dou risada, não porque ache engraçado, nada daquilo tem a menor graça, mas por não conseguir formular uma resposta apropriada.

— Você está brincando.

— Não, não estou.

— Um albergue?

— É.

— Mas não tem espaço!

— Não para famílias, mas serve para solteiros, ou jovens casais, homens de negócios... Des vai fazer uma reforma no sótão — ela olha para mim, ansiosa, e volta para a cortina — e no seu quarto. Pensamos em talvez desocupar seu quarto.

— E o que acontece com as minhas coisas?

— Achamos que você poderia... levar com você.

— Você está me expulsando do meu quarto!

— Não expulsando, só... pedindo pra você tirar suas coisas.

— E levar para a universidade?

— Sim! Ou isso, ou jogar fora. É só um bando de livros e gibis e aeromodelos, Bri, não é nada de que vá precisar. Você já está crescendo, afinal...

— Então, *eu* estou sendo expulso!

— Não seja bobo, é claro que não. Você ainda pode passar as férias aqui se quiser, e no verão...

— Mas não vai ser a alta temporada para vocês?

— Brian...

— Bom, isso é muito generoso da sua parte e do tio Des, mãe, mas quanto você cobra por noite? — Ouço minha própria voz, esganiçada e teimosa.

— Não faça assim, Brian, por favor...

— O que você espera que eu faça? Quer dizer, eu estou sendo expulso de casa...

Ela se vira e olha para mim, me aponta com o que resta do cigarro e grita:

— Não é mais a sua casa, Brian!

— Ah, é mesmo?

— Sinto muito, mas não é mais! Você esteve aqui, o quê? Por uma semana no Natal? Uma semana, e, mesmo assim, mal podia esperar para voltar para a faculdade. Você não vem nos fins de semana, passa semanas sem me ligar, e também não me escreve. Então, não, na verdade, não, essa não é a sua casa. É *minha*. É a casa onde moro, sozinha, só eu, todo maldito dia, dia após dia, desde que seu pai morreu. Esse é o lugar em que dormi sozinha todas as noites, e aquilo ali, aquele maldito sofá, é onde fico quase todas as noites sozinha, assistindo à televisão ou apenas encarando a parede, enquanto você está fora, na faculdade, ou, quando me honra com a sua estadia, e fica na rua com seus amigos, ou escondido no quarto, porque acha uma chatice total conversar comigo, com a sua mãe. Você faz ideia do que seja isso, Brian, ficar aqui sozinha, ano após ano após...? — A voz falha, ela cobre o rosto com as mãos e começa a chorar, com soluços longos, pesados e molhados, e, mais uma vez, percebo que não faço ideia do que devo fazer.

— Mãe, calma... — digo, mas ela ergue o braço, gesticulando para eu me afastar.

— Deixe eu ficar sozinha, Brian, por favor — pede, e me sinto tentado a obedecer, pois seria mais fácil.

— ...Mãe, não precisa ficar...

— Deixe eu ficar *sozinha*. *Vá embora*...

E se eu fingisse que não ouvi nada daquilo? A porta da sala ainda estava aberta. Eu poderia sair, dar mais ou menos uma hora e voltar, quando ela estivesse mais calma. Afinal, foi o que ela me mandou fazer. É isso que ela quer, não é?

— Por favor, mãe, por favor, não chore. Odeio quando você... — mas não consigo terminar a frase, pois percebo que também estou chorando. Vou até ela e a envolvo no abraço mais apertado que consigo.

PERGUNTA: Pedras erguidas num círculo em Lindholm Hoje, perto de Alborg, na Dinamarca, sugerem que o lugar era utilizado para que tipo de ritual antigo?

RESPOSTA: Enterro viking.

Encontro Tone às 14h15 no Black Prince, no lado que dá para o mar. O lugar está vazio, a não ser por um casal de coroaos tuberculosos segurando com carinho suas canecas já nos últimos goles de cerveja quente enquanto leem exemplares amassados do *The Sun*, e, mesmo assim, levo um momento para avistar Tone, pois, automaticamente, procuro um jeans azul-claro, não um terno preto de um botão, meias brancas e os sapatos cinza-claro que ele estava usando.

— Puta merda, Tone! O que aconteceu com o seu cabelo? — O visual viking se foi, substituído por um corte curto nos lados e atrás, a parte de cima repartida, com um certo exagero, para o lado esquerdo. Tone, de terno, com o cabelo repartido...

— Cortei, só isso. — Estico o braço para desfazer o penteado, mas ele bateu na minha mão com um golpe de caratê, de uma maneira não muito brincalhona.

Quero manter o clima leve, então pergunto:

— Você está usando gel?

— Um pouquinho. E daí? — retruca ele, tomando um gole da pequena caneca de cerveja à sua frente. Acho que nunca vi Tone segurando uma caneca pequena de cerveja, e isso confunde a escala natural das coisas, fazendo-o parecer um tipo de gigante.

— Quer outro drinque? — pergunto.

— Estou bem...

— Outra caneca pequena?

— Não posso...

— Vamos lá, seu frangote... — brinco.

— Não posso. Tenho que voltar ao trabalho.

— Mas você deve ter tempo para uma...

— *Eu não quero outra caneca, OK?* — rosna ele. Levanto e pego uma caneca grande para mim.

— Então, como vai o trabalho?

— Bem. Estou na frente da loja agora, por isso o... — ele dá um puxãozinho na lapela do terno, meio se justificando.

— Que departamento?

— Sistemas de som.

— Genial!

— É, bom... Dá para o gasto. E tem comissão... Então...

— Spencer me contou sobre você ter entrado para os Territoriais.

— Contou? E vocês deram boas risadas com isso, né?

— Não, claro que não...

— Imagino que você não aprove.

— E eu disse isso? Sou unilateralista. Acho que os gastos com defesa deviam mesmo ser reduzidos e uma parte investida em serviços sociais, mas, ainda assim, entendo a necessidade de algum tipo de... — mas Tone está olhando para o relógio; não parece muito interessado. — Então, você já viu o Spencer?

— Claro que já vi o Spencer — retruca ele, hostil, e me conformo com o fato de que, pelo menos hoje, será impossível dizer *qualquer* coisa que não irrite *alguma* pessoa.

— E como ele está?

— Bom, considerando que ele atravessou o para-brisa de um Escort, até que está muito bem.

— O que aconteceu, Tone?

— Não sei exatamente. Estávamos no pub na sexta, como de costume, e, quando fechou, ele queria ir para Londres, para uma boate ou algo assim pra continuar bebendo, e eu disse não, porque ia trabalhar no dia seguinte. Ele estava muito bêbado, mas foi assim mesmo, no carro do pai. Dois dias depois, a mãe dele me ligou dizendo que ele estava no hospital.

— Alguém mais ficou ferido?

— Não...

— Bom, graças a Deus...

— ...só o nosso amigo Spencer — acrescenta Tone, com um sorriso de escárnio.

— Eu não quis dizer... Eu só quis dizer que... E ele está encrencado? Quer dizer, com a lei?

— Bom, ele estava acima do limite de velocidade, com uma carteira provisória. O carro não era dele e não tinha seguro... Então, sim, do ponto de vista legal, as coisas não parecem muito boas.

— E como ele está... se sentindo?

— Não sei, Brian, pergunte a ele, tá legal? Tenho que voltar ao trabalho — irritado, ele toma o resto da caneca, pega uma embalagem de balas de menta do bolso e joga uma na boca, sem me oferecer.

Saímos do pub e seguimos rumo ao pier. O vento traz a chuva do estuário, Tone cobre a camisa e a gravata com a lapela fina do paletó e continuamos andando na direção da High Street.

— Você vai passar a noite aqui? — pergunta, não se importando muito com a resposta.

— Não, infelizmente não posso — penso se deveria contar que estarei no *Desafio Universitário* no dia seguinte, mas resolvo deixar de lado. — Tenho orientação amanhã bem cedo, então preciso voltar ainda hoje. Mas volto na Páscoa, acho... Então... A gente se vê quando eu voltar?

— É, pode ser...

— Tone, eu fiz alguma coisa que irritou você?

Ele solta uma risada pelo nariz

— O que lhe deu essa impressão?

— Foi alguma coisa que o Spencer disse? — sem resposta. — O que ele disse,

Tone?

Tone respondeu sem olhar para mim:

— Spencer me contou sobre a visita que fez a você. Pelo que ele disse, não achei que você foi muito amigo, Bri. Na verdade, me pareceu que você se comportou meio como um babaca. Só isso...

— Por quê? O que ele disse?

— Deixa pra lá...

— Eu não podia deixar ele lá, Tone, era contra o regulamento...

— Ah, bom... Se era contra o *regulamento*, Bri...

— Foi ele que começou a briga, Tone...

— Olha, Bri, não quero saber. Isso é entre você e o Spencer.

— Então, suponho que também seja minha culpa que ele tenha decidido encher a cara e enfiar o carro numa árvore?

— Eu não disse isso. Vê se consegue dar um jeito nas coisas, Brian, tá legal?

— Tone aperta o passo, a cabeça abaixada contra a chuva, por um segundo, e se vira um pouco. — E tente não ser muito idiota no processo, OK? — Ele vira as costas e volta a se apressar para o trabalho, e fico me perguntando se algum dia verei Tone outra vez.



PERGUNTA: Isolado pela primeira vez por F. W. A. Sertuner, em 1806, qual é o nome popular do narcótico analgésico derivado da semente verde da *papaver somniferum*?

RESPOSTA: Morfina.

*Manhã de maio de 1979, três dias depois do funeral do meu pai. Estou deitado no sofá com as cortinas fechadas, assistindo à programação de sábado de manhã, vestindo o uniforme da escola. Claro que não preciso estar com o uniforme da escola, tecnicamente, mas tendo a usá-lo o ano todo, pois, assim, é mais fácil e, de qualquer modo, não sei mais o que usar. Minha concessão para os fins de semana é não usar a gravata.*

*Os parentes já foram todos embora. Agora, ficamos só eu e minha mãe. Minha mãe não está bem, adquiriu o hábito de dormir até tarde, depois andar pela casa de camisola, deixando um rastro de canecas sujas e bitucas de cigarro, ou de cochilar toda encolhida no sofá a tarde inteira, até anoitecer. A casa toda está com um aspecto quente, cinzento e doentio, mas nenhum de nós consegue achar a energia ou motivação para abrir as cortinas e as janelas, esvaziar os cinzeiros, desligar a televisão, lavar a louça ou cozinhar algo que não seja espaguete. A geladeira ainda está abarrotada de sobras de bolo, salsichas embaladas e garrafas de Coca-cola sem gás, as sobras do velório. Estou comendo salgadinhos de queijo e cebola de café da manhã. Essa é, com certeza, a pior fase.*

*Quando a campainha toca, suponho que seja algum vizinho vindo ver como está minha mãe. Ela atende e escuto uma voz que não reconheço no vestibulo. Daí, ela abre a porta da sala, com a camisola bem fechada, e fala com a "voz certinha" engraçada que usa para visitas importantes.*

— *Tem alguém querendo falar com você, Brian!*

*Ela dá um passo para o lado e Spencer Lewis entra.*

— *Tudo bem, Bri?*

*Eu me sento no sofá.*

— *Tudo bem, Spencer?*

— *O que você está fazendo?*

— *Nada.*

— *Quer uma Coca, Spencer? — pergunta minha mãe.*

— *Sim, por favor, Sra. Jackson.*

*Minha mãe sai discretamente da sala e Spencer vem se sentar ao meu lado no sofá.*

*É difícil enfatizar a importância de uma visita de Spencer Lewis. Nós nem somos amigos ou coisa assim. Nem mesmo tínhamos nos falado antes, a não ser um ocasional insulto no campo de futebol ou um aceno de cabeça na fila do caminhão de sorvete. Não parece haver uma explicação plausível para alguém tão maneiro, popular e durão como Spencer Lewis vir me visitar, um garoto maluco que usa o*

*uniforme da escola no sábado. Mas aqui está ele, sentado no sofá.*

— *O que você está assistindo?*

— *Swap Shop.*

— *Eu odeio essa droga de Swap Shop — diz ele.*

— *É, eu também — concordo, sarcástico, embora secretamente goste do programa. Ficamos em silêncio por um momento ou dois, então ele diz:*

— *Eu chamei sua mãe de Sra. Jackson sem querer. Você acha que ela se incomoda?*

— *Não. Tudo bem.*

*A não ser por essa pergunta, ele não menciona a morte do meu pai de nenhuma outra maneira, nem questiona sobre o funeral ou “como estou sentindo”, graças a Deus, pois isso seria embaraçoso; afinal, somos garotos de 12 anos de idade. Em vez disso, ele senta-se, bebe Coca sem gás e assiste à televisão comigo. Diz quais bandas são uma bosta e quais são boas, e acredito nele, concordo com tudo o que ele fala. Sinto-me como se um artista de cinema estivesse me visitando, ou alguém melhor que um artista de cinema, alguém como Han Solo. E sinto aquilo como um ato de absoluta bondade.*

\* \* \*

A perna esquerda de Spencer quebrou em três lugares, e a direita em dois. A clavícula trincou, o que é particularmente doloroso, pois é um local impossível de se engessar e, por isso, ele não consegue mexer a parte superior do corpo. Os braços parecem estar bem, mas há alguns cortes nas palmas das mãos e nos antebraços, por causa do vidro quebrado. Felizmente, não há danos na coluna ou no crânio, mas seis costelas estão fraturadas no ponto em que bateram no volante. Isso torna a respiração dolorosa e dormir sem auxílio, impossível; portanto, ele está sob muita medicação. O nariz estava quebrado, vermelho e inchado, e, acima do olho direito, há um corte feio, com seis pontos grossos e pretos. O olho em si está bem preto, roxo e inchado, semifechado. O alto da cabeça tem várias cicatrizes vermelho-escuras, por causa do para-brisa estilhaçado, bastante visíveis por baixo do cabelo curto, e ainda há alguns pontos na orelha esquerda, na qual o lóbulo foi parcialmente arrancado pelo vidro quebrado.

— *Mas... E fora isso?*

— *Fora isso, estou me sentindo muito bem, na verdade — responde Spencer, e nós dois rimos por um tempo, antes de afundarmos de novo no silêncio.*

— *Você acha que eu estou arreventado! Você devia ver a árvore! — brinca ele, não pela primeira vez, imagino, e rimos de novo, com Spencer se contraindo ao mesmo tempo por causa da dor nas costelas e na clavícula.*

Ele está tomando remédios, claro. Não sabe exatamente *quais* remédios, mas são mais fortes que aspirina. Ele acha que é algum opiáceo. Parece estar funcionando, pois um sorriso anormal passa pelos cantos de sua boca. Nada perturbador, como o de Jack Nicholson no fim de *Um estranho no ninho*, mas aparenta um humor vagamente inapropriado. O discurso, sempre tão direto e

afiado, está grogue e distante, como se ele enfiasse a mão na boca.

— Mas, ainda assim, a boa notícia é que adiaram o julgamento do meu caso... Aquele lance de burlar o seguro-desemprego...

— Isso é bom.

— É... Quase faz tudo isso valer a pena. Você não tem um cigarro, tem?

— Spencer, eu não fumo.

— Estou louco por um cigarro. E por uma cerveja.

— Isso é um *hospital*, Spencer...

— Eu sei, mas ainda assim...

— Como é a comida? — pergunto.

— Não é muito saborosa.

— E as enfermeiras?

— Não são muito saborosas.

Sorrio e emito um som para mostrar que estou rindo, pois estou fora do seu campo de visão e ele não parece capaz de mover a cabeça muito bem.

— E quanto a isso...? — aponto para o gesso em suas pernas, as mãos com ataduras... — Vai ter alguma... consequência?

— Ainda não sei. É provável.

— Puta merda, Spencer...!

— Ok, Bri, não começa...

— ...mas você devia saber que alguma coisa...

— Você não veio até aqui pra me dar um sermão, veio, Bri?

— Não, claro que não, mas você tem que admitir...

— É, eu sei: não fumar, não brigar, não burlar o seguro-desemprego, não beber e dirigir, usar cinto de segurança, trabalhar duro, frequentar a escola no turno da noite, conseguir qualificações, arranjar algum esquema. Às vezes, você parece uma porra de um filme educativo ambulante, Brian...

— ...Desculpe, eu...

— ...Nem *todos* conseguem ser sensatos o tempo todo...

— ...Não, eu sei...

— ...Nem *todos* conseguem ser como você...

— ...Ei, nem sempre eu sou tão sensato!

— ... Mas você entendeu o que eu quis dizer, não é?

Ele não grita essas frases, pois nem consegue gritar, só meio que sibilar entre os dentes, antes de cair de novo em silêncio. Sei que tenho que dizer algo, e ainda não encontrei as palavras certas, mas estou prestes a abrir a boca para tentar quando ele diz:

— Você pode me dar um pouco de água? — Encho um copo plástico e entrego a ele, que se esforça para sentar-se reto, e sinto o cheiro de seu hálito, quente e metálico. — Mas e aí...? — suspira ele, apoiando a cabeça no travesseiro — ...Como vai a Alice?

— Ah, tudo bem. Eu dormi lá uma noite...

— Você tá brincando... Sério? — pergunta com um sorriso sincero. Vira a cabeça no travesseiro e olha para mim. — Então, você está mesmo saindo com ela?

— Bom, estamos indo devagar — digo, meio tímido. — Bem *devagar*, na

verdade, mas, sim, está bom.

— Brian Jackson, seu garanhão...

— Bem, vamos ver... — Sinto que é a hora de fazer a coisa certa, adulta, e respiro fundo. — Alice me contou que você falou bem de mim para ela. Na festa.

— Contou, é? — ele pergunta, sem olhar para mim.

— Eu fui meio babaca com você, não fui?

— Não, não foi...

— Fui, sim, Spencer, um babaca total...

— Bri, você é legal...

— Eu não quero ser um babaca, sabe, mas isso meio que acontece...

— ...Vamos esquecer isso, OK?

— Não... Ainda assim...

— Tudo bem, Bri, se é pra deixar você feliz.. Sim, você foi um babaca total.

Agora, podemos deixar isso de lado?

— Mas como você está se sentindo?

— Em relação a quê?

— ...Em relação... a *isso tudo*?

— No geral, você quer dizer? Não sei. Para ser sincero, estou muito cansado.

Cansado, e um pouco assustado, Bri — ele fala bem baixo, preciso me inclinar na cadeira para escutar, e percebo que seus olhos estão vermelhos e úmidos.

Spencer percebe meu olhar e cobre o rosto com as mãos, pressionando os olhos com as pontas dos dedos, solta o ar devagar, e me sinto um garotinho de 12 anos de novo, triste, envergonhado, sem saber o que fazer... Algum ato de bondade, imagino, mas o quê? Talvez dar um abraço nele? Mas não consigo me levantar da cadeira, preocupado com que outras pessoas no hospital vejam a cena. Por isso, continuo parado.

— Mas é normal se sentir assustado, não é? — pergunto. — Com a vida, com essa parte da vida. É o que as pessoas dizem...

— É. Acho que sim...

— Depois melhora...

— Melhor? — quer saber Spencer, os olhos ainda cobertos. — Porque minha impressão é de que estou totalmente *fodido*, Bri...

— Besteira! Está tudo bem, cara, vai dar tudo certo.

— Estico o braço, ponho a mão no seu ombro e dou um pequeno apertão. O gesto me parece desajeitado e constrangedor, deixando-me inclinado na cadeira com o braço estendido, mas fico assim até o ombro dele parar de tremer. Spencer tira as mãos de cima dos olhos.

— Desculpe... São esses analgésicos — ele se justifica, limpando os olhos com as mangas da camisa.

Pouco tempo depois, o assunto acaba, e, mesmo tendo ainda bastante tempo, eu me levanto e peço o casaco.

— Olha, é melhor eu correr, senão vou perder o último trem.

— Obrigado pela visita, amigo...

— Foi um prazer...

— Bom, não exatamente um *prazer*...

— É, não, mas você entende...

— Ei, não vai assinar o meu gesso?

— Sim, claro. — Vou até o fim da cama, pego uma caneta de uma das pranchetas e localizo um espaço em branco para escrever. Há muitos “melhoras”, nomes que não reconheço, um “bem-feito, seu idiota” e um “Zep é o máximo!” de Tone. Penso por um instante e escrevo: “Querido Spencer, desculpe-me e obrigado. Quebre a perna! Ha-ha-ha! Do seu amigo Bri.”

— O que você escreveu?

— Ah... Quebre a perna...

— “*Quebre a perna*”...!

— Quer dizer boa sorte. É uma expressão usada no teatro...

Spencer olha para o teto, dá um sorriso apertado e diz, devagar:

— Brian, às vezes você consegue ser inacreditavelmente babaca e idiota.

— É, Spence, eu sei, cara. Eu sei...

PERGUNTA: Que mártir do século III, também identificado como médico e padre romano, morto durante a perseguição aos cristãos pelo Imperador Claudius II Gothicus, ou como Bispo de Terni, também martirizado em Roma, é homenageado desde o século XIV com uma festividade celebrando os apaixonados?

RESPOSTA: São Valentim.

Sempre que escuto Edith Piaf cantando “Non, je ne regrette rien” — o que acontece mais do que eu gostaria, agora que estou na faculdade —, não consigo deixar de pensar “que diabo ela está falando?” Eu me arrependo de quase *tudo*. Estou ciente de que a transição para a vida adulta é difícil, às vezes dolorosa. Conheço as convenções dos ritos de passagem, sei o que significa o termo literário *bildungsroman*, sei que é inevitável olhar para as coisas que aconteceram na minha infância com um sorriso torto e experiente. Mas será que há razão para eu me sentir envergonhado e constrangido por coisas que aconteceram 30 segundos atrás? Será que existe uma razão para a vida ser esse panorama contínuo de amizades arruinadas, oportunidades perdidas, conversas tolas, dias desperdiçados, comentários idiotas e impensados e piadas sem graça que ficam jogadas no chão à minha frente, contorcendo-se como peixes moribundos?

Bem, não mais. Decido dar um basta. No trem, voltando para casa e pensando na última rodada de cagadas inacreditáveis, resolvo que vou mudar minha vida. De maneira geral, costumo decidir mudar minha vida numa média de, talvez, 30 ou 40 vezes por semana, em geral às 2h da madrugada, bêbado, ou cedo na manhã seguinte, de ressaca, mas, dessa vez, vai acontecer mesmo. Vou começar a viver *bem* a vida de agora em diante. Já ficou claro que ser “Descolado e distante” não está funcionando, e é provável que nunca vá funcionar. Por isso, vou me dedicar a uma vida baseada nos princípios centrais de Sabedoria, Bondade e Coragem.

Quando o trem para na estação, começo minha vida mais sábia, bondosa e corajosa. Encontro uma cabine telefônica na plataforma, confiro para ver se tenho uma moeda e disco um número. Des atende. Agora é oficial, não é mais segredo. Então, imagino que não há razão para ele não atender ao telefone.

— Alô?

— Oi! Des, aqui é o Brian! — cumprimento, todo animado, e percebo que, inconscientemente, eu o chamei de Des, não de tio Des, sem muita certeza se isso consiste num sintoma da minha atitude mais madura em relação à vida ou numa reação freudiana ao fato de ele estar transando com a minha mãe.

— Ah! Olá... — responde Des, soando como se tivesse medo de mim, só Deus sabe por que, já que ele pesa muito mais que eu, e, além do mais, eu não poderia bater nele pelo telefone. Há uma pausa, e ele ajusta o fone na orelha. — Desculpe por, bem, pelo episódio dessa manhã. Nós íamos contar a você sobre

sua mãe e eu...

— Des, está tudo bem... Mesmo... — asseguro, observando meu reflexo no vidro da cabine telefônica e sorrindo como um palhaço de circo. — Minha mãe está aí? — pergunto. O que é meio bobo, já que é a casa dela.

— Claro! Vou passar para ela. — Ouço um farfalhar, ele coloca a mão sobre o fone e murmura algo; depois, minha mãe atende.

— Alô? — diz com cautela, o fone meio longe da boca.

— Oi, mãe.

— Oi, Brian. Você chegou bem? — pergunta, articulando demais as palavras, o que significa que está embriagada.

— Cheguei — respondo, e faz-se um silêncio que me dá vontade de desligar. Mas, então, me lembro do meu novo lema, “Sabedoria, Bondade e Coragem”, engulo em seco e começo a falar.

— Olha, oi, eu só queria dizer... — o que eu quero dizer...? — Só queria dizer que pensei a respeito e estou muito, muito feliz por você e o Des, e acho que tudo bem vocês se casarem, sério, acho mesmo. Na verdade, acho que é uma grande ideia. Ele é um cara muito legal e desculpe se... Bem, foi um choque... Só isso...

— Oh, Brian...

— E também não tem problema alugar os quartos. Eu vou até aí no feriado da Páscoa e tiro as minhas coisas. Daí, fica tudo para vocês. Como você disse, no fim das contas, é só um monte de aeromodelos. Então, o que estou dizendo é... o que eu quero dizer é que acho que é uma coisa boa. Estou... feliz por você estar feliz — Não há resposta do outro lado da linha, só o som da minha mãe respirando, mudando o fone de uma mão para a outra. — Contanto que você não espere que eu o chame de “pai”... — brinco, do jeito mais leve que consigo.

— É claro que não, Brian... — ela estava prestes a dizer algo, mas muda de ideia.

— Bom, é só isso. Você ainda vem amanhã?

— Claro que vou, eu não perderia por nada no mundo.

— Tem certeza de que pode pagar a passagem de trem e tudo o mais?

— Brian, não se preocupe com isso...

— O ingresso vai estar na porta, no seu nome...

— Ah, e Brian? Tem mais uma coisa... — começam os bipes no telefone, e, mesmo sentindo o peso dos trocados no bolso, percebo que já disse tudo o que tinha a dizer.

— Preciso desligar, mãe. Acabou o dinheiro...

— Brian, preciso perguntar outra coisa...

— Então, fale depressa...

— O Des pode ir também? — e a linha fica muda.

Fico um tempo na cabine, segurando o telefone. O fato é que sempre esperei que meu pai fosse estar lá. Não *literalmente*, óbvio, pois ele já morreu e tudo o mais, mas, na minha cabeça, eu via meu pai sentado na plateia, ao lado da minha mãe, sorrindo, aplaudindo, os polegares para cima, e minha mãe também deve ter imaginado isso, caso contrário não estaria tão nervosa em me fazer essa pergunta. E, naquele momento, não era o meu pai, mas Des, um cara chamado Des, que eu, na verdade, nem conheço, nem sei se gosto, e...

Pego os trocados do bolso, disco o número e minha mãe atende quase imediatamente.

— Mãe?

— Ah, sim, Brian, eu só ia perguntar...

— Eu ouvi, mãe. É claro que você pode levar o Des.

— Ah. OK!

— Vou arranjar o ingresso amanhã.

— OK, então, Brian. Se você tem certeza...

— Tenho certeza.

— Então, tchau.

— Tchau.

E desligo.

Continuo um pouco mais na cabine telefônica, pensando, bem, é cedo demais para dizer, mas parece que a política de Sabedoria, Bondade e Coragem funcionou muito bem até o momento. Acho que posso até ter feito uma coisa boa, para variar. E, mesmo tendo de ir para casa, escolher o que vestir na gravação, ter uma boa noite de sono e tudo o mais, decido ir ver Alice, porque é Dia dos Namorados, Dia de São Valentim, e, àquela altura, ela já deve ter lido o meu poema.



PERGUNTA: Adam Heyer, Frank Gusenberg, Pete Gusenberg, John May, Al Weinsbank e James Clark estavam entre as vítimas de que evento sangrento ocorrido em Chicago em fevereiro de 1929?

RESPOSTA: O Massacre do Dia de São Valentim.

“Escute, Alice, eu andei pensando sobre nós, e, bem, tem um grande poema do poeta metafísico John Donne, *Três vezes louco*, que é assim: ‘Sou duas vezes louco, eu sei./ Por amar, e por dizê-lo/ em plangente poesia.’, e acho que, bem, eu tenho me sentindo um pouco assim. O que estou tentando dizer é que andei forçando um pouco a barra, como quando praticamente arrastei você a chutes e gritos para a cabine de fotos, e a poesia ruim no cartão do Dia dos Namorados e tudo o mais. E sei como sua independência é importante pra você, e, por mim, tudo bem, de verdade. Estou apaixonado por você, claro, muito apaixonado, mas isso não é importante, não precisa se interpor entre nós, porque, no fim das contas, acho que nos damos muito bem, que somos bons amigos, almas gêmeas, na verdade. Sem dúvida, eu preferia passar um tempo com você a passar com qualquer outra pessoa no mundo, de verdade, mesmo sabendo que posso ser um completo idiota às vezes. Na maior parte do tempo, aliás, mas não sou completamente estúpido. Sei que você não me ama agora, mas pode amar, não pode. Um dia? Quer dizer... Você pode ir se apaixonando? É possível, acontece, e eu tenho paciência, muita, muita paciência, e não me importo de esperar. Então, o que estou tentando dizer é: vamos esperar para ver. Só esperar e ver no que dá. Não vamos forçar as coisas, vamos só continuar a passar um tempo juntos e nos divertir. E esperar. E ver. OK?”

É mais ou menos isso que vou falar para Alice quando a encontrar. Não sei se ela vai deixar passar a citação do John Donne... Estou preocupado que possa soar um pouquinho pretensioso, mas vou ver o que acontece na hora. Vou dizer todas essas coisas, nada mais, e ver como ela reage, mas sem entrar numa discussão grande e pesada. E, então, vou vestir o casaco, ir para casa e dormir umas boas oito horas de sono. E, definitivamente, não vou tentar beijá-la. Mesmo que ela me peça para ficar e fazer amor, ou seja lá o que for, vou dizer não, porque o Desafio é na manhã seguinte. E nós dois temos que estar bem-dispostos. Como lutadores de boxe — nada de sexo antes da luta.

Estou em frente ao quarto dela. Bato na porta.

Sem resposta.

Bato outra vez. Sabedoria, Bondade e Coragem. Sabedoria, Bondade e Coragem...

— Quem é?

— É o Brian.

— Brian! Já é quase meia-noite!

— Eu sei... Desculpe... Eu só queria dizer oi!

Escuto Alice sair da cama, o farfalhar de roupas sendo vestidas, e ela espia pelo vão da porta, com a camiseta do Snoopy e uma calcinha preta.

— Eu estou dormindo, Bri... — diz, esfregando os olhos.

— É mesmo? Oh, meu Deus! Desculpe... É que tive um dia cheio e queria conversar com alguém sobre isso.

— Não dá pra esperar até...

— Com alguém não. Com você.

Ela morde o lábio e passa a mão na camiseta.

— Ah, entre, então — e abre a porta. Entro e me sento na beira da cama desarrumada, quente ao toque na parte em que ela estava dormindo.

— Então... Como foi o Dia dos Namorados?

— Ah, bem, bem...

— Ganhou alguma coisa especial? — pergunto, incisivo. — Pelo correio, hoje de manhã? Ganhou alguma coisa legal? — Queria que ela viesse se sentar ao meu lado.

— Si-iiim, ganhei. Obrigada, Brian, é um poema realmente adorável.

Por que ela não vem e se senta ao meu lado?

— Você acha mesmo? Ufa! Porque eu estava um pouco envergonhado. É a primeira vez que alguém lê algo que escrevi, então...

— Não, eu achei adorável, realmente. Muito... franco. E... puro. Emocionalmente. Bem derivado do e.e. cummings, pensei, bem, não *derivado*, inspirado, é o que quero dizer. Aliás, acho que reconheci alguns versos... — Espera aí, ela estava me acusando de *plágio*? — ... mas, de qualquer modo, foi mesmo adorável. Obrigada. Fiquei muito... comovida.

— Isso é... Supondo que tenha vindo de mim mesmo! — respondo, alegre. — Que poema? Eu não mandei poema nenhum! — estou tagarelando, eu sei, mas ela sorri, coça o cotovelo e faz uma tenda com a camiseta em cima dos joelhos nus. Tento manter um clima alegre, porém não consigo deixar de notar por cima do ombro dela um grande buquê de rosas vermelhas perfeitas pendendo para o lado, numa enorme panela de alumínio arranhada cheia de água, que ela furtou da cozinha comunitária. Claro que não há razão para ela não receber presente de Dia dos Namorados de outros homens. Eu seria um tolo de não saber que isso iria acontecer, não sou ingênuo, sendo tão linda e popular e sexualmente atraente e tudo o mais, mas aquele buquê é... vulgar. Tão vulgar que é difícil não falar sobre aquilo; por isso, me concentro no meu pequeno poema caseiro, sincero e feito à mão. Mas as rosas continuam lá, imponentes em cima da mesa, fazendo o quarto feder a perfume barato, aquele maldito buquê de malditas rosas vermelhas perfeitas...

— Lindas rosas! — comento.

— Ah, as rosas! — diz ela, virando a cabeça rápido e olhando assustada por cima do ombro, como se, de alguma maneira, elas tivessem brotado atrás dela, como se viessem de Birnam Wood, de *Macbeth*...

— Alguma ideia... de quem pode ter mandado? — pergunto, de modo casual.

— Não faço a menor ideia! — responde ela. Alguém esnobe e canalha, obviamente. O preço das rosas deve dar a bolsa mensal de um estudante, agora pendendo naquela panela de água. E claro que ela sabe quem mandou, pois de

que serve ser tão generoso e se manter anônimo?

— Não tinha algum cartão com elas ou...?

— E *isso* é da sua conta Brian? — rosna Alice.

— Não. Não, acho que não...

— Desculpe! Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe... — repete ela, saindo da cadeira e me dando um abraço. Olho para baixo, para suas costas, onde a camiseta levantou, e encosto a mão na pele nua e quente, um pouco acima da calcinha, que parece feita de um material preto translúcido de malha ou renda ou coisa do tipo, e ficamos assim por um tempo, enquanto encaro as rosas na panela.

— Desculpe... — ela sussurra no meu ouvido. — Eu me sinto *péssima* por surtar com você, mas é que foi um ensaio longo e difícil hoje à noite, e, talvez, eu ainda esteja na personagem... — e vem sentar ao meu lado, rindo, e diz — Nossa, eu acabei de dizer isso mesmo? Foi, sem sombra de dúvidas, a coisa mais *pretensiosa* que já falei na vida... — e ficamos os dois sorrindo de novo, e me pergunto se devia tentar um beijo, mas aí me lembrei do meu novo mantra. Sabedoria, Bondade e Coragem.

— Olha, eu preciso mesmo voltar pra a cama, Brian. Amanhã é o grande dia...

— Sim, claro, eu vou... — começo a me levantar, mas me sento de novo. — Mas posso só dizer uma coisa primeiro...?

— Tu-do-bem — fala Alice, meio preocupada, sentando-se ao meu lado.

— Não se preocupe. Não é nada assustador. Eu só queria dizer... — pego a mão dela, respiro fundo e digo: — Alice... Escute, Alice, eu andei pensando sobre nós, e, bem, tem um grande poema do poeta metafísico John Donne, *Três vezes louco*, que é assim: ‘Sou duas vezes louco, eu sei./ Por amar, e por dizê-lo/ em plangente poesia.’, e acho que, bem, eu tenho me sentindo um pouco assim. O que estou querendo dizer é que andei forçando um pouco a barra, como quando praticamente arrastei você a chutes e gritos para a cabine de fotos, a poesia ruim no cartão do Dia dos Namorados e tudo o mais, e sei como sua independência é importante pra você, e, por mim, tudo bem, de verdade. Estou apaixonado por você, claro, muito apaixonado...

— Brian... — interrompe ela.

— ...Mas isso não é importante, não precisa se interpor entre nós, porque, no fim das contas, acho que...

— Brian... — ela tenta de novo.

— ...Espere, Alice. Deixe só eu terminar...

— ...Não, Brian, você *precisa* parar... — insiste ela, levantando-se e andando até o outro lado do quarto. — Isso não está certo...

— Mas não é o que você acha, Alice...

— Não, desculpe, Brian, eu não aguento mais. Vamos acabar com isso...

O mais estranho é que ela não disse isso para mim. Disse para o guarda-roupa.

— Vamos, Neil, não tem mais graça...

“Isso é estranho”, penso. “Por que ela está chamando o guarda-roupa de *Neil*? Do que ela chama as gavetas?”, eu me pergunto, e ela bate na porta de

Neil, o Guarda-Roupa, com a palma da mão aberta, e a porta se abre sozinha, como que por mágica.

Há um homem no guarda-roupa.

Está segurando a calça na mão.

Eu não entendo.

— Brian, este é Neil — apresenta Alice.

Neil se desdobra para fora do guarda-roupa e fica de pé.

— Neil está interpretando Eilert Lövborg em *Hedda Gabler*.

— Olá, Neil.

— Olá, Brian.

— Nós estávamos... *ensaiando* — explica Alice.

— Ah... — digo, como se isso explicasse tudo.

Depois, acho que há um cumprimento, com um aperto de mão.

## A Rodada Final

- O que acha dela?
- Não gostaria de dizer — gaguejei.
- Fale no meu ouvido — disse a Sra. Havishman, inclinando-se para a frente.
- Acho que ela é muito orgulhosa — respondi, num sussurro.
- Mais alguma coisa?
- Acho que ela é muito bonita...
- ... Mais alguma coisa?
- Acho que gostaria de ir para casa agora...
- ... Você irá, em breve — garantiu a Sra. Havisham em voz alta. — Pode fazer o seu jogo...

Charles Dickens, *Grandes esperanças*

PERGUNTA: “Era uma vez quatro crianças chamadas Peter, Susan, Edmund e Lucy.” Assim, começa o mais famoso trabalho de um acadêmico, escritor e defensor da fé cristã. Qual o nome do livro?

RESPOSTA: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa.*

O problema de conhecer pessoas famosas em carne e osso é que, muitas vezes, elas são muito menores do que parecem na tela da televisão. Mas, na vida real, Bamber Gascoigne é, na verdade, muito maior do que eu imaginava. Muito magro e sorridente, e bem bonito, como um personagem bem-intencionado de C. S. Lewis, prestes a levar a gente numa aventura incrível, mas com certo charme sedutor. Nós quatro ficamos na fila do estúdio de TV, aguardando, nervosos, e ele passa cumprimentando uma pessoa por vez, como se fosse o evento de gala anual da Família Real Britânica.

Alice fica me evitando, e é a primeira da fila. Por isso, não consigo ouvir o que está dizendo para Bamber, mas presumo que esteja tentando seduzi-lo. Depois, é a vez de Patrick que, praticamente, se dobra em dois de tanta humildade, alardeando de modo teatral que ele e Bamber já tinham se conhecido numa ocasião anterior, nessa mesma época no ano passado, e agindo como se fossem grandes, grandes amigos, daqueles que passam as férias juntos ou algo assim. Bamber é encantador, sorri bastante e diz:

— Sim, sim, *é claro* que me lembro de você! — quando, na verdade, deve estar pensando “quem diabo é esse *idiota*?”

Depois, é a vez de Lucy, quieta e simpática como de costume, e daí é minha vez. A questão é: eu o chamo de Bamber ou de Sr. Gascoigne? Ele se aproxima, me cumprimenta com um aperto de mãos, e digo:

— Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Gascoigne.

— Ah, por favor, me chame de Bamber — replica, com um sorriso largo, pegando na minha mão. — E o seu nome é...?

— Brian, Brian Jackson... — murmuro.

— ...cursando?

— Lit. Ing.

— Perdão? — responde ele, curvando-se para a frente.

— Lit-eratura ing-lesa — falo alto, dessa vez articulando exageradamente as palavras, e noto que Bamber recua de maneira quase imperceptível e meu palpite é que sentiu o cheiro de álcool no meu hálito e percebeu que estou completamente bêbado e fora de mim.

Apesar dos melhores esforços das autoridades de licenciamento, permanece o fato de que, não importa o quanto seja tarde, você sempre consegue tomar um drinque se precisar mesmo de um.

Depois de sair correndo do quarto de Alice em Kenwood Manor, fiquei andando um tempo pelas ruas, tentando me acalmar e parar de tremer, até que me vi na porta do The Taste of The Raj, uma casa de comida indiana que também funciona como um bar clandestino: você pode beber a noite toda, desde que esteja sempre em um raio de três metros de uma cebola bhaji.

Aquela noite, logo após da meia-noite, o lugar estava vazio.

— Mesa para um? — perguntei ao único garçom.

— Sim, por favor — e ele me levou para um reservado bem no fundo do restaurante, perto da cozinha. Abri o menu e percebi que o The Taste of The Raj estava oferecendo um extra especial, amarga e ironicamente chamado Menu Para o Dia dos Namorados, para casais jantando fora num encontro romântico. Percebi que, mesmo com os preços amigáveis no menu, seria difícil conseguir engolir alguma coisa. Além do mais, não estava ali pela comida. Pedi uma caneca de cerveja, dois pães sírios, uma cebola bhaji e um gim-tônica.

— Nenhum prato principal, senhor?

— Talvez mais tarde — respondo. O garçom aquiesce, pesaroso, como se entendesse o modo por vezes brutal de funcionamento do coração humano, e vai pegar a minha bebida. Terminei a caneca de cerveja e o gim-tônica antes mesmo de ouvir o barulho da micro-ondas, na cozinha atrás de mim. O garçom deslizou a cebola bhaji requentada entre os meus cotovelos na mesa e eu devolvi os copos vazios.

— Outra caneca de cerveja e mais um gim, por favor. Sem tônica dessa vez — o garçom com olhos tristes aquiesce sabiamente, suspira e vai buscar meu pedido.

— E, por favor... — grito atrás dele. — O gim pode ser duplo? — Sem muita vontade, pego a casquinha da cebola bhaji e mergulho no doce e aguado iogurte de menta, e o garçom retorna com os meus drinques. Tomo um pouco da cerveja e jogo o gim dentro da caneca, mexo com o cabo do garfo e penso sobre todas as coisas que sei.

Sei a diferença entre um pterossauro e um pteranodonte, um pterodáctilo e um ranforrinco. Sei o nome em latim da maior parte dos pássaros domésticos britânicos. Sei as capitais de quase todos os países do mundo, e a maioria das bandeiras também. Sei que Magdalen College se pronuncia *Maudlin* College. Conheço todas as peças de Shakespeare, exceto *Timão de Atenas*, e as obras completas de Charles Dickens, menos *Barnaby Rudge*, e todos os livros de Nárnia, e a ordem em que foram escritos. Sei a letra de todas as músicas que Kate Bush já gravou, incluindo os lados B, assim como os *rankings* dos seus maiores sucessos. Sei todos os verbos irregulares em francês, e de onde vem a frase “andar na linha”, para que serve a vesícula, como lagoas são formadas, todos os monarcas britânicos em ordem, as esposas de Henrique VIII, bem como seus destinos, a diferença entre rochas ígneas, sedimentares e metamórficas, as datas das maiores batalhas da Guerra das Duas Rosas, o significado das palavras “albedo”, “peripatético” e “lítotes”, o número médio de cabelos numa cabeça humana, como fazer crochê, a diferença entre fusão e fissão nuclear, como soletrar desoxirribonucleico, as constelações das estrelas, a população da Terra, a massa da Lua, e como funciona o coração humano. E, ainda assim, as coisas

mais básicas e importantes, como amizade, superar a morte do pai, amar alguém, ou simplesmente ser feliz, ser bom, honesto e digno parecem estar total e completamente além da minha compreensão. E me ocorre que não sou inteligente, de modo algum. Na verdade, sou, sem sombra de dúvidas, a pessoa mais ignorante, mais estúpida e desesperada do mundo inteiro.

Começo a me sentir um pouco triste, e, para me alegrar, peço outra caneca de cerveja e outro gim duplo. Misturo o gim com a cerveja, mexo com o cabo do garfo, mergulho um pedaço de pão sírio no *chutney* de manga, e a próxima coisa de que me lembro é acordar totalmente vestido às 6h30.

\* \* \*

— Brian! Brian, acorde...

— Me deixa em paz.. — resmungo, cobrindo a cabeça com o edredom.

— Brian, vamos, estamos atrasados... — alguém está me sacudindo pelos ombros. Empurro a mão para longe.

— Ainda está de noite. Vai embora.

— São 6h30, Brian, precisamos estar no estúdio às 9h30 e não vamos conseguir chegar a tempo. Vamos lá, levante... — Patrick arranca o edredom de cima de mim. — Você dormiu *vestido*?

— Não! — retruco, indignado, mas de modo nada convincente, pois é óbvio que ainda estava com as roupas do dia anterior. — Fiquei com frio no meio da noite. Só isso...

Patrick arranca completamente o edredom.

— Você ainda está de sapatos!

— Meus pés estavam frios!

— Brian, você andou *bebendo*?

— Não!

— Brian, achei que tínhamos um acordo: dormir cedo e nada de beber antes da partida...

— Eu *não bebi*! — respondo num murmúrio, esforçando-me para levantar e escutando o gim, a cerveja e a cebola bhaji se acomodando no meu estômago.

— Brian, eu estou sentindo o cheiro no seu hálito! Aliás, o que o seu colchão está fazendo no chão?

— Ele diz que é um *almofadão* — comenta Josh da porta, tremendo, só de cueca. Marcus espia por cima do seu ombro, piscando.

— Tive que acordar seus colegas para poder entrar — explica Patrick

— Ooooops! Desculpe, Josh. Desculpa, Marcushhh...

— Não acredito! Você ainda está bêbado!

— Eu não estou bêbado! Cinco minutos! Me dá mais cinco minutos!

— Você tem *três* minutos. Vou esperar no carro lá embaixo — rosna Patrick, saindo todo empertigado, seguido por Josh e Marcus. Suspiro, esfrego a cara com as mãos e me sento na beira do almofadão.

Lembro de Alice.

Vou até o guarda-roupa e pego o paletó de veludo cotelê marrom do meu pai.



A viagem até Manchester é bem deprimente. Vamos no 2CV da Alice, que me dá um sorriso condescendente e “sem ressentimentos”, que finjo não ver enquanto entro no banco de trás do carro, pisando em pacotes de batatinha e estojos de fitas cassete. Puxo a porta pelo arame que se passa por uma maçaneta e o esforço me leva a um pequeno arroteo, o ar sibilando pelos dentes bem apertados. A doutora Lucy Chang detecta o fato, faz seu diagnóstico e me dá o sorriso de hospital que aprendeu nas aulas. Apoio o casaco embaixo do queixo como um cobertor quando partimos e tento ignorar as guinadas do 2CV, que parece não ter suspensão alguma, dando a sensação de um carrossel num parque de diversões.

Desnecessário dizer que o bom e velho Patrick preparou algumas centenas de perguntas para a jornada, um aquecimento superdivertido, todas meticulosamente digitadas em cartões de 6 x 4. E ele insiste em gritar as questões *bem alto*, mais que o barulho do motor de cortador de grama do 2CV, enquanto sacudimos pela estrada a constantes 75 km/h. Decido não responder a nenhuma, só para dar uma lição. O truque para sobreviver hoje é manter a dignidade. Orgulho e Dignidade — esse é o segredo. Isso! — não vomitar em mim mesmo.

— Três questões bônus em batalhas. Em que ano foi travada a Batalha de Blenheim? Alguém? Ninguém? Lucy?

— Mil setecentos... e doze? — sugere Lucy.

— Não. Mil setecentos e quatro.

— Onde fica Bulge, como em a *Batalha de Bulge*? Alguém? *Bulge*? Alguém faz ideia? *Bulge*! Vamos lá! Pensem! *Bulge*, a Batalha de Bulge...

— Holanda! — murmuro debaixo do casaco, meio que para ele parar de falar “Bulge”.

— Nas Ardenas, na *Bélgica* — corrige Patrick, estalando a língua e meneando a cabeça. — Questão número três. Também conhecida como a Batalha dos Três Imperadores, a Batalha de Austerlitz foi lutada entre quais...

— Patrick, posso perguntar qual é a *razão* disso tudo? — questiono, inclinandome para a frente. — Quer dizer... Você acha mesmo que, por algum milagre, *alguma* dessas perguntas vai ser feita no programa? Se não for por essa razão, é meio que uma perda de tempo pra todos, não é?

— Brian... — intervém Lucy, com a mão no meu braço.

— É um *aquecimento*, Brian! — guincha Patrick, virando-se no banco para ficarmos frente a frente. — Um *aquecimento* para os que estão bem-dispostos essa manhã... Ou talvez deversem estar!

— Não sei por que você está pegando no meu pé! — retruco, gritando. — Que horas  *você*  foi dormir ontem, Alice? — Ela crava os olhos em mim pelo retrovisor, furiosa, com seu olhar de monitora da escola, frio e cheio de desdém.

— Brian, depois nós falamos sobre isso, tá?

— Falar sobre *o que* depois? — pergunta Patrick

— Nada... — disfarça Alice. — Nada mesmo...

— Estamos só nós quatro aqui hoje, Alice, ou você escondeu alguém no

porta-malas do carro?

— *O quê?* — pergunta Patrick

— Brian, *aqui* não, está bem? — sibila Alice.

— Alguém pode *por favor* me dizer o que está acontecendo...? — ordena Patrick, quase latindo.

— Ok, pessoal! Chega! Vamos... ouvir um pouco de música, tudo bem? — sugere Lucy, a apaziguadora.

Uma mão segura meu braço, de modo gentil, porém firme, e eu quase imagino uma seringa hipodérmica na outra mão. Depois, afundo-me no banco, cubro a cabeça com o casaco para tentar dormir um pouco ao som de uma fita cassete gasta e distorcida de *The Look of Love*, do ABC, várias e várias e várias vezes, o caminho todo até Manchester, até eu achar que iria começar a gritar.

\* \* \*

Pouco depois de eu bafejar biritá na cara de Bamber Gascoigne, ele desaparece dentro do escritório para passar as perguntas, sobrando para o nosso velho amigo Julian, o jovem pesquisador simpático, revelar quem seriam os nossos oponentes. É exatamente o que temíamos. Uma palavra. Oxbridge. Patrick força um grande sorriso, mas o som dos seus dentes rangendo uns contra os outros ecoou pelo estúdio.

Os quatro de Oxbridge atravessam o estúdio com passos lentos em nossa direção, alinhados como pistoleiros. Todos de paletó e gravata combinando, óculos e cachecóis da universidade, tentando nos intimidar mais ainda. A equipe inteira é composta por homens brancos, então suponho que podíamos, ao menos, nos parabenizar por marcar um ponto pela igualdade entre os sexos, já que temos duas mulheres no time, ainda que uma delas seja uma bruxa duas caras, depravada, falsa e manipuladora.

Claro que nossos rivais ainda não descobriram a verdadeira natureza de Alice. Por isso, todos vão direto até ela e se agrupam à sua volta, como que pedindo por um autógrafo, enquanto Patrick pula para cima e para baixo na beira do círculo, tentando, desesperadamente, apertar a mão de alguém, de qualquer um. O capitão, Norton, que cursa literatura clássica, é um sujeito galã, de ombros largos e cabelos macios, o tipo de bonitão canalha que deve remar para todo lado. Ele aperta a mão de Alice e se recusa a soltar.

— Ora... Você deve ser a mascote! — diz ele, de maneira arrastada e lasciva, o que me parece algo bem ofensivo e chauvinista de se dizer, e tenho um momento de indignação feminina em prol de Alice, mas daí me lembro da noite de ontem, do guarda-roupa. Além do mais, Alice não parece se incomodar, pois também está rindo e mordendo os lábios, com os olhos bem abertos aparentando inocência, jogando os cabelos recém-lavados para trás. E Norton joga seu adorável e lustroso cabelo para trás, e Alice joga o dela outra vez; ele faz o mesmo, ela repete o gesto — é como um ritual de acasalamento num programa de vida selvagem. Tenho vergonha de admitir que as palavras “provocadora vulgar” passaram pela minha cabeça, mas como a expressão é específica quanto

ao gênero, além de misógina, eu a reprimo, preferindo me manter fora do grupo, sem apertar a mão de ninguém, só observando. Lucy Chang me vê, se aproxima, segura no meu braço e me apresenta Partridge, um garoto de 19 anos de Saffron Walden, já ficando calvo, com a pele de pêssogo, que estuda história moderna. Eu sorrio, e sorrio, e converso, e sorrio e me pergunto se haveria algum lugar onde eu pudesse me deitar um pouco.

Mas não há tempo, pois o animado Julian nos conduz aos nossos lugares para um rápido ensaio, só por diversão, com ele no lugar de Bamber. Desnecessário dizer que Patrick determina a disposição dos lugares me deixando bem no fim, o mais longe possível dele e de Lucy, quase no outro estúdio, para falar a verdade. Alice senta-se entre nós, o que teria sido adorável 24 horas atrás, mas, agora, é pura infelicidade, e ficamos lá encarando o nada, em silêncio, com Julian nos lembrando que é só um pouco de diversão, só um jogo, que o importante é nos divertirmos. As mesas e as campainhas parecem malfeitas e improvisadas, como se alguém as tivesse montado numa aula de marcenaria. Dá até para ver as lâmpadas iluminando meu nome na frente do painel. Eu poderia desatarraxar uma se quisesse, talvez roubar depois do programa como *souvenir*, como se fosse um trote universitário. Penso em comentar isso com Alice, mas me lembro que não estamos nos falando e me sinto triste de novo. Julian, enquanto isso, está nos convidando para testar nossas campainhas, para pegarmos o jeito com elas. Todos apertam os botões, e me debruço na mesa de madeira para ver meu nome acendendo e apagando. Jackson. Jackson. Jackson...

— Enfim, meu nome escrito em luzes! — fala Alice. Não olho para ela, claro, mas, pela voz, sei que está com um sorriso desesperado. — Sempre pensei que a única maneira de conseguir meu nome escrito em luzes seria mudar de Alice Harbinson para Saída de Emergência! — graceja ela, porém não sorri, só tamborila um código Morse na campainha: ponto ponto ponto, traço traço traço...

— Estranho, não é? Estarmos aqui! Depois de todo esse tempo...!

Continuo não respondendo. Aí, ela estica o braço e tira minha mão da campainha.

— Brian, fale comigo, por favor — diz, dessa vez sem sorrir, depois sussurra: — Olha, desculpe por ontem à noite. Desculpe por achar que andei enrolando você, mas nunca fiz nenhuma promessa, Brian. Sempre fui honesta com você. Sempre fui muito, muito clara em relação ao que eu sentia. Fale comigo, Brian, por favor! Não aguento esse seu silêncio...

Viro-me para ela, que parece triste e linda, com marcas de cansaço em volta dos olhos.

— Desculpe, Alice, mas acho que não consigo. — Ela faz que sim com a cabeça, como se entendesse, e, antes de podermos dizer qualquer coisa, Julian começa a pigarrear. O ensaio já vai começar.

— A separação final entre as igrejas cristãs do Ocidente e do Oriente, também conhecida como a Cisão Leste-Oeste, aconteceu em que ano?

Acho que sei essa, e aperto a campainha.

— Mil quinhentos e dezessete?

— Não, desculpe... Talvez você tenha pensado na Reforma. Temo que isso implique uma penalidade de 5 pontos.

— Mil e cinquenta e quatro? — sugere Norton, o do cabelo macio, que cursa literatura clássica.

— Resposta certa — responde Julian, e Norton sorri, joga o cabelo para trás, vitorioso. — Bem, Norton, isso representa 10 pontos, e sua equipe ganha o bônus para responder a três perguntas sobre deuses romanos...

Ironicamente, claro, eu sabia todas as respostas.

\* \* \*

Ao final dos 15 minutos de ensaio, que é apenas uma diversão, só para relaxar, lembrando que é apenas um jogo, nós perdemos por 115 pontos a 15. Nos bastidores do cenário, Patrick está tão furioso que mal consegue falar. Fica andando em pequenos círculos, abrindo e fechando os punhos, guinchando. Guinchando mesmo.

— Os caras são bons, não? — comenta Alice.

— Nada excepcionais. Tiveram sorte, só isso — diz Lucy. — É em Partridge que temos de ficar de olho...

— ... Três anos eu esperei por isso. Três anos... — resmungo Patrick, andando em pequenos círculos.

— ... Nós estamos um pouco nervosos. Só isso — continua Lucy. — Apenas precisamos relaxar um pouco! Começar a nos divertir, e relaxar!

De repente, preciso de um drinque. Será que há algum bar no prédio? — me pergunto.

— Talvez devêssemos ir a um bar, beber uma ou duas canecas de cerveja e descontrair um pouco — sugere.

Patrick para de andar.

— *O quê?* — sibila.

— Você não acha que é uma boa ideia?

— Brian, você respondeu a *oito* perguntas no começo da rodada durante o ensaio e errou *seis*. Isso resulta em *menos 30 pontos*...

— Isso não é verdade... — replico na defensiva. — É? — e olho para Lucy em busca de apoio, mas ela está contemplando os próprios sapatos. Patrick vira-se para ela.

— *Lucia, dimmi, parli italiano?*

Envergonhada, Lucy responde:

— *Sì, un pochino.*

Depois para Alice:

— *E tu Alice, dimmi, parli anche tu l'italiano?*

— *Sì, parlo l'italiano, ma solo come una turista*... — suspira Alice.

— Ele está perguntando se nós falamos ital... — sussurra Lucy.

— Eu sei o que ele está perguntando, Lucy! — respondo.

— Então, você fala italiano? — pergunta Patrick

— Não! Não muito...

— E, ainda assim, *Lucy* fala, *Alice* fala e *eu* falo. E, no entanto, foi *você*, Brian Jackson, *você*, o *único* que não fala italiano na equipe, que se sentiu capaz

de responder a uma pergunta no começo da rodada sobre termos musicais italianos...

— Ninguém mais apertou o botão. Então, pensei em tentar...

— Esse é o problema com você, não é, Brian? Com você, é só tentar, tentar, tentar, *atirando* no escuro, *errando* todas as vezes, mas *tentando* de novo, e de novo só errando, errando, errando, errando, errando, errando tudo e perdendo o jogo, arrastando todos nós junto. — O rosto dele fica cor de vinho, a mesma cor do seu moletom da universidade, a centímetros de distância do meu...

— O que é isso, turma? Foi só um ensaio — intervém Lucy, tentando se espremer entre nós, enquanto Alice permanece um pouco afastada, as mãos cobrindo o rosto, espiando entre os dedos.

— ...Nem sei por que deixei você entrar para a equipe, em primeiro lugar! Você aparece bêbado, fedendo a álcool, e age como se soubesse tudo, quando não sabe nada. No que diz respeito a essa equipe, você é um completo peso morto... — As mãos dele estão no meu peito, os dedos abertos, e sinto o leve borrifo de sua saliva na minha bochecha... — Acho que estaríamos melhor com um cara qualquer da rua. Até mesmo com seu maldito amigo Spencer. Vocês são dois porcos ignorantes. É como dizem: você pode tirar o garoto de Essex, mas não pode tirá-lo...

Acho que ele continuou a falar depois disso, pois a boca estava mexendo, mas não escutei mais nada. Porque só sei que ele puxou a lapela do paletó de veludo cotelê marrom do meu pai e me ergueu nas pontas dos pés. É nesse momento que tomo uma decisão, que algo se rompe — só que, na verdade, não se *rompe*, só estica — talvez por ele ter mencionado Spencer, ou os resquícios da bebida da noite anterior, mas, àquela altura, decido dar uma cabeçada em Patrick Watts. Dou um pequeno salto no ar, não um salto de jogador de basquete, nem de longe, apenas um impulso com os calcanhares, e desço a cabeça o mais forte que posso bem no centro da cara cor de vinho de Patrick. Sinto vergonha de admitir que tenho uma rápida, porém intensa, sensação de prazer e satisfação e vingança justa, antes de a dor percorrer o caminho até o meu cérebro e tudo ficar preto.

PERGUNTA: Em *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*, de T. S. Eliot, “A noite cai e já se estende pelo céu...”?

RESPOSTA: “...Parecendo um doente adormecido a éter sobre a mesa”.

— Como uma garota nascida e criada em Glasgow, acho seguro dizer que o que estamos observando aqui é um erro *clássico* de interpretação do princípio básico de uma cabeçada — disse Rebecca Epstein. — O propósito de uma cabeçada é bater a parte *dura* da testa com o máximo de força possível contra a parte *macia* do nariz do oponente. O que você fez aqui, Brian, foi bater a parte *macia* do seu nariz contra a parte *dura* da testa dele. Daí, o sangue e a perda de consciência.

Abro os olhos e percebo que estava deitado de costas em duas mesas de escritório colocadas lado a lado. Lucy Chang está ao meu lado, puxando para trás a franja que fica caindo nos meus olhos, mostrando três dedos e perguntando:

— Quantos dedos você está vendo?

— Se eu errar a resposta, nós vamos perder 5 pontos?

Ela sorri.

— Dessa vez, não.

— Então, a resposta é três.

— E a capital da Venezuela é...?

— Caracas?

— É isso aí, Sr. Jackson! — disse Lucy. — Acho que você vai ficar bem.

Parece que estamos uns dois andares acima, com vista para a parte de trás do estúdio de TV, na produção do *Desafio Universitário*. Há livros de referências espalhados por todos os lados e fotos de antigos ganhadores nas paredes. Viro a cabeça para o lado e vejo Rebecca, sentada na beirada de uma mesa em frente à minha, muito bonita. Não “bonita”, pois a palavra bonita é específica de gênero e reacionária, mas atraente, num vestido justo comprido e simples debaixo de uma jaqueta de brim preta, balançando os coturnos Doc Martens para trás e para a frente.

— Então, você veio?

— Ah, sim! E não teria perdido isso por *nada* no mundo. Lá estava eu, num micro-ônibus com um bando de Jovens Conservadores, todos bêbados, com seus cachecóis da universidade e seus irônicos ursinhos de pelúcia, e pagando 3 *pratas* pela gasolina, devo acrescentar, o que é um *roubo* se você fizer as contas, e penso: meu Deus, o que eu estou fazendo aqui!? Isso é o *inferno*! Então, chegamos, estamos fazendo um pequeno *tour* pelo estúdio antes do programa, e viramos uma esquina bem a tempo de ver você caído no chão, inconsciente, numa poça do próprio sangue, e eu pensei, bem, aí está, se isso já não vale 3 *pratas*, não sei o que mais pode valer.

Olho para baixo e vejo que estou usando apenas calça e colete, o mesmo

colete que usei nas últimas 36 horas, salpicado de sangue na frente e com um cheiro forte de gim. Na verdade, é mais que um cheiro forte. São gases. Estou exalando gases.

— O que aconteceu com a minha roupa?

— Eu e Lucy nos aproveitamos de você enquanto estava inconsciente. Tudo bem, né?

Lucy fica vermelha.

— Alice está lavando sua camisa no banheiro e tentando usar o secador para mãos...

— Está tudo bem com o paletó?

— Tudo bem com o paletó...

— ...Aquele paletó era do meu pai...

— Está tudo bem. De verdade...

Devagar, sento-me de lado na beira da mesa e sinto meu cérebro se mover junto, espremendo-se contra as laterais do crânio. Lucy segura um espelho do seu *kit* de maquiagem, eu respiro fundo e olho. Poderia ser pior, penso. Meu nariz não está mais inchado ou deformado que o normal, embora haja uma mancha escura que parece giz vermelho em cada narina.

— Como está Patrick? — pergunto a Lucy.

— Nenhum arranhão — responde ela.

— Que pena! — digo.

— Ei, agora chega! — ela responde, mas com um sorriso conspiratório.

Depois, com uma expressão séria: — Mas tem um problema...

— O quê?

— Bom... Acho que não vão deixar você participar do programa.

— *O quê?* Você está brincando!

— Temo que não.

— Mas por que não?

— Bom... Você agrediu o capitão da nossa equipe.

— Não foi uma *agressão*! Eu bati nele *uma vez*! E ele me provocou, você viu aquilo. Ele estava me erguendo pela lapela! De qualquer maneira, sou eu quem está machucado! Como posso ser o agressor se eu é que estou machucado?

— E esse é o argumento da defesa, meritíssimo — comenta Rebecca.

— Eu sei, Brian, mas, mesmo assim, Patrick não está nada contente... Ele tem um amigo do departamento de economia preparado para entrar no seu lugar no último minuto...

— Você está brincando...

— Você não pode reclamar, Brian. Você aparece fedendo a álcool, erra um monte de perguntas e ainda tenta quebrar o nariz dele...

— Mas a minha mãe está aqui!

— É só um concurso bobo, Brian — diz Rebecca, ainda balançando os pés.

— Mas ela veio de Southend!... — Percebo minha voz falhar um pouco, o que é patético num homem de 19 anos, eu sei, mas eu queria tanto estar no programa... Tenho uma súbita visão de mim, tentando explicar para minha mãe por que eu não vou participar do programa. É como ser mandado mais cedo da escola para casa. Tão constrangedor, tão vergonhoso, que não consigo nem

pensar na coisa.

— O que o Julian disse?

— Julian disse que cabe ao Patrick decidir. Estão juntos no momento, conversando...

— E o que você acha?

Lucy franze a testa por um instante e depois falou:

— Acho que, se vocês prometerem se comportar, e pararem de agir como crianças e concordarem em trabalhar juntos, como uma equipe, e forem com calma na campanha, acho que sim, que você poderia participar do programa...

— Bom, e você pode dizer isso pra ele por mim, Lucy? Por favor?

Ela suspira, olhou para o relógio, depois para a porta, e fala:

— Vou ver o que posso fazer — e sai, deixando Rebecca e eu no escritório da produção, sentados na beira de mesas opostas, mais ou menos a 5 metros de distância um do outro, ambos balançando as pernas e tentando ignorar o que costumam chamar de “um clima”, eu acho. Quando o silêncio se torna desconfortável demais, Rebecca acena com a cabeça em direção à porta.

— Ela é legal.

— Quem?

— Lucy.

— Sim. É, sim. Muito, muito legal.

— E por que você não sai com ela?

— ...Como?

— ...Acho que ela parece legal. Só isso...

— ...Porque eu não quero!...

— ...Mas você acabou de dizer que ela é legal...

— ...*Muitas* pessoas são legais...

— ...Não é tão *bonita* pra você, é isso?

— ...Não disse isso, disse?...

— ...Não é tão *sensual*...?

— ...Rebecca...

— ...Porque você também não é nenhuma pintura a óleo, amigo...

— ...Não, eu sei...

— ...Sentado aí com esse colete manchado de sangue...

— ...Tudo bem...

— ...Que não está muito limpo, devo acrescentar. Dá pra sentir o cheiro daqui...

— ...Obrigado, Rebecca...

— ...Então, por que não?...

— ...Porque ela nem deve gostar de mim!...

— ...Como você sabe? Se você não perguntou... Você não viu como ela olhava pra você enquanto estava em coma...

— ...Besteira...

— ...Afastando a sua franja dos olhos e tudo o mais. Foi uma cena muito comovente...

— ...Besteira!...

— ...Enfiando papel higiênico nas suas narinas com o maior amor. Foi até



erótico...

— ...Rebecca...!

— ...É verdade! Se eu não estivesse lá, acho ela teria tirado a sua calça também. E você nem ia saber...

— ...Besteira!...

— ...Então, por que está ficando corado...?

— ...Não estou!...

— ...Então, por que não pergunta pra ela?

— ...Perguntar o que pra ela...?

— ...Se ela não quer sair com você...

— ...Porque eu não...

— ...O quê?...

— ...Eu não estou...

— ...Vá em frente...

— ...A... apaixonado por ela...

— ...Do mesmo jeito que não está apaixonado por mim?

— ...*O quê?*

— ...Você ouviu...

— ... Rebecca, será que a gente não pode...?

— ...O quê?

— ...Conversar sobre isso depois?

— ...Por que não agora?

— Porque sim! — respondo, respirando fundo pela primeira vez em algum tempo. — Porque estou com muita coisa na cabeça, agora. Tudo bem?

— Tudo bem — concorda ela. — Ok, já entendi — e escorrega da mesa alta, puxando o vestido longo sem saber lidar com ele, atravessa o escritório e senta-se ao meu lado, na beirada da mesa.

— Isso que você está usando é uma túnica?

— Que túnica, que nada! É um vestido. Como está a cabeça?

— Ah... Um pouco dolorida.

Rebecca tira uma garrafa de uísque do bolso do casaco.

— Quer um pouco de remédio?

— É melhor não.

— Vamos lá... Veneno contra veneno.

— Foi um veneno diferente. Gim.

— Argh, isso é muito *desagradável*! Você sabe que gim é depressivo, não sabe?

— Acho que era por isso que estava tomando.

— Hummm, autopiedade e autorrejeição, uma combinação vencedora. Não me surpreende que as mulheres achem você irresistível. Você é o próprio Travis Bickle, de *Taxi Driver*. — Dá um gole da garrafa e me oferece outra vez. — Acredite em mim: uísque é o caminho a seguir.

— Eles vão sentir o cheiro no meu hálito — explico, e ela pega uma cartela de balas de menta extraforte do fundo do bolso. — Então, vamos nessa — concordo.

Rebecca me passa a garrafa e dou um longo gole, depois coloco uma bala na

boca, deixando os gostos se misturarem, e olhamos um para o outro, sorrimos e ficamos sentados, como crianças na escola, balançando os pés na beira da mesa.

— Você sabe que Alice está saindo com outra pessoa, não é? — eu pergunto.

— Sei.

— Aquele cara, o Neil, que interpretou Ricardo III no semestre passado, sempre mancando pelo bar dos estudantes...

— O imbecil de muletas...

— Esse mesmo. Imagino que você sabia.

— Bem, eu vi o sujeito saindo do quarto dela umas vezes. Então, acho que tinha uma vaga ideia...

— E não foi uma *mancada*? — Ela me lança um olhar interrogativo. — Uma *mancada*, como Ricardo III...? Por que você não me contou?

— Não é da minha conta, é? A sua vida amorosa...

— Não. Talvez não seja. — Devo confessar que, mesmo depois de tudo o que aconteceu, com Alice, a cabeçada e tudo o mais, minha vontade é beijar Rebecca, empurrar a bala de menta para um canto da boca e dar um beijo nela, só para ver o que iria acontecer.

Mas o momento passa, e eu olho para o meu relógio.

— Eles estão demorando.

— Quem?

— O júri.

— Quer que eu vá dar uma olhada?

— Sim, seria ótimo. — Ela desce da mesa e anda em direção à porta. — Fale bem de mim — recomendo.

— Vou ver se consigo pensar em alguma coisa — responde ela, ajustando o vestido e saindo, e eu fico sozinho.

Sempre fico um pouco inquieto quando estou sozinho sem nada para ler, ainda mais usando colete, mas, felizmente, o escritório está cheio de livros, a maior parte de referência, mas, ainda assim, são livros. Então, pego o *Dicionário Oxford de Citações*, que foi usado como travesseiro para eu deitar, e é aí que eu vejo.

Na mesa.

Uma prancheta azul.

Com algumas fotocópias em papel A4. Tem o nome de Julian, o pesquisador, escrito à mão no topo. Por isso, imagino que sejam suas anotações de produção. Ele devia ter trazido quando me levaram para lá e deixado na mesa. As folhas A4 não são particularmente interessantes, só nomes dos membros das equipes, o mapa dos lugares de cada um, a lista de nomes do pessoal de produção, esse tipo de coisa. Mas, na frente das folhas, há um envelope, um envelope grosso e marrom que parece conter dois baralhos de cartas. Tiro o envelope da prancheta.

Não está lacrado. Ou está, mas só de leve, um restinho de cola mantendo fechado.

Cutuco a parte fechada, deslizando o envelope pela mesa com a ponta da unha.

Cutuco de novo, do jeito que a gente cutuca alguma coisa para ver se está morta.

Depois, pego num canto e o puxo na minha direção.

Levanto o envelope com as duas mãos e ponho no colo. Fico observando.

Depois, empurro o envelope pela mesa o mais longe possível do meu alcance.

Mas aí penso: “ah, que se dane!”, estendi o braço e abro o envelope.

PERGUNTA: James Hogg, Santo Agostinho, Jean-Jacques Rousseau e Thomas de Quincey têm que gênero literário em comum?

RESPOSTA: Todos escreveram “Confissões”.

Quando estava fazendo meu exame final no colégio, pouco antes da prova de múltipla escolha de química, tive um leve caso de gripe gástrica. Bem, foi assim que resolvi chamar a coisa, e como era contagiosa e eu estava com febre — bem, não febre, só um pouco quente —, me deixaram fazer a prova sem supervisão num pequeno escritório ao lado da sala dos professores, porque eu era esse tipo de garoto que, na escola, era absoluta e inteiramente confiável.

E eu coleí.

Nada demais, veja bem. Eu só verifiquei se ninguém estava vindo, peguei meu livro e olhei bem rápido a tabela periódica para conferir a valência do potássio, ou do magnésio ou coisa assim, depois guardei de volta e foi isso.

E também, incidentemente, quando joguei palavras cruzadas à luz de velas com Alice em Suffolk, pouco depois do Natal, tirei um “Z” e um “X” e os troquei sorratamente por um “M” e um “S”. Formando, “manha” e “espanto”, palavras com pontuação tripla.

E minha experiência em trapacear se resume a isso. Não tenho orgulho de mim mesmo por nenhuma dessas ocasiões, mas, fora a vergonha e o que acho que Sartre chamaria de “má-fê” envolvida, a pior coisa foi a sensação irritante de que trapacear não era necessário. Eu teria ganhado de qualquer maneira, e tudo o que ganhei com a trapaça foi uma mancha na minha sensação de vitória. Como minha mãe e Sartre provavelmente diriam, “você só está enganando a si mesmo”.

Mas isso não é um jogo de palavras cruzadas, nem um exame, é muito mais importante. Isso é o Desafio, e há, pelo menos, oito boas razões que transformam uma trapaça numa ideia perfeitamente razoável. 1) É na televisão, para começar. Todo mundo que eu conheço ia assistir — Spence, Tone e Janet Parks, todos os meus antigos professores, o professor Morrison, aquele canalha do Neil MacIntyre; e, também, 2) a plateia do estúdio, minha mãe e Des, meu futuro padraço, Rebecca e Chris, o hippie, e aquela vaca da Erin. E, depois, 3) meus colegas de equipe Patrick e Lucy, especialmente Lucy, que eu venho desapontando, que merecem tanto vencer; e 4) Alice, claro, que me acha um idiota e um bêbado e um peso morto e um tolo, e por quem penso que ainda possa estar apaixonado; e, além do mais, 5) posso nem mesmo estar na equipe. Então, toda essa discussão ética pode ser nula de qualquer modo; e 6) de certa maneira, essa situação sequer é minha culpa, é culpa do Julian, por colocar a tentação no meu caminho; e 7) *qualquer um* faria o mesmo nessas circunstâncias, *qualquer um*, e, além disso, 8) eu sou apenas homem.

É por isso que decido fazer o que faço, que é, tecnicamente, trapacear, mas

atribuo um forte elemento do acaso. Vou olhar um cartão, só um, e isso é tudo, juro. Mas tem de ser rápido. Corro para a porta, abri uma fresta, olho para os lados, não vejo ninguém, corro de volta para a mesa e tiro os cartões do envelope.

Estão divididos em duas pilhas com elásticos, uma com as perguntas da rodada e outra com as questões bônus. Separo a pilha de perguntas da rodada, calculo mais ou menos dois terços da pilha e separo em duas pilhas, que deposito com cuidado na mesa, viradas para baixo, para poder devolvê-las exatamente no lugar certo. Fecho bem os olhos e escolho um cartão do alto da pilha exposta, segurando-o, mais ou menos, a um metro dos meus olhos fechados.

Sinto o sangue pulsando nas pálpebras fechadas.

Abro os olhos e vejo a pergunta, digitada com elegância...

PERGUNTA: Como é mais conhecido o personagem Philip Pirrip, de Dickens?

...e sinto uma pequena onda de irritação, porque essa eu sei, é fácil. É Pip, de *Grandes esperanças*. Qual é a graça de se debater com esse tipo de dilema ético se já sei a resposta? E, mesmo tendo feito um rígido trato com Deus, ou seja lá quem fosse, de que eu só veria um cartão e um cartão apenas, pego outro, o seguinte na pilha, e viro.

*Essa, sim...*

PERGUNTA: O estado da Califórnia faz divisa com três estados americanos e um estado mexicano. Quais são eles?

RESPOSTA: Oregon, Nevada, Arizona e o estado mexicano de Baja (“Baixa”) California.

*Oregon, Nevada, Arizona, Baja California.* Perfeito — difícil o bastante para impressionar, mas não difícil a ponto de parecer estranho que eu saiba. *Oregon, Nevada, Arizona e Baja California.* Mas isso é pronunciado Baja ou *Baya*? Não importa... Isso faria parte da minha resposta. Ensaiei dizer em voz alta, agindo com naturalidade — Oregon, hã, Nevada, Arizona? E Baja... (um pequeno sorriso, porque meu espanhol estaria um pouco enferrujado)... ou talvez fosse *Baya California*...?

Mas e se Lucy também souber a resposta? Aposto que ela sabe. Não importa, contanto que um de nós responda antes da outra equipe. Na verdade, seria melhor se Lucy respondesse, pois, assim, minha consciência ficaria limpa. *Oregon, Nevada, Arizona e Baja California.* Tenho que ser rápido, colocar os cartões de volta no lugar certo na pilha, enrolar o elástico uma, duas, três vezes, guardar as duas pilhas no envelope e lamber, mas não muito, só num dos lados, onde rompi o lacre, prender de volta na prancheta, botar a prancheta exatamente onde encontrei, e ensaiar de novo em voz alta:

— Oregon, hã, Nevada, Arizona e... é Baja California...?

Vou até a janela, olho para os telhados e chaminés de Manchester e penso no que é preciso fazer nesse momento. Primeiro, um pedido de desculpas a Patrick, sincero, humilde, mas não rastejante, reconhecendo que nos descontrolamos um pouco, mas ainda mantendo o Orgulho e a Dignidade. Depois, selar um tipo de paz temporária com Alice, mostrar que, sim, estou chateado, mas que ela está cometendo um erro terrível com esse tal de Neil, e é ela quem sairá perdendo. E, depois, só preciso mostrar o que ela está perdendo. Com estilo, graça e modéstia, e com Alice ao meu lado, vencer aquele jogo. *Oregon, Nevada, Arizona e Baja California...*

Alguém bate na porta e Patrick entra, com uma expressão sombria, mas flanqueado por Alice e Lucy, ambas tentando esconder os sorrisos.

— Patrick..

— Brian...

— Desculpe pelo que aconteceu.

— Desculpas aceitas — Ele limpa a garganta e Lucy lhe dá um cutucão de encorajamento nas costas. — Bem, hum, olha, estive conversando com Lucy e Alice, e decidimos que, talvez, todos nós tenhamos nos descontrolado um pouco, ficamos ansiosos demais, com as luzes do estúdio e tudo o mais, e decidimos que gostaríamos muito que você ficasse na equipe.

— Obrigado, Patrick — digo, fazendo uma pequena reverência solene com a cabeça.

— Obrigado, Brian — ele retribui a reverência.

Lucy pisca e ri para mim, fazendo um sinal com o polegar para cima, discretamente, no nível da cintura, e Alice está com minha camisa limpa e recém-passada e o paletó de veludo cotelê marrom do meu pai.

— OK, então — digo. — Vamos acabar com a raça daqueles caras!

PERGUNTA: No romance de E. M Forster, *Howards End*, como Leonard Bast chega a seu final infeliz?

RESPOSTA: Uma estante de livros cai em cima dele e seu coração não aguenta.

Mas, antes de partirmos para acabar com a raça deles, tomamos uma xícara de chá e comemos biscoitos, depois vou ao banheiro, lavo as axilas com sabão líquido e começo a me sentir um pouco melhor. Então, seguimos para camarins diferentes e nos aplicam um pouco de maquiagem. Quando você tem a pele ruim como eu, isso pode ser uma experiência constrangedora, mas uma garota legal chamada Janet trabalha bem no meu rosto, o que acaba resultando num belo caso de contenção de danos. Um pouco de base para cobrir as espinhas e um pouco de pó para impedir que as gotículas oleosas das minhas glândulas sebáceas brilhem debaixo das luzes do estúdio. O processo é rápido para três de nós: Patrick tem seu moletom da universidade passado e o cabelo preso debaixo de um capacete transparente de laquê; e Lucy se troca e veste uma camisa de botões bem limpa e arrumada, passa um pouco de batom e prende o cabelo para trás com um prendedor de borboleta. Ficamos por ali, no corredor, conversando amigavelmente, quando me dou conta do quanto Lucy está bonita, e tento pensar numa maneira de dizer isso sem parecer estranho quando Alice sai do camarim.

Ela está usando um vestido preto longo e justo, alto no pescoço e afinando perto dos tornozelos, com uma meia que parece uma rede de pesca e sandálias pretas de salto alto, mesmo que suas pernas vão ficar ocultas atrás da mesa. Parece uma atriz de cinema, radiante, resplandecente, e, de repente, me sinto enjoado de novo.

— Vocês acham que eu exagerei? — pergunta.

— De jeito nenhum, Alice, você está maravilhosa — responde Lucy. Julian vem nos buscar, agarrado à sua infame prancheta, e para por um instante quando vê Alice.

— OK, então, senhoras e senhores. Quando estiverem prontos... — Somos orientados pelo corredor até o estúdio. Fico atrás de Alice, para apreciar o seu andar.

A outra equipe já está ocupando seus lugares quando chegamos, e podemos ouvir os aplausos e gritos de sua torcida enquanto esperamos nos bastidores. Então, Julian acena para nós com a cabeça, e está na hora de entrarmos na arena de gladiadores. Sigo Alice enquanto andamos para nossos lugares e escuto um suspiro coletivo da plateia. A equipe de palco e o cameraman param e ficam olhando, sussurrando nos microfones, e um audível murmúrio de admiração se insinua nos aplausos e gritos da plateia. Ela levanta um pouco o vestido quando se senta atrás de nossa mesa, como se estivesse deslizando para dentro de uma limusine, e alguém na plateia chega a assobiar, o que, do ponto de vista político e

sexual, eu não aprovo, mas provoca uma onda de risos pelo estúdio. Alice ri e segura nosso mascote, Eddie O Ursinho, na frente do rosto e é como minha mãe sempre diz: “ela é linda... e sabe disso...”

Acomodamo-nos em nossos lugares e sorrimos uns para os outros enquanto a agitação vai passando.

— Bandeira branca? — sugere Alice.

— Bandeira branca — aceito, e espiamos a plateia. Rose e Michael Harbinson estavam lá, e Rose dá um orgulhoso aceno com a mão.

— É bom ver os dois vestidos! — comento, e Alice me dá um tapa repreensivo no pulso. Minha mãe, na segunda fileira, bem atrás de Rebecca, acena com os dedos, levanta os polegares, e eu respondo de volta.

— Aquela é a sua mãe? — pergunta Alice.

— É.

— Ela parece legal. Gostaria de conhecê-la.

— Tenho certeza de que isso vai acontecer. Um dia...

— Quem é o homem com o bigode de Tom Selleck?

— O tio Des. Não é tio de verdade. É só modo de chamar. Aliás, ele vai se casar com minha mãe.

— Sua mãe vai se casar de novo?

— Vai...

— Que notícia maravilhosa! Você não me contou!

— Bom, eu ia contar, ontem à noite, mas...

— Sim. Ah... Sim, claro... Escute, Brian, aquela coisa com o Neil não está mesmo indo a lugar algum...

— Alice...

— É só um caso. Não quer dizer que você e eu não podemos... — mas ela não consegue terminar, pois Bamber entrou no palco. A plateia aplaude e vibra, Alice pega minha mão e a aperta forte. Meu coração começa a bater mais rápido, e está na hora de terminar com aquilo, de uma vez por todas.

\* \* \*

E, claro, 18 minutos depois, nós já perdemos.

Ou, pelo menos, é o que tudo indica. Está 45 pontos a 90, mas Partridge, o cara da pele macia de pêssego que está ficando calvo, é um incrível mutante melhorado geneticamente, criado num laboratório secreto em algum lugar, pois consegue disparar respostas certas em todos os assuntos possíveis, uma atrás da outra — ... *Papa Pio XIII, Falha de San Andreas, Heródoto, 2n-1(2n-1) em que n e 2n-1 são números primos, nitrato de potássio, cromato de potássio, sulfato de potássio...* — e tudo isso vindo de alguém que deveria estar cursando história moderna e parece ter 6 anos de idade. Nem é justo chamar de conhecimento *geral*, é *conhecimento*, puro e concentrado, e percebo que, em algum lugar na parte de trás da cabeça de Partridge, há um pequeno botão escondido que, se fosse apertado, a cara dele se abrirá, revelando diodos e circuitos integrados e *leds* piscantes. O capitão da equipe, Norton, de Canterbury, cursando literatura



clássica, mal precisa fazer qualquer coisa além de transmitir as respostas certas para Bamber com sua adorável voz grave e bem modulada e depois se espreguiçar, recostado, brincando com seu adorável cabelo lustroso e lançando olhares cheios de “vejo você depois” para Alice.

Patrick começou a entrar em pânico. Uma camada de suor se acumula no moletom ao redor do pescoço. Ele começa a apertar demais a campainha e a cometer erros, erros terríveis, o dedo tremendo, cutucando o botão numa tentativa desesperada de recuperar alguma coisa.

Bzzz...

— George Stephenson? — tenta Patrick

— Não, desculpe, menos 5 pontos.

— Brunel? — diz Partridge.

— Resposta certa! Dez pontos...

Bzzz...

— *Os direitos do homem*, de Thomas Paine? — suplica Patrick

— Não, desculpe, menos 5 pontos...

— *A era da razão*, de Thomas Paine — responde Partridge.

— Resposta certa! Mais 10 pontos...

E assim vai. Enquanto isso, Alice e eu somos inúteis. Ela errou uma resposta, dizendo Lady Margot Fonteyn, quando deveria ser Lady Alicia Markova, e eu quase não abri a boca, limitando-me a fazer que “sim” com a cabeça para tudo o que Lucy dizia durante as consultas com a equipe. Na verdade, se não fosse pela maravilhosa Dra. Lucy Chang, nós estaríamos com o placar negativo àquela altura, pois, para cada resposta errada de Patrick, ela acerta uma, com seu jeito quieto e modesto.

— O estudo das abelhas?

— Resposta certa.

— Penso, logo existo?

— Resposta certa.

— *Zadok, o sacerdote*, de Hende!?

— Resposta certa.

Em dado momento, fico inclinado, olhando além de Alice e observando Lucy puxar seu lustroso cabelo para trás da orelha, olhando com modéstia para o chão enquanto a plateia aplaude, pensando no que Rebecca falou. Talvez eu devesse ter convidado Lucy para sair. Por que não havia pensado nisso? Talvez essa fosse a resposta. Quem sabe, se esse lance com a Alice não der certo...?

*Mas no que eu estava pensando?* Naquele momento, estávamos perdendo de 65 pontos a 100, e o garoto esquisito, Partridge, tinha respondido três questões seguidas sobre teorias matemáticas de Evariste Galois, algo *completamente* incompreensível, e continuei inerte, burro, encarando a nuca do nosso mascote. E estamos perdendo, perdendo, *perdendo*, e percebo que, mesmo com Oregon, Nevada, Arizona e Baja California na manga, a única maneira de ganharmos é alguém na plateia abater Partridge com um rifle de longa distância, como sugeriu Rebecca Epstein.

Então, aconteceu uma coisa impressionante, uma pergunta que eu sei a resposta.

— *O amante de Porfíria*, em que o protagonista estrangula sua amada com uma trança de seu cabelo, é um poema narrativo de qual poeta vitoriano?

*Ninguém* aperta a campainha. Ninguém, exceto eu. Aperto o botão e tento abrir a boca, que parece colada com uma pasta de farinha e água, mas consigo fazer com que as palavras saiam.

— Robert Browning?

— Resposta certa!

A plateia aplaude, aplaude mesmo, liderada pela minha mãe, devo admitir, mas, ainda assim, são aplausos, e temos uma chance com as perguntas bônus...

— ...que são parte da estrutura das células das plantas!

Alice e eu gememos alto e afundamos de volta na cadeira. Mas não importa, porque a Dra. Lucy Chang estava ali, e o que a Dra. Lucy Chang só não sabe o que não vale a pena saber sobre a estrutura das células das plantas. Ela responde a todas, prontamente, sem pestanejar.

— ... parênquima... *colênquima*... seria esclerênquima?

Ah, sim, é esclerênquima, e a plateia vibra de novo, porque voltamos ao jogo, com 90 a 115, e acordo outra vez, pois sei que *eu* — não, não eu, que *nós*, a equipe — podemos vencer afinal.

— Outra pergunta de início de rodada... O personagem Philip Pirrip, de Dickens, é...?

Eu sei.

Aperto a campainha.

— Pip, em *Grandes esperanças* — respondo, com clareza e confiança.

— Muito bem — diz Bamber, e plateia aplaude, alguém até assobia, acho que Rebecca, que consigo ver depois, radiante, na fileira da frente, e imagino que aquela deva ser a sensação de marcar um gol. Mas tento não sorrir. Aparente seriedade e confiança, minha cabeça está a mil, pois sei o que estava para vir. “*Oregon, hã, Arizona, hã, Nevada e Baja, ou será Baya, California?*” Mas o lance é ficar frio, continuar calmo. Primeiro as perguntas bônus, 15 pontos em potencial, mais os 10 que tinha acabado de ganhar, o suficiente para empatarmos com a outra equipe, 115 pontos no total. Mas tudo depende das questões bônus...

— E suas perguntas bônus serão todas sobre frases de abertura e encerramento de peças de William Shakespeare.

“*Siiiiim!*”, penso, mas não falo nada, nem demonstro em meu rosto. “Essas eu consigo responder, *aposto* que consigo responder.” A equipe adversária pigarreia e se afunda nas cadeiras, pois sabe que acertaria essas perguntas, e Norton, o que cursava literatura clássica, joga o cabelo para trás, desesperado. Que azar, garotos, porque essas perguntas são *nossas*! Alice deve estar se sentindo confiante também, pois olha para mim, acena com a cabeça e sorri, como quem diz “Vamos lá, Bamber, abra o seu saco de maldades, não importa. Brian e eu somos almas gêmeas e juntos podemos lidar com *tudo* o que você jogar contra nós”. E lá vem a primeira pergunta bônus...

— Qual peça começa com a fala “Fora daqui, mandriões! Hoje é feriado?! Já todos para casa!?”

Eu sei.

— *Júlio César* — sussurro para Patrick.

— Tem certeza? — perguntou ele.

— Absoluta. Caiu no meu exame.

— *Júlio César* — diz Patrick, convicto.

— Resposta certa! — confirma Bamber, e ouvem-se alguns aplausos, não muitos, só o suficiente antes da próxima pergunta ser feita.

— Que peça termina com a fala “De bordo, escreverei para o senado, / relatando tudo isto, angustiado.”

Eu sei. *Otelo*.

— É *Hamlet*? — cochicha Alice para Patrick

— Não, acho que é *Otelo* — digo, delicado, porém com firmeza.

— Lucy? — pergunta Patrick

— Desculpe. Não faço ideia.

— Eu tenho 99% de certeza que é *Hamlet* — repete Alice.

— Brian?

— Acho que *Hamlet* acaba com alguma coisa a respeito de corpos sendo levados e flechas sendo disparadas. O “relato angustiado” é a morte de Desdêmona e de Otelo. Por isso, estou bem certo de que é *Otelo*, mas, se você quer dizer *Hamlet*, Patrick, vá em frente e diga *Hamlet*.

Patrick olha para nós dois, Alice e eu, toma sua decisão, vira-se para o microfone e diz:

— Seria... *Otelo*?

— É *Otelo*! — e a multidão vai à loucura. Patrick estende o braço e toca o meu de modo camarada, Lucy pisca para mim e Alice me lança um radiante olhar de gratidão, humildade e *afeição* genuína, um olhar que nunca tinha visto nela antes. Estende a mão por baixo da mesa e acaricia minha coxa, encontra minha mão e a aperta, passando o polegar por minha palma quente e úmida, e encosta sua sandália de tiras preta nos meus pés e esfrega o meu tornozelo; olhamos um para o outro pelo que deve ter sido um segundo, mas que pareceu uma eternidade, e os aplausos continuam, e continuam, e eu sorrio, apesar de mim mesmo, mas Bamber já estava falando de novo...

— Sua pergunta bônus final. Que peça termina com a fala cantada “Mas isso é tudo, nossa peça termina, / E nos esforçaremos para agradá-los todos os dias”?

Eu sei.

E, ainda de mãos dadas embaixo da mesa, em perfeito uníssono, Alice e eu sussurramos:

— *Noite de reis!*

— *Noite de reis?* — propõe Patrick

— Correto, *Noite de reis!* — confirma Bamber, e a multidão aplaude, e, segurando a mão de Alice debaixo da mesa, vejo Rebecca na plateia, gritando e assobiando com os dedos na boca, batendo palmas com as mãos em cima da cabeça. Minha mãe está na fileira de trás, levantando os polegares, e Des também está aplaudindo, inclinado, sussurrando em seu ouvido “Como é que o seu filho sabe todas essas coisas? Você deve estar orgulhosa!” ou algo assim, imagino, e o som dos aplausos aumenta, e escuto Alice dizer algo como “você é absolutamente incrível!” e Bamber volta a falar:

— Muito bem! Isso deixa as duas equipes empatadas, com quatro minutos

restantes no relógio. Por isso, ainda há bastante tempo para os dois grupos. Aqui vamos nós, mão na campainha para a próxima pergunta da rodada valendo três pontos. O Estado da...

Eu sei.

Ainda segurando firme a mão de Alice debaixo da mesa, alcanço a campainha com a mão direita e aperto o botão, dizendo com toda a clareza:

— Oregon, Nevada, Arizona e Baja, ou se pronuncia Baya, California?

Depois, volto a encostar na cadeira e espero os aplausos.

Que não vêm.

Nada.

Nenhum aplauso. Só um terrível silêncio.

Eu.

Eu não.

Eu não entendo.

Olho para Alice em busca de uma explicação, mas ela me encara com um meio sorriso estranho e confuso no rosto, que, de início, interpreto como reverência pasma, uma franca reverência pasma ao meu brilhantismo, mas que muda na frente dos meus olhos e se torna algo muito, muito pior. Olho para o resto da mesa, e lá está novamente o mesmo olhar, de Lucy, Patrick, um tipo de desprezo... horrorizado. Olho para a plateia e vejo uma série de buracos pretos mudos de bocas pendendo abertas, sobranceiras franzidas e confusas, menos Rebecca, que está debruçada para a frente na cadeira segurando a cabeça entre as mãos. Há um crescente murmúrio da plateia, alguém começa a rir alto e histericamente, e, com um súbito espasmo de dor e arrependimento, uma sensação de estar sendo puxado para o espaço, percebo o que fiz.

Respondi corretamente, mas antes de a pergunta ter sido formulada.

Bamber Gascoigne é o primeiro a quebrar o silêncio.

— Bem, é notável, esta é de fato a resposta *certa*, mas... — Ele está com um dedo no ouvido, consultando a sala de controle, e continua: — ... mas acho que talvez seja melhor... pararmos... de gravar... por algum tempo?

Embaixo da mesa, Alice larga a minha mão.

## Epílogo

Pouco saber é algo perigoso  
Beba das profundezas,  
ou o aroma de Pieria ficará perigoso  
Suas gotas ralas intoxicam a mente  
Mas seu pleno sorver nos faz sóbrios novamente.

Alexander Pope, *Ensaio sobre a crítica*

*I know that something good is going to happen  
And I don't know when,*

*But just saying it could even make it happen.*<sup>1</sup>

Kate Bush, "Cloudbusting", *The Hounds of Love*



<sup>1</sup> Sei que alguma coisa boa vai acontecer/Não sei quando,/Mas só de dizer pode até fazer que aconteça.

PERGUNTA FINAL: Com 240 quilômetros de comprimento de leste a oeste, a maior das ilhas gregas, cujo centro administrativo é Heraklion, que ilha do Mediterrâneo foi berço da primeira civilização europeia, a dos minoicos?

RESPOSTA: Creta.

12 de agosto de 1986

*E aí, como vai!*

*Como vai? Aposto que isso é uma surpresa, depois de todo esse tempo! Sim, o carimbo postal no envelope está correto. Estou mesmo no exterior, pela primeira vez. E num lugar quente! Estou até um pouco bronzeado, mais ou menos, ou vou ficar quando parar de descascar. Como era previsível, eu “exagerei no primeiro dia” e tive muita dor por algum tempo, mas agora estou melhor (minha pele está sem espinhas, mas você não precisa saber disso!!!). Também aprendi a mergulhar com snorkel, apesar dos ataques de pânico. A comida é ótima — muita carne assada, absolutamente nenhuma verdura. Hoje comi meu primeiro pedaço de queijo Feta. Hummm — lembra um pouco salgadinhos de pacote. Lembra aquela vez que fomos ao Luigi e você usou aquele vestido de baile?*

*Bem...*

*Seu cartão-postal chegou um pouco antes de partirmos. Foi uma surpresa agradável e também um alívio. Depois de nossa pequena, hã, aventura, pensei que talvez você ainda estivesse um pouco brava comigo. Tem visto Patrick? Ele já se recuperou, ou meu nome ainda está na lama? Mande lembranças minhas, afaste-se e fique observando o rosto dele mudar de cor.*

*Acho que é uma ótima você fazer o papel de Helen Keller no semestre que vem. Imagino que seja um verdadeiro desafio. Ainda assim, pelo menos você não tem falas para decorar! Foi Noel Coward quem disse que atuar se limita a não bater nos móveis? Ha, ha! Desculpe!!! Não foi engraçado. Sério, parabéns, parabéns mesmo. Você será uma grande Helen. Talvez eu vá até aí ver você no papel, inclusive porque perdi a sua Hedda (como falou certa vez um goleiro com remorso! Sacou? Uma piada futebolística! Ha, ha!) Seria bom ver você novamente, depois de todo esse tempo. Tenho muita coisa para contar...*

\* \* \*

...Mas, àquela altura, tive que parar de escrever, pois ela está subindo a escada, vindo de seu banho de piscina do fim da tarde, e enfio a carta dentro do livro, me joga na cama e finjo estar lendo *Cem anos de solidão*.

Enfim, foi de Julian, o jovem pesquisador, de quem mais senti pena. Pois, para a minha versão fazer algum sentido, tive de envolvê-lo um pouco na história.

Em resumo, o que aconteceu foi o seguinte: enquanto estava deitado na mesa, eu sem querer derrubei a prancheta, a prancheta dele, que ele esqueceu lá no chão quando me levaram lá para cima, e o envelope caiu e abriu, espalhando os cartões de perguntas pelo chão. Naturalmente, assim que percebi que eram os cartões, guardei todos de volta no envelope, mas devia ter notado o que estava escrito em um deles antes de afastar o olhar. Você sabe, meio que *subliminarmente*.

E até que eles foram bem legais quanto a isso, considerando que tiveram que descartar a gravação e mandar todo mundo para casa. Quer dizer... Não deram uma de Gestapo ou coisa assim, não puseram uma luz na minha cara nem me bateram, porque *tecnicamente* eu não tinha feito nada de errado. Ao menos, nada pelo que pudesse ser acusado e julgado.

Mas claro que tiveram que desclassificar a equipe inteira. Mesmo eu insistindo que era o único envolvido e que a culpa era inteiramente minha e tudo o mais, eles não podiam arriscar. Então, foi isso. Esse foi o fim do Desafio. Para todos.

E tenho de admitir que tudo foi bem constrangedor. Nem me senti no direito de voltar com o resto da equipe, pois não sabia se me deixariam entrar no carro, e tinha certeza de que não seria bem-vindo no micro-ônibus da torcida. Então, voltei para Southend com minha mãe e Des na caminhonete, espremido no banco da frente. Sabe aquelas cenas que você vê nos noticiários, de criminosos sendo tirados às pressas das delegacias de polícia, escondidos debaixo de uma manta cinza? Bem, foi um pouco assim. Enquanto saíamos do estacionamento, pude ver os outros parados em volta do 2CV amarelo de Alice, com Patrick gritando e chutando os pneus, Lucy tentando acalmá-lo e Alice encostada no carro, ainda naquele maravilhoso vestido preto, com Eddie, O Urso pendurado numa das mãos, muito triste e... tão linda. Nossos olhares se cruzaram quando o carro passou por eles, e ela deve ter dito “olhem, lá está ele!” ou algo assim, pois todos se viraram, e, bem, não existe uma reação simples a uma situação como essa, não existe uma expressão facial de se adotar. Por isso, só consegui com os lábios a palavra “desculpe” pelo vidro do carro.

Não tenho certeza se eles viram.

Patrick começou a gritar alguma coisa que eu não consegui entender, olhando em volta em busca de algo para atirar em mim, e Alice só meneou a cabeça, bem devagar.

Mas notei que Lucy acenou, o que achei muito legal da parte dela.

Enquanto ela está dormindo, tirando seu cochilo de fim de tarde, vou até a varanda e olho para o mar, sento-me na mesa de madeira e continuo a escrever.

\* \* \*

*Desculpe a interrupção. Onde eu estava? Ah, sim, talvez eu pudesse ir aí ver você interpretar Helen Keller, embora seja uma viagem bem longa a se fazer. Veja bem: estou me mudando para Dundee. Consegui uma vaga, começo em outubro. Literatura inglesa de novo, embora aqui eles só chamem de "literatura". É uma sensação muito boa ter um novo começo e tudo mais. Estou esperançoso quanto ao futuro, e espero me concentrar um pouco mais nos meus estudos dessa vez...*

\* \* \*

Contei para minha mãe a mesma história que contei para as autoridades, e acho que ela acreditou em mim, embora não tenha comentado muito na hora. Mas, na manhã no dia seguinte, quando enfim chegamos a Southend e subi a escada até o meu antigo quarto, ela disse que não fazia diferença, que estava orgulhosa de mim assim mesmo, e foi legal da parte dela dizer isso, mesmo que não fosse realmente verdade.

Na tarde seguinte, liguei para o setor de inglês e disse que não voltaria na outra semana por causa de uma doença súbita. Mas a notícia já devia ter se espalhado, pois o professor Morrison sequer me perguntou qual era o problema. Disse apenas que entendia perfeitamente, que parecia ser uma boa ideia, que eu ficasse em casa o tempo que quisesse. Passei a maior parte daquela semana dormindo, lendo, sem beber, esperando a poeira baixar.

No entanto, algumas poeiras a gente sabe que nunca vão baixar. Depois de duas semanas sem sair do quarto, decidi que talvez fosse melhor não voltar mais, afinal. Então, Des e eu fomos até lá uma tarde, no carro dele, pegamos as minhas coisas enquanto Marcus e Josh estavam fora e regressamos naquele mesmo dia. Daí, voltei para o quarto e continuei na cama até minha mãe insistir para eu ir a um médico, e, depois disso, as coisas começaram a parecer um pouco melhores.

Passei o resto do ano no meu antigo emprego na Ashworth Electricals, a fábrica de torradeiras. Acho que ficaram felizes em me ver de volta. Minha mãe e Des tiveram de adiar por seis meses a grande inauguração do seu império de locação imobiliária, mas eles foram muito compreensivos em relação a isso, e Des é um cara legal. Spencer recebeu alta em abril, e teve sua sentença suspensa e precisou pagar uma multa pesada. Mas consegui arranjar um emprego para ele na Ashworth Electricals comigo, e agora passamos mais tempo juntos, o que foi bom. Não contei a história toda sobre o que aconteceu, e ele também não perguntou, o que talvez tivesse sido melhor. Também cheguei a ver Tone algumas vezes, mas não muito, porque ele estava sempre envolvido em suas "manobras secretas" em Salisbury Plain.

O que mais? Li bastante. Escrevi um pouco de poesia, a maior parte uma porcaria, alguns contos e uma peça radiofônica. Um monólogo de uma corrente de pensamentos internos em primeira pessoa baseado em Robinson Crusóe, mas moderno, e do ponto de vista do Sexta-feira. Ouvi *The Hounds Of Love* várias



vezes, e decidi que é, quase com certeza, o melhor álbum de Kate.

Depois, em junho, do nada, recebi uma ligação.

\* \* \*

*Bem, mas eu preciso terminar logo. Já estou sentindo o cheiro de carne assada, o que significa que está quase na hora do jantar!!!*

*Olhando para trás, foi uma época divertida, não foi, Alice? Estranha, quero dizer. A metáfora (ou quero dizer "símile"???) que me vem à cabeça é um pouco como quando eu era pequeno e meu pai me comprava um kit de aeromodelismo. Eu sentava na mesa da cozinha, e, antes mesmo de abrir a caixa, eu verificava se estava com todas as ferramentas certas, o tipo certo de cola, todas as tintas e uma faca bem afiada, e prometia a mim mesmo que iria seguir as instruções exatamente como estavam escritas, e fazer tudo com calma, não me adiantar, sem apressar as coisas, proceder com cuidado, me concentrar, me concentrar muito, muito mesmo, para, enfim, construir um aeromodelo perfeito, o ideal platônico do que um aeromodelo deve ser. Mas, em certo ponto, no meio do processo, as coisas sempre começavam a dar errado, eu perdia uma peça embaixo da mesa, ou borrava a pintura, ou uma hélice que não girava por estar presa com cola, ou eu derramava tinta na cabine transparente, ou os adesivos se soltavam, e, quando eu mostrava o produto final para o meu pai, por alguma razão... não estava tão bom quanto eu esperava.*

*Fiquei tentando usar essa metáfora como base para um poema, mas ainda não consegui pensar em como fazer isso.*

*De qualquer modo, tudo de bom para você, no novo ano acadêmico. Vou escrever assim que estiver acomodado e talvez nós possamos...*

\* \* \*

— Para quem você está escrevendo? — pergunta ela, piscando os olhos sonolentos no sol do fim de tarde.

— Para minha mãe. Como foi o mergulho?

— Muito refrescante. Mas estou com alguma coisa no cabelo.

— Quer que eu tire?

— Sim, por favor — e ela anda devagar até a varanda, sem vestir a camisa, e senta-se no chão entre os meus joelhos.

— Não quer vestir alguma roupa antes, talvez? — pergunto.

— Não quer um murro nos dentes, talvez...?

— As pessoas podem ver...!

— E daí? Puta merda, Jackson! Parece que estou passando as férias com a Mary Poppins...

— Você fala muito palavrão!

— Cala a boca e tira isso daí, tá? Está conseguindo enxergar?

— Uh-hum. Parece óleo, piche ou coisa parecida.

- Está saindo?
- Está difícil.
- Acha que pode ser mais fácil no chuveiro?
- Talvez.
- Então... Vamos?
- Sim. Tudo bem.

\* \* \*

E, assim, aqui estamos nós. Ainda é cedo demais para falar, claro. Quando nos falamos no telefone, a ideia original era que viajaríamos juntos, mas dormindo em quartos separados, ou, pelo menos, num quarto com duas camas de solteiro, mas esse plano se mostrou muito caro e meio que caiu por terra na terceira noite, depois de uma longa e franca conversa e uma garrafa de conhaque.

Mas, como eu disse, aqui estamos nós. Não estou, na verdade, onde esperava estar, nem onde *gostaria* de estar, mas quem pode dizer? Para ser sincero, não esperava que ela estivesse aqui comigo. Ela continua resmungando demais, porém também me faz rir muito. O que pode parecer pouca coisa, mas não parecia nem ser possível dois meses atrás. Então, está tudo bem.

Tudo muito bem, mesmo.

Todos os jovens se preocupam com as coisas. É a parte natural e inevitável de crescer, e, aos 16 anos, minha maior preocupação na vida era de nunca mais alcançar nada tão bom, tão puro, tão nobre ou verdadeiro quanto o resultado do meu exame de admissão ao ensino médio. O que talvez fosse verdade. Mas isso foi há muito, muito tempo. Mas já estou com 19 anos e gosto de pensar que me sinto muito mais sábio e indiferente em relação a essas coisas.

## Agradecimentos

Quero agradecer às seguintes pessoas pelas sugestões, pelo apoio e pelas piadas: todo mundo da Hodder, pelo entusiasmo, em especial a Mari Evans, por sua edição esplêndida; e a Jonny Geller e a todos da Curtis Brown. Uma dívida de gratidão em particular também a Hannah MacDonald, por seus inestimáveis conselhos, e a Roanna Benn, por seu entusiasmo. Também a Douglas Kean, Michael McCoy, Josh Varney, Nicola Doherty, Emma Longhurst, Nick Sayers, Judith Auld, Justin Salinger, Tamsin Pike, Christine Langan, Camilla Campbell, Nicholas Wilson-Jones, Olivia Trench, Susie Phillips, Crispian Balmer, Sophie Carter, Eve Claxton, Matthew Warchus e a Nell Denton, por usar *aquela* vestido. Por questões dramáticas, foram feitas, nesta obra, certas alterações nas regras do *University Challenge (Desafio Universitário)* e aos procedimentos de gravação — peço desculpas aos eventuais puristas.

Sinto-me devedor de inúmeros livros de referência, em particular à *Encyclopaedia Britannica* e ao *University challenge: The first 40 years*, de Peter Gwyn, ambos indispensáveis em qualquer lar. Gostaria também de oferecer meus sinceros agradecimentos a Bamber Gascoigne, Kate Bush, Jeremy Paxman e os campeões de 2002, Somerville College, em Oxford, pela inspiração involuntária.

Mas, acima de tudo, gostaria de agradecer a Hannah Weaver, que está em todas as páginas, quer ela saiba ou não.

## Notas do autor

Devo agradecer, ainda, a permissão para reproduzir material com direitos autorais das seguintes obras:

*Howards end*, de E. M. Forster, trecho reproduzido com permissão da Provost and Scholars of King's College, Cambridge, e Society of Authors como os representantes literários do espólio de E. M. Forster.

*The Lovecats*, letra e música de Robert Smith e Lawrence Tolhurst © Fiction Songs Ltd. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

*Get up (I feel like being a sex machine)*, letra e música de James Brown, Bobby Byrd e Ronald Lenhoff © 1971 Dynatone Publishing Co., EUA, Warner/Chappell Music Ltd., London W6 8BS. Reproduzido com permissão da International Music Publications Ltd. Todos os direitos reservados.

*Cloudbusting*, letra e música de Kate Bush © 1985. Reproduzido com permissão de Kate Bush por intermédio de Noble & Brite, London WC2H 0QY.

*Perfect skin*, letra e música de Lloyd Cole © 1984. Reproduzida com permissão da EMI Songs Ltd., London WC2H 0QY.

*Life on Mars*, letra e música de David Bowie © 1971. Reproduzida com permissão da EMI Music Publishing Ltd./Moth Music/Tintoretto Music, London WC2H 0QY.

Versos de Joni Mitchell extraídos da canção *The last time I saw Richard e Big yellow taxi*. Com permissão da Sony/ATV Music Publishing.

*A new England*, de Billy Bragg. Versos reproduzidos com permissão da BMG Publishing UK.

*The love song of J. Alfred Prufrock* © T. S. Eliot, *Collected Poems 1909-1962*, reproduzido com permissão da Faber & Faber Ltd.

*Suave é a noite*, de F. Scott Fitzgerald, originalmente publicado pela The Bodley Head, trecho reproduzido com permissão de David Higham Associates.

*Brideshead revisited*, de Evelyn Waugh, direitos autorais © Evelyn Waugh 1945, trecho reproduzido com permissão da PFD em nome de Evelyn Waugh Trust.

*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis, direitos autorais © C. S. Lewis Pte. Ltd. 1950. Trecho reproduzido com permissão.

Foram feitos todos os esforços razoáveis para se entrar em contato com os detentores dos direitos autorais, mas se houve algum erro ou omissão, a Editora inserirá com prazer os agradecimentos devidos em qualquer edição subsequente deste livro.

## Sobre o autor

© Joss Barratt / Stay Still



David Nicholls é autor de *Um dia*, best-seller mundial presente nas principais listas do país e que vendeu mais de 160 mil exemplares no Brasil. Nascido em 1966, em Hampshire, Inglaterra, e formado em literatura e teatro inglês, optou pela carreira de ator e recebeu uma bolsa da American Musical and Dramatic Academy de Nova York. De volta a Londres, atuou em espetáculos teatrais no

Battersea Arts Centre, The Finborough, West Yorkshire Playhouse e Birmingham Repertory Theatre. Entre uma peça e outra, em Londres, Nicholls trabalhava como vendedor da rede de livrarias Waterstone's, em Notting Hill. Após atuar como freelance, tornou-se leitor de peças e pesquisador da BBC Radio Drama, o que o levou à edição de roteiros na London Week Television e na Tiger Aspect Productions. Nessa época, começou a escrever e adaptou a peça de Sam Shepard, *Simpatico*, que se tornou um filme estrelado por Sharon Stone e Nick Nolte, em 1999. Ao longo de sua notável carreira de roteirista, recebeu duas indicações ao BAFTA. Além de *Um dia* e de *Resposta certa*, publicou o romance *The Understudy*. David vive em Londres com a mulher e os filhos.

## Conheça os livros do autor



Um dia



Resposta  
certa



## **Sumário**

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Primeira Rodada](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[Segunda Rodada](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[Terceira Rodada](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

Quarta Rodada

33

34

35

36

37

38

A Rodada Final

39

40

41

42

Epilogo

43

Agradecimentos

Notas do autor

Sobre o autor

Conheça os livros do autor